

Dorinda Raquel Teixeira Alves

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação
de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

ANEXOS



Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2019

Dorinda Raquel Teixeira Alves

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação
de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

ANEXOS



Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2019

Dorinda Raquel Teixeira Alves

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

Assinatura: *Dorinda Raquel Teixeira Alves*



Dissertação de mestrado apresentado à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação: Educação Especial na Área de Especialização em Intervenção Precoce na Infância sob a orientação da Professora Doutora Luísa Saavedra

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2019

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Índice de Anexos

Anexo I – “As principais etapas da aquisição e desenvolvimento da linguagem” (Lima, 2012, p.117).....	1
Anexo II - Atestado clínico da criança	3
Anexo III – Estágio 1 da “Tabela dos Estágios do SRP”	4
Anexo IV – “Tabela dos Estágios do SRP”, adotada de Mota (2014).....	7
Anexo V – Diário de Bordo	25
Anexo VI – Declaração de consentimento informado.....	259
Anexo VII - Pedido de autorização ao estabelecimento de educação para realização do estudo de caso.....	260
Anexo VIII – Consentimento à realização do estudo de caso por parte do estabelecimento de educação	261
Anexo IX – Pedido de autorização e consentimento para a utilização das Tabelas dos Estágios do SRP	262
Anexo X – <i>Recommended Toys by Child’s Age, Language Level and Interactive Attention Span</i> / Brinquedos recomendados pelo SRP	263
Anexo XI - Interesses iniciais da criança.....	264
Anexo XII – Base de Referência	265
Anexo XIII – Grelha de registo de observações naturalistas	268

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Anexo XIV - Tabela de registo da comunicação/linguagem.....	278
Anexo XV – Estratégias/ Atividades	314
Anexo XVI – Currículo Social/ Metas	318
Anexo XVII – Modelo de Desenvolvimento do <i>Son-Rise Program</i> [®]	320
Anexo XVIII – Escada de Comunicação” (Kaufman, 2016, p.108-109).....	321
Anexo XIX – Tabelas dos Estágios do SRP preenchidas de fevereiro a maio	322

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Anexo I - “As principais etapas da aquisição e desenvolvimento da linguagem” (Lima, 2012, p.117)



IDADE	COMPREENSÃO	EXPRESSÃO
0-1 anos	Reconhece a voz do cuidador Direciona o olhar na direção dos sons Presta atenção à música Começa a conhecer palavras comuns Responde a pedidos como “anda cá”	Usa o choro, o sorriso, os movimentos corporais para comunicar: aponta e diz não com a cabeça Aprende a vocalizar e a produzir os primeiros sons Produz sílabas e surgem as primeiras palavras
1-2 anos	Responde a ordens e a perguntas Ouve histórias e música Aponta para as figuras no livro	Aumenta o vocabulário Faz combinação de duas palavras Faz pequenas perguntas de duas palavras
2-3 anos	Segue uma ordem dupla Ouve histórias mais longas Identifica objetos e imagens	Aumenta o vocabulário Faz pequenas frases com três palavras Nomeia objetos e imagens Diz o primeiro e o último nome
3-4 anos	Responde a todo o tipo de perguntas “quem, como, onde, porquê?”	Conta experiências pessoais Usa muitas frases que têm mais de quatro palavras

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

4-5 anos	Ouve e consegue responder a pequenas perguntas sobre uma história Muito atento a todas as conversas ao seu redor	Já usa muitos detalhes nas frases Comunica bem com os pares e adultos Usa a mesma gramática que os adultos Já conhece letras e números
----------	---	---

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Anexo II – Atestado clínico da criança



Relatório Médico

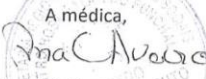
Declara-se, para a obtenção de regalias académicas, sociais e outras afins, que é acompanhado na consulta de Desenvolvimento por (quebra de sigilo por solicitação materna):


- Perturbação do Espectro do Autismo – nível 1 + 1 (comunicação social + comportamentos repetitivos, respetivamente) – DSM-5
- Perturbação da linguagem.



Do quadro clínico descrito resultam dificuldades continuadas ao nível da comunicação, do relacionamento interpessoal, da autonomia e da aprendizagem que justificam as seguintes medidas:

1. Adaptações das condições em que se processa o ensino-aprendizagem
2. Apoio psicológico
3. Terapia ocupacional
4. Terapia da fala.

Funchal, 26 de janeiro de 2016

A médica,

Ana Cristina Aveiro
Nº Ordem: 46472



 Avenida Luís de Camões – 9004-514  291 705600

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

Anexo III – Estágio 1 da “Tabela dos Estágios do SRP”

Observação Estágio 1

		SELECIONAR	EM DESENVOLVIMENTO				ADQUIRIDA
		COMO META					
CONTACTO VISUAL E COMUNICAÇÃO NÃO – VERBAL	Olha para os outros para iniciar/continuar uma interacção	x	x				
	Enquanto olha para a pessoa, apresenta breves episódios de expressão facial		x				
	Move os outros de forma física para conseguir o que ela quer						x
	Tem um vocabulário formado por sons semelhantes a palavras						x
	Tem um vocabulário de 5 palavras ou mais						x
	Tem um vocabulário de 6 a 50 palavras ou mais	x	x				
	Utiliza substantivos e verbos ou mais para falar	x	x				

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

COMUNICAÇÃO VERBAL	As palavras utilizadas são parcialmente claras e compreensivas							x
	As palavras utilizadas são geralmente claras e compreensivas							x
	Fala sempre que outra pessoa a solicita para falar numa interacção		x					
	Comunica-se de forma verbal para ter as suas necessidades atendidas	x	x					
PERÍODO DE ATENÇÃO COMPARTILHADA/ INTERACTIVA	Período de atenção compartilhada durante 2 minutos ou mais	x	x					
	Frequência de interacções por hora: 3 vezes ou mais		x					
	Interage nas actividades físicas		x					
FLEXIBILIDADE	Para adquirir qualquer habilidade na flexibilidade, a criança deve apresentar período de atenção compartilhada no estágio 1 ou mais.							
	Permite o auxílio do adulto dentro das actividades interactivas e repetitivas escolhidas por ela		x					
	Permite facilmente a sua presença no espaço destinado ao programa							x
	Responde calmamente a ambientes que oferecem alto grau de suporte							x

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

PERSPECTIVAS PARA ENSINAR / MODELAR	A criança sente prazer quando está no espaço destinado ao programa e mostra interesse em prolongar as actividades		×				
---	---	--	---	--	--	--	--

Data da Observação: 20-01-2016

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

Anexo IV – “Tabela dos Estágios do SRP”, adotada de Mota (2014)

Observação Estágio 1

		SELECIONAR COMO META	EM DESENVOLVIMENTO				ADQUIRIDA
CONTACTO VISUAL E COMUNICAÇÃO NÃO – VERBAL	Olha para os outros para iniciar/continuar uma interacção						
	Enquanto olha para a pessoa, apresenta breves episódios de expressão facial						
	Move os outros de forma física para conseguir o que ela quer						
	Tem um vocabulário formado por sons semelhantes a palavras						
	Tem um vocabulário de 5 palavras ou mais						
	Tem um vocabulário de 6 a 50 palavras ou mais						
	Utiliza substantivos e verbos ou mais para falar						
	As palavras utilizadas são parcialmente claras e compreensivas						

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

COMUNICAÇÃO VERBAL	As palavras utilizadas são geralmente claras e compreensivas						
	Fala sempre que outra pessoa a solicita para falar numa interacção						
	Comunica-se de forma verbal para ter as suas necessidades atendidas						
PERÍODO DE ATENÇÃO COMPARTILHADA/ INTERACTIVA	Período de atenção compartilhada durante 2 minutos ou mais						
	Frequência de interacções por hora: 3 vezes ou mais						
	Interage nas actividades físicas						
FLEXIBILIDADE	Para adquirir qualquer habilidade na flexibilidade, a criança deve apresentar período de atenção compartilhada no estágio 1 ou mais.						
	Permite o auxílio do adulto dentro das actividades interactivas e repetitivas escolhidas por ela						
	Permite facilmente a sua presença no espaço destinado ao programa						
	Responde calmamente a ambientes que oferecem alto grau de suporte						

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

PERSPECTIVAS PARA ENSINAR / MODELAR	A criança sente prazer quando está no espaço destinado ao programa e mostra interesse em prolongar as actividades						

Data da Observação: _____

Observação Estágio 2

		SELECIONAR COMO META	EM DESENVOLVIMENTO				ADQUIRIDA
CONTACTO VISUAL E COMUNICAÇÃO NÃO – VERBAL	Faz contacto visual para ter as suas necessidades atendidas						
	Olha para os outros com interesse						
	Sorri ou dá gargalhadas durante uma interacção						
	Faz gestos simples quando solicitada						

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

COMUNICAÇÃO VERBAL	Fala, usando frases simples de 2/3 palavras ou mais						
	As palavras utilizadas são geralmente claras e compreensivas						
	Utiliza substantivos, verbos, adjectivos, preposições ou mais						
	Tem conversas que consistem num ciclo ou mais						
	Comunica espontaneamente o que ela quer e o que não quer						
	Comunica-se verbalmente para iniciar/continuar uma interacção						
	Utiliza um tom “doce” quando indica o que quer e o que não quer						
	Utiliza cumprimentos						
	Período de atenção compartilhada durante 4 minutos ou mais						
	Frequência de interacções por hora: 4 vezes ou mais						
	Interage com uma pessoa nas actividades simples que incluem objectos						

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

PERÍODO DE ATENÇÃO COMPARTILHADA/ INTERACTIVA	Permite contacto físico e demonstração física do afecto						
	Pode manter contacto físico por mais de 30” ou mais						
	É fisicamente gentil para com os outros						
FLEXIBILIDADE	Para adquirir qualquer habilidade na flexibilidade, a criança deve apresentar período de atenção compartilhada no estágio 2 ou mais.						
	Permite variações periféricas nas actividades interactivas rígidas/repetitivas escolhidas por ela						
	Participa fisicamente na interacção						
	Participa verbalmente na interacção						
	Lida fácil e calmamente com limites impostos dentro do ambiente escolar						
PERSPECTIVAS PARA ENSINAR / MODELAR	A criança sente prazer quando está no espaço destinado ao programa, mesmo quando não consegue o que quer						
	A criança diverte-se ao tentar várias vezes uma mesma actividade						

Data da Observação: _____

Observação Estágio 3

		SELECIONAR COMO META	EM DESENVOLVIMENTO				ADQUIRIDA
CONTACTO VISUAL E COMUNICAÇÃO NÃO – VERBAL	Faz contacto visual para chamar a atenção para objectos ou eventos do seu interesse						
	Olha enquanto escuta						
	Imita algumas expressões faciais simples e/ou exageradas						
	Faz gestos simples espontaneamente						
	Fala sentenças simples que contêm substantivos e verbos ou mais						
	Expressão clara e compreensível do que ela quer e não quer						
	Utiliza substantivos, verbos, adjectivos, preposições, artigos, conjunções ou mais						

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

COMUNICAÇÃO VERBAL	Tem conversas que consistem em dois ciclos ou mais						
	As palavras e sentenças utilizadas são constante/ claras e compreensíveis						
	Faz comentários simples						
	Responde a perguntas simples com “o que/qual”, “quem” e “onde” que requerem informações factuais						
	Faz perguntas simples com “o que/qual”, “quem” e “onde”						
	Constrói espontânea/ sentenças originais						
	Comunica-se de forma verbal para partilhar uma experiência						
	Comunica-se apropriadamente quando ela quer mudar ou parar uma actividade						
	Pede permissão, quando apropriado, antes de executar uma acção						
	Mantém uma distância socialmente aceitável da pessoa com quem conversa						
	Fala num volume socialmente aceitável						

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

	Fala com velocidade socialmente aceitável						
PERÍODO DE ATENÇÃO COMPARTILHADA/ INTERACTIVA	Período de atenção compartilhada durante 9 minutos ou mais						
	Frequência de interações por hora:5 vezes ou mais						
	Interage em brincadeiras simbólicas (que utilizam imaginação)						
	Pode juntar-se a uma actividade que já está em progresso						
	Pede ajuda						
	Pode manter contacto físico por 60” ou mais						
	Inicia interacção com contacto físico e demonstração física de afecto						
	É capaz de ter interações simples com os pares						
	Interage com dois adultos ao nível das habilidades sociais do Estágio 3						
	Para adquirir qualquer habilidade na flexibilidade, a criança deve apresentar período de atenção compartilhada no estágio 3 ou mais.						

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

FLEXIBILIDADE	Permite variações centrais nas actividades interactivas rígidas/repetitivas escolhidas por ela						
	É espontânea dentro da actividade escolhida por ela						
	Demonstra interesse pela actividade dos outros						
	Inicia brincadeiras e actividades com outra pessoa						
	Compreende e age apropriada/ em relação ao conceito de posse (“teu” e “meu”)						
	Brinca nos jogos e actividades que têm regras e estruturas simples						
	Partilha os seus objectos e brinquedos						
	Pode negociar (“fazer acordos” para determinadas actividades)						
	Interage facilmente num ambiente com grau médio de suporte						
PERSPECTIVAS PARA ENSINAR / MODELAR	A criança é feliz mesmo que não seja a primeira pessoa a jogar ou não ganhe o jogo onde está a participar						
	É divertido esperar por aquilo que a criança quer						

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

Observação Estágio 4

		SELECIONAR	EM DESENVOLVIMENTO				ADQUIRIDA
		COMO META					
CONTACTO VISUAL E COMUNICAÇÃO NÃO – VERBAL	Olha para manter a atenção dos outros						
	Olha enquanto fala						
	Demonstra espontaneamente uma variedade de expressões faciais						
	Utiliza gestos espontâneos para enfatizar/ilustrar a comunicação verbal						
	Faz-se entender						
	Fala com sentenças complexas que são gramaticalmente correctas						
	Faz/responde a perguntas complexas e faz comentários complexos						

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

COMUNICAÇÃO VERBAL	É capaz de fazer/responder a perguntas e fazer comentários sobre eventos passados e futuros						
	Responde a perguntas com “porquê” relativas ao que ela acabou de observar/vivenciar						
	Faz perguntas com “porque é que”						
	Responde a perguntas simples que requerem a opinião dela na resposta						
	Busca informações pessoais sobre os outros enquanto conversa						
	Faz declarações/comentários que são claramente relevantes para o assunto da conversa						
	Tem conversas que consistem em 3/5 ciclos ou mais						
	Utiliza os pronomes correctamente						
	Espera pela sua vez para falar e ouve enquanto o outro fala						
	É capaz de iniciar uma conversa						
É capaz de, educada/, conseguir a atenção de outra pessoa que esteja ocupada							

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

PERÍODO DE ATENÇÃO COMPARTILHADA/ INTERACTIVA	Período de atenção compartilhada durante 20 minutos ou mais						
	Frequência de interações por hora:5 vezes ou mais						
	Apresenta período de atenção compartilhada com duração “típica” dentro de uma actividade escolhida por ela						
	Interage em actividades que utilizem imaginação para representar/encenar papéis						
	É geralmente educada e respeitadora das regras						
	Consola o outro se este estiver magoado ou aborrecido						
	Age fisicamente de forma adequada						
	Interage apropriadamente com um colega						
	Para adquirir qualquer habilidade na flexibilidade, a criança deve apresentar período de atenção compartilhada no estágio 4 ou mais.						
	É flexível dentro da actividade escolhida por ela						
	Participa na actividade da outra pessoa						

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

FLEXIBILIDADE	Permite variações periféricas dentro das actividades sugeridas por outra pessoa						
	É espontânea dentro da actividade escolhida pelo outro, pelo menos 2 vezes por actividade						
	Divide o tempo interactivo entre a sua actividade e a actividade escolhida pela outra pessoa						
	Com ajuda, consegue lidar com a exposição a diferentes estímulos sensoriais nos ambientes típicos e apropriados para a idade dela						
PERSPECTIVAS PARA ENSINAR / MODELAR	Abdicar de uma recompensa imediata por uma recompensa a longo prazo						
	Tudo bem ser diferente das outras pessoas						
	É prazeroso ajudar e ser gentil com os outros						
	Nem todos gostarão de você, mas não há qualquer problema nisso						
	Mantém 75% das habilidades adquiridas neste Estágio durante 1 hora por dia quando se encontra num ambiente com alto grau de estimulação						
	Interage com um colega dentro do nível de habilidades do Estágio 3 durante 20' ou mais por dia						

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

PREPARAÇÃO PARA A INCLUSÃO NA ESCOLA OU TRABALHO	Participa nas actividades em pequenos grupos com dois colegas						
	Capaz de seguir a planificação e rotinas do dia dentro da sala na escola						
	Capaz de se sentar à mesa por determinados períodos na sala da escola						
	Escuta e segue instruções dadas por outra pessoa que não aquela que trabalha consigo o programa Son-Rise						
	Totalmente capacitada para usar a sanita e pede para lá ir						
	Lê e escreve de forma apropriada de acordo com o ano escolar em que se encontra						
	Possui habilidades na matemática de acordo com o ano escolar						

Data da Observação: _____

Observação Estágio 5

		SELECIONAR	EM DESENVOLVIMENTO				ADQUIRIDA
		COMO META					
CONTACTO VISUAL E COMUNICAÇÃO NÃO – VERBAL	Olha para avaliar os sinais sociais oferecidos pela outra pessoa						
	É capaz de alternar o olhar entre duas ou mais pessoas						
	Responde adequadamente às expressões faciais dos outros						
	Compreende, utiliza e responde a sinais sociais básicos						
	Combina sentenças complexas (3 ou mais sentenças complexas consecutivas)						
	Utiliza fluente/ todos os elementos do discurso oral						
	Faz comentários reflexivos e faz perguntas reflexivas relevantes						

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

COMUNICAÇÃO VERBAL	Tem conversas que consistem em 6 ciclos ou mais						
	A voz tem várias entoações						
	Comunica-se através de comentários, perguntas e respostas relevantes ao assunto da conversa						
	Inicia conversas apropriadas ao contexto social						
	É capaz de finalizar uma conversa de maneira sociavelmente aceitável						
	É capaz de acompanhar e acrescentar algo a uma conversa entre duas outras pessoas						
	Tem noção de ritmo numa conversa com duas ou mais pessoas						
	Entende humor						
	Entende expressões idiomáticas/figuras de linguagem						
	Expressa apreço pelos outros						
	Período de atenção compartilhada com duração apropriada para a idade						

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

PERÍODO DE ATENÇÃO COMPARTILHADA/ INTERACTIVA	Permanece continuamente em interação						
	Interage nos diversos tipos de actividades						
	Interage apropriada/ em pequenos grupos com 2 ou mais colegas						
	Apresenta período de atenção partilhada com duração “típica” dentro de uma actividade escolhida por outra pessoa						
FLEXIBILIDADE	Para adquirir qualquer habilidade na flexibilidade, a criança deve apresentar período de atenção compartilhada no estágio 5 ou mais.						
	É flexível dentro da actividade escolhida por outra pessoa						
	É flexível dentro dos diversos tipos de actividades						
	É espontânea dentro dos diversos tipos de actividades						
	Lida fácil e calmamente com quase todas as transições para novos ambientes e situações não estruturadas						
	Todas as pessoas apresentam áreas de talentos e de dificuldades. Não é mau encontrar algo difícil para a criança (e que é fácil para outro). É apenas uma oportunidade para aprender						

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

PERSPECTIVAS PARA ENSINAR / MODELAR	Se quiseres mudar, fá-lo aceitando tal como és e com entusiasmo pela mudança						
	É divertido dizer aos outros tudo o que pensas e sentes e perguntar a eles o que pensam e sentem						
PREPARAÇÃO PARA A INCLUSÃO NA ESCOLA OU TRABALHO	Mantém 75% das habilidades adquiridas neste Estágio durante 2 horas por dia quando se encontra num ambiente com alto grau de estimulação						
	Interage com um colega dentro do nível de habilidades do Estágio 4 durante 20' ou mais no período do recreio/almoço ou intervalo						
	Comunica-se apropriadamente quando se encontra na sala de aula						
	Participa fácil/ com 2 a 4 colegas em actividades de grupo na sala de aula						
	Capaz de se sentar à mesa por determinados períodos numa área específica na sala de aulas						
	Escuta e segue instruções dos professores/supervisores						
	Totalmente capacitada para usar a sanita e pede para lá ir						
	Capaz de seguir as rotinas e regras da escola						

Data da Observação: _____

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Anexo V – Diário de Bordo

01-02-2016

No primeiro dia de intervenção no *playroom*, o S., ao entrar na sala, ficou uns segundos parado a olhar para uma parede branca, o investigador/ facilitador “juntou-se” a ele, mas não conseguiu compreender o porquê desse seu comportamento. Em seguida, abandonou essa fixação e circulou pela sala, olhando para tudo o que esta continha. O adulto, mantendo uma distância de modo a respeitar o seu espaço, acompanhou-o na sua atividade até conseguir que o S. lhe desse permissão para interagir.

Com efeito, foi aquando o adulto reproduziu a tosse da criança que ela parou e olhou-o. Este comemorou o facto de ela ter estabelecido contacto visual, tendo esta reagido, desviando e voltando a olhar fugazmente.

De maneira divertida (em “camara lenta”), o adulto dirigiu-se até ela, tentando interagir; cativou a sua atenção, mas ao dizer-lhe que iria fazer-lhe cócegas, ela emitiu um som reprovador (“annan”) juntamente com um chorinho e foi em direção à porta para sair do quarto. Perante esta reação, o adulto afastou-se, respeitando-a e explicou-lhe que se ela não queria essa brincadeira que ele não a faria. A criança aproximou-se do adulto e levou-o pela mão até à porta mostrando-lhe que desejava sair.

Na tentativa de inverter esta situação, ele, aplicando os 3E’s (energia, empolgação e entusiasmo), atraiu a sua atenção para as bolas de pilates, das quais ela acercou-se, fazendo-as girar. O adulto, ao fazer o mesmo, apercebeu-se que ela estava à procura das letras patentes na bola.

Após algum tempo de exploração da bola, a criança olhou para o facilitador, o qual reforçou este comportamento com a devida celebração. Depois, convidou-a a correr juntos, usando esta ação como motivadora da interação por constituir um “ismo”. Contudo, ela não o acompanhou na corrida, apenas manteve-se interessada observando-o, mas logo voltou a brincar com a bola de pilates. De modo que ele “juntou-se” novamente.

Ela girava a bola, circulava pela sala em círculos, corria e, somente após algum tempo em exclusão, retribuiu um olhar ao adulto que vivia as mesmas atividades que ela, em simultâneo.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Perante esse olhar, que foi entendido como sinal verde, o adulto convidou-a a ver a surpresa que tinha para ela, emitindo sons que a atraíram.

Ao andar em direção à prateleira, o S. seguiu o adulto com o olhar e, ao observar a caixa que ele tirou do armário, aproximou-se dele, com o olhar fixo nesta, mas sem qualquer tipo de expressão facial.

Sentado no tapete, o adulto abriu a caixa e retirou, de lá de dentro, a máscara do Jake (desenho animado de interesse da criança). Ao dizer o seu nome, o S. continuou focado na máscara, então o adulto colocou-a na cara e incentivou-o a olhá-lo, cantando: “Jake, Jake, Jake”. Nesse momento, a criança olhou-o por um breve instante, baixou a cabeça e tornou a olhar, apresentando um sorriso.

De forma a manter o seu interesse no adulto mascarado e, conseqüentemente, prolongar o contacto visual, ele cantarolando deu uma volta à sala com a máscara e regressou para junto da criança. Ao verificar que ela ainda olhava para si, agradeceu-lhe retirando a máscara e, ao fazê-lo, a criança virou-lhe a cara, mas com o festejar voltou a olhar. Então, o adulto retirou outro objeto de dentro da caixa, a espada do Jake; ela reagiu afastando-se e retornando a andar às voltas no quarto. Diante disto, ele fechou a caixa e guardou-a na prateleira. Seguidamente procedeu ao *joining*.

Passado algum tempo, ela apontou para a caixa, pedindo-a com esse gesto. O adulto fez-se desentendido e apresentou-lhe diferentes objetos da prateleira nomeando-os, dizendo-lhe que não estava a perceber o que ela queria. De modo a não a frustrar, o adulto, por fim, concedeu-lhe a caixa e nomeou-a com o intuito que ela repetisse, mas não o fez. Em seguida, abriu-a e logo tapou-a desistindo desta.

02-02-2016

Ao chegar à sala o S. começou a andar em círculos e depois a rodar sobre si próprio (comportamento repetitivo - “ismo”). O adulto juntou-se a este, mas mantendo-se a uma distância para que não se sentisse invadido no seu espaço. Assim, o facilitador fez exatamente o que ele estava

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

a fazer, no entanto o S. não demonstrou interesse, não lhe dando qualquer sinal que estivesse pronto para interação.

Ao abandonar este comportamento, interessou-se pela bola de pilates, procurou as letras que estavam escritas na bola, depois começou a girá-la e a atirá-la. Concomitantemente, o adulto reproduzia o que o S. fazia, mas com outra bola. Ao atirá-la, as bolas (a da criança e a do adulto) encontraram-se e ele olhou para o adulto, fugazmente, esboçando um breve sorriso. O adulto celebrou essa iniciativa de interação e fez referência a isso salientando o facto de a criança ter olhado para si, verbalizando que ele tinha uns olhos lindos.

Em seguida, o adulto sentou-se na bola e começou a saltar de forma divertida, com muitos risos, e convidou a criança a fazer o mesmo. Sem olhar para o adulto, ela tentou subir para a bola, mas não o conseguiu. O adulto deu-lhe mais ou menos um minuto, para que sentisse a necessidade de pedir ajuda, porém não o fez. Então, o adulto pediu-lhe permissão, colocando-a na bola e verbalizou de modo a modelar a palavra: “ajuda”, mas ela não a repetiu.

Ao estar sentada na bola, com o adulto à sua frente e ao seu nível, estabeleceu contacto ocular. O outro celebrou-o com entusiasmo e ajudou-a a saltar mais alto na bola, dando-lhe as mãos. Parou e repetiu a ação verbalizando para a criança “mais”, sem nada lhe solicitar em troca, apenas tentando que esta ficasse altamente motivada. Durante esta ação a criança conseguiu manter alguns segundos (mais do que o habitual) de contacto visual sorrindo. Por isso, o adulto considerou que ela estava pronta para o desafio, fazendo nova pausa na ação e pedindo-lhe que verbalizasse “mais”, para que ele desse continuidade à atividade. Apesar de ter-lhe proporcionado algum tempo para que desse feedback, não o fez. O facilitador, de modo a mantê-la interessada para nova tentativa, repetiu a ação, mas ao parar, mais uma vez a criança não pediu para repetir e afastou-se da bola correndo à volta da sala.

O adulto iniciou novamente as tentativas de aproximação, assumindo os mesmos comportamentos da criança. Ela manteve por algum tempo o mesmo ciclo de atividades repetitivas, conservando-se no seu “mundo”.

De repente, parou e apontou para uma caixa de jogos de animais (sem olhar para o adulto), o adulto respondeu-lhe de imediato por esta ter tomado a iniciativa de comunicar. Não obstante,

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

com o intuito de que verbalizasse o pedido utilizando a palavra: “animais”, fingiu que não percebia qual era o brinquedo que ela queria e começou a dar-lhe outros objetos nomeando-os. Explicou à criança que queria ajudá-la, mas não sabia o que ela pretendia. O S. continuava a apontar e a imitar sons (“ên”). Por fim, o adulto pegou na caixa do jogo dos animais e questionou: “animais?” e ele produziu o som com mais intensidade, demonstrando que sim. Ao vê-lo tão interessado, o adulto solicitou-lhe que verbalizasse a palavra e ele o fez, então o adulto de forma dinâmica deu-lhe a caixa repetindo a palavra “animais” com várias entoações, comemorando por ele a ter verbalizado.

O S. começou a construir o jogo (vários puzzles de quatro peças de animais da quinta) com comportamento de exclusão (sinal vermelho), atendendo a isso o facilitador, em frente a ele, também construiu alguns puzzles, com o intuito de “juntar-se”, aspirando despertar o seu interesse para brincar conjuntamente. Desta vez, o S. não se demonstrou disponível, verbalizando os nomes dos animais (“cão”, “gato”, “vaca”) referentes aos puzzles que concretizava de forma espontânea, mas sem qualquer intenção de comunicação.

Devido à rotina diária da sala tivemos que terminar a sessão, o facilitador ao verbalizar que tinha acabado e que teríamos de arrumar, a criança disse a choramingar: “não quees” repetidamente. O adulto com voz calma insistiu que era hora de arrumar, ela repetiu que não, agarrando nas peças do jogo. Com serenidade, explicou-lhe que percebia que ela queria continuar a brincar, mas que não podia porque tinha de almoçar. Assim, ela autorregulou-se e arrumou permitindo a ajuda do adulto.

Em suma, o facilitador tentou várias vezes, perante o sinal vermelho da criança, juntar-se a ela, repetindo os seus comportamentos, mas esta só se mostrou disponível (sinal verde) uma vez. Esta interação durou, aproximadamente dois minutos, tendo mantido por alguns segundos contacto visual e expressões de divertimento em interação. Durante esta hora de intervenção não demonstrou grande interesse em interagir, demonstrando preferir brincar sozinha. Verbalizou os substantivos: “cão”, “gato” e “vaca” com significado, porém não demonstrou intenção comunicativa. Não respondeu às solicitações do adulto, com exceção da reprodução da palavra: “animais”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

03-02-2016

No *playroom*, a primeira coisa que o S. fez hoje foi ir até a zona da prateleira olhar para o facilitador e voltar a olhar para a prateleira e dizer apontando com um grande sorriso: “animais, animais”. O facilitador com entusiasmo demonstrou estar feliz pela sua iniciativa de pedir verbalmente o que queria e deu-lhe o jogo.

Depois a criança começou a montar os vários puzzles no chão, e o adulto começou no processo do “juntar-se”, mas ela não se demonstrou interessada, estando bastante envolvida no seu jogo solitário. Após ter construído todos os que tinha, olhou para os puzzles que o adulto tinha e aproximou-se para buscá-los. Nesse instante, o facilitador ofereceu-se para ajudar a levar as peças e ela o permitiu.

Enquanto o S. alinhava os puzzles o adulto verbalizava o nome dos animais e reproduzia o som da sua voz. Passado algum tempo, ele olhou para o adulto a sorrir, apontou para o puzzle correspondente e repetiu o que o adulto tinha dito (“os cães”). O adulto demonstrou-se empolgado com a partilha e ele verbalizou: “vaca”, olhando mais uma vez nos seus olhos por breves instantes. Por vezes, quando o facilitador festeja com muita energia e empolgação o S. semicerra os olhos, situação que acontece normalmente quando quer se proteger de algum estímulo diferente. O facilitador solicitou de forma divertida a continuação da interação, mas ele recusou-se transportando as peças para a mesa.

Na mesa, voltou a fazer os puzzles e a alinhá-los. O adulto voltou a reproduzir tudo o que a criança fazia para conseguir luz verde. Novamente ela tirou ao adulto as peças com que este construía os seus puzzles, todavia foi aí que ele conseguiu mais um momento de interação. O facilitador pegava nas peças com o alimento dos diferentes animais, fingia que estava a comê-lo e nomeava-o. A criança esticava o braço na direção do adulto para que lhe desse as peças e este demorava um pouco a fazê-lo, verbalizando o verbo que pretendia que ela dissesse: “dá” e ao entregar-lhe fazia-lhe cócegas, a criança riu-se. Na peça seguinte, seguiu os mesmos passos e ao demorar a dar-lhe a peça solicitou que verbalizasse o “dá”, esta vocalizou um som zangada demonstrando que somente queria a peça. O adulto deu-lha, verbalizando juntamente com cócegas “dá”. Na terceira vez, o adulto ao demorar com a peça e ao solicitar de novo à criança que dissesse a palavra “dá” ela fê-lo.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Em seguida, desmanchou os puzzles e colocou as peças em fila horizontal. Com as peças mais longas formou letras “X” e “V”. Expressou o nome das letras, mas não o partilhou, ficando absorvida na sua tarefa, revelando jargão. O adulto continuou a tentar conectar-se, mas não houve abertura para isso.

Quando terminou a sessão e o adulto pediu para arrumar, o S. contestou dizendo “não quees”.

15-02-2016

A criança estava na sala, na aula de expressão musical, e começou a chorar, puxando o adulto facilitador pela mão na direção do *playroom*. O adulto baixou-se ao seu nível e disse-lhe que era música, a criança reagiu abraçando-se a ele e fechou os olhos. Perante esta situação o facilitador começou a balançar-la de forma a confortá-la, mas ela demonstrou desagrado verbalizando “não” e de novo insistiu em puxar o adulto na mesma direção. Ao verificar que, por um lado, o S. não estava a usufruir da aula e que, por outro, estava interessado em ir para o *playroom* considerou mais proveitoso para a criança seguir a sua motivação.

Neste quarto, a criança dirigiu-se junto das prateleiras, olhou para o adulto, apontou para um jogo e verbalizou com um grande sorriso no rosto “animais”. O adulto celebrou o contato visual e o pedido verbal com os 3 Es, dando-lhe rapidamente o jogo, de modo a reforçar estes comportamentos.

A criança agarrou no jogo manifestando através da expressão facial e corporal (sorrindo e saltitando) que estava contente e foi construí-lo na mesa. O jogo era constituído por vários puzzles, cada um formado por quatro peças: com um animal, sua cria, seu alimento e suas pegadas respetivamente.

O adulto acompanhou-a e questionou se poderia ajudá-la na tarefa, mas esta não lhe deu qualquer sinal positivo, no entanto permitiu que se mantivesse presente junto a si. Tentou novamente que a criança prosseguisse em interação, nomeando a imagem da peça do puzzle que retirava de dentro da caixa do jogo, porém esta não estabeleceu contacto visual.

O S. ao retirar uma peça com a imagem de bolotas identificou-as dizendo: “bolota” repetidamente, continuando sem estabelecer contacto ocular. O adulto perguntou-lhe quem as

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

comia, mas este nada respondeu mantendo-se focado no jogo, lançando apenas um olhar fugaz para a imagem do porco que ele apresentou-lhe.

Em seguida, observando a figura de um coelho, a criança mencionou: “coelho”, de modo que o adulto passou-lhe a peça com uma cenoura que o complementava explicando-lhe isso. Ela colocou-a no devido local, mas mais uma vez apenas olhava para o puzzle. Ao ver a peça com um gato emitiu: “miau miau” e, em ecolalia, “é o gato”. Depois, manipulando a peça referente ao porco apresentou em ecolalia, “poreco”. O facilitador tentou passar-lhe outras peças, todavia ela não aceitou.

Entretanto, mirando para a imagem de uma galinha a criança vocalizou: “caracacá” e “galo”. O adulto corrigindo-a discretamente referiu que era a galinha, e ela disse, em ecolalia, “galina”. Posteriormente, demonstrando grande alegria ela referiu: “o au au, o au au” e manifestou ecolalia quando o facilitador disse-lhe que era um cão (“o cão”) e quando apresentou-lhe a peça do osso identificando-a (“osso”). Porém, não quis a última peça que lhe foi mostrada, não aceitando a ajuda do adulto, preferindo escolher sozinha as peças que pretendia.

De novo, a criança fez referência à galinha emitindo: “caracacá”, por isso o facilitador falou-lhe da galinha, enquanto ela repetia o som da voz do animal. Ele fez-lhe uma questão simples sobre os animais do jogo, no entanto ela não lhe respondeu. Consoante o adulto pegava numa peça, nomeava a imagem patente, e, por vezes, a criança recorria à ecolalia, mas sempre sem estabelecer contacto visual.

Seguidamente, ela sentou-se no chão e começou a alinhar as peças do puzzle utilizando-o, assim, de forma disfuncional. O adulto tentou interagir, contudo ela demonstrou-se em atividade de exclusão; por isso, ele procedeu ao *joining*. Durante o seu isolamento, ela revelou jargão.

A criança voltou para a mesa e, olhando para a caixa do jogo, identificou: “terês”, repetindo-o com olhar fixo no número que estava representado nesta. Daí o adulto ter ido ao seu encontro respondendo-lhe ao que havia dito, mas ela não lhe deu qualquer sinal para interagir. Então, ele foi buscar outro jogo do mesmo género para tentar “juntar-se” a ela. No entanto, teve logo que o guardar, pois a criança ao vê-lo verbalizou: “não” e gesticulando-o aproximou-se dele e depois

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

dirigiu-se ao armário para onde apontava persistindo com o “não”. Deste modo, transmitiu ao adulto que queria que o guardasse lá.

Perante esta situação, o adulto agradeceu à criança por lhe ter comunicado o que desejava, e ela apenas olhou-o com olhar fugaz.

Ao notar que ela estava a olhar para uma peça que estava no chão, o adulto chegou-se até junto da mesma e questionou se a criança a queria. No entanto, desviou o olhar rodando sobre si própria. Ele ainda fez nova tentativa de aproximação, à qual a criança reagiu com um olhar fugidio revelando jargão e repetiu o “ismo”. Consequentemente, o adulto recorreu ao *joining*.

Não obstante, durante o “juntar-se”, o facilitador continuou com a imagem do pinto na mão e a nomeá-la. O S. olhou-a por breves instantes e verbalizou: “passaino” (passarinho). Por isso, o adulto reforçou que era a imagem de um pinto e colocou-a junto a outras fotos de animais, das quais ele se aproximou alinhando-as no chão.

Ao seu nível, o adulto rogou-se para ajudá-lo, mas ele, sem olhá-lo, levantou o braço indicando que não queria. De modo que persistiu a ordenar as figuras e a rodar sobre si próprio, demonstrando não estar interessado a interagir com o facilitador. Este retomou o *joining*, mas sem sucesso terminando a sessão.

16-02-2016

O investigador/ facilitador ao chegar à sala, foi recebido com um olhar nos olhos e um sorriso. O S. apressou-se para chegar junto dele, deu-lhe a mão e levou-o ao *playroom*. Neste espaço, estavam duas caixas no chão, a criança sentou-se ao nível destas e começou a observar as imagens que uma delas continha. O adulto aproveitou a ocasião para juntar-se, mas ela levantou-se rapidamente. Olhou para ele, desviou o olhar para a prateleira apontando, voltou a olhá-lo e por fim verbalizou: “é os animais”. O adulto dirigiu-se a este brincando com vocalizações, baixou-se ao seu nível e perguntou-lhe: “O que é que tu queres?” ao que ele lhe respondeu: “o cão”, subindo para o seu colo na tentativa de alcançar o que pretendia. Após a criança descer de seu colo, ao seu nível perguntou-lhe, procurando confirmação, se ela queria um cão, esta respondeu-lhe apontando para a

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

prateleira, “cão”. Com o intuito de reforçar a comunicação através da oralidade, tentou ser rápido na satisfação do seu pedido, motivando a criança brincando com a palavra - cão - usando diferentes entoações ao mesmo tempo que procurava a imagem. Esta repetiu-o usando as mesmas entoações e saltitando.

Contudo, o adulto não encontrou a imagem e como demorou algum tempo, o S. desistiu de esperar junto a ele e começou a correr às voltas na sala (movimento repetitivo) vocalizando: “dá, dá, dá”. Solicitou-lhe que voltasse à interação explicando que não encontrava o cão, mas ele não deu sinal de querer regressar. Então, voltou a tentar juntar-se e logo a criança estabeleceu contacto visual novamente. O facilitador celebrou o seu comportamento e perguntou-lhe o que desejava, a criança repostou-lhe: “o passainho” (passarinho), mantendo o olhar e apontando na sua direção.

Mais uma vez, o adulto procurou o animal pedido nos cartões de imagens, tendo em conta a atividade do dia anterior, não procurou um passarinho, mas sim um pinto. Ao mostrá-lo, questionou-o se não seria esse o animal que ele queria. Ele demonstrou concordar saltitando de excitação e verbalizou ao lhe ser solicitado: “pinto”, o adulto, assim, deu-lhe o cartão celebrando a sua atitude com uma dança e fazendo-lhe cócegas. Ele riu-se, pegou no cartão, olhou-o atentamente e tentou colocá-lo na parede apresentando jargão, todavia o cartão caiu ao chão. O adulto em interação com a criança apanhou-o e começou a entoar cantarolando o som do pinto, o S. riu-se e reproduziu. Em seguida, desviou o olhar e começou a rodar sobre si mesmo.

O adulto questionou-o sobre onde deveria colocar o cartão, todavia ele não lhe deu atenção. Então guardou-o na caixa afastando-se. O S. nesse momento cruzou o seu olhar com o dele e foi buscar o cartão para tentar expô-lo outra vez na parede. Considerando aquele olhar como sinal verde, o facilitador acompanhou-o nessa tentativa. Enquanto explicava-lhe que não era possível fazê-lo manteve a atenção conjunta, e logo foi guardar o cartão na caixa.

Em simultâneo, a criança olhava para a prateleira e o adulto comentava a sua ação, ao que ela respondeu: “é é”. Ao perguntar-lhe o que queria, colocou-lhe como uma hipótese - o gato - e o S. verbalizou: “gato” estabelecendo contacto ocular. O facilitador festejou expressando oralmente um agradecimento por esse contacto visual e ele retorquiu: “obigado gato”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Ao insistir verbalmente para que a criança dissesse: “pega”, para que a pegasse ao colo, ela desistiu e pediu outro animal - “au au au au”. O adulto, fazendo-se de desentendido, repostou se não seria o cão que ela queria dizer, daí reproduziu: “o cão”. Enquanto o adulto o procurava no armário, ela deu uma volta ao espaço e ao passar pela caixa olhou para os cartões que lá estavam e emitiu: “passainho”. Depois, encostado ao adulto, observando-o repetiu: “cão”, como se fosse um lembrete, mas ao ver a imagem da vaca a passar nas suas mãos nomeou-a. De modo que este a deu de imediato celebrando, e ela acrescentou: “a vaca que ri”. Ao entrega-la à criança, o facilitador reproduziu o som da vaca e ela imitou-o dirigindo-se à caixa onde colocou-a junto ao cartão do passarinho.

Novamente o adulto identificou verbalmente as imagens dos animais aplicando os três E’s. O S., que estava sentado no chão próximo dele, levantou-se deu uma volta em círculo, pegou no cartão partilhou-o estabelecendo contacto visual e reproduzindo: “a vaca que ri”. O facilitador reagiu positivamente, visando reforçar a sua atitude, levantando-se e festejando de novo com os três E’s. Durante a comemoração, o S. concentrou-se nos cartões, não dando qualquer sinal de disponibilidade para interagir por breves segundos.

Depois pôs-se de pé, seguiu para a frente do armário e, apontando para a prateleira com contacto ocular estabelecido com o adulto, solicitou: “quees a vaina”. Como este demonstrou não estar a compreendê-lo, repetiu várias vezes: “vaina” até o adulto atribuir-lhe o significado de galinha. Aí o S. pronunciou: “galina”, ao que o facilitador lhe respondeu com uma imagem de galinha nomeando-a com várias entoações. Fez uma pausa, dando-lhe espaço de retorno, e este verbalizou: “galinha” de forma correta, colocando-a ao lado dos outros cartões de animais acompanhado pelo adulto. Este reproduziu a voz da galinha, tendo o S. o imitado, “cá cá lá cá cá”. Durante este momento, o S. manteve-se em interação com o adulto, mostrando-se satisfeito e motivado com sorrisos, contacto ocular e reproduzindo o som do animal.

Com o intuito de reforçar a identificação/ nomeação dos animais expostos em linha em cartões no chão, o adulto mais uma vez verbalizou os seus nomes. Ao verbalizar o primeiro – o pinto – a criança repetiu-o, em seguida levantou-se deu uma volta em círculo e voltou para junto dos cartões para poder visualizá-lo. O adulto agarrou-o e entregou-o à criança, ao nível dos seus olhos, brincando com as entoações que dava à palavra pinto. O seu feedback consistiu em imitá-lo

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

também nas entoações dadas olhando para o cartão enquanto caminhava em círculo. Voltou para perto do adulto, olhou-o reproduzindo com sorrisos o nome do animal e posicionou-o no mesmo lugar em que se encontrava inicialmente.

A criança manifestava-se ainda disponível (sinal verde) para interação, por isso o facilitador perguntou-lhe se esta queria outro cartão, ao que ela respondeu: “outo”. Conseqüentemente concedeu-lhe outro, o da vaca, ao visualizá-lo verbalizou de imediato: “a vaca que ri” e começou a andar às voltas entoando esta afirmação. O adulto ao interroga-la: “a vaca ri?”, fê-la parar espontaneamente e, olhando nos seus olhos, respondeu calmamente e de forma perceptível, “a vaca que ri”. O facilitador agradeceu-lhe pelo seu comportamento, e ao ver que ela se mantinha atenta ainda reforçou o significado do verbo “rir” associando-o à ação, o que a levou a repetir: “a vaca que ri”.

Continuando em interação, pediu: “a galinha” e avançou para a frente do armário para onde apontou olhando para o adulto. Este exibiu o cartão alusivo à galinha. Então o S. voltou a olhar para o armário e reformulou o seu pedido: “quees o polcolho”. Interpelado para que se fizesse entender, reproduziu o que tinha dito de forma diferente, “polhco”, o que o adulto significou como “porco”. Ao celebrar entusiasticamente esta tentativa de melhorar a articulação da palavra proferida para se fazer compreender, o adulto continuou a incentivá-lo através da brincadeira a voltar a fazê-lo resultando, por fim, na verbalização da palavra da seguinte forma: “poco”. Posto isto, ofereceu-lhe rapidamente a figura desejada.

Aquando interagia com o facilitador, o S. repetia o nome (“poco”) e o som da voz (“ron ron ron”) do animal do cartão do mesmo modo como este o fazia. Levou-o para a mesa, onde juntou também os outros cartões, dispondo-os alinhados na horizontal. Lado a lado na mesa, nomearam os animais brincando com ritmos, entoação, volume e tom.

Dirigiu-se até ao armário como a cantarolar “samo samo sumamo” e procurou o olhar do adulto apontando para os jogos/ brinquedos. Este repetiu: “sumamo” entoando-o de forma interrogativa e o S. retribuiu-lhe sorrindo e continuando a vocalizar os mesmos sons. Continuou a trautear, mas o adulto não conseguia associar os sons que emitia a nada do que estaria no armário, até que vocalizou: “pa po pa”, então colocou-lhe a hipótese do pato. Ele apontou para a prateleira e repostou: “quees o cão”, “o cão”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Infelizmente não havia nenhum cão no armário, por isso o facilitador propôs-lhe os cartões de outros animais. Quando apresentou o da ovelha nomeando-a, a criança reproduziu a palavra de forma clara, “ovelha”, mas gesticulou demonstrando que não a queria. Ao mostrar o gato, a criança reagiu com excitação e alegria dizendo: “gato” e “miau”, mas logo com gestos (afastando as mãos do adulto) manifestou que não o queria também. Ainda verbalizou “peixe”, porém o que realmente procurava não encontrou. Após usar a mimica para comunicar que não o queria, disse: “quees”; por sua vez o adulto perguntou-lhe o que ele pretendia ao que respondeu: “o cão”. Naquela ocasião explicou-lhe que não havia nenhum no armário, mas ele insistiu e de novo replicou: “queres cão au au”, tentando que o outro o percebesse e lhe desse o que pedia.

O adulto mais uma vez mostrou-lhe os vários cartões. Ao ver o gato o S. verbalizou: “miau” e, nomeou-o corretamente após o adulto o ter identificado. Perante esta situação, baixou-se ao seu nível para entregar-lhe o gato que julgou ser o desejo da criança, mas esta subiu para o seu colo tentando “trepá-lo” para chegar à prateleira. O facilitador fingiu não estar a perceber qual a sua pretensão. Porém, ela continuava a apontar para os jogos e a verbalizar: “quere”.

Passado um pouco, revelou que já havia compreendido que o que o S. pretendia era que o pegasse ao colo, assim estimulou-o a dizer: “pega”. Somente após algum incentivo verbalizou-o, sendo celebrado pelo adulto. Este agradeceu-lhe por ter usado a linguagem oral para efetivar o seu pedido e deu-lhe em resposta uma ação rápida. Ou seja, pegou-o ao colo e levou-o até junto da prateleira dos jogos/ objetos.

Na prateleira, começou a verificar todos os cartões que lá se encontravam. Por baixo destes, descobriu um quadro de encaixe de números com o qual quis brincar. Ao encaixar os números identificou-os nomeando-os em inglês (“one”, “two”), o adulto tentou manter-se em interação verbalizando os números em português, mas este deu-lhe sinal vermelho. O facilitador fez uma segunda tentativa, fazendo-lhe cócegas. Ele sorriu e tentou “trepá-lo” de novo para alcançar a prateleira, mas mais uma vez o adulto fez-se desentendido dando-lhe um abraço e outras ações para criar uma situação em provocasse a necessidade de verbalizar: “pega” para obter o que realmente queria. Todavia somente dizia: “queres” e apontava. O facilitador continuou a insistir para que expressasse a palavra a ser estimulada, mas como não a dizia e parecia estar prestes a desistir, o adulto verbalizou a palavra pretendida e ofereceu-lhe a ação, mas de forma muito lenta.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

No colo, ao estar ao nível da prateleira encontrou um quadro de encaixe de vogais e através de movimentos com o seu corpo manifestou que queria ser colocado no chão suportando o jogo. Aí, posou as vogais retirando-as do quadro de encaixe; ao fazê-lo com a letra /e/ posicionou-a ao contrário parecendo o /y/, e logo disse: “Mickey”. O adulto, assentado a seu lado, nomeava as vogais ao mesmo tempo que a criança as manipulava, apesar desta evidenciar estar em atividade de exclusão.

Focada nas letras, começou a encaixá-las no quadro, o adulto interpelou-a a fim de participar, a criança não lhe respondeu, no entanto permitiu-lhe que o fizesse. Mais uma vez, associou a letra /e/ ao Mickey, mas desta vez verbalizou: “Mickey Mouse”. O facilitador questionou-a se o desejava, no entanto a criança manteve-se em exclusão, não lhe dando feedback. De modo que, o adulto aplicou o *joining* com um jogo similar.

Esta estratégia surtiu efeito de imediato, ou seja, a criança interessou-se logo pelo que o adulto estava a fazer, e juntou-se a este na sua realização. Ele passava-lhe a peça nomeando-a e a criança recebia com contacto ocular, por vezes sorrindo, encaixando-a. Nomeou o quatro (“quatero”), após o adulto fazê-lo.

Em seguida, proferiu várias vezes uma frase pouco perceptível que parecia: “a ser...só dei quatro”. O adulto tentou exprimir como percebia e dar-lhe outro significado, mas o S. continuou a proferi-lha de igual modo. Expressou-se em monólogo, contudo a única frase compreendida foi: “o amigo peice”. Mantendo-se a realizar o jogo, permitiu que o adulto permanecesse a passar-lhe as peças. Ao coloca-las, na respetiva vez, declarava: “essa” e o facilitador identificava-a. Voltou à mesma frase, repetindo-a: “só dei quatro”.

O adulto tentou desafia-lo para outra atividade, já que permanecia em interação por alguns minutos, contudo a criança não demonstrou interesse, mostrando-lhe sinal vermelho. Por isso, retomou o *joining*.

Ao dar-lhe sinal verde, estabelecendo contacto ocular, o facilitador colaborou na brincadeira concedendo-lhe as letras que o S. aspirava. Houve um momento em que ele colocou a mão no braço do adulto, que estava a seu lado, sem contacto visual, o qual deu-lhe um beijo na mão e ele afirmou: “isso uma amizade”. O adulto reforçou o que ele havia dito, dando-lhe um abraço e referindo como

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

era bom serem amigos; concomitantemente ele pegou na letra /a/ e repetiu o que havia dito sobre a amizade, acrescentando qualquer coisa que soava a: “no meio dos amigos”. O facilitador continuou a conversa sobre a amizade e este fez de novo referência ao “amigo peice”.

Concentrado no quadro de encaixe dos números manteve-se por momentos em exclusão, para além das várias tentativas do adulto para continuar em interação. Não obstante, o S. permitiu que o facilitador jogasse com o mesmo jogo que ele.

O facilitador começou a cantarolar os números de acordo com a peça que manipulava, colocando-a de forma animada na cabeça, a peça no chão a dançar, a saltitar, etc. Esta brincadeira chamou à atenção o S.. Ele começou a olhar para o adulto e a dirigir-se até ele para buscar a peça. Este aproveitou para estimular o pedido usando a palavra: “dá”.

As primeiras vezes que fez a estimulação, cantarolava com a palavra que pretendia trabalhar, oferecendo-lhe ações dinâmicas, que o divertissem e o motivassem para continuar em interação. No momento em que este o sentiu verdadeiramente motivado desafiou-o a usar a palavra: “dá”, mas ele apenas sorria e esticava os braços para alcançar a peça ambicionada. Depois de algum tempo, sem o deixar desistir, o adulto entregava-lhe a peça. Repetiu a mesma ação por mais três vezes, e finalmente a criança verbalizou-a. Nesse momento, o adulto celebrou com os 3E’s e de imediato entregou-lhe a peça. Voltou a realizar a brincadeira, mas o S. não usou a palavra. Demonstrando não estar a gostar, virou-se de costas para o adulto e ficou em exclusão na sua tarefa.

O adulto posicionou-se de frente para ele numa distância razoável para que não se sentisse pressionado, e “juntou-se”, tentando imitá-lo e percebê-lo no seu brincar. Passado alguns minutos, ele foi até ao adulto buscar uma das peças com que este estava a jogar. Aos poucos foi aproximando-se e olhou-o através do espelho. Tomando esse comportamento como um sinal verde, o facilitador estabeleceu a interação. Contudo foi um falso sinal, pois logo de seguida voltou a “virar-se para si” fixando-se no jogo.

Posto isto, o adulto voltou ao *joining* e o tempo ditou o fim da sessão.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

17-02-2016

Quando o investigador chegou ao refeitório, local onde se encontrava o S., este olhou-o e sorriu. Perante isto, o adulto sentou-se a seu lado e, de imediato, o S. levantou-se do seu lugar, “subiu” para o seu colo, olhou-o nos olhos, disse o seu nome e abraçou-o. Em seguida, adotando uma postura como que a pedir para que o outro se colocasse de pé com ele ao colo, verbalizou: “pega” (palavra que tinha sido solicitada no dia anterior à criança pelo facilitador, quando ela queria que o outro lhe desse colo para alcançar os objetos da prateleira). O adulto percebeu este comportamento como um pedido para levá-lo até ao quarto de brincadeira. Então explicou-lhe que teria de terminar primeiro o lanche.

Ao chegar ao espaço desejado, dirigiu-se à prateleira, apontou e pediu através da linguagem verbal o que queria (“passainho”, que significa passarinho). À luz das sessões anteriores, o adulto depreendeu que o que a criança pedia seria o cartão alusivo ao pinto. Com efeito, festejou o facto de a criança ter solicitado verbalmente e deu-lhe esse mesmo cartão. Confirmou que a sua percepção estava correta através da expressão facial de satisfação apresentada por ela.

Após colocar o cartão no chão, reaproximou-se do armário e solicitou o cão e depois a vaca. Realizou a mesma sequência de ações e comportamentos e dispôs os cartões alinhados na horizontal. Aquando colocava a vaca olhou para o adulto e logo a seguir para o cartão, verbalizando: “vaca ri”. O que parecia ser um sinal verde transformou-se logo em vermelho: a criança “desligou-se” da interação, focando-se unicamente no alinhamento dos cartões e manifestando jargão. Levantou-se e começou a realizar movimentos repetitivos à volta da sala; o adulto fez o mesmo com o intuito de “juntar-se”. Somente após algumas voltas ao redor da sala, a criança voltou a olhar para o adulto, apontou para a prateleira e pediu: “três”. Ele baixou-se ao nível dela e questionou-a sobre o que desejava, explicando-lhe não estar a compreender. Concomitantemente, ela “trepava-o” na tentativa de alcançar o pretendido; ao não conseguir, olhou-o e respondeu: “números”. Assim, rapidamente, o adulto pegou-a ao colo e levou-a até ao armário, de onde retiraram o jogo de encaixe dos números.

Ao colocá-la no chão, sentou-se, retirou as peças do suporte e alinou-as. O adulto fez o mesmo do que ela com o jogo de encaixe das letras. O S. apressou-se a buscar essas peças para juntar às que tinha e o adulto aproveitou a sua abertura para interagir. Assim questionou-o se podia brincar com ele; ele não olhou, mas encostou-se ao facilitador num gesto que lhe pareceu um

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

feedback positivo. Perante isso, deixou-se ficar agradecendo e partilhou a brincadeira. O facilitador nomeava os números e o S. repetia-os; num momento cantarolou, apontando “a, e, i” e, após algum tempo de latência, ele olhou para o adulto, apontou e verbalizou tal como este o tinha feito. O adulto celebrou com os 3 “Es” a situação, mas ele reagiu semicerrando os olhos com ar de desaprovação e abandonou a interação novamente, ficando completamente concentrado no alinhar das letras e dos números.

Na hora de acabar a sessão, o adulto, como habitualmente, avisou-o com alguma antecedência, e ele verbalizou: “não queres”, “não”, e abanou as mãos a choramingar. Contudo, quando chegou ao momento, autorregulou-se e arrumou, apesar de demonstrar que o fez com desagrado.

19-02-2016

Nas sextas-feiras, a sessão no *playroom* acontece a seguir ao momento do sono. Por isso, o facilitador, ao chegar à sala, encontrou o S. ainda na cama. Quando este o viu, deu um sorriso, levantou-se logo e dirigiu-se para o espaço de intervenção. No entanto, o adulto orientou-o no sentido de cumprir a rotina da sala, procedendo à sua higiene pessoal. Ao acompanhá-lo na casa de banho, estabeleceu contacto visual e verbalizou: “pinto”; o adulto apreendeu que se referia a uma imagem dos cartões do jogo do *playroom*, que, até então, nomeava como passarinho.

Ao entrar no espaço preparado para a sessão, tal como tem vindo a fazer anteriormente, caminhou na direção da prateleira. Saltitando, olhou para o adulto e pediu verbalmente o que queria: desta vez foi “números”, “os números” (“um”, “dois”, “três”, “quatro”, “cinco”). O adulto comemorou com entusiasmo este facto e deu-lhe o jogo de encaixe dos números a que se referia. Ele colocou-o no chão e voltou a olhar nos olhos do facilitador, pedindo novamente números. Depois disse: “queres” e ao ser retificado verbalizou “quero”, ainda reproduziu à sua maneira a questão que o adulto lhe colocou: “o que tu queres?”. Apesar de não haver mais nenhum jogo de números, o adulto logo percebeu o que a criança pretendia um jogo similar com letras. Perante a situação fez-se desentendido, questionando a criança sobre qual seria o jogo, apresentando-lhe alguns dos disponíveis na prateleira e nomeando-os. A criança manteve a atenção conjunta, respondendo negativamente (verbalizava “não”) ao adulto até este identificar o que ela queria. Quando o adulto mostrou o jogo pretendido, verbalizou: “letras” e a criança repetiu-o. Baixou-se ao

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

seu nível e solicitou-lhe que verbalizasse: “dá”, mas a criança não o fez, tentando “repar” ao adulto para chegar ao jogo. Diante disto, o adulto foi buscar o jogo e entregou-lho dizendo: “dá”, com o objetivo que associasse o verbo à ação; porém, ela não o repetiu.

Com as letras (vogais) e os números no chão, a criança começou a organizá-los, ao ajudá-la, o adulto manteve a interação brincando com as peças. Com jargão expressou algo, sendo perceptível ao outro apenas a palavra: “todas”, então respondeu-lhe a isso de modo a estabelecer uma conversa. Ela retorquiu: “ali mai todas” e por entre o jargão, ele compreendeu: “ali o Tiní”. O adulto perguntou a quem ela se referia, ao que respondeu, repetindo algumas vezes: “Timmy”. Levantou-se e, saltitando sorrindo olhava para as letras repetindo: “Timmy, Timmy!”, “ali é o Timmy”, o adulto acompanhou-o. Este direcionou a sua atenção para os números e o S. nomeou: “quatro”.

O S. retomou um comportamento de exclusão e o adulto voltou a “juntar-se”. Quando o permitiu, o facilitador propôs colocar as peças no seu respectivo suporte, ao que a criança imediatamente respondeu “não”, sem procurar o contacto visual. Deste modo, o facilitador não o fez, respeitando a sua vontade; porém aproveitou, como a criança olhava com interesse para o suporte, para alargar o seu vocabulário, nomeando as imagens deste e ela repetiu-o e tomou iniciativa para nomear outras (“avião”, “elefante”). Ao pegar na vogal /e/ identificou-a: “é o /é/”.

Seguidamente, a criança iniciou o alinhamento das peças (números) no chão. O adulto sentou-se a seu lado e perguntou se poderia ajudá-la, todavia ela não manifestou interesse. Assim, o adulto reconheceu esta atitude como um sinal vermelho, passando à tentativa de *joining* (“juntar-se”), utilizando o jogo das letras. Após algum tempo a fazer exatamente o que ela fazia, veio buscar as peças que o adulto alinhava para juntar às suas. O adulto ofereceu-se para levar as peças com ela, assumindo o seu comportamento como sinal verde, e ela permitiu. Ao colocar o “e” ao lado do “i” invertido, verbalizou: “o Mickey Mouse”, denotando-se que identificou o “i” de forma invertida ao “y”. Assim o facilitador concretizou o que a criança dizia mostrando-lhe uma imagem desse personagem, ela a reconheceu repetindo: “o Mickey Mouse, Mickey Mouse”, “a casa do Mickey Mouse”. Ainda olhando para as vogais e números alinhados verbalizou: “Sou eu”, reproduzindo-o outras duas vezes ao mesmo tempo que rodava sobre si próprio. Depois aproximou-se das vogais e pegando no “u” associou-o ao “Ruca” referindo-o, “Ruca, sou eu”. O adulto começou a comentar

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

esse desenho animado, daí o S. ter voltado a proferir o seu nome e, imitando acrescentou: “gostas do Ruca”.

Continuando a observar as letras, a criança comentou: “o elefante o /e/”, o adulto comemorando a partilha e o tempo em que permanecia em interação, cantarolou a frase dita. A criança dançando entoou de igual forma, “o elefante o /e/ /e/ /e/” e juntos sorriam. Como ela mostrava-se motivada na brincadeira, o adulto cantarolou igualmente para o “a” de avião. No entanto, ela sentou-se parecendo preferir voltar ao alinhar das peças. Nesse jogo, mencionou: “Ruca” olhando para o adulto, acrescentou: “o Ruca” dançando e o outro acompanhou-o. Ao regressar ao jogo disse: “max mato”, e repetiu-o perante as interrogações do outro. Aquando a criança encaixava as vogais no suporte, o adulto fazia alusão à imagem associada. Ao colocar o “a” referiu-se ao avião e a criança repetiu “/a/ de avião”, aquando o “e” ela disse de imediato: “o elefante”.

Continuamente voltou a alinhar as peças ao lado do adulto, que lhas passava. Quando não lhe interessava, ela dizia-lhe: “não quere”. Ao encaixar o “u”, ela identificou-o (“o /u/”) e novamente mencionou: “max mato”. O adulto mantendo a interação questionava-a sobre onde posicionar as peças e ela por vezes não respondia nada, noutras vezes respondia “não quere”, mais precisamente em situações em que ele colocava-as em lugares indesejados. O facilitador agradecia-lhe por lhe comunicar o que desejava e festejavam juntos girando.

Junto ao jogo, o adulto chamou a atenção da criança para os patos e ela evocou: “os patos”. Depois em conjunto começaram a enunciar: “o pato”, “dois”, “dois patos”. A criança levantou-se, andando de um lado para outro no colchão, o adulto prolongando a brincadeira, incentivou-a a repeti-lo na contagem dos patos, mas ela preferiu fazer a contagem simples enunciando: “quatro, cinco”, lançando olhares fugidios para o adulto e para o jogo, do qual aproximou-se. Assim retomou-o, verbalizando: “max mat”.

De novo, assumiu postura de exclusão e o facilitador tornou a “juntar-se”. Quando lançou o olhar aprovador, o adulto aproveitou para lhe mostrar as bolas de sabão. Nesta atividade, a criança manteve-se em interação por um período mais ou menos de 3 minutos. Olhava para o adulto, sorria, apanhava as bolas de sabão, verbalizava: “bola”, “a bola”, “bola, bola”, “é bola”, “a bola” e pedia “outra” quando o adulto fazia pausa na ação, após lhe ter sido solicitado pelo adulto, ao verificar

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

que se encontrava altamente motivada na atividade (primeira vez que o demonstrou verdadeiramente). Ainda tentou soprar para fazer bolas com o auxílio do adulto, mas não conseguiu.

Depois, a criança olhou para uma caixa que estava ao lado do adulto e este, perante o seu interesse, colocou-se dentro dela. Ela estabeleceu contacto visual, revelou jargão e dirigiu-se para junto do armário, apontando para a prateleira do material. Em seguida, voltou a olhar para o adulto, por isso este convidou-a a experimentar a caixa juntamente com o Mickey. A criança nada respondeu oralmente, mas aproximou-se dele. Por isso o adulto colocou-a dentro da caixa e empurrou-a. Ela manifestou um sorriso de satisfação, de modo que ele tentou introduzir nova atividade: colocou numa das paredes do quarto o Pluto, e a criança reproduziu-o, e noutra afixou a Minnie. Nesse momento, ela saiu da caixa. Ele mostrou-lhe mais um cartão com outra personagem, nomeando-a, e ela repetiu-o: “Donald”. Ainda lhe perguntou se queria voltar à caixa, mas ela baixou-se ao nível do jogo e verbalizou “o /a”, concentrando-se neste.

Consequentemente, o adulto desistiu da atividade com as personagens Disney e acompanhou-a no jogo dos números e das vogais. No entanto, a criança entrou em isolamento, de maneira que o adulto procedeu ao *joining*. Ela olhou para ele e disse algo impercetível (“son momon”). Por sua vez, ele respondeu-lhe sem a compreender, referindo-se a algo sobre o jogo. Ela voltou a insistir, dizendo o mesmo, e o adulto mencionou: “as letras”, tendo ela apresentado ecolalia (“letras”).

Passado poucos minutos, a criança retomou a atividade de exclusão, persistindo até ao fim da sessão.

22-02-2016

No *playroom*, o S. foi até ao armário e pediu um jogo, como habitualmente vem fazendo, através de uma palavra. Assim pediu: “números”. O facilitador demonstrou contentamento pelo seu comportamento e deu-lhe, rapidamente, o que solicitou. Por sua vez, a criança colocou o jogo na mesa e voltou a caminhar até à prateleira. Em frente a esta, esticou o braço na direção dos jogos e de novo disse: “números”. O adulto, como não percebeu qual era o jogo a que se referia, mostrou-lhe alguns jogos/objetos que lá estavam. A criança manteve-se atenta, respondendo “não” aos que

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

não lhe interessavam. Quando o adulto lhe apresentou o jogo de encaixe das letras e a questionou: “É este?”, a criança respondeu: “é”, e manifestou alegria. Diante desta reação, o adulto entregou-lhe o jogo e ela levou-o também para a mesa.

Em seguida, começou a dispor as peças alinhadas na horizontal, permitindo que o adulto lhe passasse as peças. No entanto, a criança não se manteve por muito tempo em interação, preferindo realizar a sua tarefa sozinha. Perante isto, o facilitador afastou-se um pouco e começou a fazer o mesmo que ela, a tentar o *joining*. Como ela não se manifestava interessada, o adulto recorreu a um adereço (óculos de sol grandes com brilhantes e lentes claras) para atrair a sua atenção. A criança olhou para ele, mas surtiu o efeito contrário, pois demonstrou desagrado ao ver os óculos, dizendo “não”. O adulto, em respeito para com ela, retirou o acessório e explicou-lhe que o guardaria.

Durante o tempo de exclusão, o S. verbalizou a palavra “Mickey” e o facilitador apresentou-lhe o cartão com o personagem, mas ele manteve-se no “seu mundo”. Dada a situação, o adulto voltou ao *joining*. Entretanto, o S. vocalizou um som (“aminham”); em resposta, o adulto foi à prateleira buscar um objeto (fantoche de um dos personagens do “Jake e os piratas da Terra do Nunca”) para lhe oferecer. Isto com o intuito de possibilitar à criança a percepção de que o que diz provoca uma ação/reação no outro. A criança olhou para o adulto, apresentando jargão.

O adulto, ao verificar esta abertura, utilizou o fantoche do Jake para interagir, mas a criança logo desistiu e voltou ao alinhamento das peças. Passados alguns segundos, olhou-o de novo e pediu o porco (“poco”), apontando para o armário. O adulto respondeu de imediato ao seu pedido, com a peça do jogo com o respetivo animal. Ao ver a peça, a criança pediu-lhe o jogo completo; verbalizou: “os animais” e o adulto deu-lho, festejando o seu pedido.

Em conjunto, a criança e o adulto construíram os puzzles. Durante a interação, o adulto falava-lhe sobre os animais presentes no jogo. Ao verbalizar os seus nomes e identificar aquilo que comiam, a criança repetiu-o espontaneamente (“ovelha”, “ovelhita mee”, “coelho”, “o coelho”, “dá salto”).

Ao avisar a criança que já chegava ao fim da sessão, ela olhou-o nos olhos e exclamou: “Ohh!”, “não”, “não” insistiu, “não quero”, mas o adulto teve que reforçar que tinham de arrumar.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Salientou o contacto ocular, agradecendo e referindo que através deste e da verbalização que conseguia perceber melhor o que ela queria. E desta forma deu-se por terminada mais uma sessão.

23-02-2016

Ao chegar à sala de aula do S., o adulto olhou nos seus olhos e perguntou “vamos?”, ele respondeu de imediato com um sorriso, levantando-se do tapete, “vamos” e deu-lhe a mão orientando-o para o *playroom*.

Nesse espaço, foi espreitar o que havia na prateleira. Demonstrou ter ficado satisfeito com o que tinha avistado, dando saltinhos e risadas. Olhou para o adulto, apontou para os jogos e exclamou: “queres!”. Dando-lhe feedback em seguida, o facilitador explicou-lhe não estar a perceber o seu pedido e solicitou que nomeasse o que queria. Deu-lhe algum espaço de tempo para que respondesse. Como não o fez, o adulto pegou em dois dos jogos da prateleira, e indicou os seus nomes de forma individualizada. Ao verbalizar o nome do segundo (“letras”), todo o seu corpo revelou ser o desejado. Assim, o adulto repetiu o nome do jogo e solicitou que ele o reproduzisse. Passado alguns segundos de latência, o S. proferiu: “letras”. Em resposta, o adulto comemorou (3 Es) e deu-lhe rapidamente o jogo.

Em seguida, a criança colocou-o no chão e começou a retirar as letras (em placa de Eva) de dentro da caixa. Identificou e nomeou: /z/, /e/, /m/, /w/, /j/. Depois tentou juntar algumas letras para formar a palavra “Mickey”. Iniciou juntando o “e” e o “y”, e em interação com o adulto, com a sua ajuda, concluiu-o demonstrando satisfação quando olhava fugazmente para ele.

Esta interação teve uma duração de aproximadamente dois a três minutos, desde o pedido à realização do nome. Partilhou a sua atenção no jogo com o adulto, aceitando que o ajudasse a colocar as letras; olhando para ele algumas vezes, apesar de ser, algumas vezes, de forma fugidia; sorrindo; verbalizando: “Mickey” “Mickey mouse”.

De repente, “desligou-se” do mundo convencional e isolou-se no “seu mundinho”. Continuava a criar palavras com as letras ou simplesmente dispendo-as alinhadas. Apresentou

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

jargão durante a atividade, sempre que isolava um som como se de uma palavra se tratasse, o adulto dava-lhe feedback dando-lhe um objeto que começasse por um som similar.

Assim aconteceu, quando juntou algumas letras do nome do pequeno pirata e verbalizou-o. Inicialmente, o adulto percebeu: “Dake”, mas o S. continuou a repetir o nome: “Jake”, de forma cada vez mais perceptível, até fazer-se compreender. Consequentemente, o adulto com rapidez e adotando os 3E’s deu-lhe a máscara do Jake identificando-o.

Nesse momento, a criança desviou os olhos das letras e olhou para o facilitador que trazia a máscara. Ao colocá-la afixada numa caixa disposta junto a eles, ela observou-a e comentou: “o piata do nunca”. Festejando esta partilha, o adulto foi ao armário buscar outra máscara e colocou-a na cara dançando. Esta sua ação foi seguida pelo olhar atento do S., porém na ocasião em que a colocou no rosto, ele virou-se para outro lado e com o braço em extensão na sua direção abanou a mão num movimento de negação. Por esse motivo, o adulto colocou-a de imediato na caixa transmitindo-o em simultâneo oralmente. Ainda comentou que haviam duas máscaras do Jake, o S. observou-as, sorriu e logo voltou às letras.

O adulto sentou-se a seu lado prolongando a interação, falou-lhe acerca das letras, nomeando-as, declarando palavras iniciados por estas, etc. Por fim, perguntou-lhe a letra que ele queria, o S., em seu turno, apontou para a letra “m” e nomeou-a corretamente. Continuou a alinhar as letras e a falar, todavia numa linguagem intangível ao adulto.

Houve uma situação em que a criança parecia estar a verbalizar algo como: “o rei do oceano”, no entanto o facilitador não o percebeu na altura. De modo que, foi associando a outras palavras que lhe pareciam adequadas à sonoridade que a criança emitia, acompanhando-as com pistas visuais. Mas ela olhava para estas, continuava a repetir a frase sem conta, tentando que o outro a percebesse.

Numa das suas tentativas de descoberta, o adulto verbalizou como percebeu o que o S. pronunciava. Ao ouvi-lo, parou o que estava a fazer, olhou-o e repetiu devagar: “o soliedo... o soliedo” e sorriu. O facilitador devolveu-lhe o sorriso, enquanto que ele voltava à sua organização em redor das letras, fugindo com o olhar. No entanto, a criança parecia não se ter feito entender pois continuou a repetir a palavra. Expressava: “zuli zuli zuliedo”. Todavia, o adulto já a compreendia

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

de forma diferente, “Zuliano”. Ao reproduzi-la como a escutava, o S. voltou a insistir na sua repetição por algumas vezes demonstrando que o que o adulto verbalizava ainda não era o correto. Contudo, só mais tarde, após terminada a sessão, o facilitador com recurso à internet conseguiu identificar o que este queria dizer era: “Rei Juliano” (série de desenhos animados).

Continuaram em interação brincando com as letras, o adulto voltou a pronunciar o nome que havia compreendido e a criança a persistir dizendo: “Rei Zuliano”, por várias vezes (três vezes). Voltaram às letras e reuniram o “m” e “i”, por isso o facilitador fez alusão ao Mickey. O S. logo repostou: “Mickey, Mickey Mouse” fixo nas letras, enquanto que o outro o despertava para a imagem desta personagem exposta na caixa que estava ao seu lado. No entanto, ele manteve-se focado no que estava a fazer, por esse motivo o facilitador não prosseguiu com a imagem do Mickey e ajudou-o no seu foco de interesse, que consistia em terminar a palavra Mickey.

O S. construiu a palavra mãe, mas não a verbalizou. O adulto permaneceu a seu lado ajudando-o com as letras, perguntando-lhe como as queria e quais, e ele permitiu evidenciando alguma linguagem pouco perceptível, assimilando-se, por vezes, a jargão. Porém, identificou o “m” partilhando com o outro levantando a letra e indicou: “assim” de forma clara.

Manteve-se a alinhar letras e a nomeá-las: /R/, /é/, /i/, /z/. O adulto nesta brincadeira também juntava letras formando palavras que fizessem sentido à criança. Assim, formou a palavra – ri – e fez alusão ao slogan publicitário – “a vaca que ri”. Perante isto, ela olhou para a palavra que o adulto estava a mostrar-lhe estrategicamente ao nível dos seus olhos, riu-se e voltou a repetir o slogan. O adulto ofereceu-lhe a imagem da vaca, a criança olhou-o, sorriu verbalizando mais uma vez: “a vaca que ri” e em conjunto reproduziram o som deste animal: “muuu”.

Prosseguiu em atividade falando sobre o que fazia, apesar da sua linguagem oral por vezes ser pouco clara para o facilitador. Não obstante, expressou o “s” e “rei” com boa dicção e articulação. O adulto brincou com as letras criando uns óculos com os “o’s” pondo-os na sua cara, o S. achou engraçado, retirando-os e voltando a colocá-los. Ao rirem, ele olhou para a imagem da vaca e exclamou: “a vaca que ri”, reforçando esta situação de comunicação o facilitador imitou a voz da vaca e ele comentou: “a vaca”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

A criança por momentos manteve-se em atividade de exclusão, tentando formar palavras com as letras do jogo. O adulto fez três tentativas de interação e ela não lhe deu nenhum sinal de disponibilidade para tal, por esse motivo iniciou o *joining*. Ao concluir a palavra que estava a criar – Izzy – partilhou oralmente: “Izzy, os piata do nunca”.

Nesse instante, o adulto dirigiu-se à prateleira, buscando os fantoches desses desenhos animados e festejou a sua partilha com os 3 E’s. A criança repetiu: “os piatas do nunca”. Posto isto, o facilitador mostrou-lhe o Capitão Gancho, dizendo o seu nome, ela olhou-o sorrindo e constatou: “é o Gancho”.

Logo perdeu o interesse pelo fantoche e voltou para o jogo das letras. Colocava uma letra retirava outra, voltava a pôr e nisto o adulto ouvia palavras soltas: “eu” “e Jake e Jake”. Tentou prosseguir a brincadeira, mas o S. entrou em exclusão, daí o facilitador sentou-se à sua frente, ao seu nível, e reiniciou o *joining*.

Pouco tempo passou, e a criança emitiu sinal verde, isto é, olhou para o que o adulto fazia com interesse. Este, ao retribuir-lhe o olhar comentou a sua ação, concomitantemente ela aproximou-se sorrindo para buscar uma letra. Posto isto, o facilitador começou a oferecer-lhe diferentes letras e a nomeá-las. Ao fazê-lo com o “l”, ele repetiu: /l/. O adulto motivou-a a verbalizar: “dá” para que lhe passasse as letras, no entanto não o fez e voltou a concentrar-se apenas no jogo. Mais uma vez, o outro “juntou-se” a ela.

Na sua atividade, a criança nomeou o nome da letra que alinhava, /u/, o adulto fez igual com as que brincava. Ela mostrou ainda não estar disponível para ele, então continuou em *joining*. A criança ao mesmo tempo que brincava começou com jargão, aí o facilitador atribuiu um significado ao som que ela emitia oferecendo-lhe um objeto. Ela aceitou-o, mas voltou à sua atividade de exclusão e o outro ao *joining*.

Passara dois minutos, e a criança mantinha-se no “seu mundo”, o facilitador para se tornar mais atrativo aos seus olhos fez brincadeiras com as letras, colocando-as nos olhos, em cima da cabeça, fingindo que estas falavam, etc. Por fim, colocou uns óculos de sol grandes com purpurinas, a ver se o cativava, mas não resultou. O S. continuava fixo no seu jogo e, de vez em quando, trauteava.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Após mais dois minutos de exclusão, partilhou com o adulto o que estava a fazer, e sem estabelecer contacto ocular disse: “OLX, OLX”. Como ele não percebeu, reproduzindo incorretamente o que a criança exprimia, ela repetia: “OLX, OLXX”, tentando ser mais clara. Isto aconteceu até o adulto compreender, todavia sempre sem olhar para ele.

Compenetrado nas letras, agarrou no “m” maiúsculo e deu-lhe outra forma. Olhando-o nas suas mãos, com os braços em extensão, levou-o pousando-o no armário. O adulto tentava reproduzir o que o S. fazia, visando ver/ sentir o que acontecia segundo a sua perspetiva.

Quebrando o silêncio, regressou para perto das letras que estavam no chão e emitiu: “OLX” por três vezes. Depois disse algo que não foi perceptível, chegou-se próximo do adulto, mostrando interesse numa das suas peças, e este deu-lha. O S. olhou-o com um olhar fugidio, posicionando-se lateralmente e desviando-se dele dando a perceber que era por causa dos óculos de sol. Assim sendo, ele tirou-os comentando.

Com o adulto sem óculos de sol, a criança já o permitiu interferir na sua brincadeira, ajudando-o a formar palavras. Ao fazê-lo vocalizava: “sous buelos”, “eu...impossible”, enquanto que o outro tentava percebê-la. Em seguida, questionou-a se poderia guardar umas peças que não estavam a usar e ela respondeu: “não”. Como parecia-lhe que ela tinha entendido aquela questão como sinal de que estaria a acabar a sessão, explicou-lhe que isso não iria acontecer ainda. Ela voltou a repostar: “não” com tom de choro/ súplica. O adulto perguntou-lhe se queria continuar a brincar e ela respondeu: “sim”, o que foi celebrado com entusiasmo.

Em interação, formaram juntos a sigla – OLX – e depois do adulto referir a palavra criada, a criança verbalizou-a. Ela levantou-se, olhou para a palavra no chão e repetiu-a. Em seguida, baixou-se e comentou algo de forma pouco clara, tendo sido entendida apenas as palavras: “assim” e “amigo”. Levantou-se novamente e olhando para as letras disse: “amigo peço” (amigo preço) saltitando. Regressou ao jogo e ao “isolamento”, apesar das tentativas de prosseguimento da interação por parte do adulto.

O S. novamente verbalizou, tendo dito desta vez: “a ser”, “um click”, durante a sua brincadeira com as letras. O adulto questionou-o se pretendia uma determina letra e ele repostou: “esse” colocando a que queria. Depois emitiu qualquer coisa que soou assim: “quiques”, o adulto

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

imitou-o, mas não obteve nenhum sinal de que estaria disponível para interação. Ainda disse: “o /l/”, ao que o facilitador respondeu com uma ação rápida, entregando-lhe a letra que havia pronunciado, todavia ele não lhe deu atenção.

Passado alguns minutos, a criança tornou a olhar para as letras com que o outro realizava o *joining*, então ele fez um comentário sobre isso a ver se fomentava a interação. Perguntou-lhe se podia ajudar e ela respondeu: “não”, mas ao questionar se queria escolher alguma das letras que ele possuía, ela reagiu tirando-a sem olhá-lo. O facilitador empenhado em estabelecer a interação, brincou com as letras da palavra – Mickey – e cantarolou uma canção alusiva ao personagem, que é um dos seus interesses. Nesse momento a criança virou-se de frente para o adulto, olhou para o que este realizava e sorriu.

Não obstante, reiniciou atividade de exclusão, durante a qual vocalizou: “/é/”. O adulto rapidamente ofereceu-lhe a letra que este evocara, o S. aceitou-a, porém manteve-se indisponível por alguns minutos. No decorrer deste tempo, levantou-se olhou para as letras que organizava no chão, tentava moldá-las e voltava a sentar-se. Ainda verbalizou: “/que/”.

Na altura do término da sessão, o S. novamente demonstrou não o querer, transmitindo-o ao adulto através da linguagem verbal (“não”, “não quero”).

Durante a refeição, o S. colocou a mão do adulto em cima da sua para que o ajudasse a levar a comida à boca.

No momento do sono, aquando o facilitador despedia-se da criança, ela, já deitada na cama, colocou a mão na sua cabeça para fazer com que se deitasse a seu lado de modo a não ir embora e contestava: “não”, “não”.

24-02-2016

Ao chegar à escola, o grupo do S. estava indo para o refeitório (lanche da manhã), mas ao ver o facilitador, deu-lhe a mão e puxou-o na direção do *playroom*. O adulto explicou-lhe que primeiro iriam ao lanche e somente a seguir iriam para esse espaço. Reagiu com um chorinho, insistindo que “não” e ainda tentou mover o adulto fisicamente para lá.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

No refeitório, o adulto sentou-se junto da criança enquanto lanchava. Ela apontou para o urso da bata dele, olhou-o nos olhos e disse: “ursinho”. Mantendo a interação, o adulto apontou para outro ursinho da sua bata, com um coração, e verbalizou: “outro ursinho, um ursinho com um coração”. A criança reproduziu “ursinho coração” e estabeleceu contacto ocular. Por sua vez, o adulto para mantê-lo em interação fez um coração com os dedos e olhou-a através dele. Ela, de novo, olhou para a bata e, de seguida, para o adulto partilhando através do apontar e da fala (“ursinho coração”) o seu interesse. O adulto repetiu a sua ação (gesto do coração) solicitando à criança que olhasse através do coração, e ela o concretizou.

Ao observar este interesse nas batas, o adulto direcionou a atenção do S. para a sua própria, indicando-lhe a imagem do Mickey nomeou a personagem. Em resposta, ele verbalizou: “pluto” e, passado alguns segundos, “casa do Mickey mouse”.

Seguidamente, o adulto tirou algumas notas para um caderno de bolso, a criança ficou interessada nessa ação e olhando para ele comentou: “escrever”, continuando a acompanhá-lo com o olhar. Após algum tempo, a criança agarrou no caderno e disse: “escrever”. O adulto facultou-lho e ele garatujou satisfeito.

Quando acabou o lanche, levantou-se da cadeira, olhou para o adulto, deu-lhe a mão e exclamou: “vamos!”.

No *playroom*, apontou para a prateleira, olhou para o adulto e, com a intenção de obter o que queria desta, verbalizou “queres”, “quer”. O adulto pediu que lhe dissesse o que pretendia, pois não estava a compreendê-lo e, por conseguinte, não o poderia ajudar. O S. deu uma volta e tentou outra vez pedir, disse: “ti”. O facilitador, para reforçar o seu esforço em fazer-se compreender, respondeu-lhe rapidamente entregando-lhe a letra “i” (em placa de eva). Aquando o questionou se seria o “i” o pretendido, sorriu e repostou: “é o /i”.

Já com a letra “i” na mão, o S. voltou a olhar para o adulto e a apontar para os jogos, repetindo o nome da letra. O adulto interpelou-o de novo sobre o que desejava e este repetiu-o (ecolalia). Depois questionou-o e, passado algum tempo, deu-lhe a resposta como modelo. Repetiu esta ação, no entanto não lhe deu a resposta como anteriormente, apenas proporcionou-lhe espaço e tempo para isso. Todavia, a criança não o fez.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Perante isto, o adulto perguntou-lhe se seria outro jogo que queria e logo replicou que não. Depois verbalizou: “o /q/” (em ecolalia) e “o /a/”, e o adulto deu-lhe a letra “q” nomeando-a de modo a dar significado ao que havia proferido. Junta a esta estava a letra: “K”, a criança pegou-a, dirigiu-se à mesa e começou a dizer: “rei Zuliano” (Rei Juliano em inglês King Julien), repetindo-o por várias vezes para se fazer entender. Como não obteve sucesso começou a andar de um lado para outro na sala, manifestando jargão.

Nesse momento, o adulto estava pronto para lhe entregar o “a”, mas a criança apresentou-lhe sinal vermelho, repetindo: “O Rei Zuliano”. De repente volta a olhar para iniciar a interação através do espelho.

O adulto agradeceu-lhe a nova oportunidade de interação e procurando descobrir o que a criança estava a dizer, questionou-a se seria: “rio oceano”. Assim, foi até ao armário buscar a imagem do peixe na água para reforçar a ideia do oceano. Entretanto, a criança dava uma volta à sala já com a letra “a” na mão. Não se demonstrando interessada naquilo que ele estava a fazer.

Contudo, ao mostrar-lhe o cartão com um peixe na água e ao referir que estava no oceano, a criança manteve a sua atenção fixa na imagem; o que não foi impeditivo de mudar rapidamente de interesse. Deste modo, esticando o braço para a caixa das letras pediu: “/a/”, o adulto indicou-lhe que já tinha essa letra na mão. Ainda lhe perguntou se não seriam antes o jogo das letras que pretendia, ao que respondeu: “letras”.

O adulto deu-lhe a caixa das letras e tentou manter a interação, mas a criança não reagiu à sua primeira solicitação. Por isso, fez uma segunda solicitação passando-lhe as letras e identificando-as. Desta vez, o S. já o permitiu, olhava para as letras que ele passava de forma divertida e aceitava-as. O adulto ao passá-las levava-as até à zona dos olhos para que ele estabelecesse contacto ocular naturalmente.

No seguimento da interação, o adulto questionou a criança sobre qual a letra que pretendia, sem olhá-lo respondeu: “/x/”, “OLX”. Depois a sessão foi interrompida por uma pessoa da instituição, no entanto a criança continuou embrenhada nas letras, enquanto o facilitador resolvia a situação. Concomitantemente a criança levantou-se com um “A” e um “W” na mão, olhou para o adulto e, como este não estava a olhar, colocou-se de forma a mostrar-lhe o que trazia e chamou-lhe

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

a atenção verbalizando: “Patrulha Pata” (Paw Patrol em inglês). O facilitador perguntou-lhe se ele queria a patrulha pata e ele deu a volta à sala e acabou por responder: “os cães”.

Assim, o facilitador tirou da prateleira um dos cães desta patrulha, o S. olhou fugazmente para ele e voltou a concentrar-se nas letras. Somente voltou a demonstrar interesse no que o adulto estava a fazer quando colocou o cão colado no exterior de uma caixa, tendo comentado: “os cães”. O adulto identificou-o e o S. repetiu o seu nome (“o Rubble”). Depois imitou o cão reproduzindo o som do seu ladrar juntamente com o adulto (“au au au”). De repente, regressou às letras, onde tinha escrito “Paw” e voltou a mencionar: “patrulha pata”.

Desta forma, o adulto questionou-o se queria a Skye, mas este não reagiu, apenas olhou-o quando se levantou e caminhou em direção ao armário. Aí disse: “Skye”. Mostrou-lhe a imagem desta personagem, mas ele apresentou um olhar desviante, não permanecendo por muito tempo com contacto ocular, retornando às letras. Por fim, acompanhou o adulto até à caixa onde afixou a imagem da cadelinha ao lado do outro cão, nomeando-os mais uma vez (“Skye”, “Rubble”).

Novamente, verbalizou o nome do desenho animado (“patrulha pata”), mas não olhou para o facilitador, este último interpelou-o se queria o Marchal e o S. repetiu: “Marchal”, mas sempre sem olhar. Mesmo assim, o adulto foi buscar à prateleira essa personagem, para a qual a criança olhou fugidamente, demonstrando maior interesse pelas letras.

Posteriormente, a criança verbalizou: “Rubble” enquanto manipulava as letras. Prontamente, o adulto apresentou-lhe os restantes cães da patrulha, nomeando-os e questionou-a sobre qual desejava. Ela, sem olhar, disse em ecolalia: “Chase” e respondeu-lhe: “Zuma” estabelecendo contacto ocular. Este baixou-se ao seu nível com o personagem, ela olhou-o, todavia desviou rapidamente a sua atenção para as letras. O adulto ao alertá-la para onde iria colocar o Zuma, fê-la olhar novamente.

Junto ao adulto no chão, a criança pegava e largava letras à procura das que lhe interessavam, aquando verbalizou: “o que está a aparecer?”. O facilitador reproduziu a questão de igual forma e ela replicou: “o que está para aparecer?”. A isto o outro respondeu que seria o Rocky, outra das personagens dos desenhos animados, e foi de imediato buscá-lo ao armário. Ao vê-lo a criança identificou-o, “é o Rocky”, e repetiu o adulto verbalizando: “Patrulha Pata”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Continuando na sua brincadeira com as letras pareceu não estar seduzido para a interação. Porém o adulto persistiu, efetuando mais algumas tentativas nesse sentido. Assim conseguiu atrair a sua atenção ao colocar duas letras nos olhos. Ao observar que a criança desviou o seu olhar para as imagens das personagens, começou a nomeá-las. O S. apenas reproduziu: “Rocky” e espontaneamente: “Patulha Pata”.

Logo após, o facilitador levantou-se dirigindo-se à prateleira dos jogos e disse-lhe que só faltava o “Chase”, a criança parou o que estava a fazer e olhou-o. Retirou da mesma a imagem e mostrou-lhe, ela identificou-o: “é o Chase”. Visando prolongar o contacto ocular, o adulto colou a imagem na sua testa agindo de forma divertida, o que a cativou. Ela agarrou numa letra, mostrou e partilhou com o adulto o seu nome, “éne”. O adulto comentou as letras que ele alinhava e quando o viu olhar para o Chase colocou-o na caixa pedindo a sua concordância. Contudo, ela focou-se nas letras não lhe dando atenção.

O adulto decidiu oferecer-lhe letras, mas ela não reagiu. De repente verbalizou: “éme” e logo de seguida: “o é.. o élefanti”, mas não estabeleceu contacto visual continuando centrado no seu foco. Nisto levantou-se, olhou para as letras e expressou: “Patulha Pata”, voltou a sentar-se e cantarolou: “I say hey” com o *e* e o *y* na mão. O facilitador respondeu-lhe: “hey” e ela voltou a repetir a frase acrescentando: “tuariuari”. Depois exibindo o *e* ao adulto referiu: “I say /é/”, “o /é/”, daí ter-lhe dado outro “e”, o qual a criança aceitou.

Depois “voltou-se para si próprio” mantendo-se em atividade de exclusão, e por mais que o adulto tentasse o *joining*, o S. não lhe dava espaço para interação. Preferia alinhar as letras sozinho, agrupando-as como se estivesse a escrever palavras. Escolhia-as de um conjunto, depois juntava-as na mão observando-as com atenção e colocava-as no chão.

De vez em quando, nomeava algumas letras (“éne”, “pê”) e o facilitador oferecia-as de imediato. No caso da letra “pê”, apresentou à criança a letra minúscula primeiro, ela não a aceitou evidenciando continuar à procura dessa mesma letra. Por isso, o adulto deu-lhe a maiúscula, a qual recebeu.

Como se estivesse hipnotizada pelas letras, não prestou atenção às intenções do adulto de relação, e escolhia as letras que desejava para construir palavras e mais palavras. Foi então que

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

verbalizou: “música”, a palavra compreendida pelo adulto foi: “asita”. De modo que associou “asita” de “asa” ao “pinto”, e foi buscar a sua imagem ao armário, sendo seguido pelo S. a quem exibiu-a. Como ele não reagiu, o outro guardou-a.

O adulto regressou para junto da criança, e esta verbalizou: “não é esse book pint”. Depois iniciou atividade de exclusão e o facilitador o *joining*. Segundos mais tarde, ela olhava para as palavras construídas pelo adulto, ele entendeu este comportamento como um sinal verde e aproveitou para pedir-lhe para construírem as palavras em conjunto. A criança não respondeu nada oralmente, mas aceitou a sua participação.

O S. agarrou na letra “éfe” e dirigiu-se para a palavra que estava a formar, vocalizando uma linguagem que não foi compreendida pelo adulto (“Alex”, “zupheus”). Terminada a palavra, o adulto leu-a, ele sorriu e repetiu-a: “FOX”. De forma autónoma ia buscar, por entre as letras espalhadas na sala, as que ele precisava. Nisto o facilitador alerta-a para a sua disponibilidade para ajudar a passar-lhe as letras pretendidas.

As várias tentativas do adulto para interagir não foram bem-sucedidas, estando a criança afastada de qualquer sinal verde. Ao arrastar a caixa com as imagens da Patrulha Pata para conseguir posicionar-se em frente à criança, ela ficou atenta ao que estava a acontecer. Mas logo retomou a sua tarefa, permanecendo isolado por alguns minutos, enquanto que o adulto adotava “juntar-se”.

Houve um momento em que o S. se interessou por uma letra que estava a ser utilizada pelo outro e retirou-a. Perante a situação, o outro procurou interação, porém ele não aderiu. O S. olhou-o mais uma vez, e o adulto interpelou-o, todavia não obteve qualquer feedback. Referiu à criança que estava ali disponível para ela caso precisasse.

Ainda em exclusão, o S. trauteou: “han han han”. Em seguida, retirou o “M” ao facilitador para a palavra que iria construir e partilhou-a oralmente com ele, “Mickey”. Assim o adulto foi buscar o peluche do personagem referindo que o levaria a passear. A criança levantou-se e seguiu-o até à estante, ao vê-lo com o peluche virou-se para as letras, ficando de costas para o adulto. Por sua vez, este veio ter com o S. com o boneco e deu-lhe vida fingindo falar por ele.

Durante este período, ela conseguiu permanecer a olhar para o boneco, mas quando o facilitador cantou a canção alusiva, ela virou-se para as letras. Incitando à interação, o adulto

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

produzia a fala do Mickey utilizando entoações diferentes, também fez referência em ir para casa dele, e questionou-a se sabia onde se situava; ao que respondeu-lhe: “a casa do Mickey mouse”. O adulto comemorando a observação fez-lhe cócegas com o peluche e esta riu-se. No entanto, ao terminar esta brincadeira, ela verbalizou: “não quer”. Então o adulto pô-lo na caixa comentando que era a sua casa, a criança disse de novo: “não quer”, mas ficou a observar o adulto a levá-lo a passear na caixa.

Entretanto, a criança retomou as letras, o adulto tentou prolongar a interação cantando a canção e o S. repetiu: “Mickey Mickey”. Daí o facilitador ter o colocado junto dele conversando, mas ele com a mão afastou-o de si. O adulto respeitou-o e retirou o Mickey de onde estava, mencionou que iria para a sua casa juntamente com a patrulha pata. Nesse instante, a criança estabeleceu contacto visual com o boneco. Ao vê-lo sentado nos bordos da caixa, sorriu e continuou atenta ao que aconteceria a estas personagens.

Aproveitando para aumentar a durabilidade da atenção partilhada, o adulto começou a nomear os heróis da Patrulha Pata. Após nomeá-los, a criança reproduziu: “Rocky e Skye”, e identificou o: “Rubble” quando ele apontou para a respetiva imagem da personagem. Festejou este facto com os 3 E’s. Mantendo-se em interação, juntos escreveram: “Paw”.

Seguidamente, a criança pegou na letra “éme” e ficou a observá-la por instantes. Colocou-a no chão e mirou-a sorrindo, o facilitador nomeou-a enquanto que a criança replicava: “Mickey”. Ela afastou-se um pouco do que estava a fazer, mas com o olhar focado nessas letras proferiu: “éme”. Aproximou-se novamente e comentou: “Mickey”, o adulto reforçou repetindo-o e cantarolando. A criança mostrava-se satisfeita com o que havia feito, sorrindo e levantando-se para observá-lo de diferentes perspetivas.

A criança estava tão concentrada no que estava fazendo, que não deu oportunidade ao adulto para interagir. Por conseguinte, aplicou o *joining*. Após um breve momento, o S. levantou-se sorrindo e partilhou a palavra que formou olhando para ela, “zigzag”. O facilitador festejou a sua partilha, e ele repetiu-o, “zigzag”. Observando as letras em jogo, acrescentou: “Mickey”, o adulto continuando a celebração das suas partilhas pegou no peluche do Mickey e brincou com a criança. Esta manteve a atenção partilhada, intercalando o olhar para o adulto, para o peluche e para o seu nome formado no chão.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

No decorrer desta interação, o adulto, de frente para a criança, escondia o Mickey atrás das costas, parecendo que ela “desligava” por segundos da brincadeira. Porém cada vez que tornava a mostrá-lo, ela olhava-o e sorria. Ao desviar o seu olhar para as letras, cruzou-o com a palavra: “Zigzag” nomeando-a. O adulto ao verificar a mudança de foco de interesse, decidiu dar significado ao que esta verbalizava, então começou a andar em: “zig zag” na sala e a verbaliza-lo variando a entoação e o ritmo com que o fazia.

Ao constatar que esta atividade também não lhe era atrativa, pois o S. estava mais focado nas letras (que o adulto tinha organizado no chão e nas dele) do que na própria pessoa, abandonou esta brincadeira e direcionou a sua atenção para o que ele comunicava através da sua postura. Captando o que lhe motivava, convidou-o a formarem palavras juntos e assim foi. O S. ao pegar na letra “o” nomeou-a brincando com a sua entoação, “/ó/”, “óooo”.

Focado, concentrado e absorvido completamente pelas letras, entrou em exclusão cantarolando com jargão. De repente, olhou para o adulto e este questionou-o se poderia guardar as letras com que não estavam a brincar. Mantendo o contacto ocular, o S. respondeu-lhe: “não”, o adulto reforçou que não estavam a usá-las, mas ele persistiu com a sua resposta: “não”, intensificando-a com o uso de gestos com a mão para evidenciar a sua vontade. Consequentemente, o adulto não as guardou respeitando-a, dando-lhe o controlo da situação.

Prosseguindo a interação, o facilitador conversava sobre o que a criança manipulava. Tentou introduzir as bolas de sabão, chamando a sua atenção para as letras do seu recipiente. Todavia, não lhe interessou, e continuou a sua tarefa, alinhar as letras na horizontal. Olhando-as verbalizou: “cinco letas”, o adulto perguntou-lhe se podia ajudar e ela estabeleceu contacto ocular e respondeu: “não”. Por isso, ele “deu um passo atrás” respeitando a sua decisão, realizando o *joining*.

Ao longo da sua atividade, teve um período que vocalizou: “dubado” como quem trauteia uma canção, seguida de: “a mama a mama” o que o adulto repetiu comentando-o. A criança continuou a colocar as letras alinhadas e de repente parou, olhando para o facilitador através do espelho.

O facilitador agradeceu por ela estar a olhar para ele e fez-lhe um elogio aos seus lindos olhos com entusiasmo. A criança levantou-se, deu uma volta na sala e voltou a olhá-lo por

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

intermédio do espelho. Para que ela continuasse neste jogo de olhares, o adulto reagiu de forma calma, pois ela transmitia ser assim que queria esta comemoração.

Depois colocou-se mesmo junto ao espelho. Através deste, viu as letras que estavam expostas na parede do outro lado da sala e fez o mesmo tentando colocar algumas na porta, verbalizando: “assim”. Todavia, elas caíam ao chão, o adulto perguntou-lhe se precisava de ajuda e ela respondeu: “é”. Então incitou-a a pedi-la modelando o pedido. Mas ela não o fez, o adulto mostrou-lhe o bostik para afixar as letras, ela olhou-o com atenção, todavia não o utilizou. Agarrou em algumas letras do chão e disse algo intangível para o adulto, ele entendeu: “é amissinho” juntou outras e acrescentou: “amistinho oussi”.

Tendo sido o “é” a única letra compreendida pelo adulto, ofereceu-lha rapidamente, demonstrando-lhe que a linguagem verbal desencadeia uma ação no outro, ela aceitou-a e partilhou: “é..é os animusics”. O adulto manteve-se junto dela a passar-lhe as letras, quando não as queria verbalizava-o (“não”) ou então afastava com a sua mão. De repente, ela levantou-se olhou ora para as letras e ora para o adulto, partilhando: “é os animusics”.

No momento, o adulto não percebeu o que ela dizia, daí questionou-a. Todavia, ela limitou-se a repetir o mesmo, enquanto andava na sala em círculos. Ao passar pelo adulto olhou-o, este aproveitou o sinal verde e questionou-a se queria o *m*, ela esclareceu: “o émezinho”, aceitando-o e colocando-o junto a outras letras. O adulto manteve-se nesta interação passando-lhe as que a criança pretendia, deixando-a deste modo assumir o controlo da situação. Ao passar-lhe as letras, fazia-o ao nível dos olhos de modo a proporcionar o contacto ocular.

A criança estava a alinhar as letras maiúsculas, por isso somente aceitava-as. O adulto ao chamar a sua atenção para uma maiúscula que havia encontrada, fê-la reparar nas letras que estavam afixadas na parede do outro lado da sala. Estas atraíram-na levando-a até lá. Primeiro tentou afixar outra letra recolhida do chão, depois esticou-se ao máximo para lhes chegar. O facilitador ficou a observá-la, reservando-se ao seu nível e informou-a que se ela necessitasse da sua ajuda, teria apenas de pedir-lhe.

O S. continuou a tentar chegar-lhes sozinho. Entretanto o facilitador perguntou-lhe se ele queria alguma das letras e ele respondeu-lhe: “queres alguma”, então tentou modelar o pedido:

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

“pega”, mas em vez disso ele verbalizava: “queres” olhando para o outro. O facilitador para fazê-lo entender a instrução exemplificou com a ação relacionando-a ao comando.

O adulto perguntou se poderia guardar umas letras que não estavam bem situadas, visto que teriam de passar em cima delas para chegar às expostas na parede, e a criança respondeu: “não”. Perante esta resposta o outro deixou-as onde estavam respeitando a decisão da criança e recomeçou a passar-lhe letras.

A criança entrou em exclusão e o adulto em *joining*. Ao longo da sua atividade isolada ela apresentou jargão. Aquando agarrou na letra *j* pronunciou “/djêi/” e o outro associou-o à personagem Jake. Assim foi ao armário buscar a máscara alusiva e colocou-a na cara. A criança viu-a, identificou-a proferindo: “Jake”, porém deu continuidade ao que estava a fazer. O adulto tentou com a máscara interagir com a criança, e ela pediu-lhe: “o z”, passado um pouco olhou-o nos olhos, e ele agradeceu-lhe.

Com a máscara, o adulto brincou tirando e voltando a coloca-la até que a criança verbalizou: “não” e voltou a repeti-lo reforçando com gestos o seu desagrado com a brincadeira. Então ele perguntou-lhe, mostrando-lhe de forma concreta, se deveria ficar ou tirar a máscara. Ela, com o contacto visual estabelecido desde que começou a evidenciar a sua insatisfação, verbalizou sorrindo com o outro sem máscara, “pirata”.

Voltou a remexer nas letras que se encontravam no chão, desviando o olhar do facilitador, enquanto este fingia ser pirata e colocava-se dentro da caixa que se transformava em barco no seu jogo de faz-de-conta. Durante este momento, o S. comentava: “pirata”, “pirata”, mas sempre concentrado no que fazia.

No “barco”, o adulto atraiu a atenção da criança com a sua fantasia, a qual levantou-se e olhou-o diretamente com um sorriso referindo “o pirata da Terra do Nunca”. O facilitador ainda deu mais ênfase à sua brincadeira transportando a caixa à volta da sala, simulando estar em alto mar. Cativa nesta ação, a criança persistia olhando para o outro, apesar de vez em quando desviar a sua vista para as letras.

Nesta brincadeira o adulto fez referência ao oceano e a criança reproduziu-o: “oceano”, “o oceano”. Manifestava-se bastante interessada no que estava a acontecer, contudo não se aproximava,

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

apenas observava. O adulto convidou-a a navegar com ele, todavia ao se aproximar com a máscara colocada, ela expressou com gestos: “não, não queres” voltando ao jogo das letras.

A máscara caiu ao chão e o adulto apanhou-a dizendo o nome do personagem balançando-se. O S. olhou-o e declarou: “Jake”, o que fez com que o adulto lhe oferecesse outra máscara igual. Ao busca-la ao armário, a criança manifestou jargão, por entre o qual ouviu-se: “Jake o pirata da Terra do Nunca”. No entanto, não quis a máscara refugiando-se nas letras. Por isso, o outro voltou a guardá-la.

O adulto tentou novamente motivá-la para a brincadeira, apenas conseguindo que repetisse: “Jake” e “Terra do Nunca”, não tirando os olhos das letras. Depois a criança partilhou que tinha alinhado o *n*, verbalizando o nome do mesmo e de seguida o do “Jake”. O outro convidou-a a viajar no seu “barco” e ela repetiu-o, “barco”.

Dada a hora, o adulto alertou a criança, estabelecendo contacto ocular, que o fim da sessão estaria a chegar. E, convidou-a novamente a brincar no barco, ela respondeu: “não”. Tentando continuar a interação, brincaram com as letras. O S., verbalizou: “bê” como partilha enquanto alinhava-o, mas logo voltou a exhibir jargão e a apresentar uns breves instantes em exclusão. Olhando para as letras mencionou: “eszpera...é o Didi Pooh”, o adulto mostrou não estar a compreender. Então a criança repetiu-o por mais duas vezes, tentando melhorar a sua articulação e dicção afirmando por fim: “O Winnie The Pooh”.

De volta à interação, o adulto passava letras e o outro alinhava à sua maneira.

Havia chegado ao fim da sessão, o adulto ao avisá-lo à criança, ela não gostou dizendo algumas vezes: “não” (três vezes). Rapidamente autorregulou-se, arrumando o jogo em colaboração com o facilitador, ainda exprimiu: “guarda”. Aquando tudo arrumado apontou para a prateleira olhou para o adulto e pediu: “queres os animais”, ao responder-lhe que não podia, ainda replicou: “quere, quere”.

No fim, rejeitou que acabassem a sessão, pedindo outros jogos utilizando palavras isoladas e estabelecendo contacto visual (“patrulha pata”, “não”).

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

25-02-2016

Ao acordar, o S. “deu de caras” com o facilitador que, com um toque amistoso, o convidou a levantar. Ele sorriu e deixou-se ficar mais um pouco na cama. Depois olhou para o adulto, que lhe fez cócegas, verbalizando-o. Ele reagiu sorrindo. O adulto pausou e repetiu a ação, dizendo “cócegas”. O S. reproduziu-o (ecolalia), mantendo a interação através do contacto visual e de sorrisos cada vez mais intensos.

Ao verificar o maior envolvimento da criança na brincadeira, o adulto parou a ação para que esta, se assim o pretendesse, pedisse para continuar. E foi isso que aconteceu: o S., olhando para o adulto, disse: “cócegas”, ao que ele lhe respondeu com a respetiva ação, aplicando os 3Es.

Entretanto, a criança pediu “sapatos” e o adulto entregou-lhos. Começou a tentar calçar, mas não o conseguiu, apresentando jargão. De modo a resolver a situação, agarrou na mão do adulto e colocou-a no sapato que estava a tentar calçar. Este fez-se de desentendido, dando-lhe tempo/espço para que solicitasse a sua ajuda oralmente. O S. continuou a insistir para ter a sua necessidade atendida através de contacto físico e vocalizando sons (“ênnn”). Diante disto, o adulto solicitou que ele dissesse: “ajuda” e ele fê-lo. Para calçar o outro sapato, o facilitador fez o mesmo e comemorou o facto de a criança ter falado quando solicitada nesta situação.

Ao trocar a camisola suada do dormir, junto aos cabides, partilhou com o adulto algo que lhe despertou interesse. Verbalizou: “gato”, olhou para o adulto e em seguida desviou o olhar para o símbolo com esse animal, apontou e nomeou-o de novo.

Chegando ao *playroom*, caminhou até à frente do armário, olhou para o adulto, apontou para os jogos e afirmou “queres o /a/, queres o /a?”. O adulto repetiu-o, em jeito de confirmação, e a criança ripostou: “é o /a/, é o /a?”, manifestando-se contente, saltitando. Ainda olhando para o adulto, acrescentou: “patrulha pata”, de maneira que este foi buscar ao armário um dedoche de uma das personagens desse desenho animado, nomeadamente a Skye. Através do fantoche/dedoche, o adulto fez cócegas à criança e convidou-a a experimentá-lo durante a brincadeira; todavia, ela não o quis, verbalizando “não”.

Após brincarem mais um pouco (segundos), a criança colocou a Skye na mesa e dirigiu-se, de novo, à frente do armário, onde pediu, apontando: “patrulha pata”. O adulto cedeu-lhe outra

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

personagem, dizendo o seu respetivo nome. Com este também brincaram com entusiasmo, tendo a criança permitido ao adulto, mais uma vez, fazer-lhe cócegas, divertindo-se. Colocou-o também na mesa ao lado do outro dedoeche e repetiu o mesmo comportamento para aceder às restantes personagens da “Patrulha Pata”, reproduzindo o nome delas posteriormente ao adulto (“Zuma”, “Rubble”, “Marchal”, “é o Marchal”, “Chase”, “o Chase”, “Skye, Skye”). Durante a diversão, o adulto dramatizou, através de um dos fantoches, a situação de cumprimento, exclamando: “Olá Skye!”. Com algum tempo de latência, a criança reproduziu espontaneamente esta frase, o adulto respondeu-lhe através do dedoeche e a criança continuou a conversa com jargão. Também cumprimentou o Marchal (“Olá Marchal!”).

Interrompeu o jogo para fazer novo pedido (“o /ó/”) e apontou para a prateleira, reforçou o seu pedido: “queres o /ó/”. O adulto, ao ir buscá-lo, fez cair da prateleira uma forma de plasticina da letra “P”; a criança apanhou-a do chão, olhou-a e mencionou: “não é”, porém quis levá-la para a mesa. Assim, o adulto, enquanto esta manipulava a letra identificando-a (“é o /p/”), falou acerca da mesma, usando para esse fim um fantoche. Fez referência aos desenhos animados e a criança voltou a solicitá-los (“Zuma”, “a patrulha pata queres”). Por isso, o adulto entregou-lhe o único personagem que faltava, o Rocky, e a criança reproduziu o seu nome. Depois, conversando sobre as várias personagens, o S. repetia algumas coisas que o adulto dizia (“falta”, “au au au”, “olá”) e, livremente, chamava a atenção do adulto para alguma personagem em especial, dizendo o respetivo nome comentando-a (“patrulha pata”, “Rocky”, “o Skye”, “lindo, lindo, lindo”, “Marchal”, “dá”, “chapéu”, “Zuma”, “a Skye”). A criança manteve-se em interação mais de três minutos.

Abandonando a interação, a criança foi até ao armário e esticou o braço, requerendo ao adulto, através do olhar e da fala, os elementos da Patrulha Pata (“patrulha pata, eu quero, eu quero”). O adulto deu-lhe cartões com a imagem destes; porém, a criança não os aceitou, demonstrando não ser o pretendido. Perante isto, o adulto questionou-a sobre o que estava a pedir e a criança olhou-o e tentou fazer-se compreender através de sons (“o dido queres”) e apontando. O adulto continuou a incitá-la para que se fizesse compreender, mas através da linguagem oral. Entretanto, ela ficou em silêncio, olhando apenas para os jogos. Então, o facilitador apontou para um deles e perguntou: “os animais?” (a criança não reagiu); apontou para outro e interpelou-a: “as letras?”, e ela replicou: “letras”, “as letras”. Consequentemente, o adulto deu-lhe o que desejava, festejando por ter usado a oralidade, aplicando o vocábulo adequado.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

No chão, começou a juntar letras, deprendendo-se que tentava formar palavras, e exibiu jargão. Colaborante no jogo, o adulto passava-lhe as letras. Concentrada na tarefa, a criança verbalizou: “Patrulha Pata” e o facilitador começou a dar-lhe as letras que formam a palavra pata em inglês “Paw”, isto no seguimento de acontecimentos anteriores (formou essa palavra e identificou-a como patrulha pata). A criança formou novamente essa palavra, colocando cada letra no local correto, independentemente da ordem que lhe eram facultadas as mesmas. Ao concluí-la, olhou para o adulto para partilhar o que tinha feito, significando-o como patrulha pata. O adulto de forma dinâmica comemorou a partilha e ofereceu-lhe os cartões com os vários cães pertencentes a esta patrulha. O adulto ia começar a dizer os seus nomes, mas a criança disse que não (“não quiere”). Diante da sua reação, verbalizou que então iria guardá-los; porém a criança não o quis e o adulto respeitou-a, deixando-os onde estavam. Voltou a virar a sua atenção para as várias personagens, nomeando-as (“patrulha pata”, “Chase”, “Rubble”) , e olhou para o adulto após verbalizar Skye.

De forma a tornar a atividade mais motivadora, o adulto introduziu as bolas de sabão, verbalizando que iria fazê-las para a Skye e lançou-as na sua direção. O S. começou a apanhá-las e ao rebentá-las o adulto emitia: “pluf”, o que foi logo reproduzido também pelo outro. O adulto convidou-o a experimentar fazer bolas de sabão; ele aceitou, mas logo desistiu, voltando ao juntar letras.

O facilitador ainda tentou continuar a interação, mas o S. deu-lhe sinal vermelho, recolhendo-se no seu mundo, construindo palavras só suas e manifestando monólogos com uma linguagem pouco ou mesmo nada perceptível (jargão). Durante o seu jogo de isolamento verbalizou: “Alfin sequilos”, mas o adulto não compreendeu o que ele dizia até observar a palavra que tinha formado (Alvin). Mal viu “Alvin” escrito percebeu que o que ele estava a dizer era: “Alvin e os esquilos”. Então foi procurar nas histórias se havia algum esquilo e a criança seguiu-o com o olhar; contudo não encontrou nenhum. Ao pegar na história do Ruca, a criança demonstrou-se interessada. Perante esse interesse, o adulto abriu o livro junto dela, explorando as ilustrações. Aquando a imagem de pássaros, a criança disse naturalmente: “pássaros”. No entanto, não persistiu nesta atividade, voltando novamente às letras, dizendo: “Alvin”, e olhando para o adulto. Brincaram um pouco com isto. Contudo, voltou a isolar-se e o adulto a tentar juntar-se sem êxito.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

No momento de terminar a sessão, demonstrou ter vontade em prolongá-la. Reagiu, novamente, à informação que teriam de arrumar com uma expressão facial de desagrado e verbalizando o “não”.

29-02-16

No *playroom*, o S., em frente à prateleira, olhava os jogos, saltitando, quando verbalizou, apontando: “os animais”. Ao ser interpelado se pretendia esse jogo, respondeu: “/a/”. Então, o adulto foi buscá-lo à caixa que estava no armário e entregou-lho, baixando-se ao seu nível. A criança aceitou a letra e pediu outra (“/q/”) e o adulto foi procurá-la na caixa.

Enquanto isso, o S. dava uma volta pela sala, apresentando jargão. Durante esse monólogo percebeu-se dizer: “a resposta”. O facilitador, que continuava à procura da letra, comentou que não estava a encontrá-la, fazendo com que a criança se aproximasse com interesse. Olhando para ele, disse novamente: “a resposta”. O adulto brincou com isso e ela deu mais uma volta exibindo jargão. Ao chegar ao pé do adulto, este já tinha a letra desejada, o S. agarrou-a e levou-a para o chão.

O adulto foi buscar mais letras para, se necessário, o *joining*, mas a criança veio ter com ele e estabeleceu contacto visual, manifestando interesse nessas letras. Ele deu-lhas verbalizando: “dá”, mas o S. não o reproduziu. Com as letras que tinha começou a criar uma palavra no chão; posteriormente, levantou-se, olhou para o facilitador e partilhou: “zizag”. Em seguida, baixou-se e envolveu-se no seu jogo isoladamente. O adulto imitou-o a alguma distância com o intuito de respeitar o seu espaço (*joining*). O S., com o olhar, revelou desejar uma das letras que o outro tinha. Por isso, o adulto ofereceu-a através de brincadeiras que provocaram o contacto ocular. Satisfeito, colocou a letra junto às restantes, continuando com jargão.

Focou-se na tarefa, mostrando sinal vermelho; por conseguinte, o adulto tentou juntar-se. Do nada, a criança disse: “Jake” e o adulto, em resposta, trouxe-lhe a máscara do pirata. Brincando, colocou-a na cara, conseguindo que o S. o olhasse nos olhos. No entanto, não demorou muito para abandonar a interação e regressar ao que estava fazendo.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Concentrado na atividade, “fechou-se no seu mundo”, revelando-se indisponível para qualquer interação. Assim o facilitador respeitou-o, continuando em *joining* até a criança lhe dar sinal verde. Esta olhou para o adulto dando-lhe espaço para que se aproximasse. Então ele aproveitou. Aquando da interação o S. disse: “os animais” e o outro foi até ao armário, questionando-o se queria o jogo dos animais. A criança seguiu-o com o olhar, mas rapidamente perdeu o interesse e voltou às letras. O adulto voltou a interrogá-la sobre os animais, manipulando um pato fantoche. Desta forma, conseguiu a atenção da criança que o nomeou: “pato”; conseqüentemente, o fantoche cumprimentou-a. Ela foi até junto do adulto e, retirando-lhe o fantoche da mão, disse “dá-me”. O facilitador perguntou-lhe se queria experimentar, obtendo como resposta: “não quero pato, não quero pato”; assim sendo, guardou este fantoche e apresentou-lhe outro, o sapo. Ela, com o olhar no que o adulto fazia, disse: “uma sapo”, e retirou-lhe o sapo da mão, repetindo a exclamação corretamente após ser retificada pelo adulto: “um sapo!”.

De repente, a criança desinteressou-se e envolveu-se nas letras mais uma vez. O facilitador deixou os fantoches de lado e fez o mesmo do que a criança. Para chamar a atenção sobre si, colocou o fantoche do Jake na cabeça. A criança demorou algum tempo a dar-se conta, mas, quando o viu, tirou-o do cabelo do adulto e colocou-o em cima da mesa. Ele disse-lhe que era o Jake e falou-lhe através do fantoche; o S. ficou muito atento ao que lhe dizia, arregalando os olhos para o pirata.

Depois voltaram os dois juntos para o jogo das letras, tendo a criança permitido ao adulto participar na brincadeira, passando-lhe letras. Ao colocar o “M” invertido, o que lhe sugeriu um “W” de “Paw Patrol”, referiu: “Patrulha Pata”. O adulto questionou-a se queria a Patrulha Pata e ela respondeu “Skye”. Daí o adulto ter ido buscar o fantoche da Skye e ter brincado um pouco com o S. com este, fazendo-lhe cócegas. Ele imitou o adulto a ladrar como a personagem da patrulha pata. Voltou a mostrar sinal vermelho. Passado alguns minutos, verbalizou: “Skye” várias vezes (três vezes) e o adulto disse-lhe que iria buscar os seus amigos. Assim sendo, trouxe do armário outro fantoche dos desenhos animados, o qual a criança logo identificou (“Chase”). Mas a atenção sobre este durou pouco, voltando às letras.

Junto ao armário, esticou o braço e pediu a letra “A”. O adulto dirigiu-se até à criança e colocando-se ao seu nível perguntou-lhe o que queria. Ela começou a tentar “trepá-lo” e este solicitou-lhe que verbalizasse: “ajuda”; após alguns segundos, ela fê-lo. Então o adulto festejou e

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

ajudou-a a chegar à caixa das letras. Levou-as para o chão e embrenhou-se de tal forma na construção de palavras que só as deixou na hora de arrumar.

01-03-2016

Quando o investigador chegou à sala de aula, o grupo estava na hora do conto. Para não interromper sentou-se, tal como as crianças, no tapete. O S., ao vê-lo, sorriu e veio ao seu encontro, colocando-se de joelhos sobre as suas pernas, olhando-o nos olhos. Então pediu: “vamos”. O adulto explicou-lhe que ouviriam o resto da história e em seguida iriam para o *playroom*. Atento ao que lhe dizia, refutou: “não queres”, “/a/”, mas o adulto insistiu que ficassem até ao fim da história. Ainda acrescentou: “cão”; todavia, o facilitador orientou a sua atenção para a história e ele começou a repetir o que o adulto que estava a dinamizá-la dizia (“lua”, “desapareceu”, “cheia”).

Ao findar a história, foram para o quarto preparado para a intervenção. Como habitualmente, dirigiu-se ao armário para pedir o que pretendia, tendo sido a letra “a”, verbalizou “o /a/”. O adulto procurou-a na caixa e deu-lha, mas ele não ficou satisfeito negando-se a aceitá-la. Nomeou outra letra, o “/q/”, tendo o adulto procurado novamente. Ao entregar-lha, o S. demonstrou desagrado e esticou o braço a indicar que ainda não lhe tinha dado o que ambicionava. Deste modo, o adulto começou a nomear os vários jogos, tocando nestes para que o S. lhe mostrasse o que desejava. Ao manifestar grande entusiasmo aquando o facilitador nomeou a caixa das letras, este solicitou que dissesse “letras” e ele fê-lo. Na sequência desse pedido, o adulto entregou-lhe rapidamente a caixa de forma divertida, demonstrando ter ficado contente por a criança o ter concretizado.

No chão, o S. começou a juntar letras, permitindo a participação do adulto. Cada vez que este lhe passava uma letra, fazia-o de maneira que o atraísse a estabelecer contacto visual, mas ele olhava apenas para as letras, sem qualquer expressão facial. Durante o jogo, verbalizou: “Ruca” e o adulto deu-lhe de imediato o livro desta personagem. O S. olhou para o livro, olhou para o adulto e voltou a olhar para o livro sorrindo; por sua vez o adulto apontou para o título e leu. A criança apontou para a imagem de um pássaro e disse: “passarino”. Ao vê-la interessada, virou a página para ler; no entanto, ela abandonou a atividade, regressando às letras.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Com as letras escreveu: “Toy” e “TVI” e verbalizou-o. Depois esteve algum tempo em exclusão, formando as palavras “vez” e “jornal”, e outras que ao adulto não faziam sentido. Durante este tempo, quando apresentava monólogos, utilizou sempre jargão. Durante o uso deste surgiu uma palavra perceptível: “Renato”; então, o adulto foi buscar um livro intitulado “A quinta”, que tinha na capa um menino com uma galinha, a quem batizou de Renato. A criança olhou para o adulto e depois para o livro e comentou: “galina”. Ao abrir o livro, o S. desviou o olhar e absorveu-se nas letras. O adulto pousou o livro na mesa e tentou o *joining*.

Passados alguns minutos, a criança disse: “a quinta”, mas com o olhar fixo nas letras. O adulto apresentou-lhe o livro com esse título, porém ela não olhou. Formou uma nova palavra: “pata” e verbalizou: “Patrulha Pata”. O adulto foi dando-lhe cada fantoche individualmente, questionando-a sobre o seu nome, e ela foi respondendo acertadamente (“Skye”, “Rubble”, “Zuma”, “Rocky” e “Chase”). O S. manteve a atenção partilhada, fazendo um jogo com o adulto em que colocava uma letra junto a cada fantoche indicado pelo adulto.

Voltou a isolar-se até ao fim da sessão. Desta vez já aceitou melhor o facto de terminar a sessão, embora demonstrasse que não o queria.

Na hora do almoço, ao chegar à mesa, olhou para o adulto e em seguida para o segundo prato; apontou e exclamou: “peissino” (significa “peixinho”). Quando o adulto se despediu, a criança olhou-o nos olhos e disse: “não”, “não queres”, agarrando na cara do adulto que estava ao seu nível.

02-03-2016

No refeitório, o adulto questionou o S. se queria fruta - maçã. Ele, em resposta, esticou o braço na direção do prato que a continha. Todavia, o adulto não lha facultou, antes pediu-lhe que a solicitasse, dizendo: “maçã”; e ele fê-lo, olhando-o nos olhos. Quis mais um pedaço de maçã e, com a insistência do adulto, repetiu o pedido.

No *playroom*, o S. esticou o braço em direção aos jogos; olhou para o facilitador e proferiu: “o /a?”. Por sua vez, o facilitador questionou-o de forma a confirmar o pedido. Ele afastou-se do

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

armário e deu uma volta à sala. Ao voltar, olhou novamente para o adulto, distendeu o braço e disse: “piratas terra do nunca”. O adulto perguntou: “o que é que queres” e ele respondeu: “a terra do nunca”. Agradecendo-lhe por ter respondido, o adulto deu-lhe um fantoche dos desenhos animados que ele tinha referido. O S. sorriu e olhou com interesse para o fantoche; depois o adulto mostrou-lhe outro fantoche, o capitão gancho, nomeando-o. Ele olhou-o, disse: “não”, e logo o tirou das mãos do adulto, esticando-se para voltar a guardá-lo, juntamente com o outro fantoche, no armário. Ao ver que não o conseguia fazer, olhou para o adulto e verbalizou: “a guardar”; ele respondeu-lhe que sim e agradeceu-lhe por ter olhado para si e por lhe ter feito o pedido.

A criança fez novo pedido, mas desta vez sem olhar. Afastou-se do armário e deu a volta à sala. Ao regressar junto do adulto e do armário, apontou para a prateleira e emitiu jargão. O adulto replicou não estar a perceber; o S. olhou-o e disse: “o /m/”. Imediatamente, o facilitador ofereceu-lhe essa letra em placa de eva. A criança contente, saltitando, olhou novamente para a prateleira, mencionando “quero” e o adulto reforçava: “tu queres?”. Como resposta disse: “verde”, agarrando no frasco das bolas de sabão que era dessa mesma cor; então o adulto pegou no frasco e questionou-a se queria que fizesse bolas de sabão.

Ignorando-o, a criança fixou-se na prateleira e apontava, solicitando “queres o /a/, queres o /a/”. Enquanto o adulto procurava a letra na caixa, ela ia dando voltas na sala focada na letra “m” que levava na mão. Ao baixar-se ao seu nível para lhe entregar, ela olhou-o nos olhos e agarrou na letra “a”, dirigindo-se para a mesa, onde as colocou. Caminhou de novo para o armário e, em frente ao mesmo, emitindo alguns sons (“aaaa”) apontava para os jogos; todavia, logo desistiu por ter ficado cativada por um suporte com cores de filtro. Desta forma, o adulto ajudou-o a retirar do armário as cores e indicou-lhe uma folha que estava fixada ao seu nível numa parede.

A criança não demonstrou interesse pela folha e começou a alinhar as cores no chão. Seguindo o seu gosto, o adulto ajudou-a a colocá-las em linha, passando-as do suporte. Espontaneamente, verbalizou: “a abelha Maia”. O adulto com o propósito de fomentar a associação do que ela disse a um objeto ou ação, mostrou-lhe as cores preta e amarela, referindo serem as cores da abelha.

Aquando a manipulação das cores, o adulto começou a cantar a canção: “Flores e cores” e o S. protestou: “não”; o adulto tentou novamente e ele “não quer, não quer”. Então, o adulto respeitou-

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

o e parou de cantar. Ele continuou a mexer nas cores e, passados alguns minutos, disse voluntariamente “a abelha Maia”. Assim, o adulto agarrou no preto e no amarelo e, reproduzindo o nome dessas cores, perguntou ao S. se queria que desenhasse a abelha. Ele olhou para o facilitador com interesse no que iria fazer. O adulto começou, então, a desenhá-la num papel, fazendo um círculo; o S., atento, disse: “bolinha”, e o adulto repetiu-o. Aquando desenhava, falou sobre a abelha, fez o seu som e ele reproduziu-o. Através da expressão facial e corporal da criança (sorriso, saltinhos e inclinação da cabeça para ver melhor o desenho) verificou-se que estava altamente motivada. Desse modo, o adulto aproveitou para tornar a atividade mais complexa e convidou-a a desenhar, mas ela preferiu voltar a organizar as cores. Entretanto, o facilitador cantou uma canção alusiva ao desenho animado referido. Ela reagiu verbalizando: “não quer, não quero”; então o adulto experimentou cantar outra canção sobre a abelha, num tom muito baixo; não obstante, ela pediu-lhe novamente para não a cantar (“não quero”).

Durante o manipular das cores, pegou na “azul” e nomeou-a corretamente. O adulto comemorou a partilha, verbalizou: “o azul”, e ela reproduziu-o. Em seguida, convidou a criança a desenhar com a mesma cor e ela aceitou, realizando uma garatuja. O adulto auxiliou fisicamente a criança, com a sua permissão, na pega correta do lápis de cor. E, perante a solicitação do adulto, a criança desenhou uma bola. Imediatamente, comemorou a resposta física da criança à interação e o facto de esta manter o contacto ocular. Seguidamente, o facilitador verbalizou e desenhou um quadrado; a criança atenta ao desenho também disse: “o quadrado”. Depois verbalizou: “triângulo” e o adulto concretizou-o, perguntando se poderia ser em azul, tendo como resposta: “azul”.

De forma divertida começou a desenhar, sendo acompanhado de bem perto (o S. colocou a mão no ombro do adulto) pela criança, a qual estava completamente focada na tarefa. Com a conclusão da forma geométrica, olharam um para o outro e demonstraram satisfação através de sorrisos.

Diante disto, o adulto deu continuidade à atividade, perguntando à criança o que queria que desenhasse e ela respondeu: “o círculo”. Assim fê-lo. Não estando ainda satisfeita pediu: “estrela”. Ele questionou-a se deveria mudar de cor, mas a criança contestou, dizendo “não”. Dessa forma, desenhou a estrela azul; porém, desenhou-a aos poucos, fazendo pausas com o intuito de a criança pedir oralmente para continuar. No entanto, na primeira vez, ela apontou para a estrela para que

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

continuasse, na segunda, verbalizou: “queres”, levando a mão do adulto ao papel, e à terceira disse: “uma estrela”. Apesar de não ter respondido diretamente à solicitação do adulto, manteve-se em interação.

Depois olhou para o círculo apontou e olhou para o adulto dizendo: “círculo”. Saltitaram ambos divertidamente, e o adulto aproveitou para demonstrar a sua gratidão por o S. ter interagido com ele. Por fim, perguntou-lhe se desejava que desenhasse mais alguma coisa, ao que respondeu: “um quadrado”. Posto isto, aproximaram-se do papel, a criança destapou a cor, olhou para o adulto e esticou o braço num gesto como se quisesse que a ajudasse na execução da tarefa. Então o adulto disse que a ajudaria a desenhar o quadrado e esta, com uma expressão de satisfação, permitiu que o adulto, através de contacto físico, orientasse a sua mão. Somente fez um dos lados, deixando que o adulto concluísse os restantes. Ao terminar, o adulto apontou e verbalizou: “o quadrado” e a criança apontou para o desenho da estrela, estabeleceu contacto ocular e disse: “uma estrela”.

O adulto afirmou que iria pintar a estrela de amarelo. O S. interessadíssimo disse: “amarelo estrela”. Afastou-se, mas sempre que o adulto mencionava a estrela ele olhava; disse: “amarela” e juntou-se a ele. Então, o adulto perguntou-lhe se queria pintar, a criança reagiu agarrando na mão do adulto direcionando-a para a imagem a colorir, o que foi entendido como uma resposta negativa.

Posteriormente, começou a fazer rabiscos, entre os quais fez um círculo. O adulto salientou esta figura e o S. olhou-a e disse: “o círculo” e, contente, continuou a rabiscar. Fez um risco e disse: “para cima”, aplicando o conceito corretamente. Depois desenhou mais linhas curvas, referindo ser um círculo.

Retirou as folhas da parede e colocou-as no tapete, continuando a sua garatuja, sendo que o adulto lhe facultava as cores. Embora nomeasse cada cor que ia passando à criança, ela apenas repetiu a cor preta. Posteriormente, disse: “estrela”, olhando para o adulto e este facultou-lhe o amarelo para a desenhar, nomeando também essa cor.

Com a ajuda do adulto, desenhou a estrela e ao ver a cor cinzenta no chão nomeou-a de “grey”; todavia, foi reforçado o nome em português pelo adulto, o qual a criança repetiu. Revelou um momento de jargão e logo garatujou com essa cor. Voltou a olhar para as cores e a partilhar com o adulto oralmente: “cor de laranja”. Diante disto, o adulto sugeriu que desenhassem uma laranja e

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

assim foi. O adulto cedeu-lhe uma imagem real de uma laranja e ela disse: “uma laranja”. Fez uma bola enorme em cor de laranja e verbalizou que era uma laranja; pediu para fazer uma folha e ela deixou. Ao comunicar que iria pintar a folha, a criança disse: “verde”. A criança, ao olhar para o desenho, verbalizou um som parecido à palavra: “lido ido indo”. O adulto reforçou como se estivesse a dizer que estava lindo.

Concentrou-se no que estava a desenhar, apresentando algum jargão, entre o qual surgiam algumas palavras perceptíveis, tais como: “para cima”. A criança olhou na direção do armário e o facilitador interpelou-a sobre se pretendia algum objeto dali; ela respondeu com jargão e questionou “queres?”.

Em seguida, envolveu-se nos seus desenhos e abandonou a interação. Sentou-se um pouco na bola de pilates e regressou ao desenho, verificando-se novamente o jargão. Neste momento, o adulto tentou juntar-se, embora não tivesse tido sucesso.

Novamente, o S. voltou para as letras com comportamento de exclusão, chegando mesmo a retirar ao adulto todas as letras com que este o imitava. Só permitia a intromissão do adulto para lhe passar as letras.

De repente, levantou-se dirigindo-se ao armário e esticou o braço e pediu o “a”. O adulto de forma engraçada deu-lhe o “a” da caixa das letras e ele levou-o para a mesa. Voltou à prateleira e, esticando-se, disse: “queres” e o adulto questionou-o sobre o que ele queria, e ele voltou a dizer: “queres”. Diante disto, o facilitador perguntou sobre os vários jogos e ele respondeu negativamente, até que verbalizou a caixa das letras e ele repetiu-o. O adulto celebrou, entregando-lhe a caixa e ele novamente expressou: “caixa letras”. Depois entregava-lhe cada letra de forma dinâmica, mas ele voltou a isolar-se. Desta feita, o adulto distanciou-se e imitou-o na brincadeira com as letras. A criança, ao olhar para as letras que ele tinha, foi entendida como se estivesse a dar um sinal verde, por isso o adulto tentou interagir; todavia ela não lho autorizou, ignorando-o.

Escreveu com as letras “monopoly” e “jornal”, mas não identificou oralmente. Sempre no “seu mundinho”, verbalizou: “s”, “e” e “o” aquando explorou essas letras. Após algum tempo a tentar o *joining*, o facilitador teve o aval da criança, que possibilitou que lhe desse as suas letras uma a uma para que as alinhasse. Ao passá-las, aquele fazia jogos que a levassem a olhá-lo nos

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

olhos. No entanto, desligou-se novamente da interação, retirando-lhe as peças rapidamente e desviando o olhar.

Só após um longo período de exclusão, o S. espontaneamente disse: “r”. O adulto aproximou-se e mostrou-lhe outro “r” e a criança nomeou-o. O adulto disse-lhe que tinha encontrado o “a” e mostrou-lho e, logo de seguida, perguntou onde estava essa letra, mas ela não lhe respondeu. Voltou a revelar jargão.

Encaminhando-se para o chão com as letras, voluntariamente verbalizou algo parecido com “rio azedo” ou “rio oceano”, sendo ainda impercetível ao facilitador. Ao ouvi-lo repetir varias vezes a expressão, o adulto apresentou-lhe uma imagem de um peixe na água e disse que era o oceano. A criança focou a atenção no adulto e identificou a figura, nomeando: “o peixinho”. O adulto explicou-lhe que o peixe estava na água, olhando a criança nos olhos, e ela fez a observação: “peixe vermelho”. O adulto tentou cantar uma canção; inicialmente tudo corria bem, mas depois de dar palmas disse que não queria que cantasse. Voltou a excluir-se.

No fim, ao avisá-la de que estaria a acabar a sessão, a criança reagiu mais calmamente. Apesar de demonstrar desagrado através de expressão facial, começou de imediato a arrumar.

8-3-2016

O investigador, ao chegar à sala, foi recebido pela criança de forma muito positiva: ela veio na sua direção estabelecendo contacto visual e sorrindo abraçou-o. Permitiu que o adulto lhe desse um beijo, depois olhou-o nos olhos e questionou: “vamos?”. Com efeito, foram para o *playroom*. A primeira coisa que a criança viu nesse espaço, foram as cores de filtro e disse espontaneamente: “cores” olhando para o adulto. Logo começou a alinhá-las com a sua ajuda. Ao demonstrar-se desinteressada em interagir com o adulto, este tentou o *joining*; porém, o S. retirou-lhe as cores que tinha para juntar às restantes sem dar qualquer pista de estar disponível para ele.

Depois o adulto ofereceu à criança uma folha de papel e ela reagiu com alegria, dando saltinhos e gargalhadas. Daí iniciou a interação, olhando para o adulto e verbalizando: “estrela”. Este celebrou o facto de a criança lhe ter pedido que desenhasse a estrela e, ao verificar a sua motivação, desenhou-a, fazendo duas pausas na ação, durante as quais solicitou à criança que verbalizasse: “continua” e ela fê-lo. Em seguida, pediu também para que desenhasse um círculo,

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

depois um triângulo e um quadrado. Quando pedia para continuar, antes de o verbalizar levava a mão do adulto ao papel. Todavia, como o adulto não continuava a ação, a criança utilizou a linguagem verbal para ter satisfeito o seu desejo.

Continuando a atividade, ela também quis desenhar na folha, fez um risco e disse: “para cima”, o adulto fez outro no sentido inverso e verbalizou: “para baixo” e o S. repetiu-o. Após estarem algum tempo divertidos a desenhar as figuras geométricas e garatujas, a criança dirigiu-se até ao armário e pediu a letra “a”. O adulto entregou-lha.

A criança, espontaneamente, referiu o Rubble, então o facilitador questionou-a sobre onde estaria esse personagem e ela replicou: “onde tá Rubble?”, “A Paw”. Ele ofereceu-lhe o fantoche desse personagem e sugeriu-lhe que o experimentasse, ela aceitou-o. Ao verificar os restantes fantoches das personagens desses desenhos animados, ela mencionou a Skye. No entanto, ao redirecionar a sua atenção para o fantoche que manuseava, identificou-o como Nancy.

Perante a situação, o adulto procurou no armário algo que pudesse associar a esse nome. Como não encontrou nada, explicou ao S., que o acompanhava com olhar interessado, que em vez de uma Nancy tinha uma Alice na história. Desse modo introduziu a história: “A de Alice”. A criança ainda disse: “queres” olhando para o outro e apontando para a estante, todavia rendeu-se à história.

Assim o adulto começou a contá-la, primeiramente fez a leitura da imagem da capa, depois passou verdadeiramente à leitura do conteúdo da mesma. A criança mantinha-se atenta, olhava para a história e olhava para o adulto que ao mesmo tempo que seguia a escrita também explorava a ilustração. Numa das imagens havia um burro e o S. identificou-o nomeando-o. Esse burro ia viajar de balão, daí o facilitador solicitar que ela se despedisse do animal, mas ela apenas verbalizava: “o burro”.

A criança apontou, mais uma vez, para a prateleira e, olhando para o adulto verbalizou: “queres”. No entanto, o adulto de forma divertida fê-la interessar-se de novo pela história. Passado um pouco, pediu concretamente: “quere o /à?”. O outro tentou modelar a frase: “não quero”, para que o dissesse em relação ao livro, porém ao invés disso agarrou no livro e guardou-o no armário.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

A partir desse momento, o adulto tentou perceber o que a criança queria, mostrando-lhe os objetos acompanhando-os pela sua designação. Ela repetiu estendendo os braços como quem quer alcançar, “quere”. Ao mostrar-lhe a caixa das imagens de frutas, ela olhou-o e partilhou: “hmmm”.

Abriam a caixa e o adulto fingiu que comia as frutas, enquanto que a criança iniciou a organização das mesmas no chão. Ele baixou-se ao seu nível, de frente para ela; por sua vez, ela olhou-o e desviou o olhar para o cartão da pêra, comentando: “pêra...patrulha pata”, “patrulha pata”. O adulto questionou-a sobre o que queria dizer, enquanto que ela continuou a insistir: “patrulha pata, patrulha pata”; até que o outro mostrou-lhe ter percebido a associação entre a inicial da palavra *pêra* e da *patrulha pata*. Por isto, o adulto apresentou-lhe imagens das personagens dos desenhos animados referidos e ele persistiu com o contacto visual acompanhando-o enquanto os expunha numa parede, nomeando-os de forma clara e divertida. Colocou-os de forma a que ela não lhes chegasse.

Entretanto, a criança regressou aos cartões com alimentos expondo-os no chão, o adulto voltou a se colocar na mesma posição, tentando continuar em interação, todavia não foi correspondido. De modo que iniciou o *joining*. Na sua atividade de exclusão, alinhou os cartões na horizontal, depois levantou-se olhando para estes e saltitou. Ao parar olhou-os novamente, apontou para um dos cartões exclamando: “morango”, e redirecionou o olhar para o outro, que agradeceu a partilha com 3E’s.

Tentando manter a interação dinâmica e animada, o adulto fingiu que estava a comer o morango, emitindo de forma exagerada o som do mastigar e a expressão facial. Essa brincadeira provocou riso à criança, ela olhou para o adulto e logo apontou para outro alimento identificando-o: “brócolos”. O facilitador ofereceu-lhe a mesma ação e ela continuou a rir mantendo o contacto ocular.

Em seguida, o adulto perguntou à criança qual seria o alimento que comeria dessa vez, ela pegou num dos cartões colocou-o noutra local. Levantou-se olhou para o adulto e depois para o cartão, apontou e verbalizou: “árvores”. O outro, à sua altura e frente a frente, agarrou no cartão mostrando-lhe ao nível da boca e modelou o nome correto; ela reagiu reproduzindo: “são couves” com contacto ocular. Mais uma vez, proporcionou-lhe a ação divertida e ela saltitou sorrindo. O adulto também recorreu a uma vaca peluche fazendo um pouco de jogo simbólico.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

A criança, de pé, observou os cartões dos alimentos no chão e depois as imagens das personagens do Patrulha Pata que estavam expostas na parede; olhou para o adulto sorrindo e voltando o olhar para o seu interesse, apontou-o visando partilhá-lo e nomeou-o: “Rocky”. O adulto através de dramatização usou o peluche para cumprimentar a personagem o que cativou a atenção da criança. Assim, utilizou-o também para estreitar a relação fazendo-lhe cócegas. No entanto, o S. não gostou pois deixou de interagir, fixando-se numa letra que tinha na mão.

Como a criança isolou-se, o facilitador fez o *joining*. Passado uns segundos, a criança estabeleceu contacto ocular esticou o braço apontando para a prateleira e disse: “quere”. O adulto dirigiu-se a ela colocando-se ao seu nível e dispor, ela voltou a apontar e a repetir: “quere”. O outro mostrando-lhe os diferentes jogos perguntava-lhe qual seria, ela não respondia verbalmente nada, somente comunicava através da sua expressão facial. Por isso, através do seu sorriso o outro percebeu que ela desejava a caixa das letras, tentando modelar a palavra *letras* para fazer o pedido.

Nesse sentido, o facilitador disse a palavra lentamente de forma clara, cantada, com diferentes entoações, etc. Mas ela não a verbalizou, então o adulto continuou a se fingir desentendido, oferecendo-lhe outros jogos. Ela esticava o braço apontando e dizia: “quere”. Não obstante, ainda brincaram um pouco com bolas de sabão.

Logo retomou a sua solicitação, “quere”, e o adulto assumiu o seu papel de confuso. Ela foi até junto dele, agarrou-o pelos ombros tentando levantá-lo para aceder ao seu pedido. O facilitador continuou a incentivá-la a dizer o que queria, ela agarrou na letra *a*, olhou-a e disse: “quere”. Depois apontou para a prateleira, olhou para o adulto e reproduziu o mesmo que ele, “o que queres”.

Perante esse acontecimento, o adulto questionou-a se desejava as *letras* e ela respondeu “não, não, não”, apesar de persistir apontando para elas. Tentou moldá-la e ela finalmente correspondeu dizendo: “letras”. O facilitador festejou com os 3E’s e ela repetiu: “letras”, então muito rapidamente deu-lhas. Ele também lhe explicou que o facto de ela ter verbalizado, tinha o ajudado a perceber o que era pretendido.

No chão, o S. retirou as letras de esponja de dentro da caixa e comentou: “a mãe e o pai”, ao mesmo tempo que escrevia a palavra *pai*. Juntos construíram a palavra *mãe*, tendo o adulto feito a

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

sua leitura. Para eliminar estímulos que pudessem distraí-lo, perguntou ao S. se poderia guardar a vaca e o jogo dos alimentos, ele consentiu com o olhar, persistindo enquanto o fazia.

As letras captaram toda a sua atenção, por isso o adulto recorreu ao *joining*. Esteve neste processo até que a criança lhe mostrou alguma disponibilidade para interação. Assim ele começou a nomear as letras que ela organizava, e ao falar no “x”, ela olhou-o afirmando: “peixinho”. Reforçando a linguagem oral, começou a escrever a palavra “peixe”, modelando-a e ela imitou: “peixe”, articulando-a de forma cada vez melhor.

Ela permaneceu envolvida na interação, verbalizando: “peixinho”, enquanto que o adulto procurava as letras para escrevê-lo. Ele cantou-lhe a canção: “peixinho vermelho”, e ela mais uma vez repetiu: “peixinho”. Entretanto, começou a alinhar as letras de outra forma, levantava-se olhava para elas depois para o adulto e voltava a ordená-las. Criando alguma animação, começou a colocar as letras nos olhos, no nariz e a criança sorria alcançando-as.

De repente desligou-se por uns segundos, mas logo verbalizou, olhando para as letras que levava de um lado da sala para outro, “cheguei”. O adulto tentou alargar a interação, mas ela não deu espaço. Desse modo, passou ao *joining*.

Pouco tempo depois, o facilitador alertou a criança que era hora de começar a arrumar, e cantou uma canção alusiva a isso. Ela cooperou e arrumaram o espaço juntos. Ao terminar a canção, a criança tomou a vez e cantarolou: “arruma, arruma”. Em seguida acrescentou: “vamos” e o adulto explicou-lhe que iriam almoçar após ajeitarem o espaço, ela disse: “quere descansa”.

O adulto durante as arrumações pediu à criança que fosse buscar o cartão da maçã que estava no chão; ela, como estava a guardar outros na sua respetiva caixa solicitou: “espera”. Então ele respeitou-a, dando-lhe tempo. Posteriormente, deu-lhe outro cartão para colocar na mesma e ela estabeleceu contacto visual, mantendo-o enquanto que ele lhe explicava onde estava o da maçã, sendo capaz de seguir a instrução.

Ainda faltava guardar as imagens das personagens da patrulha pata que estavam expostas na parede, o adulto questionou-a sobre qual queria guardar primeiro. Todavia ela virou-se para o armário apontando, olhou para ele e pediu: “os animais”. O adulto retomou a questão, e ela voltou a insistir: “quero os animais”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

O adulto explicou-lhe que era o momento de arrumar, ela persistindo com o contacto visual, frente a frente com o outro, apontou e verbalizou: “os animais”. Contudo, acabou por ceder, e continuou a arrumar com o adulto. Para chegar às personagens expostas o outro tinha de lhe pegar ao colo. Então, ele incentivou-o a pedir *pega*, primeiro a criança verbalizou: “quere”, depois disse: “vamos” e por fim expressou: “pega”. Foi celebrado com os 3E’s dando-lhe de imediata a ação pretendida.

Com todas as personagens na mão nomeou: “Skey”, “Rubble”, acrescentando: “vamos guardar”. E assim foi terminada a sessão.

09-03-2016

Ao entrarem no *playroom*, a criança afastou a bola de pilates da frente do armário dos jogos e olhou para o adulto. Depois reproduziu o som da vaca: “muuu” alertando o outro através do olhar a respeito do objeto que queria partilhar (atenção compartilhada). O adulto reagiu imitando-o e identificou o respetivo animal de peluche a que a criança se referia. Ela ainda acrescentou mirando-a, “é a vaca”.

Dado o seu interesse, o adulto pegou na vaca e fez brincadeiras dinâmicas com ela na bola de pilates procurando motivar a criança para a interação. Ela olhou com sorriso para a ação do adulto, todavia não ficou atraída e dirigiu-se ao armário com foco na prateleira dos jogos solicitando: “queres”.

O outro perguntou-lhe se queria a imagem da vaca que estava no armário e o S. respondeu: “o /à/” apontando, mas logo a seguir verbalizou: “a vaca”. Então o adulto, colocou-se ao seu nível e interpelou-o sobre qual dos objetos que queria. Ele “trepou” para o seu colo, para ficar fisicamente à altura da prateleira, olhando nessa direção. De modo a criar uma situação em que a criança sentisse necessidade de expressar-se verbalmente, o adulto fingiu não estar a entendê-lo. Ofereceu-lhe cócegas, passeou-o na sala, referindo estar a tentar perceber o que ele desejava. O S. voltou a apontar para os jogos e olhando para o outro referiu: “queres”.

Novamente, o adulto perguntou-lhe qual a sua vontade. O S. pegando-o pela mão comunicou-lhe para se levantar, este lentamente (com o intuito de que a criança sentisse que a ação do adulto é mais demorada quando não há linguagem oral) fê-lo associando-o ao verbo – levanta.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Com os braços em extensão sugeria que o pegasse ao colo, mas ao ver que o facilitador se sentara na bola de pilates, para que fizesse o que desejava replicou: “não, não” olhando para ele ao mesmo tempo que se dirigia para o armário.

Retomando a questão inicial, a criança respondeu: “o hipopótamo”. O adulto iniciou a sua procura na prateleira, sendo interrompido pela criança que gritava: “não, não, quero o /à/”. Então, enquanto ele procurava a letra pedida na caixa do jogo, o S. andava em círculos. Ao entrega-la, fê-lo de forma animada cativando o seu olhar, no entanto não se revelou totalmente satisfeito esticando os braços na direção da prateleira solicitando: “quere...patrolha pata”.

Assim, o facilitador avançou para a prateleira e a criança reagiu com satisfação dando uma volta à sala sorrindo. Ele ofereceu-lhe de imediato os dedoches alusivos às personagens desses desenhos animados, fazendo-a olhar e caminhar até junto de si. Ao seu nível, questionou-a sobre qual desejava, por conseguinte respondeu: “Chase”. Ele agradeceu-lhe o facto de ter verbalizado o pedido, e rapidamente, com a criança debruçada sobre si seguindo a sua ação, procurou a personagem de entre os vários dedoches. Como não a encontrou foi ao armário buscá-la.

Ao seu nível, o facilitador mostrou-lhe o dedoches e a criança olhando para ele exclamou: “ehh! O Chase!”. Depois dramatizou cumprimentando-a, ela retribuiu com um “olá” e persistindo com o contacto visual.

Seguidamente dirigiu-se ao armário, repetindo por entre o jargão – “O Chase”, concomitantemente focada colocava a letra “a”, que tinha consigo, na vertical na prateleira. O adulto preparava-se para o *joining* quando a criança se virou para si dizendo numa linguagem quase impercetível: “Chase ati dia”, apontando para os jogos. O outro focalizou a sua atenção nela e ela logo fugiu com o olhar apresentando jargão.

A criança, por segundos, isolou-se na sua brincadeira, por isso o adulto iniciou o *joining*. Mantinha o jargão enquanto rodava uma letra, vendo-a de várias perspetivas.

Após correr de um lado para o outro da sala situando-se em frente ao armário, olhou para o adulto, com o braço em extensão apontando para a prateleira e pediu, o que pareceu: “/à/ piqueno”. Disse-o num tom baixo, o adulto não conseguiu compreendê-lo no momento, por isso aproximou-se e solicitou que repetisse usando o mesmo tom que ela. Ela respondeu: “o /à/” sorrindo. Durante

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

esta situação de interação, a criança manteve o contacto ocular, desviando apenas uma vez e voltando de imediato a olhar para o outro. Esta foi celebrada calmamente.

A criança subiu para o colo do adulto, este começou a brincar com ela de forma divertida elevando-a, em simultâneo tentava modelar a palavra: “pega”. No entanto, ela quis acabar com a brincadeira dizendo: “não quere”, e o outro respeitou-a e coloca-a no chão.

Apontando novamente para os jogos o S. verbalizou: “queres”, o adulto questionou-o sobre o que queria dali e este repetiu: “dali” aproximando-se de si. Ele referiu-se à letra que o S. tinha na mão, e este entregou-a, regressando para junto do armário. O outro mais uma vez tentou saber o que a criança pretendia e ela repetiu-o: “queres... o que queres”.

O adulto mostrou-lhe o dedochê do Rubble e a criança contrariou-o nomeando-o de: “Nancy”, repetindo-o por cada vez que o outro chamava-o de Rubble (seis vezes). Mais uma vez indicou com o dedo e usando a palavra: “queres” que visava obter algo da prateleira. O facilitador pegou noutro fantoche, e ela evidenciou logo que não era isso que pretendia, comunicando oralmente: “queres o /à”.

Perante este pedido, o adulto foi rápido na resposta, a criança aceitou-o e sorriu manifestando satisfação. Porém voltou a solicitar: “queres” olhando para o adulto, “trepou-o” como se de uma escada se tratasse para alcançar a prateleira dos jogos. Voltou a mencionar: “quere” ao verificar que mesmo no colo não o conseguia.

Assim, o adulto começou a apontar e a nomear os jogos presentes na estante, e cada vez que indicava um que ela não pretendia, demonstrava-o através de linguagem oral. De modo que verbalizou: “queres”, “não”, “queres”, “queres”, “não, não quer”, “queres”, “quero”. O adulto ao verificar, pela sua entoação, que a criança já estava a ficar zangada com a situação, identificou o jogo desejado – as letras – obtendo um esboço de sorriso. Desviou o seu olhar para as letras que já possuía e foi para a mesa colocá-las.

Na mesa, iniciou uma atividade de exclusão, alinhando os marcadores na horizontal. O adulto aplicou o *joining*. Após alguns segundos, a criança verbalizou algo que o adulto não percebeu. Considerando-o um sinal verde para a interação, o adulto tentou iniciar, todavia a criança deixou

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

explícito que não estava disponível dizendo: “não”. De repente a criança levanta-se da cadeira e roda sobre si mesma gritando: “pêeeeeeeeeee”, voltando a sentar-se, vocaliza: “êêê”, “éme”.

Passado um pouco declara: “queres um tiângulo”, o adulto repete-o sugerindo que o pode desenhar, e como tal, fá-lo com a sua aceitação. Em seguida, pediu: “uma estela” e o adulto concretizou-a, fez uma pausa antes de concluir e a criança que o observava proferiu: “não quer”. Ele prosseguiu tentando moldar a palavra: “continua”. Ao fazer pausa novamente a criança proferiu: “queres”, mas à terceira pausa a criança declarou: “continua”, e o adulto festejou com os 3E’s. A criança acompanhava os desenhos do outro com olhar atento, vocalizou: “ohhh”.

O facilitador ao parar a sua ação, a criança pegou na sua mão para que continuasse, depois decidiu ser ela a fazê-lo e terminaram de desenhar a estrela juntos. Ainda pediu: “o círculo”. O outro perguntou-lhe se queria pequeno, ela reproduziu: “pequeno”. Depois foi dar uma volta em círculo e regressou à mesa à sua tarefa anterior, aos desenhos. O adulto realizou duas tentativas de interação ao ver que não recebia feedback positivo, retomou o *joining*.

Concentrada na sua brincadeira, disse: “o /à/”, o adulto de imediato apresentou-lhe a respetiva letra, mas a criança não tirou o seu olhar do que estava a fazer. Então o facilitar questionou-o se não queria mesmo essa letra, ela respondeu: “não”, “não é”.

Em atividade na mesa, pediu: “um triângulo...um círculo”. De modo a responder a esse pedido o adulto relatou que iria desenhar um triângulo, mas a criança manifestou que não o queria reforçando a sua intenção: “um círculo”. Ela quis também uma estrela e verbalizou-o. Após o facilitador desenhar estas três formas, questionou-a sobre o que deveria desenhar a seguir e ela respondeu: “um triângulo”. Fez-lhe novamente a mesma pergunta ao que ela retorquiu: “um coração”. Conversou sobre este enquanto desenhava, ao concluí-lo esperou por nova orientação, ela sugeriu: “um quadrado”.

Posteriormente dirigiu-se ao armário e apontando para os jogos proferiu: “queres” e ao aproximar-se o adulto acrescentou: “queres o /á/”. Cantarolando o adulto procurou o *a* na caixa das letras, sob o olhar atento da criança, ora no adulto ora nas letras que segurava. Ao mostrar-lha a criança olhou sorrindo, porém afastou-se manifestando jargão (“aliásidess”, “deisse”). Ao ouvir este último som, o adulto tentou associá-lo à palavra: “dá”, dando-lhe uma das letras que possuía.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

A criança disse: “assim, assim...Skye”, levantou-se, pois estava a construir com os marcadores palavras no chão, olhou para o adulto à espera de uma reação e deslocou-se até ao armário. Este mostrou-lhe o dedochinho alusivo a esta personagem que estava em cima da mesa, todavia a sua reação revelou não ser este o objeto pretendido. Então voltou para junto da mesa, olhou para a caixa a qual nomeou após ao adulto.

Ele foi para dentro da caixa a ver se o cativava para outra brincadeira/ atividade, no entanto não teve sucesso. Como a criança concentrou-se num momento só seu, o facilitador realizou *joining*. Vocalizou como se cantarolasse: “Take is...take is”. Após um breve momento, olhou para a ação do outro e ele ofereceu o que estava a manipular. A criança aceitou.

Encarou esta abertura como sinal de disponibilidade para relacionar-se, e indagou sobre o que queria que ele desenhasse. Com um período de latência replicou: “um coração”. Ao estar a pintá-lo a criança retirou-lhe os marcadores o que entendeu como um bloqueio à interação. Por isso retomou o *joining*.

A criança tentava construir letras com os marcadores, partilhando verbalmente as suas tentativas e concretizações, “/é/”. O facilitador procurou estabelecer interação, mas o S. não aceitou. Aproximava-se do outro apenas para tirar-lhe os marcadores que precisava.

Como o adulto apenas tinha as imagens das personagens da patrulha pata que dessem para imitar a brincadeira do outro, fê-lo. Ao observá-lo, a criança fixou-se nas mesmas identificando o Rubble. Também quis alinhá-los. Assim, o adulto passava-lhe a imagem e ele colocava onde quisesse. Olhando para estas começou a brincar com a entoação dizendo: “bola, bola, booolá...”, o outro foi procurar uma bola para dar significado à palavra e a criança ficou atenta ao que se passava.

O adulto passou-lhe a bola, ela recebeu-a sem grande entusiasmo, verbalizou algo que não foi entendido e logo desviou o seu olhar para outros objetos que a interessaram. Retomou o *joining*, uma vez que a criança não estava disposta a relacionar-se socialmente. Depois de passar um pouco, permitiu que o outro lhe passasse os marcadores.

Da mesa, transportou os marcadores para o chão trauteando algo como: “apiceque o que o que eh eh i”. Prosseguiu isolado no seu jogo. Saltitando olhou para o que tinha feito e disse: “Ruca”. Por isso o adulto foi à estante buscar um livro alusivo ao Ruca, para o qual o S. estabeleceu contacto

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

visual. Observando a capa do livro comentou: “passainho a come”, o adulto repostou e ele tentou dizer mais claramente: “a comer”.

Ele sentou-se ao colo, muito observador, e o adulto contou-lhe a história chamando-lhe a atenção para certos pormenores das imagens. O S. esteve atento, quando já tinha observado tudo o que pretendia numa página, tentava virá-la. Identificou: “os pássaros” com boa articulação do /r/. Na exploração da imagem de uma das páginas o adulto contou os pássaros e a criança também o fez. Ele começou indicando o “um” e a criança continuou: “doisse, tês, quato” e em seguida: “os passainhos”. O S. quis fechar a história, mas logo abriu indicando: “o passainho”, partilhou serem iguais. Após ler mais um pouco, ele emitiu: “é é”, o facilitador solicitou a sua permissão para mudar a folha obtendo como resposta: “muda”. Manteve-se atento durante o conto da história, permitindo que o adulto a lesse quase até ao fim. Identificou nomeando: “os passainhos”.

No momento em que a criança solicitou que fechasse a história, o facilitador chamou a sua atenção para as letras do título e leu-as seguindo-as com o dedo. O S. repetiu: “Ruca” e “os pássaros”.

De regresso aos marcadores evidenciou jargão: “ali dali tset zelet”, o adulto foi buscar qualquer coisa à prateleira para dar significado aos sons que a criança havia vocalizado, mas, entretanto, ela foi ter com ele pedindo: “quere”, “trepando-o”. Como não completou o seu pedido verbal, o adulto fez-se de desentendido e comentou que deveria ser um abraço a sua vontade.

Em seguida olhou para o adulto e verbalizou de novo: “quere” e um pouco depois: “um passainho”. O adulto prontamente mostrou-lhe os passarinhos do livro do Ruca, ela olhou para o livro e voltou a apontar para os jogos solicitando: “queres o /á?”. Ele entregou-lhe a letra, ela recebeu-a com expressão facial de felicidade e colocou-a junto às restantes.

Regressou ao ponto de partida, esticou o braço para apontar e pediu: “queres”. O adulto como ela não estava a ser específica no seu pedido, foi lento para chegar ao objeto que ela desejava. A cada brinquedo que rejeitava, a criança replicava: “queres”, “queres”. Quando o adulto lhe indicou o jogo das letras, a sua expressão mudou ficando radiante, mas ao ser incitada a repetir a palavra - *letras*, ela desistiu e pediu o passarinho (“passainho”). Assim, ele voltou a oferecer-lhe a mesma história, mas ela gesticulou em jeito de protesto.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

No chão, manipulava os marcadores alinhando-os ou dispendo-os de modo a criar letras, levantava-se olhava para o que estava a fazer e apresentava jargão. Depois verbalizou: “oh passainhos, passinhos”, “os passainhos”, em resposta o adulto reagiu procurando na prateleira pássaros. Enquanto isso, a criança permanecia concentrada no que criava, variando a sua posição e ganhando diferentes ângulos de visão sobre o mesmo, ou seja, ora estava sentada, ora estava de pé e ora saltitava.

Momentaneamente, a criança olhou para o facilitador, este por sua vez mostrou-lhe o livro de histórias onde buscava pássaros para ela, mas não os encontrou. Referiu que apenas os encontrava na história do “Ruca”.

Ao voltar para junto da criança verificou que estava em isolamento, aplicando o *joining*. De frente para ela, imitava-a e tentava entendê-la. Escutando-a com atenção, pôde ouvi-la a vocalizar “/pê/ /pê/ /pê/”, o outro reproduziu-o e ela referiu: “a Patrulha Pata” olhando para as imagens desta patrulha que estavam a ser usadas pelo adulto. O outro perguntou-lhe se ela queria alguma das personagens, no entanto não obteve resposta, o que interpretou como um *não*. Assim retomou o *joining*.

O adulto deparou-se com a criança a olhar para a caixa que tinha colocado a priori na sala para desenvolver uma atividade de desafio, caso a criança estivesse disponível. De modo que aproveitou a oportunidade para explorá-la e cativar a sua atenção na mesma. Mas a criança, fugiu com o olhar e centrou-se no que fazia trauteando: “da da dadadada”, fez ainda alusão à “Skye”.

Perante isto, o adulto tentou interação mencionando os nomes das personagens destes desenhos animados com diferentes entoações e intensidade, ao mesmo tempo que a criança arrumava os respetivos dedoches. Ao terminar mencionou: “a Patrulha Pata”. Continuando em relação, participou na sua “brincadeira” colocando com ela as peças alinhadas.

Em seguida, a criança avançou até junto do armário e apontando para a caixa das letras, com olhar direcionado para o outro proferiu: “queres”. O adulto encaminhou-se para perto dela e incitou-a a verbalizar *letras*. Porém, continuava a dizer: “queres”. Mais uma vez o facilitador assumiu o papel de desentendido, para levá-la a perceber que dizendo o nome dos objetos que queria,

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

conseguia-os mais rapidamente. Ao indicar outros brinquedos, ela dizia: “não” gesticulando-o com o dedo.

O facilitador ao verificar que a criança começava a frustrar ofereceu-lhe algumas letras explicando-lhe que não estava a compreendê-la, apesar de querer ajudá-la, e que ela teria de pedir usando a fala para que este conseguisse satisfazer os seus interesses mais eficazmente. Conversando tentou modelar o uso desta palavra. Contudo a criança, focou-se nestas não dando abertura ao outro. Por isso, após algumas tentativas falhadas aplicou o *joining*.

Passado alguns minutos, a criança recorreu a um novo pedido, apontando para a prateleira que não chegava, “queres”. E o processo recomeçou, o adulto desentendido a tentar responder ao seu pedido vago. Desta vez não demorou tanto a dar-lhe o que realmente queria, incitando-a a verbalizar a palavra *letras*. Ao recebê-las foi rapidamente colocá-las junto das outras sorrindo.

Nisto assumiu, mais uma vez, uma atividade de exclusão e o outro o *joining*. Esteve algum tempo a colocar as letras e os dedoches da Patrulha Pata organizados em linha reta horizontal. Depois levantou-se e sentou-se numa das prateleiras do armário a seu nível. Daí levantou-se olhou para o adulto e em seguida para o chão onde estavam os brinquedos apontando partilhou: “Patrulha Pata”. O adulto celebrou com os 3E’s este momento de atenção partilhada.

Acompanhou-a até perto dos jogos falando sobre a temática abordada e foi buscar à prateleira os restantes dedoches alusivos. Manuseou-os dramatizando. A criança imitou o ladrar do cão e identificou oralmente: “o Rocky”. Persistiu no contacto ocular com o outro e no imitar da voz do cão, “au au au au”. Mais uma vez o adulto tentou introduzir a caixa na brincadeira, colocando lá dentro os dedoches, todavia não resultou.

A criança endireitou as imagens das personagens que estavam alinhadas no chão e foi sentar-se na bola de pilatoe, o adulto acompanhou-a levando a imagem do Zuma, e ela nomeou-o olhando para a imagem, “é o Zuma... Zuma”. O facilitador proporcionou na bola uma brincadeira dinâmica com o Zuma. No entanto, não foi suficientemente estimulante para o S., por isso saiu voltando às imagens e letras que estavam no chão.

Em interação com o adulto, partilhou: “o /á/” agarrando na letra e mostrando-lhe, e ao colocá-la perto da imagem do Chase, comentou: “o Chase”. Levantou-se olhando para a personagem

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

e dançou e o facilitador juntou-se à dança. Depois por segundos voltou a estar em exclusão e o outro realizou o *joining*.

O S. saiu desse isolamento quando ambos foram um para cada bola de pilates e começaram, um encostado e outro sentado, a balançar-se. Ele olhou para o adulto sorrindo, e este ofereceu-se para ajudá-lo. De frente um para o outro, desta vez ambos sentados de mãos dadas começaram a balançar-se com mais força.

Ao querer descer da bola abandonando a brincadeira, a criança olhou para o adulto e depois para as imagens do chão, verbalizando: “o Chase”. O adulto reformulou a sua frase verbalizando-a de modo a modelá-la para que transmitisse ao outro a sua necessidade, ou seja, nesta situação a vontade de sair da bola e ir brincar com os cartões, dedoches e letras.

No chão, o adulto e a criança juntaram todos os materiais e depois organizaram de acordo com o que o S. definia, isto até que a sessão chegou ao fim. Minutos antes o adulto informou a criança, para que esta estivesse preparada para quando chegasse a hora de arrumar e sair.

Ao arrumar, no momento de guardar as letras, ainda houve tempo de chamar a atenção da criança apontando para os lábios para que esta visse como se articula a palavra *letra*. Desta vez arrumou seguindo as indicações do adulto sem birras e sem ansiedade. Primeiro arrumou as letras e depois as personagens da Patrulha Pata a pedido do adulto.

11-03-2016

Logo que entraram no *playroom*, a criança foi direta para a frente do armário, aguardou que o adulto fechasse a porta e de imediato apontou explicitando o que queria: “o /á/”. O facilitador festejou-o e animado rapidamente entregou-lhe a letra pretendida. Assim, pediu de seguida outra, “queres o /i/”, e novamente alcançou-a e entregou-a com muita diversão. A criança recebeu-a e fez a seguinte observação: “é o /i/”.

Colocou as letras no chão e mencionou olhando para elas: “é da televisão”, entretanto o facilitador trazia mais letras. Ao notar isso, foi ao encontro dele sorrindo e dizendo: “/de/, /de/”, o outro brincou com as letras colocando-as em cima da sua cabeça e depois na da criança. Ela desviou

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

o olhar e fixou-se na letra que tinha na mão andando de um lado para o outro da sala revelando jargão, os últimos sons que pronunciava eram: “split”.

De frente para o armário, a criança procurou o olhar do adulto para solicitar o que ambicionava dali, verbalizou: “di o que queres”. O adulto aproximou-se e ela repetiu: “queres”, subindo para o seu colo mantendo o contacto visual. Ele agradeceu-lhe o manter olhos nos olhos. Como a criança não verbalizou o que pretendia, o adulto usou a estratégia de passar-se por desentendido. Ou seja, ele fingiu interpretar que ela queria um abraço e um beijo ao agarrar-se a si no colo, tendo a criança aceite este toque amistoso.

Estando visualmente ao nível da prateleira com os jogos, a criança não “tirava” os olhos desta, especialmente da caixa das letras. Daí o facilitador perguntou-lhe se ela as queria, e incentivou à verbalização da palavra: *letras*. Passado um pouco ela verbalizou: “letras”. O adulto, para que a repetisse questionou-a novamente sobre o que ela pretendia, e ela imitou-o dizendo: “o que é que tu queres”. Mais uma vez, foi incitada a verbalizar: *letras*, o adulto colocou a sua caixa à cabeça e de forma divertida dançou cantarolando essa palavra. Por fim, observando a brincadeira do adulto com um sorriso de satisfação proferiu: “letras”.

Consequentemente, o adulto deu-lhe de imediato a caixa e explicou-lhe que assim aconteceu porque ela ao dizer o que pretendia fez com que ele conseguisse ser mais eficiente na resposta. Baixaram-se os dois, sentando-se no chão e começaram a despejar as letras, a criança comentou: “escrever”.

Em seguida, a criança começou a organizar as letras à sua maneira e já não interagiu com o adulto. Este, por sua vez, começou o *joining*. Ainda não tinha passado um minuto, ela interrompeu a sua atividade e olhou para o que o adulto estava a “escrever”. Este parou olhou-a e partilhou a palavra construída (calou) e questionou-a sobre o que havia feito, ela com riso verbalizou: “vai chega lá dento....vestido....”. Pelas letras expostas, o adulto questionou se seria o Ruca e ele respondeu: “Ruca”.

O facilitador exclamou: “O Ruca!” e a criança acrescentou “...sou eu!”. Celebrando esta partilha o adulto ofereceu-lhe rapidamente uma história do Ruca. A criança acompanhou-o até ao

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

armário, onde ele foi buscá-la. Leu-lhe o título da mesma e ela prestou muita atenção, expressando: “passainhos” como quem corrige o outro que leu: “pássaros”.

Pegou no livro e foi para junto das letras sentar-se. Repetiu: “passainhos”, partilhando-o com o outro (olhou para a imagem, olhou para o adulto e voltou à imagem). O adulto começou a cantar a canção “Passarinhos a bailar”. A criança folheando o livro exclamou: “Ah! Os passarinhos!”. O outro questionou o que estavam a fazer e ele respondeu: “estão a comer.”. O adulto mencionou que eram sementes e ela repetiu a palavra: “sementes”.

Virando a página da história, a criança nomeou: “Ruca” e o adulto de forma animada conversou sobre a imagem a que ela se referia. Juntos continuaram a explorar as ilustrações, e ela manifestava jargão. Numa das imagens em que havia pássaros o facilitador começou a contá-los e ela concluiu verbalizando: “três” e logo de seguida fez a observação: “batem asas”. Continuando a interação ele brincou fazendo a mímica do bater asas, a criança olhou-o e disse: “passarinho”. Voltou a olhar para o livro e vendo a imagem de um gato emitiu: “miau”. Ao acabar o livro fechou-o e observando a capa afirmou: “é do Ruca”.

Ao ser guardado o livro, a criança regressou à sua brincadeira de exclusão com as letras. Por isso, o adulto realizou o *joining* até ela vir ter com ele dizendo: “a mãe e o pai”. Rapidamente o outro foi buscar ao armário uma história onde havia uma mãe personagem para lhe mostrar, ela acompanhou-o e manteve-se concentrada no que o adulto lhe mostrava.

Era a história da Alice, e o adulto descrevia a imagem dela com a mãe usando mímica. O S. virou-se para outro lado e a cantarolar disse: “Alice, Alice, Alice...oh é!!”, daí o facilitador abandonou o livro oferecendo-lhe de imediato a letra *e*, dando significado ao som que a criança emitiu.

Ela aceitou-a e colocou-a junto à letra *m*, agarrou na mão do adulto e verbalizou: “a mãe e o pai”, mostrando-lhe as letras da palavra *mãe* que tinha juntado (*m* e *e*). Prosseguindo o jogo, o adulto sugeriu que construíssem a palavra *pai*, e assim foi. Ao concluírem-na, a criança olhou-a e declarou: “pai”, o outro agradeceu a partilha.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Em seguida, ela levantou-se com três letras na mão e vocalizou algo que foi incompreensível ao adulto, ainda acrescentou: “auééé auéué”. O adulto imitou-a repetindo-a e, mais uma vez deu significado ao que ela vocalizava concretizando-o dando-lhe outra letra *e* de forma divertida.

Ela olhou-o e logo desviou o olhar para as letras declarando: “o pai”. O facilitador apresentou-lhe um cão fantoche como sendo o pai do Rubble, a criança manteve-se atenta enquanto ele mostrava-o. Mas depressa tornou a olhar para as letras e a dizer: “a mãe e o pai”, daí o facilitador propôs que “escrevessem” *mãe*. Então começaram à procura da letra que faltava para terminá-la, entretanto ela agarrou na letra *m* maiúscula e fixou-se na mesma não respondendo às chamadas do adulto.

Assim, o facilitador iniciou o *joining* tentando perceber qual era o interesse da criança ao esticar e virar a letra. Ao fazer o mesmo que ela conseguiu perceber a sua intenção, que era transformar o *m* num *w*, o que foi confirmada por ela quando verbalizou: “Patrulha Pata” (*Paw Patrol*). Seguindo esta sua disposição, chamou a sua atenção para as imagens que tinha exposto na parede, a priori, para o desafiar aquando motivado e disponível. Contudo, não a atraíram, regressando às letras.

O adulto perguntou à criança o que iria “escrever” e ela retorquiu: “Max”. Então comentou que faltava o *x* e ela questionou: “onde”, ele respondeu-lhe colocando a letra no local correto. Em seguida, ela agarrou nas letras do nome e observou-as, o outro tentou manter a conversa. No entanto, a criança não lhe deu atenção continuando a juntar letras.

No *playroom*, ouviam-se as vozes das outras crianças nas suas salas a cantarem uma canção alusiva ao pai, aquando de repente o S. começou a cantarolar acompanhando-as: “queres à bola, queres às escondidas, é um amigo...a minha vida”. Ao ouvi-lo, o adulto tentou introduzir a brincadeira das escondidas, escondendo-se numa caixa. Porém não o cativou, entrando em exclusão. Consequentemente, o adulto partiu para o *joining*.

Após algum tempo isolada, a criança dirigiu-se ao armário e apontando verbalizou: “queres”. O facilitador fez-se confuso com o pedido e demorou a acertar no jogo que ela queria, ao indicá-lo usou diferentes entoações para modelar o seu nome.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Ela recebeu o jogo e foi brincar para o chão, era um quadro de encaixe das vogais. A criança permitiu que o adulto encaixasse as peças no suporte consigo. Ao terminarem, ela foi de novo até ao armário solicitando, como habitual, “queres”, o adulto repetidamente assumiu o seu papel de confuso e desta vez desafiou-a a dizer “números”. A seguir de algum tempo de encorajamento, a criança reproduziu o solicitado.

Sentados no chão, encaixaram juntos as peças dos jogos. Ao brincarem com o dos números, como as imagens representativas da quantidade referente aos números de encaixe eram patos, o adulto começou a cantar a canção: “Três patinhos a cantar”. Nesse instante, ele verbalizou: “não quero”, ao pedir-lhe que se explicasse melhor, a criança replicou: “não, não, cala”.

Deste modo, o outro calou-se de imediato respeitando o seu pedido, celebrando o facto de ela expressar-se oralmente. O adulto ainda fez alusão aos patos imitando a sua voz e a criança reproduziu-o, “qua, qua”. Por fim, alertou-o para o término da sessão e juntos arrumaram os jogos. O facilitador perguntou-lhe se podia guardá-los no armário e ela respondeu: “sim”.

E assim, mais uma intervenção chegou ao fim.

14-03-2016

Anteriormente à sessão, o grupo de crianças em que o S. está incluído teve uma aula de expressão musical. Nesta o professor ensinou a história: “O Coelho Alberto” acompanhada por música e com imagens do coelho e do crocodilo. Inicialmente, a criança olhava para o adulto, sorria e pedia: “vamos” assumindo uma postura corporal que indicava querer ir para o *playroom*.

Entrando nesse espaço, o S. dirigiu-se ao armário, olhou para o objeto desejado, olhou para o adulto e verbalizou: “letras”. O facilitador comemorou o seu pedido e o contato visual e, rapidamente, deu-lhe a caixa das letras. Ele recebeu-a e levou-a para a mesa; por entre o jargão ouviu-se dizer: “elefante”.

Depois agarrou duas letras, dirigiu-se à frente do armário, proferindo: “patrulha pata” e olhou para o armário; o adulto concomitantemente dirigiu-se ao armário, questionando-o se queria a “patrulha pata”. Ele, espontaneamente, respondeu (sem estabelecer contato ocular) “Rubble”, daí o

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

facilitador ofereceu-lhe o fantoche dessa personagem, brincando e cantando o seu nome. Porém a criança isolou-se a alinhar as letras e não lhe deu atenção. Perante isto, o adulto colocou o fantoche na mesa e começou o *joining*.

A criança, enquanto juntava letras, reproduziu a palavra “TVI”, o adulto reforçou positivamente o uso da linguagem verbal. De forma a introduzir algo novo na brincadeira, associou as bolas de sabão à TVI, explicando que tinha passado neste canal esta brincadeira. O S. olhou para ele e logo voltou a brincar com as letras; em simultâneo, o facilitador fez uma bola, soprando-a na sua direção e verbalizou: “A bola é para ti, S.”, ao que este retorquiu: “bola”. Embora não tivesse demonstrado grande interesse nas bolas de sabão, o facilitador tentou a mesma atividade novamente, e ele mais uma vez, olhando apenas para as bolas, referiu espontaneamente: “bola”.

Por um lado, devido ao desinteresse do S. pelas bolas de sabão, e por outro devido à sua motivação pelas letras, o facilitador abandonou as bolas de sabão, alertando-o que as iria guardar. Em seguida, auxiliou a criança, passando-lhe as letras para que esta continuasse a sua brincadeira.

Ao ver o “M”, ela mostrou ao adulto, olhando nos olhos e dizendo “casa do Mickey Mouse”; o adulto festejou, como habitualmente, a verbalização e ajudou-a a escrever o nome desse desenho animado. Enquanto o adulto passava as letras, o S. apenas olhava para as mesmas, aceitando-as da mão do adulto. Ao concluir o nome, a criança demonstrou contentamento, saltitando. Então o facilitador, partilhando a sua alegria, foi buscar ao armário o peluche do Mickey, cantarolando uma canção alusiva ao mesmo. Ela olhou-o fugazmente e, com indiferença, voltou a focar-se nas letras.

Assim sendo, o adulto pousou o Mickey na mesa e utilizou um jogo de legos para realizar o *joining*. A criança, com olhar desviante, olhou para o adulto; porém, continuou na sua atividade de exclusão, manifestando jargão. Passados alguns minutos, o adulto decidiu fazer o *joining*, usando o mesmo jogo da criança. Como estavam muitas letras espalhadas na mesa, o adulto questionou-a se poderia guardar algumas na caixa ao que a criança respondeu “não quer”. Com efeito, o adulto não as guardou, respeitando a sua decisão. Entretanto, a criança verbalizou: “D” e o facilitador passou-lhe a letra pedida e agradeceu-lhe por tê-la pedido. Ela continuou apresentando jargão, aceitando a participação do adulto, que lhe fornecia as letras. Ao fazê-lo, verbalizava um nome que começasse com a respetiva letra, associando-a assim a algo.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

O S. afastou-se da mesa, deu duas voltas à sala, olhando, quando passava junto à mesa, para as letras que tinha disposto em linha horizontal, apresentando jargão. Por fim, regressou à mesa, continuando com o jargão. Livremente, a criança verbalizou “M” e o adulto facultou-lha; questionou se poderia ajudá-lo e ele respondeu “não quer”. Perante este sinal vermelho do S., o facilitador iniciou novo *joining*.

O S. levou as letras para o chão e o adulto também; todavia, deixou alguma distância entre ele e a criança para que esta não se sentisse invadida. Ela foi buscar as letras que o adulto estava a usar, o qual deixou-a levar. Passado algum tempo, fez a mesma ação; o adulto perguntou se a poderia ajudar e ela respondeu “não”. Então continuou no *joining*.

A criança construiu novas palavras, “fama show”, no chão, levantou-se, olhou para elas e verbalizou-as. Primeiro referiu apenas a palavra “show” e depois as duas: “fama show”. O adulto comemorou o uso da linguagem verbal, repetiu as palavras proferidas e, utilizando os fantoches, explicou que iria fazer um show; no entanto, não conseguiu cativar a atenção do S. Deste modo, regressou ao *joining*, aguardando um sinal verde.

O S. voltou a dizer voluntariamente “show”, olhando para a palavra escrita bem como para o adulto. Então, este aproveitou para se aproximar dele e, apontando para a palavra “fama”, verbalizou-a, tendo a criança repetido. Isolou-se novamente na atividade: colocava letras no chão; levantava-se, olhando para elas; agachava-se ao nível do chão e tornava a um novo ciclo de atividade, até que exclamou: “girafa!”. O adulto, muito depressa, pegou num dos livros da prateleira e mostrou-o à criança. Esta aproximou-se dele, demonstrando interesse e, conjuntamente, exploraram o livro à procura da girafa. Ela ficou atenta ao livro, aquando o adulto virava as páginas referindo-se às imagens correspondentes. Isto aconteceu até ao momento em que descobriram a girafa, pois a criança, ao encontrá-la, não apresentou qualquer expressão facial e afastou-se logo em seguida do adulto, regressando às letras. Novamente, “desligou-se” do nosso mundo. E o adulto começou a imitá-la, tentando “juntar-se”. Após algum tempo, a criança repetiu a palavra “girafa” e o adulto ofereceu-lhe a sua imagem no livro; todavia, ela não lhe deu atenção, continuando em exclusão.

De repente verbalizou: “tigre”. Como o adulto não tinha nenhum tigre nem imagem na sala, disse-lhe que o desenharia. A criança demonstrou-se satisfeita, saltitando, embora, em seguida, se

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

tenha afastado do adulto, dando a volta ao espaço e voltando à mesa das letras. Entretanto, o adulto continuou a desenhar e a explicar o que fazia. A criança voltou a aproximar-se, interessada e fixou-se a observar o que o adulto fazia, encostando-se fisicamente no seu ombro. Depois olhou para o adulto e para o desenho e verbalizou várias vezes a palavra “tigre”. Assim, o adulto escreveu-a no papel, tendo a criança, nesse momento, colocado a mão sobre a do adulto para seguir o que este escrevia.

Posteriormente, o S. realizou sozinho um risco (imitação da escrita) e ainda duas bolas, que indicou como tais (“bolina”). Continuou a fazer mais bolas e, sempre que fazia uma, nomeava-a (“bolina”, que significa “bolinha”, sendo retificado disse-o corretamente). O adulto questionou-a se queria que desenhasse outra coisa e ele respondeu: “miau”. Corrigindo-o, o facilitador afirmou: “queres que desene um gato”, enquanto a criança retirava o suporte de papel da parede para desenhar do seu verso. Ao não conseguir colocá-lo de novo na parede, o adulto deu-lhe uma ajuda e a criança observou atentamente os procedimentos do adulto.

Efetivamente, com a folha vazia, a criança desenhou e mencionou ser mais uma bola; o adulto complementou-a, desenhando os olhos, o nariz, a boca, as orelhas e os bigodes do gato, ao mesmo tempo que verbalizava o que fazia. O adulto ainda a interpelou sobre o que faltava ao gato e fez mais um círculo à volta da cabeça. Dando-lhe algum tempo para responder, o facilitador deu a resposta esperada à questão que ele próprio havia colocado e a criança repetiu-a: “coupo” (corpo). A criança manteve-se concentrada no que o adulto desenhava do princípio ao fim. Involuntariamente, derrubou o suporte das cores e o adulto pediu que as colocasse no lugar; ela verbalizou em jargão algo que parecia “não quero”, “desenha”, o que foi entendido que não queria guardar as cores, pois queria desenhar. Contudo, não desenhou e levou as cores para a mesa. Aí começou a colocá-las em posição que formavam letras. Neste jogo, o S. não permitiu a participação do outro, verbalizando-o: “não queres”. Assim, mais uma vez, o adulto voltou ao *joining*. A criança, ao vê-lo a fazer o mesmo do que ela própria com algumas cores, retirou-lhe duas cores roxas; o adulto fez alusão a isso, reforçando que eram iguais as cores e o S. repetiu a palavra: “igual”. Regressou ao isolamento.

O adulto tentou “juntar-se” à criança, fazendo o mesmo que ela fazia com as cores, criando letras. Ao fazê-lo, a criança olhou para ele e, como estava a fazer a letra “z”, este perguntou-lhe se

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

queria que desenhasse uma zebra, dirigindo-se às folhas expostas na parede. O S. virou-se para o adulto e respondeu-lhe “não quero”. Então o adulto ofereceu-lhe a cor, ele aceitou-a e começou a rabiscar na folha, comentando concomitantemente: “o meu pai” e olhou para o adulto. Este disse-lhe que iria escrevê-lo e a criança aguardava com o olhar atento. Ao vê-lo escrito, sorriu e reproduziu: “o meu pai”.

Por fim, aquando o adulto deu por acabada a sessão, pediu para arrumar. Ele olhou para ele, mostrando que não estava satisfeito com essa decisão, mas ajudou a arrumar a sala, guardando os jogos.

16-03-2016

No *playroom*, a criança foi buscar à caixa, onde guardámos em outras sessões desenhos realizados, um dos desenhos e tentou colocá-lo na parede no local rotineiro. No entanto, caiu ao chão. Olhando para o desenho, ela exclamou: “azul!” e o adulto ofereceu-lhe essa cor, mas a criança não lhe deu atenção pois estava completamente absorvido pela folha. Ao virá-la verbalizou: “o meu pai” e olhou para o adulto. Este apontou para a imagem do pai, que haviam desenhado no dia anterior, como também para a escrita, que era exatamente o que a criança tinha dito e comentou-o com ela. Esta manteve-se interessada, levantou-se e novamente disse: “o meu pai”, o adulto perguntou se ela queria que o escrevesse novamente.

O S. continuou a olhar para o que o adulto fazia (escrevia numa folha no chão), aproximou-se e baixou-se ao seu nível, encostando-se ao facilitador. Sabendo o seu interesse, começou a desenhar a figura do pai descrevendo-a e a criança afirmou: “é o meu pai”. Ao levantar-se olhou para a bola com motivos de animais que estava no armário e identificou: “girafa”. O outro agarrou-a e convidou a criança a jogar com ele, ela narrou algo que não lhe foi perceptível. Esticou os braços para o armário e disse: “quere”, o adulto deu-lhe espaço para especificar o seu pedido. Então ela declarou: “quere o /à”.

O adulto agradeceu-lhe o seu pedido e com a brevidade possível entregou-lhe a letra requerida. Ao recebê-la a criança expressou: “um gato catola” (cartola), ao ouvi-la foi logo à estante

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

procurar um gato para lhe apresentar, e assim foi. Com a imagem na mão, mostrou-a à criança e ela repetiu: “um gato catola”. O adulto repetiu-a, mas não havia percebido ao que ela se referia.

A criança começou a andar de um lado para o outro da sala com a letra *a* na mão, explorava-a esticando-a. O adulto com outra letra “juntou-se” à criança no seu ismo, mas sem demoras regressou junto do armário para solicitar algo. Assim referiu: “diz ahmmm...o /é/”, o outro prontamente foi à caixa das letras procurar o *e*. Como demorou um pouco a encontrá-lo a criança reforçou: “o /é/”. Ao entregar-lho, a criança colocou as duas letras na mesa e mencionou: “Ruca”.

Então o adulto ofereceu-lhe um livro da coleção deste desenho animado, *O Ruca observa os pássaros*. Ao vê-lo a criança comentou: “passarinha”, o outro retificou-o modelando a palavra: “passarinho”. Virando as folhas ela observou relatando: “o passarinho a comer”. Encostada ao facilitador continuou a explorar a história, virando as folhas à procura de uma passagem em específico, daí referiu: “três passarinhos”, mostrando ao outro o que pretendia.

Então o adulto procurou uma imagem com passarinhos e mostrou-lha, ela reagiu com jargão mantendo-se atenta à história, ainda acrescentou: “olha os passarinhos...” e terminou com uma linguagem impercetível. Em seguida, afastou-se do adulto e foi até ao outro lado da sala usando uma linguagem idiossincrática. O outro só percebeu do seu discurso o seguinte: “o passarinho...”, que foi uma pequena parte.

Regressou para perto do adulto, olhou-o novamente e abordou-o com o mesmo tipo de comunicação. Foi mais uma vez até ao outro lado e rodou sobre si próprio dizendo espontaneamente: “o avião”. Depois começou a gritar: “Ruca, Ruca...”. Juntamo-nos na mesa para continuar a ver a história e ele começou a cantar o genérico dos desenhos animados: “Ruca, Ruca, sou o Ruca! Hahaha, sou eu!”.

Terminada a canção, a criança dirigiu-se ao armário dizendo: “quere”, o adulto foi ao seu encontro, e ela, sem olhar, esticou os braços para ele visando o colo. Deu-lho, mas logo colocou-o no chão de forma a criar uma situação em que necessitasse de comunicar oralmente. No chão, ela olhou para o outro e referiu: “Ruca”, ao mostrá-lo a criança desviou o olhar e acrescentou: “o meu pai”. Tendo isso em conta, o adulto questionou-a se eram as letras que ela desejava para brincar. Ela

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

olhou para o adulto, subiu-lhe para o colo e declarou: “quer as letras”, ele deu-lhe um beijo de agradecimento e muito depressa o que havia sido lhe pedido.

No chão, a criança dispôs à sua maneira as letras, o adulto de frente para si fazia uma atividade parecida, tentando perceber o que ela pretendia com a mesma, demonstrando-lhe respeito pela tarefa a realizar.

Esponaneamente, ela levantou-se e verbalizou: “volda”, olhando para o outro. Este agradeceu a partilha, todavia ela não estabeleceu contacto ocular nesse momento. Ainda tentou alargar o tempo de interação, porém o S. não se revelou aberto. Por isso retomou o *joining*.

Após algum tempo em exclusão, olhou para o adulto e referiu: “uma girafa”. Ele logo começou a dar-lhe letras para que juntos formassem a palavra mencionada pela criança. Ao receber o *r* ela emitiu algo que parecia o seguinte: “that o way”, permitindo a colaboração do outro. No entanto, não persistiu “desligando” da interação de novo, o que fez com que o adulto retomasse o *joining*.

Inesperadamente começou a trautear: “ineh ineh, ineh ineh..”. O adulto deu-lhe significado, dizendo-lhe que era a voz do burro, igualmente ofereceu-lhe um burro em peluche. Todavia, esta tentativa não a cativou, continuava absorvido pelas letras.

Passado pouco mais de um minuto, a criança olhou fixamente para o adulto sem nada pronunciar. Este celebrou, com gestos apenas, o estabelecer contacto ocular consigo. O falar em mimica atraiu a atenção dela fazendo-a aceitar a interação. Assim, o facilitador deu-lhe a letra *o*, ela aceitou-o mencionando: “deste o /ó?”. Ele continuou a passar-lhe letras até ao momento em que ela lhe mostrou sinal vermelho. A partir desse momento, ele tentou “juntar-se”.

Compenetrada no alinhamento das letras, a criança mencionou: “outros ni”, comentando esta sua afirmação o adulto referiu-se apenas à palavra *outros* e agradeceu-lhe por expressar-se oralmente com ele. Ela reagiu olhando para ele e dizendo: “não quere”. Perguntou-lhe ainda se queria outro jogo, todavia não lhe respondeu continuando a organizar as letras de esponja. Deste modo, ambos retomaram a sua atividade, a criança em exclusão e o adulto em *joining*.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Aquando pegava na letra *m* proferiu: “macaco”, o adulto logo foi buscar uma história onde pudesse encontrar um para mostrar-lhe. Por sua vez, a criança colocou-se de pé, abandonando as letras e seguiu o outro com o olhar. Ao retirar um livro do armário, ela foi ao seu encontro e encostou-se para juntos verem o mesmo. Então começaram a virar as folhas à descoberta do macaco.

O livro era constituído por várias janelas com imagens e atrás destas tinham outras imagens. A criança queria virar a folha então disse: “quere”, na página seguinte uma das janelas tinha uma manta e ela identificou-a como sendo: “o casaco”. O facilitador corrigiu-a e ela reproduziu: “manta”. Prosseguiram a sua procura explorando a história. Ainda não a tinham concluído e a criança desinteressou-se voltando ao jogo.

Por essa razão o adulto foi ao armário buscar outro livro, desta vez uma enciclopédia de animais. A criança ao vê-lo dirigir-se para o armário acompanhou-o. Mas logo voltou para as letras usando jargão. O outro tentou manter a interação mostrando-lhe imagens de macacos, porém ela não lhe prestou atenção. Consequentemente, guardou também a enciclopédia e retomou o *joining*.

Após a atividade de exclusão partilhou o que estava a fazer e disse: “os esquilos”. O adulto tomou isto como um sinal verde, daí comentou que na enciclopédia havia destes animais. Ela olhou para ele, aquando a sua intervenção, por isso agradeceu-lhe com gestos pelo contacto visual, e a criança verbalizou: “não quere”. O outro tentou, mesmo assim, persistir na interação e mostrou-lhe os animais da enciclopédia. Ela manteve-se atenta, observando-os e usando jargão.

Entretanto a criança regressou às letras. Enquanto que o facilitador procurava os esquilos no livro, ela organizava as letras declarando: “os esquilos”. Ao verificar no índice que a enciclopédia falava dos esquilos partilhou-o com a criança e ela estabeleceu contacto ocular. No entanto, quando encontrou a sua imagem ela já não demonstrou qualquer motivação para isso, permanecendo concentrada na tarefa que tinha em mãos.

O facilitador aplicou o *joining*, e dando-lhe espaço esperou por um sinal verde. Na sua atividade a criança vocalizou: “didididi”, mudava letras de um lado para o outro e usava jargão. Por entre este, o adulto percebeu: “Zica, o super-herói” fazendo-lhe referência, e a criança voltou a repeti-lo.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Assim o adulto com uma das letras fingiu que voava (jogo simbólico), dizendo que era um super-herói. Também fez alusão à Patrulha Pata neste contexto e a criança reproduziu: “a Patrulha Pata”. O adulto continuou a falar sobre eles como lhe despertaram interesse. Contudo, ela voltou a isolar-se e o outro a “juntar-se”.

Nisto, a criança parou observando o que o outro fazia, ele ao verificá-lo festejou de forma calma o contacto visual, porém ela disse: “não quiere”. Então o adulto retomou o que estava fazendo e ela permaneceu na sua observação. O facilitador tentou estabelecer novamente relação oferecendo-lhe a peça que tinha na mão, ela respondeu: “não”.

Depois de algum tempo em exclusão, a criança verbalizou: “dia do crocodilo”, porém no momento o adulto compreendeu algo parecido a “caminho”, falando nisso. A criança não reagiu a ele, começando a folhear a enciclopédia dos animais que estava na mesa.

Espontaneamente, olhou para o adulto e referiu-se ao pai (“ó/, o meu pai”) enquanto mexia no recipiente das bolas de sabão. Depois juntos foram ver os desenhos que haviam feito noutra sessão anterior. Ao vê-los mencionou: “a mãe”, então o outro escreveu-o na folha e ela acompanhou-o com o olhar pedindo que escrevesse: “a mãe e o pai”. A criança agarrou num marcador e começou a desenhar dizendo: “é o meu pai”.

Após desenhá-lo, ela brincou mais um pouco nas letras e o adulto fez o mesmo. Repentinamente parou a sua brincadeira e ficou a olhar para a do outro. Seguidamente, volveu aos desenhos e o adulto também. Este último ao virar a folha chamou a sua atenção, por isso dirigiu-se para junto dele e exclamou: “olha uma estrela” apontando para o desenho com contacto ocular estabelecido. Ainda acrescentou: “quere uma estrela”, então o facilitador desenhou-a. Ao concluí-la, segurando na sua mão a criança em tom de pedido verbalizou: “círculo”.

Na mesa, ela formava letras com as cores de feltro quando o facilitador a avisou que havia chegado ao momento de arrumar. Ela reagiu declarando: “não” demonstrando que queria continuar na *playroom*. O outro explicou-lhe que tinha de ser e por fim a criança colaborou na arrumação do espaço dando-se por terminada a sessão.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

21-03-2016

Durante o lanche da manhã, no refeitório, o S. esticou o braço na direção do prato com a fruta, olhou para o investigador e verbalizou: “pera”. Prontamente, este aproximou o prato à criança para que ela se servisse e demonstrou contentamento pelo uso da linguagem verbal. Depois ofereceu-a ao adulto, olhando-o nos olhos e a sorrir.

Como a criança se demonstrou disponível para interagir, o adulto aproveitou a oportunidade, brincando com entusiasmo. A colega que estava ao seu lado também se mostrou interessada em participar na brincadeira. Então o adulto solicitou ao S. que lhe fizesse cócegas e ele fê-lo com satisfação (risos).

Durante o lanche, olhando para o adulto, espontaneamente dizia algumas palavras isoladas, relacionadas com o *playroom*, tais como: “letras”, “Mickey”, “o /a/”, “Pluto”. E logo que acabou de lanchar agarrou na mão do adulto e perguntou “Vamos?”. Perante isto, o adulto solicitou-lhe que se despedisse dos amigos e ele acedeu, acenando-lhes (ação que não faz por norma), embora não seja capaz de realizar o gesto convencional de forma correta. Reforçando o uso da oralidade em resposta ao pedido, o facilitador levou-o para o espaço que pretendia.

Chegando ao *playroom*, a primeira coisa que o S. fez foi dirigir-se ao armário para pedir o que desejava, dizendo: “queres o /a?”. O adulto questionou-o: “queres o /a/?”, e ele respondeu: “/a/”, “o /a/”, mantendo o contacto visual. Assim, de imediato, com muita animação, o investigador deu-lhe a letra pretendida, e ele recebeu-a, pedindo de seguida o “m”. Continuando com a diversão, facultou-lhe a letra que a criança pedia. Seguiu para a mesa, onde colocou as duas letras, interagindo com o adulto; olhou para este e, agarrando-o pela mão, regressou junto ao armário. Olhou para a prateleira que continha os jogos, esticando o braço e apresentou jargão, sendo apenas perceptível o verbo: “queres”. Diante disto, o adulto começou a nomear os jogos que estavam na prateleira, interpelando-a sobre qual o pretendido. Primeiro foi o dominó; a criança respondeu: “não queres”. Depois foram os cartões dos legumes e ela manifestou ecolalia tardia disfuncional (“o quê que tu queres?”). A criança esforçava-se e o adulto continuava a incentivá-la a dizer o que ambicionava. Então a criança disse: “vamos” e voltou para as letras na mesa; o adulto acompanhou-a e ela proferiu: “patrulha pata”. Desse modo, o adulto concedeu-lhe o fantoche da personagem “Chase” e ela nomeou-o, com entusiasmo, levando-o para a mesa, dispondo-o perto das letras. Ao pousá-lo

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

verbalizou naturalmente: “obrigada Chase”, e logo regressou para junto do adulto que estava em frente ao armário.

O S. estabeleceu contacto ocular e verbalizou novamente, apontando para os jogos, “o quê que tu queres”. O adulto baixou-se ao seu nível e esperou uns minutos para que este tentasse dizer uma palavra que identificasse o objeto desejado. Todavia, não o fez. No seguimento da interação, o adulto colocou um chapéu em forma de pássaro e questionou-o se seria esse adereço o que pretendia. Ele, muito atento, reconheceu de imediato que era um passarinho, nomeando-o. E o adulto, para o motivar ainda mais, começou a dançar e a cantar uma música alusiva aos passarinhos. Ele aproximou-se do adulto divertidamente e retirou-lhe o chapéu. O adulto tentou novo ciclo de atividade e ele novamente retirou-lhe o chapéu, colocando-o no armário, e desta vez verbalizou: “não”; respeitando-o e aceitando a sua escolha, o adulto guardou o chapéu.

A criança, repetidamente, apontou para a prateleira, expressando: “queres”, “queres”; ante isso o adulto mostrou-lhe o cartão do gato e produziu o seu som, ao qual demonstrou desinteresse. Ela continuou a apontar para os jogos. O adulto questionou-a se era o Mickey que queria, ao que respondeu negativamente. Por fim, perguntou-lhe se eram as letras, salientando com uma entoação mais forte a palavra “letras”; a criança, com uma expressão facial de satisfação, verbalizou: “letras”. Assim comemorou-o e ofereceu-lhe o tanto desejado.

Juntos levaram a caixa para a mesa e a criança começou a alinhá-las, tentando formar palavras. Ao manusear a letra “P” mencionou “piratas terra do nunca”. O adulto disse-lhe que os tinha no armário e que iria buscá-los. A criança olhou com olhar fugaz para o adulto enquanto este os procurava numa caixa; ao encontrar a máscara do Jake anunciou-o e, com ela na cara aproximou-se da criança fingindo ser a personagem. Inicialmente, o S. olhou para ver o que se passava, mas logo fixou-se no alinhamento das letras de que tanto gostava. O adulto abandonou a máscara e aproximou-se dele, o qual, mais uma vez, espontaneamente, disse: “cidade”, ao mesmo tempo que reunia as letras para construir essa palavra. Entretanto, o adulto passava-lhe peças do jogo, ajudando-o na concretização das palavras e ele permitiu; ao dispor-lhe uma letra que não queria dizia logo que “não”. Durante este momento de interação pediu verbalizando: “i”; o adulto procurou-o no grupo de letras e entregou-lho. Deste modo, o adulto continuou a passar-lhe as letras,

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

relacionando-as com um nome iniciado por essa mesma letra; assim passou-lhe o “v” e verbalizou “vaca”, e ele reproduziu-o.

Posto isto, o adulto trouxe-lhe um cartão com uma vaca, reproduziu o seu som e a criança prestou-lhe atenção, mantendo o contacto ocular. Porém, não foi por muito tempo, continuando “vidrado” nas letras. Então o adulto voltou a auxiliá-lo com as letras. Chamou-lhe a atenção para o “p” que manuseava, verbalizando “/p/ de pai”; juntou a este o “a” e transmitiu que só faltava o “i”. Por sua vez, a criança foi buscar a letra que faltava e concluiu a palavra. O adulto agradeceu-lhe a interação.

Em seguida, a criança parecia estar à procura de uma letra em especial e o adulto tentou ajudá-la. Mostrava-lhe e questionava-a sobre a letra que desejava. Ela repetiu “Y”. De repente “desligou-se” e disse “/i/”. O adulto ofereceu-lhe o “i” que procurava por entre as restantes letras. Em seguida, saltitou com olhar fixo no que tinha feito e verbalizou uma palavra impercetível que soou: “qlendo”.

O adulto continuou a passar-lhe as letras e ela a alinhá-las. Olhou com um sorriso para o que estava a construir e disse: “cidade”. O adulto comentou que a cidade estava a ficar grande com tantas letras, e com grande expressividade corporal reforçou o que havia dito. Vocalizando “ooo” e levando essa letra junto ao seu rosto, o adulto atraiu o olhar da criança para si, apesar de ter sido fugazmente. Assim pegou no “P” e disse “piratas”, na tentativa de a cativar novamente. Ela, que já se afastava um pouco, voltou a olhá-lo e aproximou-se. Encostou-se ao adulto e pegou-lhe na mão que segurava a letra; aquele questionou-a sobre onde queria que a colocasse, mas ela retirou-a e pousou-a como quis.

Em seguida, entrou em atividade de exclusão, mantendo-se concentrada na organização que dava às letras. Ao formar a palavra “Jake”, o adulto ofereceu-lhe o fantoche desse personagem, mas ela não lhe deu atenção, apesar do entusiasmo colocado na ação por parte do adulto. Ainda a tentou cativar com o monóculo do Jake, para o qual olhou de relance. O adulto, com tom de voz calmo e baixo, comemorou por ela ter estabelecido contacto visual, mas ela voltou-lhe as costas, o que foi entendido como um sinal de desagrado pela atividade que lhe estava a ser oferecida e que não estava efetivamente interessada em interagir.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

De forma responsiva, o adulto cessou as tentativas de interação e procedeu ao *joining*. Manteve-o por alguns segundos, quando a criança irrompeu o silêncio dizendo “show”, ao mesmo tempo que agarrava a letra “o” para formar a palavra. O adulto respondeu de imediato, comentando sobre construir essa palavra. E prontamente disponibilizou-se a ajudá-la e ela permitiu-o; conseqüentemente comemorou discretamente este facto. Assim, ia passando as letras e verbalizando-as. Concluída a palavra “show”, questionou-a se queria formar a palavra “fama”, à semelhança do que já havia acontecido em outras sessões. O S. não deu qualquer resposta; no entanto, continuou a juntar letras nesse sentido e o adulto ajudou-o.

O adulto agradeceu à criança a oportunidade de brincar com ela, explicando-lhe como isso o fazia feliz. Daí a criança disse espontaneamente, olhando para as letras, “Portugal”. Perante isto, o facilitador começou a ajudá-la, procurando as letras e verbalizando aquelas que seriam necessárias à composição da palavra. Ao passar-lhe o “P” e o “o” a criança olhou para o adulto, mas, em seguida, fechou-se de novo, dispensando o adulto através da sua postura fixa nas letras, não dando espaço ao outro.

Cantarolando “uuuumumm”, o S. manteve-se na sua atividade, enquanto o adulto reproduzia o que ele fazia. Durante alguns minutos permaneceram assim lado a lado, até que a criança expressou verbalmente de forma natural: “Portugal em festa”. O adulto comemorou o uso da linguagem verbal por parte da criança e comentou sobre esse tema. Usou o monóculo como microfone e cantarolou como se estivesse no programa televisivo, mas ela não demonstrou interesse, continuando no seu jogo. Então o adulto parou a sua ação e recomeçou a passar-lhe letras, questionando-a sobre qual queria e esta respondia “não”. Concentrada no que fazia, apresentou jargão, e o adulto assumiu uma postura de escuta ativa; porém, a criança não continuou. O adulto inseriu de novo o tema do programa referido pela criança e cantou a canção alusiva ao dia do pai. Todavia, a criança não lhe deu importância, continuando o que fazia.

Manteve-se em atividade de exclusão por volta de três minutos. O adulto iniciou interação ao observar que a criança estava a tentar formar a palavra *Madeira* e interrogou-a sobre isso. Sem estabelecer contacto ocular, ela respondeu: “a minha Madeira”, e fechou-se novamente na sua atividade.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Passados mais ou menos dois minutos, durante os quais o adulto tentava juntar-se à criança na sua atividade repetida, reproduzindo o mesmo que ela fazia, o S. olhou para o adulto e depois para as letras, partilhando verbalmente o que estava a tentar escrever, Mogli. O adulto respondeu à sua iniciativa de partilha e ofereceu-lhe, da prateleira, uma selva em plástico, o que cativou a atenção da criança por uns segundos. Tentando atraí-la de novo, fez surgir um tigre, mas a criança continuou na sua atividade, apresentando um olhar desviante.

Agindo com o *joining*, utilizou uma bandolete com antenas para captar a sua atenção, mas o S. não se interessou, dizendo que “não” quando o adulto tentava interagir.

Quase chegando ao término da sessão, o adulto avisou a criança do momento de arrumar os jogos (com alguma antecedência). Assim, a criança arrumou-os calmamente e entregou-os ao adulto para que guardasse na prateleira. Ao acompanhá-lo até ao armário, viu na prateleira os cartões dos animais e começou a pedi-los um de cada vez (olhava para o adulto, esticava o braço na direção dos mesmos e olhava para eles), utilizando linguagem verbal e não-verbal. Aplicou frases simples com duas palavras, a saber: “quero galinha”, “quero pato”, “quero cão”, “quero peixe”, “quero porco”, “quero pinto”, “quero miau” (autocorrigiu-se dizendo “quero gato”), “quero coelho”. Consoante o pedido, o adulto respondia-lhe com rapidez e com os 3Es, dando-lhe os cartões dos animais correspondentes e imitando-os (movimentos e vozes). A criança reproduziu algumas das vozes, a exemplo: o grasnar, o ladrar e o miar.

Finalizando a intervenção no *playroom*, a criança e o adulto, em conjunto, guardaram o jogo. Reforçando a ideia de fim, o facilitador verbalizou: “acabou”, gesticulando nesse sentido.

22-03-2016

Neste dia, o adulto levou para o *playroom* alguns dos utensílios da cozinha do faz-de-conta. Pretendia aumentar o jogo simbólico, criando situações de brincadeira.

A criança, mal chegou ao espaço, começou a correr em roda mostrando gosto em estar ali. Ao entrar o outro, olhou-o a sorrir. Ele pousou o que trazia na mesa fazendo alusão à comida de brincar. Em resposta, logo identificou o pão oralmente (“o pão”). Deste modo, o facilitador questionou-a se queria um pouco, fingindo que o comia. Por sua vez, ela aproximou-se, verbalizou: “um pouco”, agarrou-o e colocou-o num prato.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Assim deram início à sua brincadeira. O adulto ofereceu-lhe uma fatia de pizza, o S. olhou-a e depois olhou para ele exclamando a sorrir: “pizza”, ainda acrescentou: “para comer”. Em seguida, correu em volta e regressou junto do outro que o tinha convidado para comer, mas não o fez. Deu mais uma volta, posicionou-se em frente ao armário, no entanto, rapidamente voltou referindo: “outro prato”. O adulto, dando significado ao que a criança dizia, colocou nesse outro prato a fatia de pizza e narrou a sua cor. Brincaram e o facilitador fingia que comia os alimentos, exagerando no barulho da mastigação e na sua expressão facial. Isso cativou o S., fazendo-o rir e voltar à brincadeira, sempre após de se afastar para uma corrida.

Numa dessas vezes, fixou-se numa casinha de bonecas que estava num dos armários declarando: “casinha”. O facilitador desafiou-o a verbalizar: “quero casinha”, mas a criança apenas verbalizou: “quere”. Depois subiu ao colo e agarrou no nariz do adulto, sorrindo com contacto ocular. Ao descer correu para o outro lado da sala, em simultâneo apontava para o adulto e dizia: “é o nariz”. Ao se aproximar da mesa, agarrou no croissant e disse: “nham! Saboroso!”, levando-o à boca do outro.

O adulto ao vê-la tão envolvida no faz-de-conta, desafiou-a a fingir que comia e ela fê-lo. Retomou a sua corrida em círculo e o outro juntou-se a ela. Começou a emitir o som do carro: “vrummm” e o facilitador imitou-a. De novo, ele ofereceu-lhe pizza e ela fingiu comê-la, posteriormente pousou-a no prato. Nesse instante, virou-se para o outro dizendo: “O Ruca” como em jeito de pedido.

Rapidamente, o facilitador apresentou-lhe o livro do personagem. Ao vê-lo a criança exclamou: “É o Ruca! Os passarinhos! Piu piu piu”. O outro preparou um espaço aconchegante para explorarem o livro e convidou-o a sentar. Ao sentar-se proferiu: “O Ruca”. Ao observar a primeira imagem descreveu-a: “a comer o passarinho”. Cada vez que o adulto virava a folha usava a palavra *vira* de forma clara, associando-a à ação de modo a modelar o seu uso.

Enquanto o adulto lia a história, a criança dava uma volta ao espaço e regressava para junto dele. Também quis virar as páginas à procura dos passarinhos, como referia oralmente. Ao encontrar a imagem, o adulto começou a contá-los e a criança concluiu verbalizando: “dois, três...”. Depois juntos fingiram que voavam como os passarinhos. Prosseguindo com a história, o adulto cantou a canção: “passarinhos a bailar”, a criança deu gargalhadas ao ouvi-la juntamente com o movimento

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

dado à história. Noutra imagem, a criança apontou identificando-o, “passarinho”, reproduzindo a sua fala: “piu piu piu”.

Para animar a leitura, o facilitador colocou na cabeça um chapéu em forma de cabeça de pássaro (melro). A criança demonstrou interesse por ele, chamando-o de “passarinho”, retirou-o da cabeça do outro e colocou-a na sua seguindo a sugestão do adulto. Logo devolveu-o à cabeça do adulto dizendo: “o passarinho”. Então, mostrou-lhe outro chapéu com o mesmo motivo encorajando-a a colocá-lo, ela comentou: “um passarinho...outro passarinho”. Contudo, não o colocou, mas vocalizou o piar, “piu piu piu”.

A criança foi até junto da mesa onde se encontrava o pão. Aí o adulto incentivou-a a deitar o pão aos pássaros e começou a contá-los. Finalizando a contagem, ela verbalizou: “quatro passarinhos”, o adulto festejou-o com os 3 E’s.

Encorajada pelo adulto, a criança fingiu que dava o pão ao chapéu de passarinho que ele ostentava. Continuaram em interação, o facilitador fingia voar e ela dava-lhe comida. Com o pão na mão perguntou-lhe: “queres?” e ofereceu-lhe mais uma vez. Depois deu uma corrida em roda e cantarolou: “jay toy, jay jay...”.

Encaminhou-se para a frente do armário, apontou para o jogo que pretendia e estabelecendo contacto visual pediu espontaneamente: “quere as letras”. O adulto correu para ela celebrando com entusiasmo, emoção e energia, e deu-lhe rapidamente o que solicitou.

Ao abrir a caixa das letras proferiu: “o Ruca” e o outro comentou que poderiam “escrevê-lo”. Remexendo as letras, ela mencionou: “quere *um*” ao mesmo tempo que colocava a letra *u* à parte. Então ele questionou-a sobre qual a letra que queria e ela respondeu-lhe: “um”. Repetiu a questão apresentando-lhe a resposta que achava correta e ela aceitou.

Nesta brincadeira, o adulto aproveitou e usou o bico do pássaro do seu chapéu para passar as letras à criança que as organizava no chão à sua maneira. Passado uns breves segundos em que as disponha sozinha, ela olhou para ele e disse: “o Alvin e os esquilos”, mas ainda não tinha acabado de construir essa frase. Levantou-se do chão, correu em volta da sala e regressou ao ponto de partida. Logo a seguir, relatou: “o /i/ o Alvin e os esquilos”, então o outro entregou-lhe essa letra.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Para manter a ligação, o adulto indicou à criança que iria mostrar-lhe os esquilos que tinha num dos livros presentes na sala. No entanto, essa estratégia não resultou pois não a cativou. Ela iniciou atividade de exclusão, esteve primeiro a observar as letras patentes na bola de pilates e depois retomou as letras de placa de Eva. O outro aplicou o *joining*.

Repentinamente, a criança olha para o facilitador e verbaliza: “Pinóquio”. Este reagiu colocando uma letra no seu nariz visando representar o dessa mesma personagem aquando mente. A criança riu-se com a brincadeira e exclamou: “o Pinóquio”, em simultâneo volta a colocar no nariz do facilitador outra letra. Seguidamente, juntos constroem essa palavra e a criança comenta: “são muitos”.

Prosseguindo com as letras, a criança de forma natural expôs: “o meu pai”, daí o outro questionou-a se queria que criasse essa frase. Juntos fizeram-na, ao concluí-la ela identificou: “é o pai”. Levantou-se agarrou a letra *a* e mostrou-lha. O facilitador ao verificar tamanho interesse na escrita propôs-lhe escrever pai nas folhas previamente expostas na parede.

Dirigiram-se para perto da folha e a criança começou a desenhar, nomeando o que fazia: “o pai” e “pai”. Depois foi a vez do adulto fazê-lo, enquanto que ela, agarrada ao seu braço, observava-o com atenção. Ao terminar, ela deu uma gargalhada e disse: “o meu pai”, fazendo com que o adulto acrescenta-se à palavra pai as restantes palavras da frase expressa. Ela replicou: “o meu pai”, “o teu pai”. Aquando o outro desafiou-a a desenhá-lo a criança regressou ao jogo das letras.

Dispondo as peças no chão, ela verbalizou algo que não foi perceptível ao adulto, porém ele recriou-o com uma frase com sons semelhantes procedendo à modelagem da frase. Ela reproduziu-a: “está, está feliz!”, o outro agradeceu-lhe a partilha fazendo-o reconhecer os motivos para estar a sentir-se daquela forma. Assim fez alusão ao jogo das letras e ao pai. Ela acrescentou: “é meu amigo”, o adulto comentou-o e ela declarou: “é para o pai, é o pai”. Continuando a conversa, a criança reforçou a ideia: “é meu amigo” e, os dois construíram a palavra *pai*. Com ela terminada afirmou: “o meu pai” e o outro começou a cantar uma canção alusivo ao tema em questão.

Nesse momento, ela olhou para o adulto e disse: “é o dia do pai”. Dispondo as letras, que já estavam desorganizadas, “escreveu” *pai*, mencionando: “dia do pai”, e ainda: “este é o pai”. Tentou

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

que se mantivessem envolvidos no jogo, daí passava-lhe as letras que necessitava para as suas criações.

Durante esse jogo, o facilitador retomou a canção do dia do pai e persistiu a passar-lhe as letras. Espontaneamente, a criança disse: “é teu pai”. De acordo com as letras que ela estava a juntar, o adulto tecia algum comentário. Quando mencionou a Patrulha Pata, a criança repetiu-o: “a Patrulha Pata”. Desenvolvendo esta conversa, ela referiu: “*Marchal*”, o adulto disse-lhe que traria do armário essa personagem, depois mostrou-lhe o *Rider* e ela nomeou-o. Pegou as personagens na mão reforçando: “é o *Rider*” e deu uma gargalhada. Repetiu: “é a Patrulha Pata, Patrulha Pata”.

O facilitador com o *Chase* criou um faz-de-conta em que ele foi saltar em cima da bola de pilatos, o S. deu muitas gargalhadas com esta brincadeira. Envolveu-se na mesma fingindo ladrar: “au au au au au”, depois chamou o: “*Rubble, Rubble*” e “*Marchal, Marchal*”, o qual o adulto foi buscar à prateleira. No entanto, lá encontrou outra imagem de personagem que a criança reconheceu: “*Zuma*”. “É a Patrulha Pata”, disse ela, “olha!...é a *Skye*”.

O facilitador desafiou a criança a entrar no jogo simbólico com estas personagens, ela sorrindo verbalizava: “é a Patrulha Pata”, no entanto não aderiu. Não obstante manteve-se a referir uma das personagens, “*Rider*, olha o *Rider*”.

Espontaneamente expressou: “*Tiger*”, “*Tiger*”, como não havia nenhum brinquedo deste género, o adulto ofereceu-se para desenhá-lo na folha de papel. A criança assentiu sentando-se na mesa olhando na direção dele. Por sua vez, ele olhou-a para ter o seu consentimento para começar a desenhar, aí ela aproximou-se imitando os sons que o outro emitia, “Grrr”. Encostada a ele, verbalizou: “o tigre”, “ahhh! O tigre”, “tiguitigtig”, ulteriormente foi sentar-se. Não obstante, olhava para o adulto de vez em quando, deste modo ao vê-lo desenhar as listas disse: “riscas”.

Embrenhado na organização das personagens dos desenhos animados, deixou de se interessar pelo desenho do tigre. Por isso, o adulto concluiu-o e foi para junto da criança. Ela proferiu: “a Patrulha e os seus heróis”. Depois esteve por segundos isolado na sua organização das personagens, aquando naturalmente disse: “o *Marchal*, o *Marchal*, *Marchal*, o *Marchal*” usando diferentes entoações e volume, como o facilitador em outras sessões. Ainda fez o som: “mememe

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

memem”, e mostrando ao outro uma das personagens disse-lhe: “é um cão”. Falando das restantes, ela identificou o “*Rubble*”.

Uns minutos depois, voltou a brincar com as letras, o adulto tentou continuar em interação, mas a criança não lhe deu sinal verde. De forma natural expressou: “as letras”, e ao colocar uma letra verde alinhada, nomeou a sua cor corretamente. O outro ao ouvi-la verbalizar, respondeu-lhe com uma ação, dando-lhe outra letra dessa mesma cor e ela estabeleceu contacto ocular. Todavia, não a aceitou, baixou-se remexendo nas letras verbalizando: “é verde”.

Em atividade de exclusão, a criança dispunha as letras tentando construir palavras revelando jargão. Por entre o mesmo, disse: “Peter” e o adulto logo comentou se seria o Peter Pan. No entanto, o S. não lhe deu resposta, por isso o facilitador aplicou o *joining*.

A criança retirou-lhe algumas das letras e ele foi comentando o que ela fazia. Ela verbalizou algo que lhe foi incompreensível, mas pareceu-lhe sinal verde para interação então tomou a iniciativa de passar-lhe as letras. Ela aceitou-o recebendo-as, apesar de rejeitar algumas que não lhe interessavam. O adulto denotou que ela apenas queria as maiúsculas, daí começou a dar-lhe apenas essas, mencionando-o. Depois começou a formar o grupo das minúsculas e o adulto comentou-o, tendo ela repetido: “minúsculas” e logo a seguir manifestado jargão.

Posteriormente, retornou ao isolamento, o adulto ainda fez uma última tentativa de interação, mas ela respondeu: “não”, ao dizer-lhe que estaria ali se ela precisasse, replicou: “não”.

O adulto alertou-a que só faltavam alguns minutos para terminarem a sessão, ela parou o que estava a fazer, olhou-o e disse com tom de voz triste: “eu não quere, eu não quere”. Ele explicou-lhe que teria de ser assim e ela voltou a repetir: “eu não quere...eu não quere”. A criança continuou a olhar para o adulto enquanto ele a elucidava do que aconteceria, convidou-a a brincar mais um pouco, e ela fê-lo. Mas antes o facilitador agradeceu-lhe pelo contacto visual.

Retomou a brincadeira de forma isolada e o adulto fez o *joining*. De repente disse algo, mas o adulto não conseguiu perceber e questionou-a. A criança parou o que estava a fazer, olhou para ele e proferiu: “show”, então o adulto ajudou-a a concluir essa palavra com as letras de eva. Ela continuava à procura de outras letras e o outro ao perceber que ela estava a tentar escrever o nome

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

de um programa televisivo auxiliou-a a encontrar as letras necessárias. Ela verbalizou: “fama”. O facilitador explicou-lhe a importância de pedir oralmente para ter uma ação rápida como resposta.

Chegado o momento de acabar a sessão, o adulto disse-lhe e ela replicou: “não”, “eu não quero”; ele agradeceu-lhe por partilhar a sua vontade consigo, contudo teria mesmo que dar por terminada a sessão e a criança repetiu-o, “acabou”.

Em seguida, começaram a arrumar, a criança em simultâneo comentava o que fazia: “estas” (referia-se às letras que estava a guardar), ao pedir-lhe para tapar ela verbalizou: “tapa”. Guardaram juntos no armário os jogos e, sorrindo saíram do *playroom* de mãos dadas.

04-04-2016

Ao chegar à escola, o facilitador encontrou a criança no momento da higiene pessoal na casa de banho. Ao dar conta da sua presença, esta dirigiu-se na sua direção demonstrando-se feliz, com um sorriso e excitação, e verbalizou o nome dele, abraçando-o. Depois quis dar-lhe a mão para seguir para o refeitório para o lanche da manhã. Neste espaço quis que o adulto ficasse junto a ele, mostrando-lhe isso com o olhar e gesto. Ao ser-lhe solicitado que repetisse o nome da fruta ele fê-lo de imediato (“maçã”).

Posteriormente, olhando para o adulto, esticou o braço com a fruta na mão na sua direção, questionando “queres?”; o adulto respondeu que não, mas comemorou toda a situação (interação, contato ocular e comunicação verbal). A criança repetiu a ação verbalizando naturalmente: “vê melhor”.

Durante o lanche, a criança manteve por um tempo mais longo do que o normal o contato visual e a interação. Tendo apresentado várias vezes iniciativa de interação com o facilitador.

No *playroom*, o S. ao ver as cores de feltro, retirou-as do seu suporte e alinou-as em cima da mesa permitindo a ajuda do adulto. Espontaneamente olhou-o e, agarrando-lhe o braço verbalizou: “vamos fazer um triângulo”. Por sua vez, com grande entusiasmo, o adulto respondeu-lhe positivamente e juntos foram ao armário buscar uma folha de papel para o efeito.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

A criança estava muito entusiasmada, demonstrava saudades de estar naquele espaço devido à pausa da interrupção letiva. Acompanhando o facilitador até à mesa, cantarolava algo com uma linguagem pouco perceptível, com exceção da palavra triângulo. Assim, o adulto desenhou-o na folha; o S. olhou interessado, mas logo de seguida desviou o olhar para a prateleira para onde se deslocou. Junto a esta, reproduziu a questão que o adulto lhe coloca, por norma, quando a criança pretendia pedir-lhe algo da prateleira, “o que tu queres?”. Utilizando a mesma entoação, repetiu a pergunta enquanto estendia o braço na direção do que queria e olhava para o adulto. Este celebrou, gesticulando entusiasmaticamente, descrevendo porque o fazia. A criança disse: “queres que tu passes letras”; o adulto em resposta rápida e aplicando os 3 Es foi buscar as letras. Olhando para o adulto, ela acrescentou “é “um”” e depois aludiu algo pouco perceptível, acabando a frase com uma palavra que parecia ser “domingos”.

Imediatamente ao terminar o que estava a comentar, o S. afastou-se na direção da caixa dos legos, abriu-a e indicou: “legos” (sem estabelecer contato visual). Perante isso, o adulto foi ao seu encontro questionando-o se queria jogar; ele respondeu com jargão e, sem demoras, regressou para junto do armário com o braço estendido, proferindo “o quê que tu queres?”. Ao observar que a caixa estava ao seu alcance, agarrou-a juntamente com o adulto, o qual, reforçando a linguagem, nomeou-a. A criança com entusiasmo olhou para o adulto, que estava a seu nível, e disse: “os piratas da terra do nunca”.

Assim, sentaram-se no chão e começaram juntos a formar palavras. O facilitador perguntou ao S. se iria escrever piratas, esclarecendo que se assim o fosse iria precisar de um “P”, ao que não obteve resposta. Em seguida, a criança comentou: “Vais escrever Jake. É Jake?”. Sem olhar para o adulto, fixada nas peças do jogo, disse em jeito de resposta: “”M” e “A”, “MA”, “Max”, “É Max”. Deste modo, o adulto ajudou-a a procurar as letras que lhe faltavam para concluir a escrita deste nome. Ao terminá-lo, ela iniciou uma atividade de exclusão.

Com efeito, começou a alinhar as peças/letras e não aceitou a participação do adulto que lhas tentava facultar. Diante disto, com o intuito de se tornar mais atrativo aos olhos da criança, colocou um adereço na cabeça (bandolete com duas antenas com uma letra cada).

Durante o isolamento, a criança vocalizou “máma”; o adulto tentou descobrir/compreender a que se referia, porém não conseguiu chegar a nenhuma conclusão. Continuando muito concentrada

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

na sua ação, revelou jargão aquando juntava letras, levantava-se e olhava para o que havia formado, sentando-se em seguida de volta à ação.

Após, mais ou menos três minutos em exclusão, a criança reparou nas antenas do facilitador e manteve contacto visual apenas por alguns segundos, regressando à sua atividade e ao jargão. Passado alguns segundos em silêncio, revelou novamente jargão. O adulto, tendo em atenção os sons emitidos, associou-os à letra “S”, oferecendo-a à criança e ela aceitou-a. Tentando prolongar esta abertura à interação, divertidamente cedeu-lhe outra letra, fazendo-lhe cócegas e, certificando-se de que a criança olhava para si, salientou as suas antenas abanando-as. No entanto, não deu sinais de querer continuar a brincadeira, voltando à sua atividade de interesse em isolamento. Expressou uma palavra não muito perceptível, que, pela sua sonoridade, foi entendida como “sporting”.

Reforçando o facto de a sua comunicação provocar um efeito/ação no outro, o adulto questionou a criança se esse era o seu clube e deu-lhe uma letra verde, explicando que era da cor do sporting. Ela olhou-o, aceitou a letra e reproduziu “sporting”, colocando-a alinhada com as restantes, sem voltar a estabelecer contacto ocular. O adulto ainda lhe ofereceu um leão, associando-o ao clube, de forma a solicitar-lhe o continuar em interação. Ao vê-lo, o S. sorriu; então o adulto proporcionou uma brincadeira com contacto físico, fazendo-lhe cócegas através do leão que rugia. Assim, iniciou novo ciclo de atividade; no entanto a criança verbalizou: “não quer, não quer” e retirou-lhe o leão, colocando-o de parte, voltando ao isolamento. O adulto, adotando o estilo responsivo defendido pelo programa Son-Rise, respeitou-o, afastando-se e não insistindo nessa brincadeira. Daí, tentou “juntar-se”, alinhando também letras a uma certa distância permitida pela criança.

Espontaneamente, ela disse algo impercetível e logo em seguida “tic tac”. O adulto, celebrando-o, dançou e cantou usando essa onomatopeia, associando-a ao som do relógio. A criança reproduziu o som onomatopeico e depois a palavra relógio (reógio). O adulto associou a palavra ao objeto, mostrando-lhe o seu relógio e depois desenhando, ao mesmo tempo que cantarolava uma canção inventada alusiva ao mesmo e ao seu som. A criança manteve-se atenta enquanto o adulto desenhava, repetindo várias vezes “tic tac, tic tac...”.

Ao mesmo tempo que escrevia os números no desenho do relógio, enunciava-os; ao verificar o interesse do S., fez uma pausa na ação, desafiando a criança a verbalizar: “escreve, Raquel”. Ela

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

não o fez, embora mantivesse o olhar à espera que o adulto continuasse a sua ação. Então o adulto continuou escrevendo incentivando-a a responder ao desafio; nomeando o número oito fez uma pausa. Ela não disse o que lhe foi solicitado, porém olhou-o e verbalizou “nove” e aquele ofereceu-lhe a ação pretendida, isto é, escreveu esse número no relógio.

Sendo a “Patrulha Pata” um dos interesses desta criança, e estando ela a começar a apresentar sinais de desmotivação em relação à atividade, o adulto envolveu um dos personagens destes desenhos animados na brincadeira com o intuito de reverter a situação. Ela apresentou jargão, tendo sido compreendido: “Patrulha Pata! A Patrulha Pata!”. Contudo, voltou ao jogo das letras, embora cantando algo em jargão, finalizando com as palavras "Patrulha Pata" bem perceptíveis.

Assim sendo, o adulto, em resposta ao verbalizado, foi dançando até ao armário para ir buscar as personagens fantoches desse desenho animado televisivo. A criança voltou a focar a sua atenção no adulto com o fantoche. Levantou-se do chão, onde fazia o jogo, e, saltitando, verbalizou: “au au”; depois voltou a baixar-se. O adulto, ao seu nível, aproximou-se dramatizando com o fantoche, fazendo-lhe cócegas, e ela sorriu, tornando a imitar a voz do cão (“au au”). Posteriormente, verbalizou algo impercetível; o adulto, fingindo ser o Zuma (fantoche), pegou-a no colo, mas, ao colocá-la no chão, regressou de imediato ao jogo das letras sem olhar para ele.

No chão, o facilitador tentou reiniciar a interação com a criança, através do “Zuma”, passando-lhe uma letra, a qual ela aceitou, olhando para o fantoche. O adulto, ao ter a sua permissão ia repetir a ação, quando ela, concentrada nas letras, naturalmente interrogou “onde está?”. O facilitador tentou clarificar a situação questionando-a sobre a letra que ela desejava, mostrando-lhe diferentes letras que nomeava. A criança, para demonstrar as que não queria, emitia um som de desagrado, como se estivesse a choramingar (“ââ”). O adulto mostrou-lhe o “A”, associando-o ao Alvin, e ela respondeu: “Alvin não quer”, olhando para o adulto. Então, este incentivou-a a exprimir oralmente o que pretendia.

Entretanto, a criança, olhando para as letras que pisava, vocalizou “Ohhh!”. Diante disto o facilitador reproduziu a exclamação e transmitiu oralmente o que achava que ela tinha intenção de comunicar. Prontamente, informou-a que estava ali disponível para a ajudar e afastou as letras sob os seus pés.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

De seguida, o S. começou a formar uma palavra. O adulto deixou-se ficar na sua frente demonstrando interesse e leu o que este construía. Concentrado no jogo, ele cantou uma canção alusiva a essa palavra que parecia ser o genérico de uns desenhos animados, no entanto, a letra da canção não foi entendida pelo adulto por não apresentar palavras claras, com exceção de “obrigada, Lolly”.

Não obstante, o facilitador disse à criança que tinha apreciado a canção e questionou-a sobre quem era a personagem de quem falava. Deu-lhe um espaço para resposta, mas a criança não respondeu, continuando embrenhada nas letras. O adulto ainda a interpelou mais uma vez, dando-lhe hipóteses de resposta com suporte em imagens de animais, para as quais olhava fugazmente nunca deixando de manipular as letras. De repente disse “é borboleta”.

O adulto, como não tinha uma imagem desse animal, explicou-lhe que o desenharia e assim o fez; todavia, o S. não se interessou, mantendo-se concentrado na organização das letras, por isso o facilitador tentou “juntar-se”.

Durante o tempo em que a criança se manteve em atividade de exclusão apresentou jargão, durante o qual verbalizou uma palavra que ao adulto soou: “Noddy”. Ao tentar perceber o que tinha sido dito, foi-lhe colocada a hipótese de “Mogli”, ao que ela respondeu: “não”; depois dele explicar à criança que não tinha percebido, ela repetiu o que tinha dito, sem estabelecer contacto visual. Contudo, as palavras exibidas não eram claras. Lançou um olhar para a prateleira e o facilitador perguntou-lhe se ela queria alguma coisa dali, interpelando-a sobre o que seria. Ela não lhe deu atenção, mantendo-se concentrada nas letras. O adulto tentou “juntar-se”, formando palavras tal como ela.

Ao formar a palavra “Jake”, a criança olhou para o adulto; este agradeceu-lhe e celebrou-o com mímica. Mas ela não gostou, olhando-lhe nos olhos disse: “não quer” e o facilitador tentou explicar-lhe o porquê da comemoração. Não obstante, ela continuou a dizer que não queria e começou a chorar. Perante tal situação, o adulto tentou aproximar-se para consolá-la, questionando, a priori, se ela o permitia; a criança demonstrou dar permissão, acalmando o choro. Deste modo, o adulto foi ao seu encontro, abraçando-a e acalmou-a. No entanto, quando começou a agradecer e a tentar esclarecer o acontecimento, o S. disse novamente “não queres” com chorinho e o adulto respeitou-o, afastando-se, dando-lhe espaço.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Mantendo uma certa distância, o adulto fez a observação de que a criança precisava de um lenço e procurou-o nos bolsos da bata, mas não o tinha, por isso transmitiu-o. Espontaneamente, ela foi ao encontro dele e verificou também os seus bolsos; em simultâneo ele dizia-lhe que não os tinha e questionava-a se queria que fosse buscá-los. Após certificar-se de que o adulto não tinha lenços e, com algum tempo de latência, respondeu: “vai buscar”.

O adulto saiu do quarto, indo buscar um lenço. Ao chegar, a criança olhou para ele e aceitou-o, assoando-se. Depois sentou-se no chão, junto a uma folha de papel, olhando para o facilitador; apontando para a folha verbalizou: “queres o “N”, queres “N””, com a intenção de pedir-lhe que escrevesse essa letra. Enquanto escrevia, o adulto verbalizava-o, e ao terminar a criança fez-lhe novo pedido: “plastichina”. Ela estava sentada no chão, em frente ao adulto; porém, ao começar a escrever o que lhe tinha sido pedido, a criança sentou-se no seu colo de costas para si, procurando vê-lo melhor a escrever e olhava para a folha. Ao concluir, o facilitador leu a palavra, sorrindo a criança respondeu-lhe da mesma forma, reproduzindo a palavra “plastichina”. O adulto tentou modelar a palavra, mas ele reproduzia-a da mesma maneira olhando apenas para o papel.

Com a criança ainda ao colo, o adulto perguntou-lhe se queria que escrevesse mais alguma coisa. Aguardou algum tempo por resposta e, como não a obteve, sugeriu que escrevesse o seu nome, ao que ela assentiu - “escreve” -, agarrando-lhe na mão e direcionando-a para o papel. Após escrever, leu-o pausadamente e ela repetiu: “O S.” Pegou novamente na mão do adulto e levou-a ao papel; depois apontou para o seu nome escrito e verbalizou-o. Em seguida, pediu: “Danny”. O adulto desafiou-a a dizer: “escreve”, mas ela não o fez; direcionando-lhe a mão para o papel deu um sorriso e, sem olhar-lhe, focando-se na folha repetiu: “o Danny”. O adulto ainda insistiu, mas ela continuava a não o dizer, puxando-o pela mão. Naturalmente, comentou: “O S. gosta”; o outro comemorou a partilha com uma brincadeira física (passou da posição sentada para a posição deitada de dorsal com a criança ao colo) e de imediato escreveu: “Danny” como lhe tinha sido pedido. A criança apontou para a palavra e verbalizou: “Danny, o Danny”. O facilitador repetiu-a e ela retribuiu-lhe com um sorriso.

O adulto iniciou um novo ciclo de brincadeira física e perguntou ao S. se desejava que ele escrevesse outra palavra, mas ele saiu do seu colo repetindo sem estabelecer contacto ocular, “Danny, Danny, o Danny”. Dirigiu-se ao jogo das letras, reproduzindo várias vezes esse nome.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Depois disse uma frase de três palavras, em que o adulto apenas compreendeu “para Danny”, disse-o espontaneamente enquanto manipulava as letras. O adulto ficou atento, tentando discernir o que ele tentava comunicar. Como estava a brincar com as letras, questionou-o se seria as letras para escrever “Danny” e ele apresentou ecolalia: “para o Danny”.

Assim, o adulto começou a auxiliá-lo no juntar as letras; ele aceitava-as, embora não olhasse para ele. Ao dar-lhe o “N”, o S. levantou-se e dirigiu-se à folha onde estava o nome supracitado escrito, como se estivesse a confirmar se aquela letra fazia efetivamente parte do nome. Então, o adulto indicou-o, apontando para a letra no papel; ele sorriu e direcionou o seu olhar para a palavra que estava a formar com o jogo, para onde voltou. Continuando a ajudá-lo, o adulto passou-lhe as letras até estar concluída a palavra. Ao estar terminada, ele olhou para o que havia construído e disse: “é o Danny”.

A criança, permanecendo concentrada no jogo, não demonstrou interesse nas interpelações do adulto, não estabelecendo contacto visual nem realizando comentários; apenas reproduzia: “Danny, é o Danny”, “ooooo Danny”. Aí o adulto perguntou-lhe se o Danny era um menino e foi à prateleira buscar um livro para lhe mostrar a imagem de um. O S. olhou para ele e abandonou o jogo, com o objetivo de juntar-se para ver o livro. No entanto, não conseguiu permanecer por muito tempo, explorando apenas as imagens de duas páginas, desistindo e voltando ao jogo. Perante o seu desinteresse, o adulto guardou o livro e aproximou-se do S..

Olhando apenas para o jogo, ele disse: “o S.”; levantou-se e o adulto, apontando para a folha, mostrou-lhe onde estava escrito o seu nome, e ele seguiu-o com o olhar. Encostou-se no adulto, o qual disse-lhe que o ajudaria a escrever com as letras do jogo, e passou-lhas novamente. Ele, a cada letra que o adulto lhe passava referente ao seu nome, baixava-se, colocava no respetivo lugar, levantava-se e olhava para o que estava a construir, e assim sucessivamente até terminar.

Reiniciou o alinhar as letras, permitindo o auxílio do adulto. Durante esta atividade, revelou algum jargão que, pela entoação dada, parecia ser o contar de uma história. Por entre este, deixou escapar algumas palavras perceptíveis, tais como: “beber água”, que parecia estar fora de contexto. Então o adulto, rapidamente, pegou no frasco das bolas de sabão, fingiu ser um copo e estar a beber dele. Como a criança olhou para ele interessado, introduziu as bolas de sabão. Ele

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

começou a cantarolar algo sobre bolas de sabão, olhando para o adulto e tentando apanhar as bolas concomitantemente. Conseguiu manter-se nesta atividade por mais ou menos dois minutos.

Depois voltou a isolar-se no jogo das letras, apenas dando sinal verde ao verbalizar: “os coelhinhos”. Assim, o facilitador deslocou-se até ao armário para ir buscar uma imagem do coelho para concretizar a palavra. O facto de estar a procurar os coelhinhos na prateleira despertou interesse ao S., ficando este atento ao adulto, embora com olhar desviante. Depois, ao mostrar-lhe o cartão com o coelho e ao imitar o seu movimento, a criança manteve por mais uns segundos o contacto visual, cantarolando mais uma vez: “os coelhinhos, os coelhinhos...”. Nem demorou um minuto esta interação, pois o S. dirigiu-se para as cores, verbalizando seguidamente ao jargão que apresentou: “cores”. Na mesa, formava letras com estas.

Voltou novamente ao chão e formou uma palavra que quis partilhar com o adulto. Nesse sentido, olhou para o adulto, apontou e olhou para a palavra que tinha escrito, verbalizando-a. Contudo, o adulto não conseguiu percebê-la, pois, embora a criança a tivesse repetido algumas vezes, esta não era clara. Mesmo assim, celebrando e valorizando a tentativa de comunicação, o adulto tentou associar o som que este transmitiu a algo.

E, assim, terminou mais uma sessão.

08-04-2016

Ao chegar ao *playroom*, o S. olhou para as letras que estavam dispostas nas paredes fora do seu alcance físico; depois olhou para o adulto e voltou a olhar para as letras, partilhando a sua atenção neste seu interesse, apontou para estas, verbalizando: “as letras”. Apresentava uma expressão facial sorridente e, ao olhar em volta da sala, repetiu, apontando para as letras, “as letras”.

Ante o entusiasmo da criança, o adulto decidiu pôr em prática a sua ação motivadora, que consistia em colocar um lenço de pirata - onde estava escrito “Jake” - e incorporar a personagem, usando também a sua espada. Aquando ele colocava o lenço e procurava a espada no armário, o S. focava a sua atenção nele, estabelecendo contacto visual e saltitando; após o adulto referir que havia se transformado no Jake, ele apresentou ecolalia dizendo “no Jake”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

O S., agarrando na bata do adulto, repetiu “o Jake” e olhava para o lenço, para as letras que compoñham o nome. O adulto baixou-se ao seu nível e ele tentou alcançar o lenço ao mesmo tempo que o outro lhe fazia cócegas. Com esta brincadeira, ele afastou-se sorrindo; mas voltou a olhá-lo e a aproximar-se, persistindo aí com o contacto visual revelando interesse pelo que o outro estava a fazer.

O adulto continuou à procura da espada enquanto falava do Jake - o pirata e, a criança em ecolalia verbalizou: “o pirata”, bem como “a espada (jargão) do Jake”. Entretanto, ao ver no armário a caixa com os desenhos/escrita realizados noutras sessões, desinteressou-se pela ação do adulto. Assim, pegou na folha onde o facilitador tinha escrito na última sessão, sentou-se no chão e verbalizou uma das palavras que constavam na mesma - o seu nome. Ao dizê-lo apontou, mas não olhou para o adulto para se certificar da partilha. Todavia, este aproximou-se da criança e comentou o que ela manipulava.

O “S.”, mais uma vez, mudou de atividade, não dando atenção nem abertura ao adulto para interação. No entanto, permitiu que ele o auxiliasse quando, ao tirar as cores todas de uma vez do seu suporte, lhe caíram algumas ao chão. Depois, começou a formar letras com estas, alinhando-as na mesa. O adulto tentou “juntar-se” e a criança lançou-lhe um olhar fugidio. Assim, tentou repetir a atividade, indo buscar uma das letras expostas na parede; ela olhou-o novamente com um olhar desviante, e aí o adulto percebeu que o olhar anterior não constituía um sinal verde, embora tenha voltado a olhar e aceitado a letra cedida.

Assim, o adulto iniciou novo *joining*. Como não havia mais cores para que o adulto pudesse fazer exatamente o mesmo do que a criança, utilizou umas imagens das diferentes personagens da Patrulha Pata. Neste sentido, alinou-as e tentou organizá-las em posições que formassem letras.

A reação obtida na criança foi: inicialmente, lançou um olhar fugidio; depois, dirigiu-se para junto do adulto e, encostando-se a ele, apontou para uma das personagens nomeando-a - “Chase”. O adulto comentou que este fazia parte da Patrulha Pata e a criança cantou: “A Patrulha Pata, a Patrulha Pata, a Patrulha Pata...”, início do genérico dos desenhos animados. O facilitador referiu que estas personagens eram cães; a criança, com um certo tempo de latência emitiu o som do cão, “au au”. Em seguida, o outro tentou chamar a sua atenção para um caixote que estava no quarto, ao qual se referiu como sendo um carro das personagens em questão, reproduzindo o seu som e

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

fingindo que o conduzia. A criança olhou para o adulto estabelecendo contacto ocular e repetiu duas vezes: “é um cão”, de modo captar a sua atenção para o que dizia.

Em seguida, regressou para junto das imagens e voltou a vocalizar o som do cão. Entretanto, o adulto agradeceu-lhe, festejando a intenção de comunicar consigo. Ela reagiu ignorando-o e afastando-se das personagens, regressando para junto das cores. Não obstante, o adulto tentou reiniciar a atividade com o carrinho. Inicialmente a criança não se interessou, mas, por fim, virou-se em direção ao que ele estava a fazer, com cores na mão; olhou para dentro do caixote e depois formou um número que pousou no tapete.

Foi até à mesa para buscar as restantes cores e levou-as também para o tapete. Esqueceu-se de uma e o adulto pediu a sua autorização para a ajudar dando-lhe a que faltava, mas a criança não lhe respondeu, mantendo uma expressão facial neutra, compenetrada no que fazia. Naturalmente verbalizou “são os... são os... são os números” e o adulto comentou; a criança ainda acrescentou: “o dois”; em simultâneo manipulava as cores de maneira a construí-lo. Ante isto, o facilitador foi à prateleira buscar o número dois (peça de encaixe de um jogo), e ao nível da criança, de forma animada, atraiu-a para o número. Ela olhou para a peça, agarrou-a e verbalizou: “número dois”. Colocou-a no tapete, levantou-se e, alongando o braço em direção às letras na parede, pediu “quer o “a””, olhou para o adulto e disse: “o “a””.

Diante o pedido, o adulto incorporou novamente a personagem “Jake” e, com a sua espada, resgatou a letra “a” da parede. Aquando a encenação a criança já estava a olhar para as letras de outra parede, verbalizando: “queres...”; todavia, ao ouvir o adulto a dizer: “dá o “a”, dá!”, voltou a interessar-se, estabelecendo contacto visual até lha entregar. Pegou na letra e, olhando para ela, tentou colocá-la na parede à sua altura.

Enquanto isto, o adulto informava-a que estava a dramatizar o “Jake” e indicava o seu nome escrito no lenço de pirata, para o qual a criança olhou. Depois repetiu a ação de lhe dar uma letra de forma animada, fazendo-lhe cócegas, e explicou-lhe que se pedisse: “dá a letra” (apontando para a sua boca) ele dar-lha-ia de imediato. A criança apenas olhou para este quando apontava para a boca descrevendo o que ela deveria dizer para acionar a ação. Assim repetiu: “queres...”, não seguindo as orientações dadas.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Neste sentido, o adulto repetiu a ação com o propósito de a incentivar a verbalizar o pretendido, fingindo que caía ao chão; a criança revelou um sorriso de agrado relativamente à brincadeira estabelecendo contacto ocular.

Relativamente às letras que a criança ia recebendo do adulto, colocava-as na parede, mas estas descolavam-se e caíam ao chão. Com a pretensão de a ajudar, o adulto foi passando as letras caídas; a criança aceitou-as e tentou, novamente, dispô-las na parede. Como estavam novamente a cair, o adulto facultou-lhe um pouco de *bostik*, explicando-lhe como o usar, mas ela recusou-o, dizendo: “não, não”. Então ele afastou-se, explicando que respeitava a sua decisão. Logo de seguida, ela pediu-lhe: “dá letra”. Ele comemorou com os 3Es, satisfazendo rapidamente o seu pedido.

Assim, a criança levou as letras para o chão, de modo a alinhá-las, e permaneceu em atividade de exclusão durante um minuto. Após verificar que tinha *bostik* no sapato, a criança disse, olhando para o adulto, “caiu ao chão”; os dois aproximaram-se. O adulto informou-a que iria ver o que tinha caído ao chão e retirou-lhe do sapato o *bostik*, ao mesmo tempo que falava sobre isso.

A criança, mais uma vez, regressou ao jogo, olhou para a parede e verbalizou: “queres o “e””, assim o adulto, caminhando para a letra, cantava o que pretendia que a criança verbalizasse: “dá a letra”. De modo a aumentar a duração do contacto visual e o momento de interação, o adulto dramatizou que não conseguia retirar a letra mesmo aplicando muita força; fingiu que caía, voltava a levantar-se, caía novamente para o tapete e explicava à criança o que teria que fazer para que ele conseguisse retirá-la. Durante esta brincadeira, ela manteve o contacto visual, aproximadamente um minuto, sorrindo devido às supostas quedas do facilitador.

Por fim, a criança decidiu trepar o adulto de maneira a alcançar o desejado. Porém, com ela ao colo, avisando-a *a priori*, o facilitador simulou mais uma queda. Ela não demonstrou grande entusiasmo com esta ação, demonstrando mais agrado quando o adulto tentava fugir de cima das letras, dizendo “ai, ai, ai, as letras” e sacudindo as pernas. Este até o ajudou, empurrando-o pelo ombro para se sentar.

Ao ver as letras desorganizadas, concentrou-se na sua reordenação. O adulto iniciou novo ciclo de atividade e a criança apenas olhou para ele quando fingiu cair conseguindo uma letra das expostas. Rapidamente, ela retirou-a da sua mão e ficou a olhá-la ora esticando-a ora comprimindo-

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

a; concomitantemente, o adulto explicava-lhe como poderia participar na brincadeira se assim o desejasse. Muito focada na letra, ele questionou-a sobre o que estava a fazer, se estaria a tentar transformá-la noutra letra e se seria num “i” ou “y”, ao que respondeu revelando ecolalia.

Em seguida, o S. levantou-se e apontou para as letras, mas nada verbalizou, regressando às letras que estavam no chão. Dirigiu-se de novo até junto da parede e disse: “queres o “n””. O adulto, ao baixar-se ao seu nível para reforçar o que ele tinha dito, ficou com as letras do lenço ao seu alcance e ele retirou o “j”. Regressou a uma atividade de exclusão, na qual persistiu poucos segundos.

Junto da parede, pediu de novo: “queres...” e o adulto insistia para que a criança verbalizasse o proposto de início na atividade. Ao verificar que a criança estava a ficar desmotivada, o adulto começou a questioná-la, apontando e nomeando as letras uma de cada vez à procura da que ela pretendia. Como o facilitador não estava a encontrá-la, iniciou uma pequena birra de frustração, mas o adulto calmamente explicou-lhe que daquela forma, com aquele comportamento, não percebia o que ela queria comunicar, que estava a tentar ajudá-la e que seria mais fácil se ela tentasse falar para se fazer compreender.

Por conseguinte, a criança verbalizou: “queres o “n””; o adulto insistia no verbo “dar”, fazendo a brincadeira do esforço para retirar a letra e a queda logo de seguida. Ela ficou atenta durante a encenação e sorria a cada queda. Quando o adulto lhe trouxe a letra, ela esticou os braços muito agradada, mostrando um grande sorriso, colocando-a junto às restantes.

O adulto explicou à criança que se pedisse verbalizando: “dá as letras”, ele a compreenderia mais rapidamente, dando-lhe de imediato o que pretendia. Junto à criança, começou a cantar a canção dos sete anões (quando iam trabalhar), adaptada ao ir buscar as letras. Isto despertou o interesse da criança, a qual estabeleceu contacto ocular com o adulto, permanecendo até que este alcançasse as letras, desviando-o logo em seguida. Ante o seu olhar fugidio, o adulto retirou a letra da parede e ofereceu-lha de modo a que a criança não desmotivasse; ela aceitou-a e persistiu na sua tarefa sem apresentar disponibilidade para o outro.

Depois olhou para a prateleira do armário e levantou-se, fixando-se nela por breves segundos. Baixou-se e retornou ao jogo. O adulto, ao observar o seu comportamento, questionou-a

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

se ambicionava algo de lá, mas ela nada respondeu, nem verbalmente nem através de expressão corporal. Espontaneamente, revelou jargão aquando alinhava e desalinhava as letras em atividade de exclusão. O adulto, à sua frente, a uma curta distância, fazia o mesmo que ela, utilizando, no entanto, as cores.

O S. olhou nos olhos do facilitador, foi até junto deste e verbalizou: “não quer”, agarrando as cores e afastando-as; depois tentou tirar-lhe do lenço as restantes letras do nome. O adulto questionou-o: “posso dar?” e ele respondeu em ecolalia, repetindo exatamente as mesmas palavras. O adulto ainda lhe perguntou se queria o lenço, todavia não o quis. Verbalizou, apontando de novo para a parede, “queres...”; porém, o adulto, ao insistir para que pedisse utilizando o “dá”, fez com que a criança demonstrasse desagrado, resmungando e usando uma linguagem praticamente inatingível com a exceção do “não”.

Na tentativa de cativar a criança, o adulto colocou um chapéu de pássaro. Ela reagiu de imediato: olhando para o adulto, abandonou o jogo e, naturalmente, começou a fazer a voz do pássaro: “piu piu”, aproximando-se. O adulto, com o bico do pássaro, fez-lhe cócegas na barriga e ela sorriu, mantendo o contacto visual por mais ou menos 15 segundos. A criança voltou a reproduzir o som do pássaro. Assim, o facilitador ofereceu-lhe, uma vez mais, a ação, desafiando-a a pedir: “passarinho mais cócegas”; nesse momento ela desistiu, afastando-se. Não obstante, ele tentou outra vez a ação motivadora, a qual não resultou.

De volta às letras, o adulto juntou-se ao S. para brincar passando as peças. Ele aceitou-o e olhando-lhe nos olhos disse: “passarino”; em resposta o adulto cantou uma canção alusiva. Porém, a criança desviou o olhar para o que mais lhe interessava, o jogo, embora repetisse em ecolalia imediata: “piu piu”. O adulto voltou a passar-lhe letras e a cantar; a criança, com pouco tempo de latência, reproduzia o som do pássaro. Conversando sobre o passarinho, o S. repetiu: “o passarino”.

Demonstrando-se interessado nas letras que ainda estavam dispersas na parede, o S. levantou-se, fixando-as com o olhar. Consequentemente, o facilitador explicou à criança que o pássaro iria resgatar as letras, bastava apenas que ele verbalizasse a ordem: “dá letras” e demonstrou-lhe. A criança estabeleceu contacto visual e sorriu quando a ave agarrou com o bico uma letra e entregou-lha.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

A criança colocou-a juntamente com as outras no chão, no espaço onde brincava, e em seguida verbalizou: “quer o “e””. Por conseguinte, o adulto foi rápido a ceder-lhe a letra que ela queria, valorizando o seu pedido verbal, e a criança, aplicando uma entoação como se estivesse a cantar, repetia “o passarinho, o passarinho...”.

Novamente apresentou sinal vermelho na sua atividade repetida; o adulto procedeu ao *joining*. Passados uns dois minutos, o S. levantou-se e vocalizou repetidamente: “piu piu piu”. Ele reparou que havia letras na parede por cima da mesa, por isso subiu para esta e foi buscá-las; o adulto acompanhou-o. Ao retirá-las partilhou verbalmente com o outro: “o “d””; quanto às restantes letras, o adulto nomeava-as à medida que o S. as manuseava.

Outra vez concentrou-se no seu jogo sem permitir o outro “entrar”, o que implicou ao adulto tentar “juntar-se”. Após alguns minutos, o S., pegando no “M” invertido, referiu “Patrulha Pata”. Em seguida, pôs-se a cantarolar “a Patrulha Pata, a Patrulha Pata” e o adulto, de modo a concretizar o que ele dizia, ofereceu-lhe do armário a imagem do Ryder, personagem deste desenho animado. Ele olhou-o, recebeu-o e colocou-o perto do jogo. O adulto começou a interpretar a Skye falando com o Ryder; ele repetiu: “Ryder” e reiniciou a canção alusiva ao tema, apresentando jargão.

No “seu mundo” o S. preferia fazer o seu jogo sozinho. Imitando-o à sua frente, a pouca distância, o adulto aguardava pacientemente que este desse sinal de disponibilidade para que pudesse interagir. De repente, do silêncio surge a palavra “pequena”, proferida pela criança; o adulto, então, facultou-lhe uma letra minúscula, relativizando o seu tamanho em relação às maiúsculas. Assim, ele pegou na maiúscula, adjetivando-a de “grande” e, logo de seguida, verbalizou de novo “pequena”. O adulto prontamente deu-lhe uma letra minúscula. Fechou este momento, virando-se de novo exclusivamente para as letras.

Esponaneamente olhou para o adulto e verbalizou algo com uma linguagem impercetível ao adulto. Este reproduziu um som parecido ao que ele havia reproduzido, e questionou se seria o passarinho que ele pretendia dizer; ele disse: “o peixe”. De maneira que o adulto lhe trouxe um cartão com um peixe juntamente com uma canção alusiva ao mesmo. Ele mimou a canção e a criança olhou-o fugidamente, voltando a sua atenção para a letra que tinha na mão, o “w”, e dizia: “o peiiiixe”. Em seguida, olhando para a letra como se quisesse partilhar, verbalizou: “Mickey”, e

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

manipulando-a, dando-lhe outra forma, disse: “peixe”, “és o peixe”. E o adulto apontou para o cartão com a imagem, obtendo o olhar da criança.

O S. voltou a colocar a letra alinhada com as outras, apresentando jargão, apenas sendo compreensível ao adulto a palavra peixe. Por isso, fez um comentário sobre o peixe, o qual foi repetido pela criança em ecolalia “o peixe a nadar, o peixe”. O adulto, ao fazer estes comentários, tentava ser divertido de maneira a cativar o olhar do S., mas não conseguiu, apesar de ele continuar naturalmente a revelar linguagem verbal aquando mudava ou simplesmente pegava numa determinada letra (associando-a a um nome), o que parecia ao adulto ter como objetivo a partilha do que estava a fazer. Por exemplo, pegou no “u” e disse: “Lucas” (nome de um colega da sala). O adulto fez uma observação sobre o Lucas e a criança verbalizou “no Lucas”, sempre concentrada no jogo.

Assim, o adulto, tentando provocar a interação, passava-lhe as peças do jogo. A criança dirigiu-se para junto da parede, olhou para ele, o qual comemorou discretamente, e pediu: “queres...queres”, olhando para a parede e apontando para as letras. Estabeleceu, de novo, um contacto visual fugidio e, sorrindo, verbalizou: “passarinho, passarinho”, e o adulto insistia: “dá a letra”. Ela não gostou de que ele a incitasse e dizia “não”. Ao verificar que não deveria insistir por mais tempo para que ela o verbalizasse, brincando ofereceu-lhe uma das letras com a técnica da queda, a qual resultou, pois a criança olhou-o. Depois levou a letra para o chão, permanecendo no jogo, revelando um jargão que parecia, pela sua entoação, a repetição ecolálica tardia de alguma fala dos personagens de desenhos animados televisivos.

Em frente à criança, também sentado no chão, o adulto imitava-a numa tentativa de *joining*. Após algum tempo de isolamento, ela olhou-o nos olhos, o qual agradeceu-lhe, valorizando essa atitude. No entanto, a criança demonstrou-se desagradada com isso, verbalizando “não” e desviando o olhar, demonstrando-se indisponível.

Entretanto, o S. levantou-se com uma letra na mão manipulando-a numa tentativa de dar-lhe outra forma. O adulto fez o mesmo, indicando-lhe oralmente o que lhe parecia ser o resultado da transformação. Isso captou a atenção da criança, a qual olhou para o que ele fazia tirando-lhe da mão a letra, apresentando jargão. Depois o adulto fez o mesmo com outra letra e ela olhou outra

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

vez. Contudo, não lha retirou, retornando ao seu jogo. Dirigiu-se à parede com as letras, apontou e verbalizou a que pretendia: “queres o “n””. Reforçando-o, de imediato o adulto facultou-lhe o “n”.

Com a letra na mão, a criança voltou à mesma atividade e, por conseguinte, também o adulto. Ainda o olhou quando ele referiu que a letra que tinha parecia um triângulo, mas simplesmente para lhe retirar a letra, “fechando-se” novamente.

Levantou-se e olhou para as paredes em seu redor com as letras dispostas, regressando ao jogo. De repente, ergueu-se de novo e pediu: “queres o “s””, levando-a para junto das restantes que estavam no chão. De novo, mirou à sua volta e o adulto, perante isso, perguntou-lhe se queria que lhe desse outra e ela respondeu negativamente, continuando a dar sinal vermelho por alguns minutos.

Chegou a hora de acabar a sessão. Então o adulto alertou o S. para isso. Ele demonstrou que não queria, estabelecendo contacto ocular e dizendo: “não”. De forma a persuadi-lo, o adulto explicou-lhe o porquê, mas ele continuava a dizer que “não”, acrescentando: “não queres”. Ainda lhe pediu outra letra: “queres o “s””, tentando permanecer por mais tempo; todavia, percebeu que tinha mesmo que arrumar e assim o fez juntamente com o adulto. Finalizando a sessão, disse: “vamos para o lanche” e lá foram.

12-04-2016

No *playroom*, o adulto expôs na parede algumas peças de um puzzle das vogais. A criança, apontando para elas disse: “queres mais”; o adulto aproximou-se e baixou-se ao seu nível. Ela aproveitou a sua posição para o utilizar como se fosse um instrumento para alcançar o que queria, isto é, sem olhar para ele, subiu-lhe para cima, tentando trepá-lo para atingir o fim pretendido. Como não o conseguiu, repetiu: “queres mais”. O adulto, modelando o que esta dizia ao contexto, questionou se seriam as vogais. Ela olhou-o nos olhos e repetiu-se.

Como mostrou grande interesse no puzzle, o adulto deu-lhe duas peças que estavam no armário, explicando-lhe que se quisesse outra peça só teria de pedir “dá outra”. Verbalizou, mais uma vez, “queres mais”, mas como o adulto fingia que não percebia, fomentando o pedido referido acima, ela acabou por verbalizar: “outra”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Consequentemente, o adulto pegou-a ao colo, festejando, e a criança ainda acrescentou qual a vogal que queria: “o “a””. Dirigiu-se até à mesa, onde o adulto a convidou a experimentar montar as peças que tinha, mas ela foi novamente para junto da parede pedir outra vogal: “queres o “i””. O adulto incentivou-a a pedir como o combinado; tentando motivá-la, brincou fazendo-lhe cócegas. Ela olhou sorrindo para ele e verbalizou: “queres mais”. O facilitador continuou encorajando-a a dizer o solicitado, até que ela disse: “dá”. Comemorou-o, também, com os 3Es. Pegando-a ao colo, levou-a para retirar o que pretendia da parede. Ela trouxe a letra até à mesa e o adulto demonstrou-lhe, estando esta interessada no que ele fazia, como encaixavam as peças. Não obstante, rapidamente desinteressou-se, pedindo outras letras, sendo estimulada pelo adulto a verbalizar: “dá”. A criança tentou trepar o adulto para atingir o que desejava; então este, com ela em pé no seu colo, fez-lhe cócegas; ela gostou, olhando-o nos olhos e sorrindo.

Durante este momento de brincadeira, enquanto o adulto balançava a criança, esta verbalizou: “cair”, e, depois, “super-herói”, olhando para a letra “a” que tinha na mão. O adulto reagiu a isto dizendo que iria colocar o lenço do pirata Jake, transformando-se num super-herói. A criança manteve o contacto visual, estando atenta ao que ele fazia com um sorriso no rosto e saltitando. Foi até à mesa, onde tinha colocado as restantes peças, e continuava a dizer “super-herói”. De maneira a atraí-la para a brincadeira, o adulto, descrevendo o que iria fazer foi ao armário buscar a sua espada. A criança olhou de relance e continuou a brincar com as peças que tinha. Ele realizou uma ação divertida encarnando um super-herói conseguindo provocar o seu contacto visual, embora por um curto período.

A criança voltou a dirigir-se à parede, olhou para o adulto e, apontando para as peças, verbalizou: “queres...”. O adulto explicou-lhe que não estava a perceber o que ela queria, tentando modelar a solicitação, mas a criança não a aplicou. Depois, sentou-se no tapete e mostrou-lhe *bostik* que tinha na sola do sapato; olhou-o e exclamou: “ohhh!”. O adulto identificou oralmente o que ela tinha na sola do sapato e prontificou-se a ajudá-la a retirar, e assim foi.

De novo, ela levantou-se e pediu as peças, como sempre o fazia; o adulto, por sua vez, incitou-a a pedir “dá outra”. Ela olhou-o e subiu para o seu colo tentando atingir o que pretendia. Como não o conseguiu, desceu e com a insistência do adulto, acabou por verbalizar: “outra”. O adulto comemorou e, ao verificar que ela olhava para si, apontou para a sua boca para que visse

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

como dizer: “dá outra”. Rapidamente pegou ao colo o S. e respondeu-lhe ao pedido, levando-o ao nível das peças de onde retirou uma. Enquanto a criança se dirigia à mesa com a peça, o adulto repetia a solicitação que pretendia modelar. Espontaneamente ela repetiu duas vezes: “super-herói”.

Regressando junto da parede, o S. apontou para as letras e verbalizou: “queres mais”. O adulto perguntou-lhe o que desejava baixando-se ao nível dos seus olhos e ele manteve o contacto ocular. Mais uma vez, a criança subiu para o seu colo e ele, fazendo-lhe cócegas, modelava a resposta. Ela sorriu, reagindo às cócegas, mas logo mudou o seu foco de atenção para as peças da parede para as quais apontava, dizendo algo impercetível. Ao observá-la, o facilitador solicitou-lhe que pedisse: “dá” e ela olhou-o nos olhos. Ele repetiu a ação motivadora (cócegas) e voltou a modelar a solicitação de forma divertida. Todavia, a criança verbalizou: “não”, virou-se para a parede e esticou o braço, apontando para as letras.

Perante isto, o adulto iniciou novo ciclo de atividade, acrescentando à ação motivadora uma “queda” (passava da posição de sentado para decúbito dorsal com extensão das pernas em direção ao tecto) muito divertida, a qual lhe valeu o contacto visual da criança. Ele agradeceu-lhe, gesticulando e falando muito baixinho, conseguindo que ela detivesse o olhar em si e lhe oferecesse um sorriso.

Não obstante, o S. foi para perto da parede esticando o braço na direção das peças. Com o intuito de que ele pedisse (“dá”), o adulto repetia a solicitação; porém, somente verbalizou algo que não foi compreendido e fez referência ao “super-herói”. O adulto respondeu-lhe que era o super-herói, que era o Jake; nesse momento ele olhou-o e sorriu, dando uma volta ao tapete. Em seguida, olhou para o adulto e disse de novo “super-herói”, aproximando-se da parede e dele. Assim chamou-o e, quando o S. o olhou nos olhos, pediu-lhe que verbalizasse: “dá”.

A criança ora olhava para a parede ora para o adulto, até que se encostou nele. O adulto explicou-lhe que não conseguia chegar às peças se ela não dissesse: “dá”; em ecolalia, ela emitiu: “não chega”. Fomentando o pedido: “dá”, o adulto verbalizou-o com diferentes entoações, mas a criança apenas dizia: “super-herói”. De modo a não a frustrar, pegou-a ao colo, elucidando-a e demonstrando-lhe o que aconteceria se ela verbalizasse o que ele lhe tinha sugerido. Assim, com a peça na mão, a criança foi pousá-la na mesa junto às outras que já possuía. O adulto acompanhou-a

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

até à mesa, mas ela não lhe deu atenção, nem mesmo quando ele lhe cantou uma canção alusiva ao animal da respetiva peça.

De repente, disse: “mia o gato”, numa situação fora de contexto. O adulto reagiu de imediato a isso, tendo como objetivo mostrar-lhe que a sua comunicação provoca um efeito no outro, por isso concretizou-o através da apresentação de uma imagem real do animal mencionado. Efetivamente o adulto conseguiu a sua atenção e contacto visual, pois ao ver o cartão do gato a criança correu até ao adulto olhando-o nos olhos, repetiu o que havia dito anteriormente, “mia o gato”, agarrou no cartão e afastou-se dele apresentando jargão. Parou, olhou para a prateleira, e ele questionou-a se queria mais alguma coisa; ela virou-lhe as costas e, naturalmente, verbalizou: “chapéu”. O adulto, informando-a do que fazia, abriu uma caixa e mostrou-lhe o chapéu; ela olhou fugazmente, envolvendo-se por completo na atividade que desenvolvia. Consequentemente, o adulto aproximou-se da criança, realizando o mesmo que esta (*joining*) com o chapéu na cabeça. Espontaneamente, ela, olhando para as peças que manipulava, disse: “chapéu” e o adulto deu-lho; porém não o aceitou. Diante disto, retornou ao *joining*. A criança alinhava as peças do jogo e dava uma volta, como quem estivesse a dançar.

Após um a dois minutos nesta atividade, o S. olhou para as peças expostas na parede, o que provocou o adulto a questioná-lo se queria mais alguma, tentando modelar a resposta caso esta fosse positiva. Mas ele não respondeu, voltando ao jogo e revelando jargão. Passado algum tempo, olhou para o adulto, que estava ao nível dos seus olhos recriando um jogo semelhante ao seu, e verbalizou: “super-herói”. Este reproduziu-o e o S. deu-lhe um sorriso, regressando ao jogo e à repetição do que havia dito. Mantendo-se neste tema, o adulto enunciou alguns nomes de super-heróis; todavia, a criança não olhou para ele. Deste modo, o adulto voltou a fazer o mesmo do que ela. Depois olhou para as peças que o adulto tinha e retirou-lhe algumas, colocando-as alinhadas com as suas. Fez nova referência aos super-heróis. Em seguida, olhou para as peças distribuídas pelas paredes; o adulto questionou-a se queria outra e foi buscar mais uma, dizendo: “dá outra”. A criança aceitou-a com agrado e juntou-a às outras na mesa.

O adulto dirigiu-se às peças expostas e dramatizou que não conseguia alcançá-las sem a ajuda da criança, fazendo-lhe o pedido para isso. A criança olhou para ele, mas por breves instantes. O adulto voltou para o que estava a fazer (“juntar-se”) e a criança verbalizou algo que foi

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

compreendido da seguinte forma: “que ver mais”. Assim sendo, ele mostrou-lhe as suas peças, reforçando o que ele havia dito. No entanto, ela repetiu-o várias vezes, fazendo com que o adulto concluísse que afinal o que ela estava a verbalizar era: “tvmais”. Depois repetiu várias vezes, mas já verbalizava: “que ver mais”.

Livremente disse algo impercetível, excetuando a palavra estrela. O adulto interrogou-a se queria uma estrela; porém, ela não lhe deu atenção, continuando no seu jargão, com uma entoação que parecia estar a repetir algum diálogo de desenhos animados, dizendo: “Ok”. Dando uma volta junto ao jogo disse: “eu quero...” para consigo própria e regressou ao jogo. O adulto reagindo ao que ela disse foi-lhe apresentando várias opções do que ela poderia pretender; no entanto, a criança olhava para o que este apresentava e esquivava-se para o jogo.

De forma espontânea verbalizou: “super peixe”, provocando no adulto uma resposta imediata: ir buscar a imagem do peixe ao armário. A criança olhou algumas vezes para ver o que aquele fazia, embora o seu olhar fosse fugidio. Aquando ele encontrou o cartão com a imagem, ela manteve o contacto visual estabelecido por mais tempo. No entanto, quando o facilitador começou a cantar a canção “um peixe a nadar”, ela desviou o olhar para o jogo e, posteriormente, afastou-se da mesa, regressando apenas ao obter silêncio, apresentando jargão.

Realizando o seu jogo de alinhamento das peças, repetiu várias vezes uma palavra que o adulto não conseguiu compreender. A atividade do S. consistia em alinhar as peças, dar uma volta à sala e voltar ao jogo, apresentando jargão durante a mesma. Ao vocalizar um som semelhante à palavra “avião”, o adulto questionou-o se pretendia o avião, mas o S. apenas olhou-o apontando para a imagem do avião e verbalizou: “super avião”. O adulto brincou com isso e pegou-o ao colo, dando uma volta com ele, dizendo ser o “super avião”.

Outra vez reiniciou um ciclo da sua atividade de exclusão. Repetiu algumas vezes: “eu”; por entre o seu jargão, o adulto compreendeu: “encontei”. Aquando alinhava as letras, após alguns ciclos de atividade, disse: “ora bem”; o adulto reproduziu-o e tentou iniciar uma interação, mas a criança continuou no jogo demonstrando-se indisponível.

Passado alguns minutos, lançou olhares para as peças que o adulto alinhava, o qual disponibilizou-as para a criança. Não lhe respondendo, concentrada no que fazia, repetiu “ora

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

bem...”, dando seguimento com palavras impercetíveis. Dada mais uma volta à sala, verbalizou: “ora bem ... se tu queres”. E o adulto repetiu-o, acrescentando “se tu queres...queres um avião”, apontando para a peça correspondente. A criança olhou fugazmente, mas nada respondeu, prosseguindo com a sua atividade. Por entre as palavras incompreensíveis sobressaiu de novo o “ora bem...”, e dando sentido a essas palavras e sons o adulto foi buscar o livro do Ruca ao armário, explicando-lhe que lhe parecia ser isso que ela estava a verbalizar. Nesse momento, a criança estabeleceu contacto ocular. Porém, em seguida afastou-se, indo até junto do jogo e desviando o olhar.

Ao ver o adulto com o livro, aproximou-se, levando as peças do jogo consigo, embora prestasse atenção ao que ele lhe lia. Ora olhava para o livro ora olhava para as peças. Assim, ao virar a folha, o facilitador tentou modelar o pedido para o S. aplicar (vira a folha). O adulto falava-lhe sobre as imagens das respetivas páginas. Ele olhava para estas, dava uma volta à sala e regressava. Quando surgiu a imagem dos pássaros, a criança disse, aquando dava a volta à sala, “super pássaros”; o adulto reagiu, imitando os pássaros a voar.

Ao surgir a avó na história, ele verbalizou: “super avó” e deu mais uma volta à sala, olhando rapidamente, por várias vezes, para o adulto e para a história. Questionando-a se poderia continuar a contar a história, a criança chegou-se para perto dele, olhando atentamente para a história, transmitindo assim um parecer positivo. Consequentemente, o adulto continuou a contá-la, mas a criança, entretanto, continuou a realizar o seu jogo, parecendo desinteressada.

Perante isto, o facilitador informou-a que iria guardar o livro. Ao colocá-lo no armário, a criança esticou o braço e disse: “mais”, pedindo assim que o adulto continuasse com a leitura da história. Ele comemorou o uso da linguagem para efetuar o pedido e agiu rapidamente em resposta.

Na mesa, a criança novamente dividia a sua atenção entre o jogo e o livro. O adulto solicitou-a em exclusivo para o livro e ela verbalizou algo apresentando jargão, sendo percetível apenas: “avó”. No sentido de lhe dar significado, o adulto mostrou-lhe a página onde estava a imagem da avó. A criança olhou para esta, começando a correr à volta da sala; por sua vez, o adulto seguiu-a, festejando de forma divertida a brincadeira e verbalizou que aquela personagem era a super avó. Continuando a correr sem olhar para ele, ela disse livremente: “super-herói”, abandonando a

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

brincadeira e concentrando-se, de novo, no jogo. Durante toda esta interação o contacto visual da criança foi muito inconstante.

Após guardar a história na prateleira, a criança olhava para a peça que continha a imagem de um avião. Perante isso, o adulto, com a mão na peça, verbalizava: “dá outra”, com o intuito de moldar essa solicitação. Ao retirá-la da parede, exclamou: “consegui” e a criança, olhando para ele, apresentou ecolalia do que havia acabado de dizer, estendendo o braço para que lhe desse a peça. Ao recebê-la verbalizou: “obrigado”.

Em seguida, o S. colocou as peças junto com as restantes e o adulto demonstrou-lhe que as peças encaixavam, exemplificando-o. Dando prosseguimento a essa construção, a criança encaixou outra peça no puzzle. No entanto, desmontou-o para voltar a montá-lo, desmontando-o novamente para ficar apenas com as letras e levou-as até ao chão, onde as alinhou. Apresentava jargão, entre o qual o adulto compreendeu: “sou elefante”. Ele tentou juntar-se à criança, imitando-a na sua atividade.

Finalizando a sessão, o facilitador informou a criança que era o momento de arrumar para ir para o almoço. Ela revelou ecolalia imediata repetindo: “almoço” olhando para o adulto, o qual o festejou. Enquanto os dois arrumavam, o adulto descrevia o que faziam, dando nomes às suas ações e aos objetos que manuseavam.

13-04-2016

Quando o investigador chegou à sala, a criança veio a correr, sorrindo, ao seu encontro, dizendo: “vamos”. Diante disto, ele explicou-lhe que somente após o lanche iriam até ao *playroom*, assim brincaram mais um pouco na sala até chegar a esse momento.

Durante o lanche, a criança olhou nos olhos do adulto e interrogou: “queres maçã?”, esticando a mão para o prato que a continha. Ele comemorando a utilização da linguagem, deu-lhe um pedaço de maçã, assumindo que ela estava a pedir a maçã para si. Todavia, a criança estendeu o braço na sua direção, oferecendo-lhe a fruta. O adulto recusou, insistindo para que ela a comesse e assim aconteceu.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Passados alguns segundos, a criança espontaneamente estendeu a mão na direção do adulto, olhou-o e pediu: “cócegas” (numa sessão anterior o adulto já tinha feito esta ação). Ele ofereceu-lhe esta ação motivadora, repetindo-a algumas vezes sem lhe pedir nada em troca. Quando achou que a criança já estava altamente motivada, pausou a ação e a reação dela foi imediata solicitando: “mais cócegas”, mantendo o contacto ocular e rindo aquando da brincadeira.

No momento em que iriam para o *playroom*, o facilitador sugeriu à criança que se despedisse dos adultos da sala. Esta começou a acenar (não costumava fazê-lo) e a educadora da sala ainda lhe pediu que desse um beijo a todos eles, ao que ela respondeu positivamente.

A primeira reação da criança, ao entrar no espaço otimizado para a intervenção de 1:1, foi observar as diferentes peças do jogo dispostas nas várias paredes. A segunda foi pedir: “queres o “e””; o adulto reagiu de imediato, dando-lhe a letra pretendida. Em seguida, solicitou: “queres as letras” e, mantendo o contacto ocular, referiu: “super-herói”. O adulto reproduziu o que ele disse e a criança sorriu, dando uma volta à sala e repetindo várias vezes o mesmo (três vezes).

O adulto, aproveitando este sinal verde por parte da criança para interagir, mostrou-lhe retirando do armário o super-herói que tinha trazido nesse dia à escola (fantoche de cão disfarçado de Chase da Patrulha Pata). A criança manteve-se concentrada no adulto enquanto ele agia. Ao apresentar-lhe o personagem, afastou-se; porém, ao ouvir o adulto a cantar o genérico desses desenhos animados, sorriu, voltando a olhar para o adulto e acompanhando-o na canção. Aproximou-se do adulto e olhou para o fantoche, dizendo: “patrulha pata”.

Depois voltou a distanciar-se e aproximou-se das peças do jogo expostas numa parede frente ao adulto, solicitando-lhe duas vezes: “queres aqui “u””; o adulto verbalizou: “queres o “u”” e a criança respondeu-lhe com ecolalia. Assim, o adulto explicou-lhe que o Chase iria agarrar o “u” para lhe entregar, ficando ela a mirar toda a situação. Ele fingiu que a personagem estava a fazer um grande esforço para o retirar da parede, resultando numa queda para o chão. O S., atento ao que estava a acontecer, manteve o contacto ocular e, ao verificar que o Chase não tinha a letra desejada, esticou os dois braços na sua direção e disse: “eu”.

Nesse momento, o adulto explicou-lhe que para ajudar o Chase a retirar o “u” daquela parede teria de verbalizar: “dá”, e fez-lhe cócegas com o fantoche. A criança naturalmente disse-lhe: “não,

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Chase”, afastando-se. O adulto tentou aproximar-se de novo com o fantoche, fingindo que estava ladrando, e a criança repetiu a mesma expressão: “não, Chase”, indo para junto de uma das paredes onde estavam expostas as peças, com os braços esticados para esta. Assim, pediu: “tens o “i”, o “u””; o adulto reagiu rápido dando-lhe a letra pedida.

Depois, foi até em frente a outra parede e disse: “queres mais”. O adulto tentava modelar o que a criança dizia, corrigindo-a indiretamente. No entanto, ela não o repetia, olhando, desta vez, para a prateleira. Regressou a junto da parede, referindo: “queres este”. O adulto tentou perceber qual ela pretendia, questionando-a diretamente. A criança somente apontava e, posteriormente, proferiu: “queres mais”. O adulto, moldando, verbalizou: “quero mais, quero mais” com entusiasmo. Repetiu a brincadeira de tentar retirar as peças com esforço e cair para o chão, o que cativou a atenção dela. Ele pediu-lhe para ajudá-lo, solicitando: “dá a letra”, mas ela verbalizou com entoação de interrogação: “queres mais?”. O facilitador pediu-lhe ajuda após a queda e a criança deu-lhe a mão para o auxiliar no levantar.

O adulto insistiu mais um pouco na solicitação da verbalização: “dá” de maneira divertida. A criança livremente disse: “super-herói” e o outro fingiu que estava a voar como um deles, sendo seguido pelo olhar dela, o qual se cruzou com a prateleira. Esticando o braço nessa direção, disse: “quer mais”. Nesta situação, o adulto colocou a questão e as opções de resposta, apontando para os diferentes jogos. Mas a criança olhou para as peças que estavam dispersas na parede e, apontando para uma em exclusivo, verbalizou: “queres o “o””. O adulto valorizou o pedido com recurso à oralidade e satisfê-lo de imediato.

A criança colocou a peça na mesa e voltou a olhar para o adulto, apontando para outra, pedindo: “o “i””. O adulto repetiu a brincadeira em que exercia muito esforço para retirar a peça da parede, encenando uma queda, assim não conseguindo a peça. Em seguida, levantou-se, solicitando a ajuda da criança; todavia, ela não o ajudou continuando a esticar-se para alcançar o que pretendia. Ao ver que não conseguia, empurrou o adulto, que estava a levantar-se, nessa direção. Agarrando-se ao seu braço, olhava para ele, que tentava “arrancar” a peça da parede e, indiretamente, moldar o pedido.

O adulto, ao verificar que a sua insistência para que a criança verbalizasse o solicitado estava a desmotivá-la, decidiu parar e facultar-lhe a peça, reproduzindo o que pretendia que ela dissesse.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Ela pegou-a e levou-a logo para junto das restantes. Naturalmente disse: “super-herói”, voltando para perto da parede de braços estendidos e pediu: “o ‘a’”. O adulto cedeu-lhe essa letra, cantando que a concedia porque ela a tinha pedido verbalmente.

Assim, com a peça na mão, a criança foi colocá-la alinhada com as outras, verbalizando enquanto o fazia: “super-herói”. O adulto questionou-a sobre a que super-herói ela se referia; no entanto, não obteve resposta. Por esse motivo, disfarçou-se com o chapéu de pássaro, colocando a hipótese de ser o super pássaro. O S., sem olhar para ele, apresentou ecolalia (“super pássaro”). E o adulto, de modo a ser atrativo para a criança, cantou e mimou a canção: “Passarinhos a bailar”. Contudo, ela não lhe prestou atenção, continuando a sua atividade.

Livremente disse: “super passarinho” e o adulto fingiu que voava pela sala, dizendo sê-lo. De repente, a criança olhou para o adulto e chamou-o pelo seu nome, apontando para as letras que alinhava na mesa. Ele agradeceu com os 3Es por o ter chamado e comentou algo sobre as letras (interesse partilhado pelo S.), ajudando-o a organizar as que faltavam.

De novo, dirigiu-se às peças da parede e solicitou: “queres o ‘e’”, estabelecendo contacto ocular com o adulto, o qual, “vestindo a pele” de super pássaro, voou até junto da criança, pegando-a ao colo de forma a alcançar a peça ambicionada. Depois levou-a de volta à mesa, onde colocou a letra, reordenando-as. O adulto tentou manter a interação, falando sobre o que ela fazia e nomeando as vogais, mas o S. não lhe deu espaço.

Com algum tempo de latência, a criança verbalizou, reproduzindo o mesmo que o adulto: “a, e, i, o, u”. Em seguida, perto da prateleira, apontou para esta e disse: “queres mais”. O adulto, mostrando-lhe e nomeando os objetos que lá estavam, perguntava qual deles ela queria até que o S. lhe estendeu os braços e proferiu: “as letras”. Assim, o adulto mostrou-lhe um jogo de encaixe com letras, mas ele olhou-o e afastou-se, demonstrando não ser aquele o que pretendia.

A criança, recolocando as vogais de diferentes formas, apresentava jargão. Como parecia transmitir sinal vermelho para interação, o adulto iniciou o “juntar-se”. De repente ouviu-a dizer: “super pista” e, tal como já é habitual, reagiu à sua verbalização, concretizando-a, isto é, materializando-a de maneira a lhe dar significado.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Neste sentido, desenhou uma pista, provocando a aproximação da criança para vê-lo a realizá-la. Ao terminar de desenhar, ela voltou de imediato para a sua atividade. Então o adulto foi ao armário buscar animais para colocar na pista. Mas a criança não lhe deu atenção, mantendo-se concentrada no que fazia.

Espontaneamente disse o nome de um dos colegas: “Henrique”; o adulto repetiu-o e o S., sorrindo, deu uma volta sobre si mesmo, verbalizando-o outra vez. Perante isso, o adulto, informando-o sobre o que fazia, mostrou-lhe uma história, procurando uma personagem com esse mesmo nome. O S. observando-o aproximou-se para ver melhor essa história. Com efeito, o adulto encontrou uma personagem a quem nomeou de Henrique e criou uma história através das imagens que contou à criança. Esta manteve-se atenta, olhando para o livro, por mais ou menos um minuto, regressando, *a posteriori*, para o jogo das vogais. Olhando para estas disse: “blue”; o adulto, modelando indiretamente a sua linguagem, verbalizou a cor em português e o S. também o fez (“azul”).

O adulto solicitou-lhe que voltasse à interação e, como a criança olhou para ele, continuou a sua ação, ou seja, a leitura da história. No entanto, ela dividia a sua atenção entre o livro e as vogais, que é o mesmo que dizer que ora olhava para o livro e repetia o que o adulto dizia (ecolalia) ora olhava para as letras que alinhava. Ao aperceber-se de que a criança estava mais interessada nestas últimas, informou-a que iria guardar o livro. Não obstante, esperou pela sua reação para se certificar de que estava a tomar a decisão correta. Como a criança se manteve na atividade com expressão neutra, decidiu novamente pelo *joining*.

Passado poucos minutos, a criança mencionou novamente a “super pista”. Então o adulto apontou, direcionando a atenção dela para a mesma. Assim, ela agarrou no rinoceronte que estava sobre a pista e fingiu que a percorria com o animal, dizendo uma frase em que apenas foi perceptível “o dragão...”, e colocou-o em frente das vogais.

Muito concentrado nas vogais, o S. repetiu várias vezes: “super pista” (três vezes). Então o adulto escreveu-o na folha em que esta estava desenhada, embora não tenha conseguido a atenção da criança. Esta somente se afastou das letras para se deslocar até à parede, de onde olhou para o adulto, pedindo-lhe: “hipopótamo”. Desejando concretizar-lhe o pedido, perguntou-lhe onde estava esse animal, e ele levou-o fisicamente, apontando para o elefante. Com o intuito de lhe mostrar

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

como era realmente o hipopótamo, facultou-lhe um que tinha na prateleira. Depois, apontou para o elefante e nomeou-o.

A criança foi para junto de outras peças, apontou e verbalizou: “queres o...” e olhou para o adulto; estendendo o braço na sua direção, deu-lhe a mão e orientou-o para o que queria. O adulto pediu-lhe que verbalizasse: “dá”, mas ele disse: “não”. Neste sentido, explicou-lhe que não estava a perceber o que ela pretendia, por isso teria de lho dizer. De modo a facilitar-lhe a tarefa, ele apontou para as peças, nomeou-lhe as opções, aquando ela em ecolalia proferiu: “o ‘i’”. Assim, ele comemorou, dando-lhe o que lhe tinha sido pedido através de uma brincadeira animada, que implicou a sua participação física (o adulto pegou-a ao colo e fingiu ser um avião, tendo sido ela a alcançar a letra da parede). A criança, através da expressão facial, demonstrou-se satisfeita. O adulto disse-lhe: “conseguieste” e ela apresentou ecolalia.

Durante a brincadeira, ao juntar as vogais: “a” e “i”, olhou para o adulto e disse-lhe: “pai”; aquele perguntou-lhe se queria que o escrevesse, e o S. verbalizou: “o pai”, continuando a ordenar as letras à sua maneira. Em seguida, voltou a deslocar-se para junto da prateleira, apontou para as peças, dizendo: “queres mais”, e olhou para o adulto à espera que este reagisse. Este aproximou-se e incitou-o a pedir, moldando a solicitação; conseqüentemente a criança afastou-se, dando voltas à sala. Então, o adulto imitou-a, fazendo exatamente o que ela fazia (*Joining*).

Por fim, a criança voltou à sua atividade com as vogais, dizendo uma palavra que o adulto compreendeu como “Relly”, o que associou ao nome de algum personagem de desenhos animados. De acordo com este pensamento, questionou a criança sobre quem era Relly, mas ela, em ecolalia, pronunciou-o novamente. Diante disto, ele colocou a hipótese de ser um leopardo (mostrou um brinquedo que tinha no armário) e ela olhou-o fugazmente, abstraído-se com as peças e repetindo: “Relly”, “o Relly”. Alguns segundos passados, ela disse: “leopado”; o adulto repetiu-o corretamente e a criança revelou ecolalia (leopardo). De tanto repetir “leopardo” o reproduzido pela criança já parecia: “meu pato”. Assim, o adulto apresentou-lhe o cartão do pato, emitindo o som do seu grasnar, o que fomentou a criança a manter a sua atenção/contacto ocular.

Em atividade de exclusão, a criança com naturalidade verbalizou: “o Ted amigo”. O facilitador, à sua frente e ao seu nível, tentando “juntar-se”, repetiu o que ele disse num tom muito baixo, o que provocou o contacto ocular por parte da criança. Porém, desviou-o de imediato para o

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

seu interesse (o jogo). A cada som ou tentativa de palavra que a criança transmitia, o adulto tentava dar-lhe um significado, associando-os de acordo com as semelhanças fonéticas.

Dada a junção das letras que o S. estava a fazer, o adulto comentou que só faltava uma letra para formar a palavra “pai”. Perspetivando demonstrá-lo à criança, escreveu-o numa folha de papel; por conseguinte, ela abandonou o jogo para o observar. Através da sua expressão facial sorridente, o adulto percebeu que estava a gostar do que via, por isso fez uma pausa, verbalizando o que pretendia que a criança dissesse (escreve). Mas ela, em vez disso, agarrou-o pela mão de modo a demonstrar-lhe o que desejava. Como o adulto não o concretizou de imediato, pois estava a dar-lhe tempo para que pudesse verbalizar o pedido, retirou-lhe a cor e ela própria a terminou.

Como a criança estava motivada para continuar a rabiscar, o adulto leu-lhe o que já estava escrito naquela folha. Após ler-lhe: “super pista”, a criança desenhou/rabiscou algo e verbalizou: “pista”, e logo de seguida: “super pista”. Continuou a rabiscar, tendo permitido que o adulto o corrigisse, moldando-o fisicamente, pois ainda apresentava dificuldade em realizar a pega correta do lápis de cor. Apresentou jargão.

Depois dirigiu-se novamente para perto das paredes com as peças, olhou para o adulto e em seguida para a parede, para onde apontava, e aplicou uma questão que o adulto já tinha utilizado noutra momento semelhante, a saber: “queres ajuda?”. O adulto devolveu-lhe a pergunta e a criança sentou-se no chão e verificou se não tinha *bostik* no sapato, como na situação anterior. Em seguida, voltou ao seu jogo inicial e, por entre o jargão, o adulto compreendeu algo que lhe pareceu a palavra: “inimigo”. Para demonstrar o significado do que tinha verbalizado, criou uma luta entre o leopardo e o hipopótamo. O S. olhava de vez em quando para a batalha. Com o intuito de que persistisse olhando para esta e participasse, o adulto fingia que os animais fugiam, verbalizando-o e colocando-os a subir pelos braços da criança, fazendo-lhe cócegas. Ela riu-se e repetiu: “foge”. O adulto retornou a luta para cima da mesa, dramatizando a conversa entre os animais, enquanto a criança assistia. Voltou a fazer a ação motivadora (cócegas com os animais) e ela ria-se, revelando ecolalia de algumas das falas dos animais.

Iniciou novo ciclo de atividade, pausando em seguida, mas a criança não pediu para que mantivesse a atividade. Deste modo, parou por ali, seguindo o estilo responsivo. A criança verbalizou: “Henrique”; então, pegou de novo no livro e mostrou-lhe o que estava a fazer a

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

personagem com esse nome na história. Enquanto isso a criança esteve atenta, olhando para as imagens do livro.

Posteriormente, rendeu-se por alguns segundos às vogais. Ao observar a bola que estava no chão, pegou-lhe e disse: “giafa, giafa, televisão”. Pois tinha a imagem de uma girafa. O adulto tentou uma interação para que jogassem à bola, mas a criança não estava disponível. Depois mostrou-lhe outra girafa que tinha na prateleira e ela olhou para a ver; contudo, logo retomou a ordenação das letras.

Olhou para o adulto e, dirigindo-se às peças da parede, disse: “queres mais” e o adulto foi ao seu encontro, em seu auxílio. Este estimulou-o a dizer: “dá”, até que o conseguiu. Por isso comemorou com vigor, aplicando os 3Es e reagiu com rapidez ao seu pedido. Concomitantemente explicou-lhe o porquê da comemoração e da sua ação.

A criança levou a peça para a colocar juntamente com as outras. E ao mesmo tempo o adulto cantava as palavras que pretendia que a criança verbalizasse para pedir, colocando os animais a dançar nos braços da criança. Neste momento, a criança apresentou ecolalia de tudo o que o adulto dizia: “o hipopótamo caiu”, “caiu ao chão”. Depois reproduziu a batalha entre os animais, também em ecolalia: “não faz isso”, e permitiu que o adulto entrasse na brincadeira, assumindo o papel de um dos animais. Assim, começou a correr pelos braços da criança, dizendo: “vou fugir, vou fugir!”, enquanto ela dizia: “socorro, socorro”. De forma espontânea perguntou: “o que será isto?”, endireitando as letras; “oh não” acrescentou. O adulto questionou: “o que estás a fazer?” e ela novamente usou ecolalia.

Entretanto começou a mexer no nariz e o adulto ofereceu-lhe um lenço; ele, rapidamente, respondeu: “nariz”, e o adulto reforçou-o positivamente. Em seguida, retornou aos alinhamentos e o adulto ao “juntar-se”.

De forma natural, ao mesmo tempo que manipulava o jogo, a criança disse: “Margarida” e o adulto foi buscar o livro, mostrando a imagem que tinha vários meninos, indicando-lhe que uma delas tinha esse nome. Ele comentava que já tinham visto essa imagem, e a criança respondeu-lhe “é na televisão”. Mas ele mostrou-lhe que não, que era na escola, e cantou a canção das vogais. Ao

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

ouvi-lo a cantar disse logo: “não”; então, o adulto questionou-a se poderia cantar baixinho e ela permitiu-o, concentrando-se no jogo.

Após mais ou menos quatro minutos em atividade de exclusão, em que a criança silenciosamente organizava e reorganizava as letras e o adulto fazia o mesmo (*joining*), ela verbalizou “Jéssica”. O adulto referiu que ela estava a dizer o nome dos amigos da sala e teceu comentários sobre eles. Ela ainda acrescentou: “Dany” e, em ecolalia, “Tiago” e “o Lucas”.

A criança, continuando compenetrada no jogo, apresentava jargão, entre o qual o adulto percebeu: “obrigada pela ajuda”, respondendo-lhe: “de nada”. Mas, logo a seguir, continuaram de igual forma. Ao ouvir maior barulho do exterior, o S. agarrou nas orelhas e deu umas voltas à sala, parecendo estar a proteger-se do ruído. No entanto, logo voltava à tarefa. Finalmente olhou com interesse para o que o adulto estava a fazer. Este pediu-lhe ajuda para encaixar as letras no seu local respetivo, no suporte de madeira, e ela aderiu. O adulto passava as peças à criança e ela encaixava-as. Depois ele retirou as letras e nomeava cada imagem que lhes correspondia. O adulto pediu que colaborasse, colocando-as com a sua ajuda outra vez, e ela participou. Ao vê-lo interessado nesse jogo, disse-lhe que iria buscar à prateleira o dos números para jogarem juntos.

Junto à prateleira, o adulto deixou cair ao chão uma personagem da Patrulha Pata e a criança olhou para a ver. Em seguida, ela foi ao seu encontro dizer: “quero mais”. O adulto indicava e nomeava os jogos à espera de que a criança lhe identificasse o desejado. Como o adulto não lhe mostrou o certo, subiu ao seu colo; este explicou-lhe o que deveria dizer: “pega” e ela fê-lo, tendo obtido uma resposta rápida do adulto, que o elevou ao nível da prateleira, deixando-o retirar o que pretendia. Assim, agarrou na caixa e levou-a para o chão. Abriu-a e descobriu o “o”, que colocou na mesa. O adulto chamou-lhe a atenção para as restantes peças que estavam na caixa, e ele estabeleceu contacto visual, aproximando-se. Em conjunto, estiveram a ver as imagens da tampa, verificando como construía o puzzle. Então o adulto assumiu que tinha de ir buscar outras peças para que conseguissem concluí-lo. Assim, em conjunto, começaram a montá-lo. No entanto, a criança preferia alinhar apenas as letras, por isso construía e voltava a destruir para apenas ficar com as letras.

Somente com as letras, voltou à mesa, onde permaneceu por largos minutos em exclusão e o adulto em *joining*. De repente, disse: “não é” de forma desenquadrada. O adulto comentou, mas a

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

criança continuou fixada no que fazia. Ainda tentou mais uma vez interagir, dado que a criança tinha olhado para ele, mas ela disse que não.

Chegando próximo do momento de dar por terminada a sessão, o adulto antecipou-o à criança, ao que ela respondeu não de novo. Todavia, ajudou a arrumar.

No fim da sessão, o adulto fez bolas de sabão e a criança manteve a sua atenção conjunta por volta dos dois minutos. Permanecendo em interação, verbalizava para o adulto: “bolas de sabão”. Resolveu pausar a ação ao vê-la muito motivada e a criança pedia: “mais”.

15-04-2016

Logo ao chegar ao *playroom*, o S. pôs-se a observar as novidades expostas nas paredes. Olhou para o adulto que se aproximava, apontou para as peças e verbalizou: “Leonor”. Por sua vez, o adulto questionou-o sobre o que ele estava a ver e ele repetiu o nome (“Leonor”), persistindo no contacto ocular.

Aproveitando esta persistência, o adulto direcionou a atenção da criança para uma caixa (com a forma de arca do tesouro dos desenhos animados: “Jake e os Piratas da Terra do Nunca”), mostrando-lhe o que estava guardado lá dentro. Porém, antes de a abrir, numa tentativa de aumentar a sua motivação para a atividade que se ambicionava, ofereceu-lhe cócegas na barriga, as quais tiveram um efeito contrário ao pretendido, fazendo com que ela desviasse a sua atenção/olhar. No entanto, a criança voltou a estabelecer contacto visual aquando o adulto lhe apresentou o lenço do “Jake”, o qual colocou na cabeça. Ela reagiu com um sorriso e verbalizou: “super-herói”, fazendo pequenas interrupções no contacto ocular. O adulto, com movimentos exagerados, encarnou o super-herói e buscou uma capa, noutra caixa, para se tornar ainda mais credível como tal. Isto tudo com o intuito de atrair o olhar e o interesse da criança sobre si e, conseqüentemente, ganhar a sua vontade de interagir/brincar consigo.

Apesar de ela manter-se interessada nele, deu uma volta à sala, manifestando um olhar desviante; regressando para junto do adulto, apontou para a prateleira apresentando jargão. Depois olhou para a parede para onde apontou, olhou para o adulto e disse: “é a Leonor”. O facilitador, ao

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

aproximar-se e ao interpelá-la sobre o que falava, fez com que a criança se afastasse começando a entrar em movimentos repetitivos. Ante isso, o adulto imitou-a realizando os mesmos movimentos.

Ela dirigiu-se novamente para junto do armário, com jargão apontava para este e olhava para o adulto, como quem solicita algo. Dando resposta a este esforço de comunicação da criança, ele apresentou-lhe o cartão com a imagem do Pluto, explicando-lhe estar a tentar descobrir o que ela estaria a transmitir. Ao ver a imagem, ela identificou o personagem nomeando-o: “Pluto”. Pegou noutro cartão que estava pousado na prateleira, levou-o juntamente com o do “Pluto” até à mesa dizendo o nome dessa outra personagem: “Margarida”. Dando seguimento a esta atividade tornando-a mais sedutora, o adulto apresentou-lhe outros dois cartões, também com personagens da Disney, e ofereceu-os transportando-os no seu carro (caixa arca do tesouro). A criança estabeleceu e manteve o contacto visual durante toda esta ação do adulto.

Ao chegar junto a ela, o adulto mostrou-lhe os cartões e a criança identificou-os oralmente de forma correta: “Mickey”, “Minnie” levando-os para a mesa. Virou-se em direção ao adulto e, olhando para o cartão que este ainda possuía, indicou: “Pateta”. O outro, de forma divertida, repetiu o nome da personagem e questionou-o se o queria. Contudo, no momento, a criança estava mais interessada em alinhar os cartões na mesa, dirigindo o seu olhar para eles. Tentando que ela não entrasse em exclusão, com animação requereu a sua atenção através do Pateta. Ela acedeu à interpelação verbalizando o seu nome, e permitiu que o colocasse junto aos outros. Imitou o adulto verbalizando “patetices” aquando conversava sobre o Pateta.

Afastou-se dele, deslocando-se de novo até ao armário; apontou para este em silêncio e olhou para o adulto, o qual acercou-se descendo ao nível dos seus olhos. A criança, com o adulto à sua frente, subiu para o seu colo perseverando o contacto ocular e tentou trepá-lo utilizando-o como se de um objeto se tratasse para atingir o seu fim. Perante isto, o adulto pegou-o ao colo e pediu-lhe que verbalizasse o que desejava, modelando a solicitação: “quero...”. Ele não o fez, e, como olhou para a caixa, o adulto sugeriu para que juntos dessem uma volta nesta. Como a criança disse: “Pateta” olhando para a mesa, o adulto convidou-a a ir até lá de “carro” (caixa), e empurrou-o.

Durante a volta à sala, a criança sorriu e falava numa linguagem intangível; no entanto, não se demonstrou muito entusiasmada. No instante em que o adulto parou de empurrar, ela quis logo sair da caixa verbalizando: “o Pateta”. Assim, o adulto mostrou-lhe o cartão alusivo ao mesmo, mas

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

ela não olhou para ele correndo de um lado para o outro da sala. O facilitador ainda fez mais uma solicitação, tentando que ela não abandonasse a interação, mas não o conseguiu.

Perante isso, o adulto “juntou-se” à criança na atividade que apresentava, até ao momento em que esta parou perto da prateleira. Ela olhou para ele e disse: “queres o Ruca”. O adulto comemorou o pedido, modelando-o indiretamente através da sua repetição de forma adequada e, em seguida, deu-lhe o livro do Ruca. A criança agarrou-o conjuntamente com o adulto e sentou-se no chão para vê-lo, verbalizando: “passarinos”.

De modo, a reforçar a boa dicção desta palavra, o adulto começou a cantar a canção: “Passarinhos a bailar”. Como falava sobre pássaros, o adulto colocou o chapéu de pássaro para atrair o olhar da criança, conseguindo-o. Assim, convidou-a a experimentá-lo, mas ela afastando com as mãos o chapéu de si demonstrou não o querer, por isso o adulto voltou a colocá-lo em si próprio. Reiniciou a canção e dança “Passarinhos a bailar”, preservando o contacto visual do S. e impulsionando-o a participar, procurando que interagisse fisicamente com o passarinho (o adulto) que lhe fazia cócegas com o bico (chapéu). O S. aderiu de forma entusiasta verbalizando “ai, ai, ai” ao mesmo tempo que agarrava no bico do pássaro.

Depois, deu uma volta à sala e, antes que entrasse em exclusão, o adulto convidou-o a continuar a ver a história. Sentaram-se os dois no chão, lado a lado, vendo-a. O S. virava as folhas e dizia uma palavra impercetível seguida de “os passarinos”. Então o adulto começou a contá-la efetivamente e o outro apresentou ecolalia de algumas palavras, a saber: “avó”, “o Ruca”, “dá tempo”, mantendo-se atento e olhando para a mesma. A criança ainda apontou para a palavra escrita “Ruca” e verbalizou-a. Dando continuidade ao conto da história, o facilitador entou a questão: “onde está?”, e ela repetiu-a espontaneamente, acrescentando: “onde está o passarinho?”. Com animação, o adulto criava suspense para virar a página à procura dos passarinhos. Ao concretizá-lo a criança sorriu feliz, olhou para o adulto e, apontando para a imagem, disse: “passarinhos”, “os passarinhos”. Mais uma vez, repetiu o que o adulto lia: “Ruca”, e olhava para ele. O facilitador ao gesticular exageradamente aquando contava a história cativava a criança a olhar para ele e a manter-se naquela interação. O adulto ia virar nova página e ela insistia apontando para a imagem: “a avó”; então ele deixou-se ficar na mesma página continuando a nomear o que havia na imagem e ela ajudando-o disse: “o casaco”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

A criança manteve-se nesta interação mais ou menos por quatro minutos, interrompendo-a para voltar aos cartões alusivos às personagens Disney. O adulto ainda tentou que ela voltasse à interação, mas ela manipulava os cartões sem lhe dar atenção. De repente disse: “Margarida”; o adulto festejou esta partilha e direcionou o S. para outra brincadeira. Convidou-o a dar uma volta no carro (caixa) com a Margarida, enquanto ele empurrava. Ele aceitou. Ao parar, perguntou-lhe se queria também levar o Mickey, com a intenção de levá-lo até ele, mas o S. quis sair da caixa. Respeitando a sua decisão, tirou-o de lá de dentro descrevendo-o verbalmente.

Depois colocou novamente os cartões na mesa e o adulto tentou iniciar mais um ciclo da mesma atividade, porém a criança não aderiu. Então, ele apoiou-se em outro recurso - o peluche do Mickey - cantando e a dançando uma canção alusiva ao mesmo, atingindo, deste modo, o seu objetivo de despertar o interesse da criança. O adulto começou a falar com o S. através do peluche e ele afastou-se, correndo de um lado para outro da sala.

O adulto imitou-o na corrida até que, espontaneamente, a criança vocalizou: “miau, miau”. Reagindo a isso, ele comentou com o S., que olhava para ele, que o gato é quem mia e procurou o cartão com a imagem do gato no armário, mas não o encontrou. A criança repetiu o que o adulto tinha dito: “mia o gato”, e novamente verbalizou: “gato”. O adulto voltou a procurá-lo, encontrou-o e cedeu-o à criança, a qual colocou-o na mesa.

Olhando para os vários cartões verbalizou: “Mickey Mouse” e deu uma volta sobre si próprio. O adulto, concretizando a associação da palavra oral ao seu significado, mostrou-lhe o peluche do mesmo. A criança colocou a imagem do Pluto junto ao adulto. Com efeito, este aproveitou para introduzir novamente a brincadeira de levar as personagens a passear no “carro” (caixa). Aquando a realizava, o S. mantinha o contacto visual e muita atenção. Daí convidou-o a entrar no “carro”, mas ele não quis afastando-se. Então o adulto, não desistindo, tentou outra brincadeira, explicando-lhe que o iria apanhar. A criança começou a fugir, rindo e olhando de vez em quando para confirmar se ele continuava a correr atrás de si, até que o apanhou fazendo-lhe cócegas. Após isto, ela regressou à atividade de exclusão alinhando os cartões.

O adulto foi buscar outros cartões para fazer a mesma atividade do que ela (“juntar-se”), ao vê-lo, usando jargão, retirou-lhe um dos seus cartões, o do pato. Concomitantemente à sua ação, o adulto tentou modelar a sua linguagem verbal, dizendo-lhe: “quero o pato”; tendo como feedback a

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

verbalização: “pato”. Em seguida foi para a frente da parede e pôs-se a olhar para as peças. Apontou para a zebra e verbalizou: “cavalo”; moldando-o indiretamente o adulto disse: “zebra” e a criança repetiu-o. Assim o adulto deu-lhe rapidamente a peça respetiva, incentivando-a de forma divertida a pedir o que pretendia, conseguindo apenas que esta dissesse: “a zebra”.

A criança, com as peças da zebra e do pato na mão, deu algumas voltas à sala, sendo imitada pelo adulto. Voltou à mesa onde organizava, de várias formas, os seus cartões, todavia sempre alinhados. Revelou algo em jargão, sendo o som associado pelo adulto à seguinte frase: “quero mais”; interpelou a criança, mas ficou sem resposta, pois ela continuava no “seu mundo” não querendo ser incomodada.

Posteriormente, recomeçou a dar voltas e o adulto imitou-a de uma forma divertida cantando o genérico dos desenhos animados “Patrulha Pata”. Contudo, não conseguiu fazer com que ela se mostrasse disponível, regressando à atividade da mesa. Naturalmente, ao manusear as peças verbalizou: “aventura”, palavra que tinha sido cantada pelo adulto na canção alusiva à “Patrulha Pata”. Assim, o adulto repetiu-a, mas a criança disse: “não” e ele respeitou-a parando de cantar. Ela voltou a dizer: “uma aventura” e o adulto reiniciou a canção. Desta vez, a criança permitiu-o, embora continuasse na sua atividade.

Após algum tempo de sinal vermelho para interação, a criança olhou com interesse para o que o adulto estava a fazer. Porém, voltou, mais uma vez, à sua atividade sem lhe dar abertura para interagir.

A seguir, foi até junto da prateleira para onde apontava com o braço estendido; o adulto seguiu-a. Apontando para cada objeto/jogo que se encontrava lá, o facilitador nomeava-o, questionando-a acerca do que queria. Cada vez que o adulto indicava o incorreto, ela dizia que não e, quando pausou, verbalizou: “mais”. Ao identificar o correto, o adulto insistiu para que ela verbalizasse: “dá”, o que somente aconteceu após algum tempo.

Logo que o verbalizou, o adulto facultou-lhe o jogo e a criança levou-o para o chão. Este consistia em cinco puzzles, cada um relativo a uma vogal. Para além das vogais em maiúsculas e em minúsculas, o puzzle era constituído por imagens iniciadas pela respetiva vogal. No entanto, a

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

criança apenas se interessava pelas letras, permitindo o adulto a auxiliá-la a encontrá-las por entre as várias peças.

Depois, sozinha, ordenou-as à sua maneira revelando jargão. Olhando para a mesa onde tinha os cartões, levantou-se, agarrou-os e disse: “vou guardar”. Dirigiu-se ao adulto, estabelecendo contacto visual, e deu-lhos para que guardasse.

Regressando ao chão, brincando com as vogais, revelou-se em exclusão. Assim o adulto colocou-se de frente para ela, "juntando-se". Durante este tempo, o S. verbalizou: “Jake” e o adulto comentou, indo buscar a espada do pirata para lhe mostrar. Porém, ele olhou-o fugazmente, não lhe dando espaço para interação. Para além do jargão que revelava, livremente disse: “casa-de-banho”. O adulto questionou-o sobre isso e ele olhou-o nos olhos, baixando-os em seguida para o jogo. Contrariou-o no sentido em que lhe fez um reparo dizendo que se tratava da espada e não da casa-de-banho e ele respondeu-lhe, olhando nos seus olhos, num tom mais alto, quase agressivo: “é a casa-de-banho”. E continuou com o seu jogo.

Aproveitando um cruzar de olhar com a criança, o adulto convidou-a a construir o puzzle corretamente. Todavia, ela respondeu-lhe: “não queres”, ao que o adulto indiretamente moldou, fazendo-a repetir espontaneamente de forma correta: “não quero”. Seguindo o estilo responsivo, voltou ao *joining*, dado que a criança se absorveu na sua tarefa.

Após algum tempo, a criança olhou para o que o adulto fazia e verbalizou: “os números” - ele estava a colocar alinhado o número um. Por instantes voltou ao “seu mundo”, mas logo voltou-se a interessar pelo que o outro fazia, pois ele estava a tentar montar os puzzles. Nesse sentido, pediu-lhe permissão para utilizar as suas vogais, convidando-a a participar. Ela colocou uma vogal no respetivo puzzle e, ao ser-lhe pedida a letra “a”, verbalizou: “o “a””.

Não obstante, retirou as letras constituintes dos puzzles e retornou a alinhá-las como inicialmente as tinha. Apresentando jargão, mostrou sinal vermelho de novo ao adulto, o qual foi respeitado.

Finalizando a sessão, o adulto alertou a criança do seu término e da necessidade de montar os puzzles para guardar; ela repetiu: “para guardar”. E assim o fizeram.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Ao sair da sala, iam os dois de mãos dadas e o S. olhou para o adulto e disse: “já acabou”.

19-04-2016

Chegando ao *playroom*, a criança colocou uma folha branca de desenho na mesa e foi até junto ao armário, apontando para a prateleira. O adulto, ao seu nível dos olhos, perguntou-lhe o que ela queria, obtendo a resposta: “queres”. Ajudando-a na réplica, o adulto disse: “quero”, e a criança logo verbalizou: “quero as cores”. O adulto celebrou o pedido, dando-lhe rapidamente o desejado.

A criança levou-as para a mesa, começando logo a rabiscar. Fez um traço, olhou para o adulto e disse: “Mãe”; fez outro e identificou-o como “T- Rex”. O adulto, com os 3Es, comemorou as partilhas feitas pela criança através da linguagem verbal, estabelecendo contacto ocular, com movimentos largos. Quando o adulto se aproximou da mesa e da criança, esta virou-se para ele e fez o som do “T-Rex”, abrindo a boca. Ele fingiu-se assustado, dizendo: “Ai que assustador!”, e logo de seguida ela reproduziu: “é assustador” e, continuou a rabiscar.

Naturalmente disse: “os números”, tendo o adulto lhe oferecido o jogo de encaixe referente a estes. Ele retirou um número do suporte, colocou-o em cima da folha e contornou-o enquanto a criança o acompanhava com um olhar atento. Ao mostrar-lhe o trabalho concluído, a criança olhou para ele e pediu: “queres o dois”, o qual foi moldado, tendo ela verbalizado por fim: “quero o dois”. Ao contorná-lo, o adulto tentava, utilizando diferentes entoações, mostrar-lhe a palavra que lhe iria pedir para verbalizar quando quisesse que ele o fizesse.

Terminado o “dois”, o S. disse: “queres o três”, e novamente o adulto corrigiu-o discretamente, fazendo com que ele pedisse: “eu quero o três”. Perante isto, deu-lhe imediatamente o número pedido. Quando o adulto fez pausa na atividade, a criança pegou no seu braço e orientou-o para o contorno do “três”, verbalizando-o. Mesmo com muita estimulação para que aceitasse o desafio de pedir ao adulto para contornar com o comando “escreve”, ela não o fez, querendo, por fim, ser ela a fazer o tal contorno, o que fez com a ajuda do facilitador. Ao acabar olhou para o que havia desenhado e disse: “o três”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Afastou-se da mesa olhando para a prateleira, e em seguida abriu a caixa do tesouro. Ao ser interpelada sobre o que esta continha, a criança verbalizou: “não”, fechando-a de imediato a mesma. Ao fazê-lo, ainda houve tempo para o adulto lhe mostrar o chapéu do “Jake”, mas ela não quis saber proferindo o “não”. Subsequentemente fecharam a caixa.

A criança olhou para as peças expostas na parede, mas não lhe despertaram muito interesse, e voltou para a folha de desenho solicitando: “queres o quatro”. De seguida, com o apoio do adulto, pediu da seguinte forma: “quero o quatro”. Foi reforçado com elogio e alegria a formulação correta do pedido, sendo-lhe entregue o número pelo adulto, que o colocou em cima da folha; ao mesmo tempo que descrevia o que faziam, ajudava-a a contornar o “quatro”.

Em seguida, a criança deixou essa atividade para alinhar as peças dos números. O adulto tentou trazê-la de volta à interação antes que se “fechasse”; conseguiu-o ao dizer que iria escrever o número “quatro” na folha. Nesse momento a criança olhou para o adulto e aproximou-se. Ao mesmo tempo que ele o escrevia, verbalizava o que pretendia que a criança dissesse aquando a sua pausa na ação.

Quando o adulto fez uma primeira pausa, não acabando de escrever o número, ela verbalizou: “não”, e agarrou na mão do adulto, levando-a até à folha para que continuasse. Assim, ele continuou a escrever e a verbalizar o que pretendia moldar. Fez uma segunda pausa e a criança proferiu de novo o “não”, mas, logo a seguir ao adulto referir a palavra a modelar, ela reproduziu-a: “escreve”. Consequentemente, houve a comemoração e a obtenção de uma resposta imediata por parte do adulto.

Ele questionou-a se queria que escrevesse também o “cinco” e ela respondeu negativamente. Em seguida tornou a rabiscar no papel, usando, na sua maioria, linhas retas. Desenhava, afastava-se um pouco, olhava para o que desenhava, dava uma volta sobre si mesmo, sorrindo, e voltava a um novo ciclo de atividade. Diante disto, o adulto começou a imitá-la de forma a trazê-la de volta ao “sinal verde” para interação.

Mais tarde, a criança encaminhou-se ao armário, olhou para o adulto e estendeu o braço, apontando para a prateleira. O facilitador pegou no frasco das bolas de sabão e questionou-a se era esse o objeto que queria; ela respondeu negativamente e continuou a apontar. Livrementemente disse:

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

“quero mais” e o adulto, tentando compreender, repetiu-a, aguardando que acrescentasse algo que o pudesse ajudar, e ela disse: “burro”.

Então, o adulto tirou da prateleira a história: “*A*” de Alice que tem como imagem de capa a personagem Alice montada num burro e mostrou-lha. O S. sorriu satisfeito e encostou-se às bolas de pilates, por isso o adulto sentou-se nestas para contar-lhe a história.

Os dois, criança e adulto, sentados nas bolas de pilates junto à parede, começaram a explorar a capa do livro. O facilitador aproveitou as bolas para proporcionar à criança vivenciar a história de forma mais intensa, possibilitando-lhe experienciar sensações semelhantes às vividas pela personagem do livro, tais como a de andar montada no burro.

O adulto, ao ver uma abelha na imagem, começou a cantar a canção “A abelha pica, pica”, mas a criança demonstrou de imediato não o desejar. E logo o adulto parou de cantar, continuando o conto. Quando começou o texto escrito, a criança olhou para o adulto, apontou para a palavra escrita: “Alice” e identificou-a verbalmente, ele confirmou-o, comentando-o.

Espontaneamente, observando outra imagem em que a Alice estava deitada na cama, a criança disse: “está a dormir”. O S. demonstrava-se muito atento às ilustrações, observando os seus pormenores. Noutra imagem em que o burro estava de paraquedas, a criança olhou para o adulto e depois para esta, acenou e despediu-se do animal: “tchau, burro”.

Em páginas seguintes, surgiu o burro a comer laranjas, pelo que o adulto lhe perguntou quem era aquele personagem. A criança, olhando para o livro, respondeu com uma frase, sendo as primeiras palavras incompreensíveis e terminando com: “o cão”, tendo sido corrigida discretamente pelo adulto, o qual fez com que ela o identificasse corretamente, utilizando a comunicação verbal (“o burro”). O adulto ainda lhe perguntou sobre o que estaria a comer esse animal e ela respondeu: “está a comer laranjas”.

O adulto, ao chamar a atenção da criança para outra imagem, descreveu-a e a criança repetiu uma parte do que ele havia dito: “pai da Alice”.

Entretanto, o S. voltou algumas páginas atrás no livro, apontou para a imagem e verbalizou adequadamente: “o céu”. Por sua vez, o adulto mencionou o sol, e ele, logo a seguir, reproduziu-o

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

da mesma forma: “o sol”. Voltaram à página em que estavam anteriormente e o S., apontando para o burro, disse naturalmente: “o burro está a comer a laranja”. Ao passar a outra página onde o burro carregava as laranjas, a criança, apontando, disse: “burro, laranjas”, e o adulto repetiu a frase, corrigindo-a de maneira discreta. Virando a página, o S. livremente verbalizou: “é o burro passear com laranja”; o adulto reproduziu da forma correta, mas ele não voltou a dizê-lo. Quando, em outra página, o adulto verbalizou: “o burro quer...”, esperando que a criança completasse a frase, esta fez-lo acrescentando: “laranjas”.

Posteriormente, ela apontou para as laranjas e para a laranjeira, apresentando jargão, por entre o qual apenas foi perceptível a palavra “laranja”. Perspetivando o alargamento do seu vocabulário, o adulto explicou-lhe que a árvore que dava laranjas se chamava laranjeira. A criança tentou verbalizá-lo, mas apresentou alguma dificuldade devido à presença da letra: “r”, verbalizando: “laranjeia”.

No seguimento da história, a criança continuou atenta. Apontou novamente para uma imagem - esta tinha arbustos e árvores - e revelou jargão, do qual o adulto compreendeu apenas a palavra: “árvore”. No entanto, não estava a aplicá-la corretamente, pois apontava para um arbusto. Então, o adulto corrigiu-a, nomeando-o corretamente; contudo, ela insistia, olhando para o adulto e verbalizando: “é a árvore”. Somente após o adulto lhe mostrar a imagem que efetivamente representava a árvore a criança aceitou. Com efeito, ela estabeleceu contacto ocular com o adulto, apontou para a árvore e disse: “é a árvore”, e depois repetiu o adulto quando este lhe mostrava os arbustos (“arbustos”).

A criança levantou-se da bola de pilates e dirigiu-se à mesa. Com o intuito de a manter por mais tempo em interação, o adulto aproximou-se mostrando-lhe que a história ainda não tinha acabado. Ela olhou para o livro e ele continuou a contar a história. Revelando ecolalia, ela disse: “Alice” e “foto”.

Ao mesmo tempo que a criança via e ouvia as últimas páginas da história, formava letras com as cores. Entretanto, o adulto perguntou-lhe se poderia guardar o livro, mas ela estava tão embebida no que fazia que não reagiu à questão. Por isso, ele guardou-o no armário e, ao regressar para junto dela, iniciou o *joining*. Ela apontou para o que tinha formado na mesa e verbalizou algo

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

que foi compreendido da seguinte forma: “é do rato é duma história”, e afastou-se saltitando. Junto ao armário deu voltinhas sobre si e sentou-se na bola de pilates.

Perante tais comportamentos, o adulto questionou-a se pretendia outra história, deslocando-se à prateleira onde a procurou sob o olhar atento do S.. Ao interpelá-lo sobre qual desejava, ele afastou-se dando uma volta à sala; olhou para o adulto e retornou à mesa. Este valorizou o contacto ocular e questionou-o sobre o que lhe queria comunicar. De novo, a criança apontou para as letras e proferiu: “era uma vez...”, continuando com palavras impercetíveis, vocalizando algo semelhante à palavra: “sapo”. O adulto referiu que iria buscar a história do sapo e, a criança contente saltitou olhando para o adulto, repetindo-o: “a história do sapo”. Ao ver o livro, ela perdeu o interesse, agarrando em duas cores; apresentando jargão, deu uma volta à sala, compreendendo-se apenas a palavra sapo. Regressou à mesa e disse: “o sapo” aquando o adulto cantava a canção “o sapo não lava o pé”. Depois verbalizou algo que pareceu ser “guardanapo”, por isso o facilitador começou a cantar outra canção: “eu vi um sapo num guardanapo”, mas a criança interrompeu-o com jargão.

O adulto apresentou um fantoche de sapo ao cantar uma canção alusiva ao animal, utilizando uma entoação na voz tentando imitá-lo, o que captou a atenção/olhar da criança. Ela aproximou-se e disse: “Olá...”, seguido de jargão e finalizando com: “... sapo”; o adulto, encarnando a personagem, respondeu-lhe tentando dar continuidade à conversa. Enquanto o sapo falava com ela, manteve o contacto visual; porém, ao convidá-la para o experimentá-lo, afastou-se.

Efetivamente, o S. voltou às cores que estavam na mesa, “desligando-se” da interação e correndo de um lado para o outro do quarto. O adulto fez o mesmo do que ele por alguns segundos, o que o fez olhar, tendo o facilitador aproveitado para introduzir a brincadeira das “apanhadas”. Ao alcançar a criança fez-lhe cócegas e ela disse: “sapo”. Perante isto, o adulto iniciou uma conversa com ela recorrendo ao fantoche do sapo cativando o seu olhar para ele. Indo ao encontro do adulto, ela estendeu o braço como a pedir que colocasse o fantoche na sua mão; o adulto fê-lo, descrevendo-o. Explicou-lhe, também, que iria buscar outro para si, mas ela sacudiu a mão de forma a tirar o que tinha.

Persistindo com o contacto visual, o adulto mostrou-lhe o pato e, a criança verbalizou: “qua qua”. *A posteriori*, regressou às cores alinhadas apresentando jargão; olhava fugazmente para os

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

fantoches quando disse: “pato”. Não obstante, entrou em atividade de exclusão, apesar da tentativa do adulto para que isso não acontecesse. De novo, o adulto procedeu ao *joining*.

Após alguns minutos na mesa, a criança foi brincar nas bolas de pilates, e o adulto imitou-a, colocando antes um adereço (chapéu do Jake, o pirata) para atrair o seu olhar. Balançando-se na bola, a criança olhou para o adulto e verbalizou uma palavra ininteligível, que lhe pareceu: “palhacinho”. Assim, ele reproduziu-a à espera de que ela, de alguma forma, lhe mostrasse se havia ou não percebido corretamente. Nesta sequência, ela verbalizou novamente a tal palavra e o adulto retorquiu: “piratinha”; mais uma vez repetiu-a, parando de se balançar, demonstrando estar a esforçar-se para ser compreendida. No entanto, não conseguiu e voltou à mesma ação na bola. Ambos caíram ao chão e, o adulto ofereceu-se para ajudá-la a brincar na bola e ela permitiu-o.

Ao sair de cima da bola, retomou as corridas de um lado para outro da sala e o alinhar das cores. Enquanto isso, o adulto tentava “juntar-se” reproduzindo a sua atividade de exclusão. Colocou o lenço do Jake tentando cativar o seu olhar, mas não obteve o resultado pretendido. Passados alguns minutos, a criança verbalizou: “black” ao manusear o preto e, afastou-se com uma marcha saltitante. O adulto explicou-lhe que essa palavra significava preto e, mostrou-lhe as bolas de pilates que eram dessa mesma cor.

Ao captar a atenção da criança, que olhava para o lenço vermelho que tinha na cabeça, disse-lhe que era o Jake e que iria ajudá-la a brincar na bola de pilates; ela, sorrindo, aceitou. Ao fim de alguns segundos regressou à mesa vocalizando alguns sons intangíveis.

O adulto voltou a trocar de adereço colocando agora o chapéu de pássaro. À mesa, começou a encaixar algumas peças de um puzzle da “Patrulha Pata”, o que despertou o interesse da criança. Ela juntou-se ao adulto tentando identificar o que seria a imagem do puzzle, dizendo inicialmente: “Chase”. O adulto respondeu-lhe que não sabia e, que teriam de descobrir. Ela ainda acrescentou: “um cão”; o adulto valorizou com elogio o uso da comunicação oral; e, comentou se seria o “Chase” ou o “Marshall”. Espontaneamente, a criança questionou: “quem será?”. Nisto, o adulto foi buscar mais peças ao armário descrevendo-o.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Enquanto a criança montava o puzzle no chão, verbalizou: “Rocky”. Ao oferecer-lhe outra peça, o adulto convidou-a a montá-lo na mesa e ela aceitou-o. Ao encaixar a nova peça, a criança disse: “Marshall” e o adulto concordou com ele - era realmente o puzzle dessa personagem.

Entretanto, o facilitador foi buscar outra peça do puzzle, que estava exposta na parede. O S. olhava para ele que tentava chegar-lhe para a entregar. Desafiando-o, o adulto solicitou-lhe que pedisse: “dá”, pois sem essa ajuda não conseguiria alcançá-la. Ele concretizou-o, verbalizando: “dá”. A criança levou a peça e tentou encaixá-la no puzzle, repetindo que era “o Marshall”, “um cão” e, o adulto, com diferentes entoações, insistia na modelação do “dá”. O adulto voltou a buscar outra peça, mas a criança apenas repetia o nome da personagem.

Com uma cor na mão, a criança deitou-se no chão e disse algo em jargão, donde sobressaiu a palavra: “escreve”. Ante isso, o adulto foi buscar uma folha, onde escreveu “Marshall”, fazendo uma pausa durante a escrita para solicitar à criança que verbalizasse: “escreve”; ela fê-lo. Ao olhar para o que ele estava a escrever, ao observar o “Ma”, a criança disse: “mãe”. Com nova pausa e solicitação, a criança com um pouco de tempo de latência repetiu: “escreve”; no entanto, à terceira pausa negou-se a pedir de novo.

A criança pegou na cor e começou a rabiscar. O adulto pediu-lhe que desenhasse algumas figuras geométricas e ela assim fez com a ajuda do adulto, repetindo oralmente o que ele lhe pedia (“quadrado”, “círculo”), com exceção do triângulo. O adulto solicitou-lhe também que desenhasse uma estrela e cantou: “brilha, brilha lá no céu” e a criança disse logo que não, fazendo com que ele parasse. Respeitando-o, introduziu outra canção sobre as formas geométricas, a qual a criança já permitiu.

Depois, por alguns segundos, envolveu-se de tal forma no seu desenho que não deu resposta às tentativas de interação do adulto. Apenas quando este verbalizou que iria concluir a palavra “Marshall”, ela olhou para ele e disse: “o Marshall”.

O adulto ofereceu-se para ir buscar outra peça e a criança seguiu-o com o olhar. Trouxe-a de forma divertida, balançando-se na bola de pilates; ela ao recebê-la tentou encaixá-la. Como não estava a colocá-la no lugar certo o adulto comentou: “não parece ser aí” e ela revelou ecolalia, repetindo-o duas vezes, não apresentando palavras completamente claras. O adulto começou a

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

cantar a canção da “Patrulha Pata” e a criança fez uma pausa na sua ação para olhar para ele e sorriu. Voltou ao que estava a fazer, e de novo parou e olhou-o, verbalizando: “Rocky”. O adulto, assim, continuou a enunciar as personagens e a criança repetiu: “Zuma” e “Skye”.

Construindo o puzzle, o adulto com animação incentivou o S. a pedir, dizendo: “dá” se pretendesse mais alguma peça e elogiou os seus olhos, agradecendo quando olhava para ele.

Sentado na bola de pilates, convidou a criança para brincar com ele, sentando-se no seu colo ela aceitou. Saltando naquela, a criança ria; ao parar, o adulto tentava modelar o pedido; a criança respondeu com jargão e o adulto ofereceu-lhe outra vez a ação motivadora. O adulto fez pausa e a criança apontou para uma peça do puzzle exposta na parede e disse: “dá”. Deste modo, o adulto rapidamente facultou-lha, festejando a verbalização.

Chegando ao fim da sessão, o facilitador convidou-a a arrumar, explicando-lhe que iriam almoçar e ela repetiu as palavras: “arrumar” e “almoçar” e arrumou.

20-04-2016

Na sala, a pedido do adulto, fez um jogo de enfiamento juntamente com uma colega. No entanto, não comunicou verbalmente com ela. Apontou para o suporte em que iria fazer o enfiamento, olhou para o adulto e partilhou: “sete”.

No tapete, o adulto brincava com outras crianças às cócegas e o S. aproximou-se, colocou a camisola para cima e pediu: “cócegas” e o adulto satisfê-lo. Ao vê-lo tão motivado, através do seu sorriso solicitou-lhe que fizesse essa ação junto da colega e ele aderiu.

No lanche, o adulto incitou-o a pedir a fruta dizendo: “dá”, e ele fê-lo por várias vezes.

Chegado ao *playroom*, o S. dirigiu-se logo à mesa com as cores de feltro, onde as organizou de modo a “transformá-las” em letras e em outras formas. O adulto, em sua frente, imitava-o fazendo exatamente igual tentando o “juntar-se”.

De maneira a estimular o contacto visual, o adulto colocou o chapéu do “Jake”. A criança, enquanto retirava algumas cores, olhou-o e sorriu; ao contactá-lo, o adulto disse que era o chapéu

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

do Jake, o pirata. Ela, por sua vez, sorrindo, mas olhando para o que fazia com as cores, disse: “Jake”. O adulto comentava que era o chapéu e ele repetiu-o (ecolalia).

Perante isto, o adulto foi ao armário buscar outro adereço relativo ao Jake, o monóculo. Ao mostrar-lhe, a criança dirigiu-lhe um olhar desviante, continuando a manipular as cores, dando-lhes diferentes posições. Espontaneamente, ela verbalizou algo em jargão, compreendendo-se apenas: “espada”, daí o adulto ter-lhe apresentado a espada do personagem de forma animada; todavia, de novo olhou-o fugazmente, não demonstrando interesse. Então o adulto voltou ao *joining*.

Passados alguns segundos, a criança começou a olhar para o armário, por isso o adulto foi até junto deste e questionou-a se era o frasco das bolas de sabão que ela queria. Nesse momento, a criança olhou para ele, aproximou-se e verbalizou: “bolinhas de sabão”. Então, o adulto começou a soprar bolas de sabão e ela disse algo em jargão, finalizando com a palavra: “bolinhas”. Manteve o contacto visual, tentando apanhar as bolas e, de novo, revelou jargão, onde apenas se percebeu: “bolinhas”. O adulto, encorajando-a a apanhá-las, verbalizou: “apanha” e ela repetiu-o (ecolalia). A criança andava de um lado para o outro atrás das bolas de sabão e disse, por entre o jargão, “tantas bolinhas”, “mais bolinhas”, e rodopiava. Aproximou-se do adulto e estendeu a mão na sua direção; ele soprou bolinhas de sabão para esta, descrevendo-o. Depois, ela ainda deu mais uma volta à sala, revelando jargão, sendo possível compreender a palavra: “braço” aquando olhava para ele. Assim, o adulto soprou mais bolas de sabão para o braço da criança.

Após esta brincadeira, o S. voltou à mesa observando as cores e as formas que lhe tinham dado. Entretanto, o adulto, à sua frente, tentava organizar as peças de um puzzle da “Patrulha Pata” de modo semelhante, o que captou de imediato a atenção da criança. Olhando para o que ele estava a fazer, ela proferiu: “Rocky”. Dado o interesse dela, o adulto, de maneira animada, foi ao armário buscar mais peças para construir o puzzle para que descobrissem a que personagem era alusivo.

Com o intuito de introduzir uma nova atividade, o adulto tencionava levar as peças até à mesa de um modo especial, transportando-as dentro da arca do tesouro (caixa). Como a criança se tinha deslocado até junto dele, convidou-a a ir dentro da caixa, mas ela não quis. Então, ele exemplificou primeiro o que pretendia fazer, empurrando a arca com as peças dentro. Ela prestou atenção, seguindo o trajeto com o olhar. Ao regressar para perto da criança o adulto refez o convite, e ela aceitou. Entrou para a caixa, sentou-se e o adulto verbalizou o comando que, mais tarde, viria

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

a solicitar-lhe (aquando altamente motivada) para que ele desse continuidade à atividade (“empurra”). Através da sua expressão facial - sorridente - e dos sons que vocalizou de alegria, percebeu-se que se sentia agradada ao ser empurrada pela sala.

Ao parar, a criança quis sair, verbalizando: “não queres”, e foi de novo até junto da mesa. O adulto trouxe-lhe as peças do puzzle da caixa para a mesa e ela juntou-se-lhe para o montar. Enquanto o fazia, pronunciava ora palavras incompreensíveis ora perceptíveis, tais como: “au au” e “o cão” (esta última em ecolalia).

O adulto explicou à criança que se quisesse mais peças só teria de verbalizar: “dá”. Mas ela não pediu e ao ver a espada do Jake, na mesa, começou a mexer-lhe. Ante isso, o adulto, encenando o Jake disse-lhe que com a espada lhe traria mais peças. Assim a criança estabeleceu contacto visual, verbalizando “espada” por duas vezes. Daí o adulto lhe ter oferecido o brinquedo, porém ela não o aceitou, desviando o olhar.

De novo, a criança olhou para o adulto e disse: “o Jake”. A fim de cativá-la para que permanecesse em interação e mantivesse o contacto visual, ele dramatizou assumindo esse papel. Com a espada retirou a peça exposta na parede, insistindo na palavra: “dá”, que pretendia que ela utilizasse. Tentaram encaixá-la nas restantes peças, mas não estavam a conseguir e o S. verbalizava: “Rocky, Rocky”. Ele desistiu de tentar, deixando de colaborar na montagem; contudo, permaneceu ao lado do adulto, manifestando-se com jargão. Sentou-se em cima da mesa e desviou o olhar. Nisto o adulto grita: “encaixou” e o S. repetiu-o, voltando a olhar. Espontaneamente disse: “ora bem...”, continuando o seu discurso com jargão e olhar fugidio. Depois pegou numa espada do Jake e mostrou-a ao adulto, verbalizando: “espada”. Este último, que também tinha uma espada, iniciou uma luta e a criança participou, verbalizando: “pau, pau, pau”. Disse algo com uma linguagem quase incompreensível, que foi percebido da seguinte forma pelo adulto: “és um mainheiro” (marinheiro).

A criança retomou a atividade de exclusão e, por conseguinte, o adulto fez o seu papel e tentou “juntar-se”, utilizando, tal como ela, algumas cores. Isto despertou o interesse dela, por isso parou a sua ação e ficou a observar o adulto. Retornou à tarefa e, logo de seguida, levantou-se retirando ao adulto uma das suas cores. Perante isso, o adulto ofereceu-lhe outra de maneira divertida de forma a estimular o contacto ocular.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Ao colocar a cor junto às restantes, a criança olhou para estas e disse: “Pluto”. Com rapidez, o adulto foi buscar ao armário a imagem desse personagem. Enquanto a procurava, a criança continuava concentrada na sua atividade. Quando a encontrou, o adulto imitou a voz da personagem e assim cativou S., levando-o a estabelecer contacto visual. Em seguida, o adulto colocou a imagem dentro da arca do tesouro e levou-a até à criança que, entretanto, voltara à manipulação das cores. Ao parar a arca e ao mostrar-lhe o cartão com a personagem, a criança, olhando fixamente para as cores, disse: “olá, és o Pluto”. Absorvida na sua ação, desinteressou-se rapidamente do personagem, por isso o adulto retomou o *joining*. Com as cores, ela formou a letra “M”; olhou para o adulto com olhar desviante, olhou para as cores e verbalizou: “a mãe”, repetindo-o uma vez. Não obstante, continuou absorva nas cores, não mantendo contacto visual, apesar dos comentários do adulto em relação ao tema.

Posteriormente, começaram a lutar com as espadas, a convite do adulto, que constatou o seu interesse através do olhar. Ela aderiu, estabelecendo contacto visual com ele, e repetiu: “és um mainheiro”. Todavia, esteve em interação apenas por segundos, regressando ao alinhamento das cores, onde colocou também a espada. O adulto ainda tentou mantê-la com animação, porém não o conseguiu.

Reorganizando as cores revelava jargão, dizendo algo que parecia ser a palavra: “gato”. O adulto questionou-a, verbalizando essa palavra, ao que a criança, sem olhar para ele, disse: “o gato miau”. Com a continuação dos comentários sobre o animal, a criança ainda acrescentou: “é o gato”; depois rodopiou, mas sempre sem contacto ocular, e disse: “miau”. O adulto mostrou-lhe um cartão com o gato e ela olhou para vê-lo; todavia, logo se “desligou”, voltando à sua atividade de exclusão e, ele, conseqüentemente, ao *joining*.

Cantarolando: “dai, dai, dai”, permaneceu na atividade por alguns minutos, manipulando as várias cores, enunciando a cor roxa quando lhe pegou. Depois puxou a cadeira para se sentar e, ao fazê-lo, viu o boneco “nenuco” no chão. Olhou para o adulto e partilhou: “bebé”. Ele em resposta foi apanhá-lo do chão e explicou à criança que o colocaria em cima da mesa. Assim, ela olhou fugazmente para verificar o que ele fazia.

O adulto, ao imitar o bebé a chorar, cativou a atenção da criança. Então, ele pegou no boneco e, descrevendo o que fazia, deu-lhe carinho, aproximando-se dela que mantinha o contacto visual.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Junto a ela, começou a falar-lhe do bebé e das suas partes do corpo. Quando lhe falou dos pés, ela repetiu a palavra: “pés” e, espontaneamente, disse: “sapatos”, aplicando-o em contexto adequado. Continuou a conversar, mexendo nos pés do bebé; no entanto, o adulto não a compreendeu porque utilizou jargão.

No seguimento desta interação, o adulto questionou-a se queria brincar com o bebé, ao que ela respondeu: “queres brincar com nas cores?”. Consequentemente, ele colocou-o no colo da criança, perguntando-lhe qual seria o seu papel na brincadeira. Recorrendo a ecolalia, ela emitiu: “que pode fazer?” e, afastando o boneco do seu colo, focou-se nas cores.

Ante esta situação, o adulto foi buscar uma folha (que já tinha sido utilizada em outra sessão), explicando à criança que poderia desenhar. Ela devolvendo-lhe o contacto visual verbalizou: “Marshall”, ao observar a palavra escrita. Depois, com a confirmação do adulto, ela apontou para a palavra e disse: “é Marshall”. Por sua vez, o adulto interrogou-a se desejava escrever, mas ela não lhe respondeu, destapando uma das cores e riscando.

Em seguida, foi buscar a uma caixa de folhas utilizadas anteriormente e colocou-as no chão. Olhou para uma delas, onde estava escrita a palavra “pai”, e referiu: “dia do pai”. Centrada na folha, iniciou o seu desenho. O adulto, à sua frente e ao seu nível, fez o mesmo, atraindo a sua atenção. Por isso, mencionou-lhe que estava a desenhar um triângulo, ao que ela reagiu verbalizando-o em inglês: “triangle”.

Contudo, a criança voltou a manter-se apenas concentrada no que fazia, enquanto o adulto, por seu lado, retoricamente questionava o que haveria de desenhar. Respondendo a si próprio, verbalizou que seria uma super pista, tendo provocado a ecolalia do S.. Não obstante, persistiu na sua tarefa sem olhar para o adulto. Apenas retornou a interessar-se pelo adulto quando este comentou que desenharia uma estrela. Falando sobre a mesma, a criança proferiu: “é uma estrela”. Mas logo voltou a atenção para a sua folha. O adulto reiniciou a sua ação, comunicando que iria escrever a palavra: “mãe”. Mais uma vez, ganhou o sentido da criança no que estava a fazer. Questionando-a sobre isso, obteve uma resposta empolgada: “é mãe”. Assim sendo, o adulto disse-lhe que escreveria mais uma vez essa palavra, e a criança indicou-a verbalmente (“mãe”).

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

De seguida, em atividade de exclusão, deu continuidade ao desenho e foi buscar ao armário outras folhas. O adulto usou o *joining*, visando fomentar a interação. Posteriormente, ela olhou fugidamente para a folha em que o adulto desenhava e disse: “mãe”. O adulto reagiu a isso, explicando-lhe que iria escrever essa palavra novamente. Ao verbalizá-la ao mesmo ritmo que escrevia fez com que a criança se aproximasse com interesse. Por entre o jargão ela disse: “mais” e algo que o adulto compreendeu como: “boneco de neve”.

Deste modo, descreveu-o à medida que o ia desenhando. A criança, entretanto, verbalizou uma palavra que não foi perceptível ao adulto. Ao estar concluído, ela olhou para o boneco e verbalizou: “é boneco de neve”. Baixou-se ao nível do adulto, que estava sentado no chão e fez alguns traços na mesma folha. Depois levantou-se e afastou-se do adulto, caminhando para junto da mesa devido às cores. Repetiu: “boneco de neve”. Reiniciou a construção de letras com as cores.

A criança dirigiu-se para as bolas de pilates e atirou-se para cima delas; o adulto imitou-a. Ela levantou-se e, a correr no sentido oposto da sala verbalizou: “corre” e ele seguiu-a. Após duas voltas à sala regressou à mesa utilizando o jogo que o adulto tinha usado para efetuar o *joining* - alinhar as peças. Diante disso, ele também realizou um jogo semelhante à sua frente, mas com letras em vez de números. Nesse momento, ela levou o seu jogo para o fazer ao lado dele. Como já não precisavam das cores, explicou à criança que iria guardá-las. Ela começou a alinhar as letras e os números sem deixar espaço para o adulto interagir consigo. Por conseguinte, ele usou o *joining* com outras letras. Como pretendia cativar a criança, a qual focada nessas letras verbalizou: “super pista”. Afastou-se e voltou a aproximar-se, reforçando: “é a super pista”.

O adulto solicitou-lhe que verbalizasse “letras”, mas o S. continuou a insistir com a super pista. Questionou-o se queria mais letras e este seguiu-o até à arca do tesouro, onde o adulto convidou-o a entrar para ir buscar as letras. Primeiro, ele espreitou para ver se estavam letras lá dentro e depois negou-se a entrar. Então o adulto disse-lhe que iria ao armário buscar-lhe mais letras.

Esperando pela ação do adulto, a criança persistiu com o contacto visual. Aquando lhe mostrou outras letras, ela correu na sua direção para as ir buscar, trazendo-as para a mesa com um grande sorriso. Ao tê-la motivado, solicitou-lhe que pedisse: “dá letras”; porém, ela verbalizou: “queres o “um””, repetindo-o por mais duas vezes. O adulto respondeu-lhe que não tinha nenhum número “um” e, incitando-a a pedir as letras, ofereceu-lhe outra letra, a qual a criança identificou

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

corretamente (“/l/”). Levou-a para junto das restantes, apresentando jargão. O adulto escutava-a com atenção, tentando sempre responder às suas tentativas de comunicação e modelar o seu pedido.

Com a espada e chapéu do pirata “Jake” o adulto foi “resgatar” do armário mais letras, incorporando esse personagem. Ao chamá-lo pelo nome, o S. olhou e, ao verificar a letra na espada, aproximou-se do adulto, retirando-a de lá e verbalizando: “/o/”. Em seguida, ele fez uma pausa na sua ação, visando que a criança lhe pedisse o que queria.

Organizando as letras de diferentes maneiras, a criança reproduzia repetidamente: “super pista”, seguido de jargão. Dando sinal vermelho ao adulto, este reiniciou o *joining*. De repente, ela diz: “queres o /é/”. Como a criança estabeleceu contacto ocular, o adulto indiretamente moldou a sua linguagem, direcionando, através do apontar, a sua atenção para a sua boca. Assim ela repetiu “quero o /é/”.

Celebrou esse comportamento e rapidamente foi procurá-lo na prateleira dos jogos, enquanto ela aguardava acompanhando o adulto com o olhar. Como ele demorou na procura, a criança foi para perto dele, chegando a encostar-se fisicamente. Finalmente, deu-lhe o “e” minúsculo, mas a criança não o aceitou, continuando a verbalizar o pedido e a apontar para a prateleira.

Perante isso, o adulto começou a questioná-la sobre o que ela afinal pretendia. Neste sentido, nomeava os diferentes jogos, esperando uma resposta da criança. Entretanto, ela desinteressou-se e regressou ao alinhamento das letras na mesa, verbalizando: “super pista”, focada nas letras.

Ao encontrar o “e” maiúsculo, o adulto entregou-lho. Ela olhou para o adulto para o receber e continuou a ordenar e a reordenar as letras a seu belo prazer. E, assim, o adulto de novo tentou o *joining*, colocando outro adereço (lenço de pirata), tendo em vista captar o contacto visual da criança.

Espontaneamente, ao juntar algumas letras, disse: “João” e o adulto falou-lhe sobre o colega da sua sala com esse nome. Com o intuito de alongar a interação, fez referência a um livro já explorado em sessões anteriores, que possuía uma personagem com esse nome. Como nessa história havia várias crianças, atribuiu-lhes os nomes dos pares do S., o qual persistia olhando para a história.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Depois voltou à sua atividade e o adulto respeitou-o, retomando também a sua ação, a técnica de “juntar-se”. Quando se dirigia para junto do armário, a criança olhou para ele e pediu: “queres o /s/”. Logo de seguida, chegou-se perto dele e fez novo pedido: “queres o /n/”. O adulto, modelando-a, apontou para a sua boca para a induzir a olhá-la e verbalizou: “quero o /n/”. A criança repetiu-o, pedindo corretamente.

Por conseguinte, o adulto comemorou e ofereceu-lhe colo para que, juntos, retirassem da parede a letra desejada. E assim foi. Com sua vontade satisfeita, a criança regressou à mesa feliz e o adulto seguiu-a, dando-lhe a distância e o tempo que ela precisava para si, embora reiniciasse o *joining*.

Passado alguns minutos em exclusão, a criança olhou para o adulto e foi apanhar algumas letras que estavam no chão. O adulto, reagindo ao seu olhar, comentou a atuação da criança. Voltando à mesa, ela olhou para as letras e disse: “gato”; o adulto, por sua vez, ao olhar para o que a criança partilhava, verificou que ela tinha escrito “cat”. Então apresentou-lhe de imediato uma imagem do gato, a qual ela mirou emitindo: “mia o gato”. O adulto falou sobre o gato e introduziu a seguinte brincadeira física: com o cartão fingia que o gato subia o braço da criança até alcançar a cabeça de forma divertida. Ela reagiu com sorrisos a esta brincadeira e persistiu no contacto ocular. Depois agarrou na imagem do gato e verbalizou: “miau miau” e “o gato”. Proporcionando a continuidade da interação, o adulto trouxe outro animal para a brincadeira, nomeando-o, o cão. A criança naturalmente disse: “o cão” e, ao vê-lo, ainda acrescentou: “cão...”, continuando com uma linguagem intangível. Dando uma interpretação ao que ela dizia, para lhe mostrar que o que comunicava ou tentava comunicar provocava no outro uma resposta, desencadeou na criança nova resposta em jargão. Sendo perceptível somente a palavra “cão”.

O adulto ainda adicionou mais um animal à diversão, interpretando-o com voz e entoação diferentes. Colocou-o à mesa junto aos outros, tendo o S. solicitado outro animal, “rato”. O adulto, perante esse pedido de forma dinâmica, fingiu estar a fugir de um rato, captando a atenção da criança para si. Durante a brincadeira, mostrou-lhe a letra: “r”, que estava exposta na parede, referindo ser a letra inicial da palavra por ela proferida. Ela reagiu, aproximando-se dele, estendendo os braços e verbalizando: “pega”. Assim, o adulto, com muita excitação, emoção e energia, pegou-o ao colo e levou-o a atingir o que pretendia. Ao colocá-lo no chão, o S. olhou para o adulto encostou-se a ele,

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

insinuando querer o colo, apontou para as letras e pediu-lhe: “queres o /f?”. O adulto, ao seu nível, diante de tal motivação, solicitou recorrendo ao gesto do apontar para a boca que retificasse o seu pedido para: “quero o /f” e ele fê-lo. Mais uma vez, o adulto festejou com os 3Es a situação e, de imediato, deu resposta à criança, explicando-lhe, em simultâneo, o porquê da sua alegria.

Com a letra em sua posse foi até à mesa não dando resposta às solicitações do adulto para continuar em interação, deste modo desencadeou o seu regresso ao *joining*. Aquando a criança arrumava os cartões dos animais uns em cima dos outros, emitiu o som: “san”, ao que o adulto reagiu perguntando-lhe se os deveria guardar na prateleira. Estabelecendo contacto ocular, ela disse que não.

Entretanto, pediu: “queres o /i/” e o adulto mostrou-lhe o “i” do seu jogo, questionando-o se era aquele que a criança queria. Ela aproximou-se, olhou para a peça e retorquiu: “não”, e afastou-se focando-se na sua atividade e dizendo algo em jargão.

Livremente, o S. disse: “/f/” e o adulto associou o seu som à palavra foca, concretizando-a com a imagem respetiva dum livro. A criança, durante a procura do animal no livro, estava unicamente centrada na sua tarefa; apesar do dinamismo do adulto, ela apenas olhou fugazmente para a foca. E assim continuou até que verbalizou: “queres o João”.

Na tentativa de modelar este pedido, o adulto verbalizou: “quero...” e a criança completou a frase dizendo apenas: “João”. Depois, dirigiu-se para junto da prateleira, apontando para esta. O adulto mostrou-lhe o livro que tinha a personagem com esse nome, que estava na mesa, mas ela persistiu a emitir o nome e a apontar para a prateleira referida. Aí o adulto compreendeu que ela pretendia as letras para formar esse nome. No entanto, fez-se desentendido de modo a demonstrar-lhe o que estava a pedir através daquelas palavras. Daí o adulto ter recorrido a outra história, perguntando-lhe se de outro “João” se tratava; todavia, ela respondeu que não. Não obstante, o adulto moldou indiretamente esse pedido, conseguindo que a criança o verbalizasse de forma adequada - “quero o João” - e continuou a dar-lhe outras hipóteses de um possível “João” em outros livros, animais de brincar, etc. Entre estes, mostrou-lhe uma das personagens da Patrulha Pata, o menino, e questionou-a se seria esse o João. Olhando para a personagem, ele sorriu; aceitando-a, levou-a para a mesa e verbalizou: “Patrulha Pata”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Na mesa, antes que a “ponte” de comunicação se extinguisse, o adulto explicou à criança que estava a tentar compreender o que ela pretendia dizer com o seu pedido. Neste sentido, perguntou-lhe se não seria a letra “j” que ela desejava e foi à prateleira procurá-la. A criança, nesse momento, deixou o que estava a fazer e seguiu-o revelando jargão.

O adulto encorajou-a a dizer o que ambicionava. Então ela respondeu: “queres as etas”. Corrigindo-a discretamente, ajudando-a a elaborar a resposta: “quero...”, ela acrescentou: “o “j””, referindo-se à letra em inglês. O facilitador traduziu o que ela tinha dito para português e o S. repetiu-o. Para além do “j” ainda lhe ofereceu o “i”, a qual ele verbalizou. Com uma expressão facial feliz, levou as letras para a mesa e alinou-as.

Ao chegar ao fim da sessão, arrumaram o quarto em conjunto e foram para a sala com os colegas.

27-04-2016

Na sala de aula, o adulto acompanhou o S. na marcação da sua presença no quadro de registo correspondente. Encorajando a interação com os seus colegas, solicitou-lhe que entregasse a caneta reservada à tarefa aos diversos colegas. Deste modo, a criança repetiu o nome do colega indicado pelo adulto e entregou-lhe em mãos a caneta (“Margarida”, “Matilde”, “Gustavo”, “Maria”, “Íris”). Com alguns dos pares, ele estabeleceu contacto visual; no entanto, com outros não o fez.

No lanche da manhã, solicitou ao adulto a maçã e a bolacha, dizendo apenas o nome destes. Demonstrando a sua vontade para ir para o quarto Son-Rise, olhou para o adulto e verbalizou: “tchau”, comunicando de forma indireta que queria se despedir do grupo. Assim, levantou-se e despediu-se, acenando para ele e veio em direção ao adulto, ao qual deu um abraço, verbalizando: “abraço”.

Ao chegar ao *playroom*, susteve-se parado em frente ao armário, olhando para a prateleira dos jogos. O adulto aproximou-se baixando-se ao seu nível. Por sua vez, o S. olhou para ele, estendeu o braço na direção dos jogos e disse: “queres o Marshall”. Olhou-o novamente e foi sorrindo a correr até ao outro lado da sala e voltou. Durante estas voltas, ele apresentava jargão e o

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

adulto apenas conseguia perceber “Marshall”, “o Marshall”. Por isso, facultou-lhe um cartão com esse personagem.

Enquanto o adulto lhe mostrava e falava acerca desse personagem, a criança manteve contacto visual. Perspetivando alargar a atividade ao puzzle alusivo à Patrulha Pata, atraiu a atenção da criança para as peças que estavam dispostas na parede, fazendo a associação ao personagem mencionado por ela.

Ao observá-las, ela exclamou: “outros cães!”. Assim, dando continuidade, o adulto falou-lhe sobre eles, e ela ainda acrescentou: “o cão”. Ele também imitou a voz do cão, sendo reproduzido pela criança, a qual se dirigiu de novo à prateleira, estendendo o braço na sua direção. Depois deu uma volta à sala, chegou perto do adulto, apontou para a prateleira e verbalizou: “Patrulha Pata”; aquele, com entusiasmo, facultou-lhe as várias personagens. Juntos levaram-nas para a mesa, onde as expuseram.

Junto ao adulto, a criança manipulava os cartões com os diferentes cães. Espontaneamente disse: “Chase” e agarrou na sua imagem respetiva, indo para outra parte da mesa. Depois retornou ao sítio, indo buscar outras imagens e levou-as para o outro lado, verbalizando: “o Chase”.

O adulto, consoante a criança manuseava as imagens, nomeava-as. Seguidamente começou a cantar o genérico desses desenhos animados, mas a criança logo verbalizou: “não quero”, “não quer”, estabelecendo contacto ocular com o adulto. Alcançando outra imagem, a criança reproduziu: “Skye” após o adulto a ter identificado verbalmente.

Descrevendo o que fazia, o adulto deslocou-se à arca do tesouro para verificar o que esta continha. Com a mesma intenção, a criança acompanhou-o e ao ver os adereços do pirata Jake, proferiu: “sou mainheiro” (marinheiro), esticando o braço como se empunhasse uma espada. O adulto colocou em si os adereços, convidando o S. também a experimentá-los; no entanto, ele não aderiu, apenas verbalizando: “és mainheiro”. Deste modo, afastou-se da arca e regressou à mesa, onde punha de forma ordenada os cartões. O adulto foi ao seu encontro, falando-lhe da personagem que estava a alinhar, o menino. Na sequência disso, a criança verbalizou: “Ryder”. Depois apontou para os cartões e disse: “Marshall”, o que, instantaneamente, despoletou reação no adulto.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Na tentativa de tornar a sua ação animada e divertida, o adulto utilizou uma voz diferente e fingiu que a arca seria o seu barco (explicando-o à criança), onde transportaria a peça do puzzle com o Marshall até à criança. Contudo, imediatamente após o adulto colocar a peça no suposto barco, ela retirou-a, revelando jargão antes que ele pudesse proceder ao que havia planeado.

Dirigiu-se à mesa onde estavam já assentadas duas peças, juntando-lhes a nova, descobrindo a imagem do Ryder. Depois olhou novamente para as imagens das personagens da Patrulha Pata e verbalizou: “Marshall”. O adulto questionou-a sobre se iria buscar outra peça para o puzzle, mas não obteve nenhuma resposta, nem verbal nem não-verbal. Daí ter continuado a falar sobre a personagem por quem a criança estava a demonstrar interesse. Naturalmente, ela verbalizou algumas vezes o seu nome e, olhando para as diferentes imagens, com jargão, cantarolou o genérico referente a esses desenhos animados, compreendendo-se: “...aventua”.

Contudo, quando o adulto tentou juntar-se para cantar, a criança verbalizou logo: “não queres”, o que ele respeitou, parando. A criança, junto ao puzzle, mirava-o com muita atenção e o adulto espicaçava a sua curiosidade para descobrir quem estaria também presente no mesmo. Perguntou-lhe se estaria o Rubble, e ela repetiu esse nome.

Então, o adulto, empurrando o seu “barco”, encaminhou-se na busca de outra peça. No entanto, a criança estava apenas focada nos cartões. O adulto encontrou no seu percurso um cartão no chão, entregou-lho e indicou que era o “Zuma”. Ela colocou-a em linha com as outras, repetindo: “Zuma”.

Em seguida, olhou para o adulto e, a seu lado, retomou o puzzle. Aquando encaixava melhor as peças, emitiu umas palavras impercetíveis, com a exceção da palavra: “juntos”. Deu uma volta sobre si própria e olhou para as peças do puzzle dispostas na parede.

Ante o comportamento da criança, o adulto instigou-a a verbalizar: “dá”; todavia, ela pediu: “outra”, o que também estava adequado ao contexto, sendo assim comemorado e satisfeito de forma rápida. O facilitador colocou a peça no “barco”, começando a empurrá-lo, mas a criança não lhe deu espaço para isso, alcançando-a e levando-a para a encaixar nas restantes. De repente, abandonou essa tarefa e isolou-se a alinhar os cartões. Consequentemente, o adulto, com outros cartões, com diferentes imagens, iniciou o *joining*. Com o adulto ao seu nível e em sua frente, a criança partilhou:

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

“o Zuma” e olhou para o adulto a certificar-se que ele estava a ver o mesmo; ainda acrescentou algo em jargão relacionado com a personagem.

Ao estabelecer contacto visual com o adulto, observou os cartões com que ele jogava e retirou-lhe um, nomeando o que via: “leão”. Reaproximou-se do adulto e indicou a imagem de outro cartão: “tartaruga”, sobre o qual ele falou um pouco com a criança. Entretanto, ela desinteressou-se e voltou aos cartões da “Patrulha Pata”, embora às vezes lançasse um olhar fugidio ao adulto.

Após alguns minutos de exclusão, verbalizou de novo: “Marshall” e o adulto foi buscar outra peça do puzzle para lhe oferecer. Porém, ela continuou a manifestar sinal vermelho, ou seja, que não estava disponível para interagir. Olhando para os cartões que o adulto tinha alinhado, apontou para a imagem de uma zebra e identificou-a como: “burro”. A criança agarrou-a e o adulto corrigiu-a discretamente, indicando-lhe o nome correto do animal, o qual ela repetiu: “zebra”.

O adulto apresentou-lhe uma história que tinha um burro (explorada em sessões anteriores) e, ao fazê-lo, cativou o seu contacto visual. Logo que viu a sua capa, a criança disse: “a Alice”, que era o nome da personagem principal desse livro. No entanto, o adulto pretendia levá-la a conhecer outra história. De modo a introduzir a nova narrativa (trabalhando a flexibilidade), o adulto mostrou-lhe a capa da mesma, informando-a de que também continha um burro. Em seguida, sentou-se numa bola de pilates, ficando ao seu nível, e começou a explorá-la, incitando a criança a manter o contacto visual e a interagir fisicamente na atividade. Como o livro era composto por janelinhas que, em cada página, escondiam animais diferentes, o adulto sugeriu-lhe que procurasse o indicado. A criança assim o fez e, ao abrir cada janela, o adulto nomeava o que lá estava.

O primeiro animal a ser descoberto foi um cavalo. O adulto identificou-o verbalmente e logo de seguida a criança repetiu-o por várias vezes. Sorrindo, afastou-se e deu uma volta à sala. No regresso verbalizou: “zebra”, referindo-se à imagem que estava no cartão que trazia consigo, e começou a procurá-la também no livro. A cada janelinha que abria repetia o mesmo nome, zebra. Após procurar em várias páginas, desistiu e reiniciou a sua atividade de exclusão. Por conseguinte, o adulto recomeçou o *joining*. A criança olhou de forma fugaz para o que ele fazia e retirou-lhe um dos cartões com que jogava. Ele tentou interagir através de conversa, mas ela não se demonstrou disponível.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Após alguns minutos em exclusão, a criança olhou para a parede com as peças do puzzle espalhadas e depois para o adulto. Aproveitando esta pequena abertura da criança, ele convidou-a a passear no barco para ir buscar mais peças. Ela entrou, mas logo se agarrou ao adulto e saiu. Enquanto a abraçava, o adulto tentava motivá-la, fingindo com ela que estava a voar. Ao observar que não estava a resultar, tentou as cócegas no colo; ela sorriu - foi a brincadeira em que se revelou mais satisfeita. Todavia, após uns segundos, aquando o adulto fez a pausa na sua ação, ela saiu do colo e voltou a alinhar as imagens da “Patrulha Pata”. Então, o adulto trouxe-lhe mais uma peça do puzzle para a qual ela olhou, mas pela qual não demonstrou muito interesse, continuando o que fazia.

Aquando o adulto voltou ao seu jogo, a criança olhou para ele sorrindo, pois este manuseava um cartão com uma imagem do Pinóquio. Fazendo uma brincadeira com movimentos grandes, tentava cativar a criança. Ela, embora sorrisse satisfeita com este boneco, não mantinha o contacto ocular, daí o adulto ter colocado o cartão com *bostick* na testa. A criança aproximou-se dele, disse: “dá” e retirou-lhe a imagem. Ela levou-o para a mesa e o adulto continuou a conversar sobre ele, tendo a criança verbalizado: “Pinóquio”. Não obstante, ela voltou a concentrar-se nas imagens que tinha alinhado, realinhando-as. O adulto, em sua frente, fazia o mesmo com os seus cartões, recebendo olhares desviantes da criança. Aquele, ao alinhar o cartão com um porco, nomeou-o e ela, que estava a olhar para o livro que também tinha a imagem desse mesmo animal, reproduziu: “porco”.

Com efeito, o adulto aproximou-se da criança e juntos exploraram de novo o livro dos animais com janelinhas. Numa delas tinha ovos; ela nomeou-os após o adulto o ter feito.

Rapidamente desinteressou-se e tirou do armário o chapéu de passarinho, que deu ao adulto, nomeando-o. Este colocou-o na cabeça cantando a canção “Passarinhos a bailar”, fazendo com que a criança mantivesse o contacto ocular.

Estava ao lado deles a arca aberta, então a criança debruçou-se nela espreitando lá para dentro. Por isso, o adulto convidou-a a entrar, mas ela não quis, encostando-se nas bolas de pilates. De maneira a encorajá-la a experimentar a brincadeira, o adulto entrou no “barco”, dando-lhe o exemplo; verbalizava: “empurra” e balançava-se lá dentro. A criança, de fora, começou a dizer: “vai, vai, vai” olhando para o adulto com um sorriso e a balançar-se na bola.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Sensível à motivação da criança, o adulto abandonou o barco e questionou-a se queria ajuda para se balançar e saltar mais alto na bola, ao que respondeu: “ajuda”. Assim, com festejo, iniciou a ação desejada pela criança. Depois esta agarrou no bico do pássaro (chapéu) e vocalizou: “piu, piu”, tendo o adulto cantado novamente a canção.

Sentada ainda na bola de pilates, olhando para o adulto pediu: “Alice”, “a Alice”. Assim, o adulto satisfê-la, agradecendo-lhe *a priori* por ter comunicado com ele. Logo que viu a capa do livro, apontou para a imagem e exclamou: “o burro!”. Após saltarem juntos na bola por um pouco, a criança encostou-se ao adulto para ver a história. Ele começou a lê-la e a criança apresentou ecolalia (“uma laranja”). Virou a página e livremente disse: “Alice”; discretamente, ele moldava-a, indicando que era o abecedário. Ela tentou reproduzir igual; no entanto, não conseguiu, dizendo: “apecedário”. Com o incentivo do adulto, ela repetiu a mesma palavra, pronunciando-a, dessa vez, de forma correta.

De modo a cativar o seu contacto ocular, o adulto utilizou diferentes vozes e entoações, bem como alguns gestos exagerados. A criança, ao observar a palavra Alice escrita, verbalizava-a. Ao ver a imagem do burro com as laranjas disse: “tá a comer laranja”. E continuaram a explorar a história. A cada imagem o adulto chamava atenção para os vários objetos presentes, nomeando-os, e a partir dela inventava a história. Ao chegar à última página, a criança voltou para trás, verbalizando de forma contextualizada: “foto”; “árvore” e “abusto” (arbusto).

Posteriormente saiu da bola de pilates, foi até perto da mesa olhando para as imagens dos cães. E ao verificar que o adulto ia guardar a história, esticou o braço, pedindo: “queres o /a?”. O adulto, repetindo-o, corrigiu-o e ela reproduziu: “quero o /a?”. O adulto comemorou o pedido e ofereceu-lhe o jogo de encaixe das letras que continha o “a”. Ela aceitou-o e começou a retirar as letras para as colocar no chão, numa determinada posição.

Entretanto o adulto também foi buscar à prateleira o jogo dos números de encaixe. A criança observou o que tinha feito, olhou para o adulto e partilhou: “o círculo”. Juntos começaram a alinhar as letras e os números. O adulto tentou desafiá-la a colocar as peças encaixadas no devido suporte, mas ela rapidamente respondeu, sem estabelecer contacto ocular, “não queres”, voltando a colocá-los no mesmo lugar. Levantou-se e olhou para as letras, verbalizando: “Alice”. Por isso o adulto foi

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

de novo buscar a história da Alice. Levou-a à criança, fazendo a associação da letra “a” ao nome da personagem e ela repetiu “da Alice”. Depois repetiu o nome por várias vezes (três).

O adulto mostrou ao S. novamente uma parte da história, introduzindo as bolas de sabão. Olhando para o frasco, ele verbalizou: “bolas de sabão”. Então, o adulto começou a soprá-las e a criança estendeu a mão para que as direcionasse para a mesma. De repente, desinteressou-se e voltou às letras. O adulto, em sua frente, tentou o *joining* com outras. A criança ao vê-las retirou-as juntando-as às suas e cantava uma canção que era impercetível ao adulto, o qual parou para demonstrar que estava a escutá-la com atenção, tentando compreendê-la. No entanto, não conseguiu e disse-lhe isso, perguntando-lhe e ela repetiu-o: “o que é?”.

Posteriormente isolou-se novamente, mas desta vez em silêncio, e o adulto realizou o *joining*. Durante o mesmo, ele fez o som de um pássaro e a criança imitou-o, “piu, piu”. Visando atrair o seu contacto visual, o adulto colocou o chapéu alusivo a esse animal e apresentou-lhe outro amigo em fantoche, o pato. Ela olhou para ele, por instantes, preferindo, todavia, a atividade em que estava envolvida *a priori*.

Para continuar a tentar “juntar-se” à criança, o adulto foi à prateleira buscar outro jogo também de letras. Isso despertou a atenção da criança, estabelecendo contacto visual. Porém, logo desviou o olhar para a sua atividade. No entanto, ao verificar que ele alinhava peças que continham igualmente letras, sentiu-se cativada, daí o adulto a convidar a jogar com ele. Não obstante, a criança reiniciou o alinhar das suas letras, o que indicou ao adulto a sua indisponibilidade. Concomitantemente, ela alinhava e apresentava jargão, enquanto que o adulto tentava associar as palavras intangíveis ou sons a palavras dando-lhes significado. Como por exemplo: “Lola”, que o adulto descreveu como sendo o nome de uma menina.

Após algum tempo em exclusão, o S. olhou para o adulto e para o jogo dele, verbalizando uma palavra que lhe foi incompreensível. Dando continuação à conversa, mostrou-lhe algumas imagens do seu jogo, nomeando-as. Aquando nomeava a zebra, encorajou-o a encaixá-la na letra que dá início à palavra, e ele aderiu repetindo: “zebra”. O adulto moldou esse nome, cantando, o que resultou na repetição por parte da criança.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Em seguida, o adulto mostrou-lhe a nuvem, identificando-a, e ela, novamente, o repetiu, “nuvem”. Naturalmente, sem estabelecer contacto visual e estar em contexto, disse: “é o burro”, e revelou jargão por entre o qual foi perceptível: “dia da mãe” e “ajuda”. Montando os puzzles de duas peças, quando viu o pato nomeou-o: “pato”.

Nesta atividade, o adulto auxiliava-a, passando as peças que a criança por vezes aceitava e outras não. Aquando as encaixava verbalizou em tom de questão: “ajudaste?” e o adulto respondeu-lhe positivamente. Ela continuava a revelar jargão com algumas palavras que o adulto conseguia perceber à mistura, tais como: “está bem”, “avião” (esta última verbalizou, referindo-se ao helicóptero).

O adulto, consoante a criança pegava nas peças com imagens, nomeava-as, e ela revelava, por vezes, ecolalia (“experimenta”, “estrela”; “zebra”, “foca”, “/s/”; “golfinho”) ora imediata ora com alguma latência. Quando verbalizou: “foca” repetiu-o várias vezes (três), cantarolando.

Passado alguns minutos em interação, ela retornou às letras, e o adulto continuou a encaixar as peças e a nomear as respetivas imagens. Imediatamente a seguir a ele identificar o queijo, o S. permanecendo centrado na sua atividade disse: “super queijo”, repetindo-o uma segunda vez. O facilitador fingiu que o comia, fazendo com que a criança olhasse para si. Com o intuito que persistisse, o adulto ofereceu-lhe uma ação divertida, colocou a letra “e” no olho e ela foi buscá-la, dizendo: “o /é/”. Todavia, voltou a isolar-se.

Como estava a chegar o fim da sessão, o adulto alertou-a para a arrumação dos jogos em voz muito baixa e a criança respondeu-lhe num tom igualmente baixo: “não quero”. Porém, ela começou logo a ajudar a arrumar. O adulto perguntou-lhe se o ajudava e ele apresentou ecolalia: “ajuda”. Ao arrumar os arcos, verbalizou: “arcos”, “os arcos”.

29-04-2016

A criança logo que chegou ao *playroom* pediu: “o gato”, olhando para a prateleira. O adulto respondeu-lhe rapidamente com animação indo buscá-lo ao armário; imitou a voz do animal e fingiu que este andava lentamente. O S. manteve o contacto visual aproximando-se. Depois deu uma volta

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

e regressou dizendo algo em jargão, do qual o adulto percebeu: “pequeno-almoço”. Neste sentido, explicou-lhe que essa refeição já tinha acontecido e que iria ter o lanche a seguir à sessão.

Apresentou novamente jargão. Olhando para a parede, apontou para uma letra e nomeou-a: “r”. O adulto, moldando a linguagem, verbalizou: “quero o “r”” e a criança repetiu: “o “r””. E, logo de seguida, disse espontaneamente: “mia o gato”. Em resposta ao primeiro pedido, o adulto ofereceu-lhe a letra com excitação e ela correu até ao outro lado da sala. Associando a letra a um nome, rato, o adulto atraiu o olhar da criança e fê-la aproximar-se novamente de si.

Do armário retirou uma caixa com várias imagens e explicou à criança que procurava o rato. Ela, a seu lado, observava as várias imagens atentamente. Quando viu o Pinóquio, satisfeita, identificou-o verbalmente. Daí o adulto ter introduzido a história desse personagem. Ao nível da criança e com ela a olhar para a história, o adulto começou a contá-la, explorando as imagens de cada página. Assim, chamou-lhe a atenção para o rato, que também estava presente na história. Ela repetiu-o e ainda disse: “gato”, que de igual modo constava na ilustração. A criança afastou-se, indo ao fundo da sala e reaproximou-se.

Ao contar a história, o adulto utilizou diferentes entoações e gestos exagerados. Aquando contava-lhe que tinha ido à feira, a criança repetiu-o: “foi à feira” (feira). Depois distanciou-se dele. O adulto tentou mantê-lo na atividade, mas ela não quis. Dirigiu-se ao armário, de onde olhou para o adulto, apontou para a prateleira e pediu: “queres o “o””. O adulto tentou modelar o seu pedido, mas ela afastou-se novamente e voltou, fazendo outro pedido: “queres o “m””.

Perspetivando a valorização da comunicação, ofereceu-lhe as letras solicitadas, moldando a linguagem de forma indireta. A criança colocou-as na mesa e caminhou para junto do adulto e da prateleira, verbalizando: “queres..” e “trepou” o adulto. Este, com ela ao colo, levantou-se e, de forma divertida, rodou-a.

Depois colocou-a no chão e ela esticou o braço para a prateleira. O adulto descreveu o que ela estava a fazer, ou seja, o que ele tinha percebido com o seu comportamento, por isso questionou-a sobre o que ela pretendia de lá através do nomear e da indicação física dos objetos presentes. A criança respondeu ao que não queria da seguinte forma: “não queres”. O facilitador, tentando moldar o pedido, proferiu: “quero...” e ela completou dizendo: “o “i””. Enquanto o adulto o procurava na

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

caixa das letras, ela mantinha-se atenta repetindo algo em jargão, aguardando. Assim, logo que o encontrou, o adulto deu-lhe o “i”, ela continuou com o jargão e levou-o para a mesa. Regressou para junto da prateleira e, com o mesmo procedimento, pediu: “queres...”. O adulto, por sua vez, perguntou-lhe o que desejava e ela estabeleceu contacto ocular, respondendo: “o “b””. Ele incitou-a a pedir conjugando o verbo na primeira pessoa do singular; todavia, ela apresentou jargão.

O adulto, não percebendo o que ela dizia, indicou verbalmente os objetos da prateleira para que ela comunicasse o desejado. No entanto, ela desistiu, indo para junto da mesa onde tinha colocado as letras. Em simultâneo, o adulto explicava-lhe que estava a tentar ajudá-la, embora não a estivesse a compreender e que, por isso, ela tinha de fazer um esforço para comunicar verbalmente, obtendo o que ambicionava mais rapidamente. Logo em seguida, sem ninguém lhe solicitar, verbalizou: “Pinóquio”. Perante isto, o adulto reiniciou a leitura do livro deste personagem. Todavia, o S. não demonstrou interesse, o que fez com que o adulto pausasse a leitura. Livrementemente, disse uma palavra incompreensível e o adulto utilizou-a para atrair de novo a sua atenção para a história.

A criança, inicialmente, partilhava o seu olhar entre as letras, que organizava na mesa, e a história, que estava a ser contada pelo facilitador em sua frente. Mas logo se focou apenas na história. Quando apareceu a baleia na narrativa e o adulto a nomeou, ela sorriu reproduzindo: “a baleia”. Ela voltou a partilhar a sua atenção com as letras e, cantarolando, vocalizou: “tim tlim, tim tlim”; o adulto imitou-a e ela acrescentou: “baleia”, usando uma entoação como se estivesse a chamá-la, repetindo-o por várias vezes (quatro vezes).

Dando seguimento à narração, o adulto falou-lhe do golfinho, cativando o seu contacto ocular com mímica ao nível dos olhos, representando os seus mergulhos. A criança reagiu com um sorriso e verbalizando: “golfinho”. Com solicitação indireta, o adulto tentou corrigir a articulação desta palavra; todavia, ela repetiu-a da mesma forma.

Acabada a história, a criança reiniciou a brincadeira com as letras. Não estando ainda em exclusão, o adulto dirigiu a sua atenção para a capa do livro, fazendo alusão às letras do título do mesmo. Depois, falou-lhe da ilustração e ela apontou e identificou: “dinheiro”.

Em seguida, ela dedicou-se a explorar as letras, colocando-as em diferentes posições, esticando-as, etc. O adulto pediu a sua permissão para brincar com ela e ela permitiu-o. Assim, ele

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

começou por esticá-las e fazê-las saltar como se tivessem molas, para se tornar interessante para a criança. Inicialmente, esta ainda olhou, mas rapidamente se isolou, alinhando as letras e vocalizando alguns sons cantarolados.

O adulto foi ao armário buscar outras letras para o *joining*. Quando o S. o viu com elas, sorriu e verbalizou: “quero “i””, esticando-se para alcançar da mão do adulto as letras que queria. Após as colocar alinhadas, esticou-se novamente para lhe retirar outras. Então, o adulto ofereceu-lhas de forma divertida, levando-as ao nível da vista para estabelecer contacto ocular e, finalmente, foi para o seu lado para continuar em interação. Contudo, a criança não se demonstrou disponível. Perante isso, o adulto recorreu a outro jogo de letras para retornar ao “juntar-se”. Porém, ao aproximar-se da criança, esta demonstrou-se interessada, olhando constantemente para o jogo. Desse modo, o adulto partilhou o brinquedo, incentivando-a a jogarem juntos.

O adulto exemplificou como jogar e, ao referir que o “e” era de elefante, a criança repetiu-o: “de elefante”. Proferiu outra vez: “elefante” por entre jargão e retomou as suas letras. O facilitador posicionou-se à sua frente e continuou a encaixar as peças, associando as vogais a um nome iniciado por estas. Espontaneamente, a criança disse: “queres o “u””; o adulto imediatamente o cedeu e ela aceitou-o.

Ela organizou as letras à sua maneira e, com olhar desviante, mirava as vogais que o adulto tinha. Depois alcançou o “e”, pondo-o junto às restantes letras. Passado pouco tempo, tornou a estender os seus braços em busca de outras vogais. Por fim, o adulto perguntou-lhe se queria as últimas e ela olhou e estendeu a mão, demonstrando anuência. Ele tentou alargar a interação, mas a criança não se mostrou disposta.

Assim, o adulto valeu-se do jogo de encaixe dos números. A criança olhou e apontou para o jogo, e ele identificou-o. Ela manteve o contacto visual por mais ou menos um minuto, durante a explicação e exemplificação de como jogá-lo. Ele ainda a convidou para participar com ele, mas ela retomou o seu próprio jogo.

Após alguns minutos em atividade de exclusão, a criança apontou para um grupo de letras que havia alinhado e verbalizou: “Pinóquio”. O adulto, concretizando-o, facultou-lhe o cartão com

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

a sua imagem e ela aceitou-o, pousando-o perto das letras. Em seguida, ele inventou uma canção sobre a personagem, adaptando-a a uma música conhecida. Todavia, ela persistiu na tarefa.

De repente, apresentou jargão. Diante disto o adulto demonstrou-lhe estar a escutá-la e a esforçar-se por compreendê-la. Ela pareceu dizer: “ficou pó” por duas vezes. Depois, olhou para ele e levantou-se, esticando-se para apanhar os números. Ele ajudou-a enquanto que ela continuava com o jargão, alinhando os números tal como tinha feito com as letras. Solicitou livremente: “queres o sete”. Visando responder-lhe de forma eficaz, foi até junto do armário procurar um número “sete”. A criança seguiu-o com os olhos, mas como não havia nenhum número “sete”, o adulto solucionou o problema facultando-lhe sete cores, cedendo-as à criança uma por uma, contando-as. Durante a contagem, ela manteve o contacto visual.

Entretanto, o S. reorganizou as peças dos números e letras, concentrando-se nelas apenas. O adulto tentou participar na brincadeira e ele permitiu não só a sua presença como também que lhe passasse as peças. Durante a atividade, pegou numa peça e verbalizou: “blue” e o adulto traduziu-o para português, tendo ele repetido. Em seguida, pegou em outra peça e identificou corretamente a sua cor, “verde”. O adulto aproveitou o seu interesse e mostrando-lhe outra cor pediu que a identificasse verbalmente, mas ele não o fez. Somente olhou para ela, fugazmente, quando o adulto demonstrou que havia duas iguais.

Continuando o jogo, o adulto ofereceu-lhe o “um” e a criança pediu: “quatro”, “foi quatro”; obtendo uma reação imediata no adulto, que lhe passou esse número. De seguida deu-lhe o “um”, o qual a criança ficou a mirar algum tempo enquanto o manuseava. Encostou-se ao adulto e permitiu que este lhe fizesse um carinho e que continuasse a passar-lhe os números.

Após o adulto passar-lhe uma peça, a criança olhou-o nos olhos, mostrou-lha ainda nas mãos e partilhou verbalmente: “é azul”. Depois olhou para as letras que estavam expostas na parede, aproximou-se da que pretendia, olhou para o facilitador e verbalizou: “queres o “b””. Ele tentou moldar o pedido, reproduzindo-o da forma mais correta e facultou-lhe o ambicionado. Ao ir para a mesa, ele comentou que era a letra que começava a palavra burro e ela apresentou ecolalia, ““b” de burro”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Sentado a seu lado, o adulto colocou a criança no seu colo e ela deixou-se ficar. Com brincadeiras divertidas, o adulto falava sobre a letra “b” e palavras começadas por esta. Ao falar do burro, a criança comentou: “o burro a comer laranja”. Ainda ao colo, o adulto levou-a até à bola de pilates onde saltaram juntos; ao parar, o adulto fazia-lhe cócegas e ela ria-se. Quando fazia a pausa, o adulto verbalizava: “mais” e depois, sem nada solicitar, dava-lhe a ação motivadora, que consistia no saltitar na bola. Ela dava gargalhadas.

Não obstante, ao perguntar-lhe novamente se queria mais, a criança transmitiu: “não queres”. Então ele parou, libertando-a para o chão e ela pediu, dirigindo-se logo para a parede: “queres o “s””. Mais uma vez o adulto corrigiu-a discretamente e ela atendeu, verbalizando: “quero”. O facilitador ofereceu-lhe essa letra com a maior brevidade possível, comemorando o feito.

A criança levou a letra para o chão e o adulto acompanhou-a. Ela olhou para ele e disse: “é lavar os dentes”; ele repetiu-a e a criança também. Por isso, o adulto mimou a lavagem dos dentes. A criança foi para a mesa e aquele foi ter com ela com uma folha, explicando-lhe que iria desenhar a escova de dentes. Ela deixou o que estava a fazer e manteve-se centrada no desenho do facilitador.

Aquando concluído, a criança mirou o desenho sob vários ângulos. Seguidamente, o adulto transmitiu que iria desenhar o copo, mas ela preferiu que ele escrevesse Alice, verbalizando o nome. Após este nome, solicitou que escrevesse “burro”, persistindo com atenção.

Posteriormente levou as letras para o chão, olhou para o adulto e fez-lhe nova solicitação: “queres o “i””. Ele também fez o seu papel, salientando o “quero” e insistindo um pouco para que o verbalizasse. Consequentemente, voltou às letras, alinhando-as; todavia logo fez outra solicitação: “queres o “u””.

Não obstante, como a criança estava a manipular uma das espadas do Jake, questionou-a se queria lutar e dirigiu a sua atenção para dentro da arca onde estava a outra espada. Contudo, ao espreitar lá para dentro, como havia outros adereços, a criança já não a quis, verbalizando-o e demonstrando-o ao fechar a arca rapidamente e afastando-se.

Regressou ao chão, junto das letras, e ao manusear a letra “s” identificou-a verbalmente. O adulto, com o objetivo de cativar o seu contacto ocular, colocou umas antenas de joaninha como adereço, mas ela olhou-o com olhar desviante. Ao manipular a letra “s”, a criança esticava-a, e o

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

adulto falou-lhe do “s” maiúsculo e minúsculo porque parecia que ela pretendia essa letra maiúscula. A criança apresentou ecolalia desses dois termos.

Assim sendo, o adulto foi procurar o “s” maiúsculo à caixa das letras e a criança, enquanto dava a volta à sala, verbalizava: “é o maiúsculo” várias vezes (quatro). Ao apresentar-lhe a letra, a criança olhou, agarrou-a e levou-a para o chão, revelando jargão. Entretanto o adulto sentou-se a seu lado e relatou que ele estava com os números enquanto ela estava com as letras. Com a criança a olhar para si, o adulto continuou a falar, identificando cada número.

Sempre a apresentar jargão, regressou ao alinhamento das letras. Verbalizou: “isso, isso”, e o adulto respondeu-lhe, falando-lhe dos “s” minúsculos, que estava a posicionar noutra local. A criança disse: “é minúsculo” e continuou com jargão. O adulto parou a seu lado a escutá-la e, dando-lhe uma possibilidade de resposta, questionou-a se era isso que dizia. Ela replicou: “os minúsculos”.

A criança organizava numa linha as letras maiúsculas e noutra as minúsculas. O adulto ajudou-a nesta disposição, fazendo referência de novo aos termos; ela repetiu-os. Ele facultou-lhe os números para que ficassem todas as peças juntas, transmitindo-lhe isso mesmo. Revelou ecolalia de: “todos juntos”. Ele foi buscar as restantes letras que tinham ficado esquecidas pela mesa e no chão do fundo da sala. Ela ainda foi buscar as cores.

Assim, dispôs as letras maiúsculas numa linha, as minúsculas noutra, os números numa diferente e as cores ainda noutra. Anteriormente ao alinhamento das cores, ao apanhá-las na mesa, a criança viu a folha onde havíamos escrito algumas palavras; apontou para um nome e verbalizou-o: “Pinóquio”. O adulto perguntou-lhe se queria que o escrevesse mais uma vez, mas ela afastou-se demonstrando desinteresse. Deu uma volta à sala com duas cores e apresentou jargão. O som foi percebido pelo facilitador como: “Pumba”. Aproximou-se da mesa, onde formou letras com as cores, agarrou-as e em seguida foi para o chão, apresentando jargão.

De novo isolou-se na sua atividade com cores, e o adulto, recorrendo a outras cores, fez a mesma atividade que ela. Como a criança tinha construído um triângulo, ele começou a fazer as várias figuras geométricas. Esta ação aliciou a criança, que repetia o mesmo que o adulto quando nomeava a figura (“quadado”). Ao fazer uma pausa, a criança logo pediu, olhando para ele: “coaço”

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

(coração) e manteve o contacto visual. E reproduziu: “é um coração”; “eu quero o coração” após ter sido modelada a articular bem as palavras.

Em jargão, parecia que estava a pedir ao adulto as cores que este estava a usar, daí as ter-lhe entregue. Neste momento, deixou de estabelecer contacto visual com o facilitador para apenas se concentrar na organização que dava às cores.

O adulto avisou o S. que a sessão havia chegado ao fim e que teriam de arrumar, ao que ele respondeu: “não queres”; indiretamente, o adulto corrigiu-o. Mais uma vez, a criança verbalizou: “não”, acompanhado de lamentações, por isso o adulto descreveu o que ela sentia e agradeceu por esse prazer partilhado por estarem juntos naquele quarto Son-Rise. Deu-lhe um abraço acalmando-a, e começaram a arrumar o espaço.

Quando começou a arrumar as letras, verbalizou: “vá, arruma as maiúsculas”, enquanto pegava nas minúsculas. Perante isso, o adulto indicou-lhe quais eram as maiúsculas e as minúsculas. Ao arrumar os números no suporte de madeira, a criança verbalizou: “queres o quatro”, ao que o adulto proferiu: “quero...” para que ela completasse a frase. Assim sendo, disse: “o cinco” e, ao encaixar as letras, disse, logo após ele iniciar a frase com a palavra “quero”, o “a”, “e”, “i”, “o” e “u”.

02-05-2016

No lanche, a criança olhou para o adulto, estendeu o braço em direção à fruta e pediu: “dá”. Ele comemorou o uso do verbo de forma adequada e o pedir verbalmente para ter as suas necessidades atendidas, e deu-lhe rapidamente a fruta.

Aquando um colega chegou, o S. olhou para ele e depois para o adulto partilhando o seu nome, “Francisco”. Depois deu um abraço ao adulto e verbalizou-o.

Após a aula de música, o adulto disse: “vamos” ao S. e ele repetiu-o dando-lhe a mão para irem para o quarto Son-Rise.

Logo que entrou no *playroom*, a criança dirigiu-se à prateleira, apontou para esta e pediu: “queres o “o”” e, espontaneamente, proferiu: “o gato miau”. O adulto em resposta mostrou-lhe o

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

cartão com a foto de um gato e ela vocalizou: “miau”, olhando para este. Depois deu várias voltas à sala mostrando desinteresse.

Assim sendo, o adulto procedeu ao *joining*, questionando-a, ainda antes, se queria tirar o casaco. A criança respondeu-lhe em ecolalia, repetindo algumas vezes: “queres o casaco”, “o casaco”, ao mesmo tempo que o despiu.

Caminhou em direção à parede, apontou para uma letra, olhou para o adulto e nomeou-a em inglês (“x”), pedindo-a. Ele reproduziu o que ela tinha dito, mas em português e ela o repetiu (“o x”). Reagindo de forma rápido, ele deu-lhe o “x” exemplificando verbalmente como deveria tê-lo pedido. Ela agarrou na letra apresentando jargão, e o adulto ficou a olhar para ela, muito atento, demonstrando-lhe que era importante para si tudo o que comunicasse, embora compreendesse apenas o nome da letra.

A criança foi até junto da mesa, continuando com jargão sendo perceptível: “pois”, “tá bem”, e lá pousou a letra. Voltou para junto do adulto estabeleceu contacto ocular e ele agradeceu-lhe por isso, elogiando o seu olhar. Ela deu mais uma volta e foi para perto do armário, mirou a prateleira e pediu: “quero o bebé”.

Como já lá não estava o bebé nenuco, o adulto ofereceu-lhe uma vaca peluche a qual apresentou-lhe, nos seus braços ao nível da criança, como se fosse bebé. Ela mantendo o contacto ocular, apontou para o peluche e verbalizou, por entre jargão, “...tem uns olhos”. O adulto dando sequência ao que ela dizia falou-lhe sobre os mesmos.

Por instantes, desviou e voltou o seu olhar pedindo ao adulto, após algumas palavras imperceptíveis, “...o livro”. Assim sendo, aproximou-se dos livros simulando que estava com dificuldade em escolher um. Nesse mesmo momento, a criança olhou para ele e disse-lhe livremente: “Al Alice”, ele devolveu-lhe o olhar e ela persistiu.

Então, deu-lhe o livro e a criança logo, ao ver a capa, verbalizou: “o burro”. O adulto identificou-o na imagem e, introduziu um burro de peluche na interação numa tentativa de tornar a atividade mais interessante, o que ela comentou: “o burrinho”. Ao proporcionar o contacto físico entre a criança e o burro, ela desviou o olhar e afastou-se um pouco.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

De costas viradas para o adulto, a criança disse espontaneamente: “black”, “black”. Voltou-se para ele, e ele explicou-lhe que *black* significava “preto”; assim ela repetiu: “preto”, “preto”, mantendo o contacto ocular. Para reforçar o significado da cor, o facilitador colocou um lenço de pirata preto, realçando-o. Ao vê-lo, a criança desviou o olhar verbalizando: “não queres”. Aquando o adulto tentava moldar: “não quero”, ela afastou-se vocalizando: “apipa”, indo até à mesa onde verbalizou a letra “x”, novamente em inglês.

Depois reaproximou-se do adulto e apontou para a prateleira dizendo em tom de questão: “não queres?”, apesar de estar a fazer um pedido. Visando que a criança realizasse o pedido adequadamente o outro proferiu tentando modelá-lo: “quero...”. Todavia, ela correndo para o outro lado da sala, com o braço em extensão a apontar para o teto, gritou: “ahhhh...é isso quero...” sem a terminar. O adulto foi ao seu encontro transmitindo que estava a tentar descobrir o que ela pretendia, daí correram juntos até ao armário onde ele começou a mostrar-lhe e a nomear as diferentes possibilidades.

Quando o adulto indicava algo que o S. não queria, ele verbalizava: “não” (duas vezes) e corria até ao fundo da sala, donde voltava a olhar para o facilitador. Aproveitando essa ação que ele gostava de fazer e tornando-a numa atividade de interação física, o adulto corria atrás dele, apanhava-o e fazia-lhe cócegas descrevendo-o oralmente. A criança reagiu a esta brincadeira com gargalhadas e após o adulto se afastar para reiniciar novo ciclo, ela já se virava na direção do adulto preparada para receber cócegas.

Posteriormente, veio ter com o adulto, que estava perto do armário, o qual baixou-se ao seu nível para atendê-la. Ela, sem nada verbalizar, subiu para as suas pernas em posição de cócoras. O adulto levantou-se com ela ao colo, dançando e cantarolando tentou modelar o verbo: “pegar”.

Nisto, a criança emitiu um som gutural e apontou para a prateleira. Reagindo a esta tentativa de comunicação, o adulto perguntou-lhe o que queria dali e deu-lhe a escolher as várias hipóteses disponíveis. Ela continuava a apontar, mas desta vez em silêncio.

O facilitador colocou-a no chão e, de repente, ela disse: “é queres” e distanciou-se a correr. Ele explicou-lhe que estava a tentar percebê-la, recomeçando a indicar os objetos que poderiam ser a resposta e ela de novo retorquiu negativamente aos que não desejava (três vezes), por fim gritou:

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

“quero a “ma””. Também utilizou de novo o adulto como objeto para chegar/alcançar o seu objetivo, embora não o conseguisse. E assim continuou a olhar para o adulto à espera que ele descobrisse o que ela ambicionava, dizendo “não” à imagem do Pluto.

Posteriormente a criança distanciou-se do adulto, dando voltas no lado oposto da sala, estabelecendo um olhar desviante. Em seguida, foi ao seu encontro dando-lhe um abraço. Este pegou-a ao colo, sentou-se na bola de pilates e começou a saltitar. Ela demonstrou agrado, sorrindo durante a brincadeira. Porém, logo que o outro fez uma pausa, ela saiu do seu colo desistindo da brincadeira e apontou para a letra que pretendia, emitindo um som gutural (“an an na”).

O adulto fingindo que não percebia o que ela transmitia, questionou-a se estaria a referir-se a uma peça do puzzle. Ela respondeu: “não” e acrescentou: “queres..” e girou sobre si própria, voltando a olhar para o adulto. Este, por sua vez, tentou moldar a solicitação verbalizando: “quero...” e ela completou replicando: “o “n””, “quero o “n””.

À mesa, a criança manipulava as letras de forma isolada, daí o adulto ter recorrido a outro jogo com letras para realizar o *joining*. Inicialmente, ela olhou fugidamente para ele, embora ele tentasse uma aproximação nesse momento ela demonstrou-se indisponível.

Após alguns minutos de isolamento, o adulto conseguiu uma pequena abertura para interagir com a criança. Então, ofereceu-lhe as peças com que jogava e ela disse: “aqui”, todavia sem apontar nem olhar para ele. Aquando manuseava as peças do jogo, o adulto falava-lhe das letras gesticulando exageradamente e, de repente, ela disse: “passarinho”.

Posto isto, o adulto colocou o chapéu alusivo ao pássaro e cantou a canção: “Passarinhos a bailar”, tendo provocado o estabelecimento de contacto visual por parte da criança. Ele foi ao seu encontro, correndo, fez-lhe cócegas, imitando a voz do animal e regressou ao local de onde tinha partido; por sua vez, a criança foi ter com ele agarrou-o pelo bico e emitiu: “piu piu piu”, retornando à mesa.

O adulto repetiu dois novos ciclos de atividade, descrevendo-lhe o que fazia e a criança respondeu-lhe de igual forma. Ele ainda lhe agradeceu por olhar nos seus olhos. Depois afastou-se dela, regressando novamente correndo e oferecendo-lhe cócegas. Ela respondeu-lhe com o olhar,

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

um sorriso e agarrando no chapéu verbalizando: “passarinho”. O adulto perguntou-lhe: “onde está o passarinho?” e ela apresentou ecolalia, “onde está?”.

Visto que a criança estava motivada nesta brincadeira, o adulto quis introduzir uma pequena variação, desafiando a criança a solicitar: “apanha”. Contudo, ela não aderiu, olhando para o adulto com olhar fugaz e focando-se nas letras.

Perante isto, o adulto tentou que ela não desistisse de interagir consigo, então aproximou-se, sugerindo ajudá-la no jogo e ela permitiu-o. Espontaneamente, ao manusear o “x” disse: “o “x””, verbalizando a letra em inglês. Entretanto, esticava a letra: “n” dando-lhe a forma de “z”, observando-a o adulto disse: “”z” de zebra” e ela repetiu: “zebra”. Ele reagiu de imediato, apresentando-lhe o cartão com a imagem desse animal.

Enquanto ele procurava-o, a criança interrogou: “onde está?”. Ao encontrá-lo, levou-o até ela, a qual respondeu com jargão apresentando algumas palavras compreensíveis (“imó de zebra”). Daí o adulto ter falado um pouco sobre o animal em questão e, a criança voltou a verbalizar: “é a zebra!”, repetindo em seguida apenas o nome do animal (“zebra”).

Depois levando o cartão consigo, foi até junto do armário onde olhou-o e olhou para o adulto pedindo: “queres...”. Este aproximou-se e corrigindo a conjugação do verbo aguardava que ela o repetisse e que concluísse o seu pedido. No entanto, necessitou do auxílio do adulto na concretização deste, repetindo assim a palavra: “letras”.

O adulto festejou o pedido e ofereceu-lhe o jogo desejado, o qual levaram juntos para a mesa. Nesta, a criança começou a alinhar as letras que o facilitador lhe passava, organizando-as, desta forma, à sua maneira. Ao passar-lhe o “j”, associou-o ao nome “João” proferindo-o, a criança escreveu-o com as letras partilhando-o dizendo: “João”.

Por conseguinte, o adulto foi ao armário buscar uma história, batizando uma das personagens com esse nome. Ao mostrá-la à criança, esta tirou, por segundos, os olhos das letras para ver o livro, mas logo desviou o olhar. O adulto tentou novamente cativar a sua atenção por completo, mas ela dividia as suas miradas pelo livro e pelas letras, ou seja, ora olhava para o livro ora olhava para as letras. Ficou, por mais alguns segundos, interessada no livro, todavia quando o adulto provocou contacto físico ela retornou às letras.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Diante dessa reação da criança, o adulto guardou o livro e ajudou-a na organização das letras. Ao aperceber-se da palavra que o S. estava a construir ajudou-o a encontrar as letras em falta e passou-lhas. A criança tolerava esta sua intervenção, contudo, nada verbalizava para pedir-lhe as letras que queria. O adulto tentou modelar discretamente sem solicitação direta a palavra: “dá”, todavia sem efeito.

A criança tinha formado o ditongo: “ão”, então o adulto juntou-lhe o “c” e verbalizou a palavra que daí resultou e ela repetiu: “cão”; depois substituiu o “c” pelo “p” e leu: “pão”, mas a criança continuava a repetir a palavra: “cão”. Por isso, o adulto procurou uma imagem na prateleira que o fizesse concretizar o significado da palavra ouvida. No entanto, não a encontrou e a criança “desligou-se” desta interação.

Desta forma, ela iniciou uma atividade de exclusão no chão, apenas dispondo a sua atenção nas letras. Consequentemente, o adulto recomeçou o *joining*. Ele, tal como a criança, formou palavras com as letras. Quando ela reparou no que ele estava a fazer e ele o comentou, a criança verbalizou: “não” e retirou-lhe algumas das peças; voltando para o seu jogo.

Nesse momento, o adulto tentou interagir, servindo-se do chapéu de pássaro para dar à criança uma letra com o bico. Ela aceitou-a, no entanto, manteve o olhar fixo no que fazia. Em seguida, levantou-se para buscar à mesa mais letras, e o adulto solicitou-lhe que possibilitasse a sua participação. Todavia, ela não lhe demonstrou qualquer disponibilidade para isso, fazendo com que ele continuasse o *joining*.

Por alguns minutos, a criança apenas se aproximava do adulto para retirar-lhe as letras que precisava e/ou desejava para o seu jogo. Ao longo deste, revelou algum jargão, tendo o adulto reagido com algum comentário que não foi desenvolvido por ela. Um dos sons emitidos foi: “eni”, ao que o adulto reagiu verbalizando e cedendo a letra “n”. Juntamente com esta consoante, a criança retirou-lhe as restantes letras que dispunha.

Então, ele aproximou-se da criança declarando que poderia ajudá-la se ela o permitisse, passando-lhe as peças da mesa. Tendo observado que ela fazia uma linha com letras maiúsculas e deixava de parte as letras minúsculas, comentou-o e expôs que iria passar-lhe outras maiúsculas da mesa. A criança repetiu: “maiúsculas” e depois “minúsculas”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Novamente, reiniciou o jargão, por entre este percebeu a verbalização, mais uma vez, da palavra “minúscula” e depois parecia estar a apresentar ecolalia tardia de um anúncio televisivo terminando com a seguinte frase perceptível: “ligue já”. Mostrando-se atento a tudo o que ela comunicava, o adulto fingiu que estava a ligar-lhe, captando a sua atenção. Espontaneamente, ela disse algo ininteligível seguido de: “Alice”.

Ante este pedido, o adulto apresentou-lhe a história: “ “A” de Alice” criando com o nome da personagem uma cantilena, a qual foi reproduzida também pela criança (“Alice, Alice, Alice”). Posteriormente abriu o livro, de frente para ela e ao seu nível, explorando-o com animação, em conjunto, contando com o seu contacto ocular.

Ao ver uma imagem da personagem deitada na cama, livremente a criança disse: “uma estrela” e, o adulto respondeu-lhe que iriam procurá-la no livro. Ela, por vezes, desviava o olhar para as letras que estavam no chão perto dela. Ao surgir a ilustração em que o burro estava de paraquedas, o adulto proferiu: “tchau burro!” e, com algum tempo de latência, o S. recorreu à ecolalia. O adulto inquiriu-o sobre onde teria ido o burro, e ele chegou-se mais próximo do outro virando a página do livro, embora não dissesse nada.

Depois, voltou a dividir a sua atenção pela história e pelas letras, e com o “l” na mão disse: ““l” lice lice lice”, tendo o adulto o reforçado. Recorreu ao jargão afastando-se do adulto e focando-se apenas nas letras. Por isso, ele questionou-o se queria ver o resto da história, tendo obtido como resposta jargão e a repetição de: “a história”. Ao guardá-la, a criança mais uma vez recorreu à ecolalia, sem olhar para o adulto, repetindo o que ele tinha dito: “já está”.

Com as diferentes letras, a criança formou a palavra “mãe” e verbalizou-a chamando a atenção do adulto para isso. Ele, por sua vez, falou-lhe sobre ela e cantou uma canção alusiva, a qual a criança tolerou. Seguidamente, declarou que também iria formar a palavra mãe e ainda a palavra Adriana (nome da mãe do S.). A criança estabeleceu contacto visual, demonstrando-se atenta. Aquando concluído, ela agarrou na letra “m” e disse: “Margarida”. E ele tentou ajudá-lo a construir a palavra, contudo o jogo não dispunha de todas as letras necessárias.

Em simultâneo, o adulto procurava por entre as peças do jogo as que precisava para formar o nome que a criança havia mencionado e ela construía outra palavra. Voltando para junto dela, o

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

facilitador leu o que ela tinha criado, “anda”, imediatamente a criança corrigiu-o dizendo: “o Panda vai à escola com os amigos”.

Perante isto, o adulto tentando introduzir uma nova atividade a partir deste interesse da criança, colocou dentro da arca do tesouro a vaca e o burro de peluche, referindo-os como amigos e que levaria à escola. Neste sentido, empurrou a arca pela sala dando uma volta até chegar a ela. Aí parou e convidou-a a vir com eles, mas a criança desviou o olhar para as letras, o que foi compreendido pelo adulto como uma resposta negativa ao convite.

De repente, a criança verbalizou: “o cão” e, o adulto apresentou-lhe uma fotografia desse animal. Diante desta, ela revelou jargão e continuou a recolher letras visando formar outra palavra. O adulto ao observar a ordem que ela estava a dar-lhes, anunciou que estava a acompanhá-la cedendo-lhe a letra que faltava. Assim terminou a palavra: “animais” e o adulto verbalizou-a oferecendo-lhe mais fotografias alusivas aos mesmos.

Ao mostrar-lhe a foto dos pintainhos, solicitou à criança que os identificasse e ela respondeu: “passarinhos”, no entanto com a correção do adulto, ela repetiu: “pintainho”. Mirando a imagem do pato e após o adulto imitar o grasnar, ela disse: “o pato”. O adulto estava a tentar dar continuidade à interação apresentando-lhe outro animal, no entanto ela afastou-se, dirigindo-se à mesa.

Deste modo, o adulto colocou de parte este jogo, seguindo o interesse da criança no momento. Ela verbalizou: “j” (em inglês) manuseando as letras, de maneira que o associou ao pirata Jake. Assim, dançando foi até ao armário cantarolando: “Jake o pirata”, onde procurou o fantoche do personagem, tendo a criança repetido essa frase.

Entretanto, a criança verbalizou espontaneamente: “Rei Leão”. Não ignorando o que ela tinha acabado de dizer, mas dando resposta à primeira referência, o adulto apresentou-lhe os fantoches das várias personagens dos “Piratas da Terra do Nunca”. Ela reagiu dizendo novamente: “Jake o pirata”. Mantendo o contacto visual, a criança recorreu à ecolalia perante algumas das falas que o adulto atribuiu aos fantoches, tais como: “olá!” e “...fazes por aqui?”. Adaptando a música dos sete anões, o adulto cantou: “eu sou, eu sou, eu sou o pirata, eu sou” e a criança acrescentou: “o mainheiro”. Mantendo o contacto visual, emitiu um som gutural (oh) seguido de jargão.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Regressou às letras, e desta vez disse: “a Alice”. Contudo, quando o adulto lhe levou a respetiva história a criança continuou focada nas letras. Porém, ao inquiri-la se queria a história, ela repetiu: “A Alice” e “é da história, é da história da Alice”. Novamente, o adulto à luz do estilo responsivo guardou o livro.

Manipulando as letras e dispondo-as com diferentes sequências, repetiu algumas vezes: “A Alice” (duas). O adulto, antes que ela entrasse em atividade de exclusão, fez brincadeiras para atrair a sua atenção e interesse sobre si próprio. Assim, ela partilhou: “j”, verbalizando-o de novo em inglês, ao que ele respondeu, traduzindo-o para português.

Continuando com a sua ação, a criança verbalizou novamente, ao pegar na letra “a”, o nome da personagem da história, repetindo-o por várias vezes. Por isso, o adulto compreendeu essa verbalização como sendo um novo pedido da história, no entanto ela não demonstrou interesse quando ele a facultou.

Focada nas letras apresentou jargão, no qual foi perceptível a palavra: “os olhos”, conseqüentemente o adulto colocou a letra: “o” nos olhos como se fossem uns óculos, comentando sobre isso. Dando seguimento à conversa, não estabelecendo contacto ocular, revelou novo jargão terminando-o com: “...vez”.

Após o adulto tentar introduzir um jogo diferente sem sucesso, a criança retornou ao jargão apresentando um monólogo, no qual foram perceptíveis as palavras: “aranhas” e “gostei”. O adulto comentava e retorquia ao que ela dizia. Compreendendo a palavra: “cavalo” por entre as restantes palavras indecifráveis, ele mostrou-lhe os animais que tinha na prateleira, explicando-lhe que não tinha nenhum cavalo. A criança continuou com o monólogo em jargão, olhando apenas para as letras.

No entanto, souo ao adulto por entre a sua linguagem ilegível a frase: “um avião”. Assim, reagiu rapidamente dando-lhe uma imagem de um avião, explicando-lhe que estava atento ao que ela dizia. Não obstante, ela não lhe atribuiu qualquer importância, referindo-se desta vez aos “Mínimos”. O adulto ao falar-lhe desses tão engraçados personagens, ela repetiu: “os Mínimos”. Ele referiu que eles gostavam de banana, daí ter-lhe mostrado os vários alimentos, tendo ela repetido: “brócolos”, “cebola”, “maçã”, e dito espontaneamente: “pera” e “banana”. Naturalmente

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

redisse: “brócolos” e, o adulto mostrou-os verbalizando: “estão aqui”, tendo recorrido à ecolalia imediata.

Depois questionou-o sobre o que tinha comido no lanche da manhã dando-lhe duas hipóteses de resposta verbais e visuais, a pera e a maçã. Após algum tempo de latência o S. respondeu: “pera”.

E assim terminamos a sessão.

03-05-2016

Logo que entrou no quarto Son- Rise, correu até junto do armário, apontou para a prateleira, olhou para o adulto e gritou: “aaaahhhhhh o “s”!”. E o adulto, respondeu-lhe de imediato explicando-lhe de forma animada que lhe facultaria a letra desejada. Nisto, a criança afastou-se replicando “minúsculo, minúsculo”.

Tendo em conta o que a criança verbalizou, o adulto concedeu-lhe o “s” minúsculo. Ela agarrou-o e olhando-o dirigiu-se à mesa, depois regressou para perto do facilitador e disse: “Rei Leão”.

Enquanto o procurava na prateleira, ele emitia o seu nome com diferentes entoações e a criança o repetiu, “leão”. Por fim, ao apresentá-lo, ela olhou-o, afastou-se e disse: “Rei Leão”. Do outro lado da sala, olhou para o adulto e reproduziu-o de novo. Com o leão na mão, o facilitador falou-lhe sobre o animal, referindo-se ao seu filhote. O qual foi à prateleira buscar com o intuito de dar-lhe a conhecer a cria.

O facto de o adulto estar junto à prateleira provocou na criança uma nova solicitação, assim olhando para ele disse: “Pinóquio”. Após apresentação da cria do leão, o facilitador respondeu ao outro pedido, fazendo surgir da prateleira a marioneta do Pinóquio, para a qual o S. olhou com muito interesse. Com a pretensão de manter a sua atenção e, conseqüentemente, o seu contacto ocular, o adulto colocou a marioneta a dançar ao nível dos olhos dele.

Progressivamente, o adulto foi se aproximando da criança. Solicitou-lhe diretamente que cumprimentasse o Pinóquio, todavia ela disse apenas: “é o Pinóquio”. O adulto mencionou que ele estava a dançar e ela repetiu a palavra: “dançar”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Depois, ela voltou a dirigir a sua atenção para a letra “s”, esticando-a, colocando na mesa e olhando-a de várias perspectivas. Assim, o adulto foi ao armário também buscar uma letra para “juntar-se” a ela. Ao observá-lo com a letra, ela sorriu e foi buscá-la à sua mão verbalizando: “o “n””. Este acompanhou-a até ao local onde pousou a letra, e estabelecendo contacto ocular disse: “Pinóquio”.

Perante isto, o facilitador voltou a manipular a marioneta fazendo-a dançar. A criança reagiu girando sobre si própria e regressou às duas letras com que brincava, demonstrando-se desinteressada por esse Pinóquio. Por isso, o adulto apresentou-lhe outro Pinóquio, desta vez o personagem da história. Ao ler-lhe o título, apontando para as letras, ela manteve o contacto visual, mas logo que terminou ela desviou-o para o “s” e para o “n”. O adulto ainda lhe concedeu outro Pinóquio, na tentativa de o satisfazer.

Apesar das várias possibilidades proporcionadas pelo adulto, o interesse pelas letras superava-as. Compenetrada em atividade de exclusão provocou o *joining* no adulto. Passado poucos minutos, olhou para ele e mencionou algo em jargão, desviou o olhar para as letras e logo em seguida disse: “o “n””. O adulto em resposta referiu: ““n” de nabo” e ele mantendo o contacto ocular repetiu: “o “n””. Visando que ela visionasse este legume mostrou-lhe um cartão com a respetiva fotografia.

Mas antes disso, ao manusear os cartões de outros legumes e frutas, aproveitou para explorá-los com a criança. Desta forma, o adulto perguntou-lhe, apresentando a fotografia correspondente, se ela tinha lanchado pera. No entanto, ela desviou o olhar, girou sobre si própria e verbalizou: “brócolos”, em vez de responder à questão.

Então o adulto desistiu da questão e, seguindo o interesse da criança, mostrou-lhe a imagem desse legume. Assim, cativou de novo a sua atenção, fazendo-a parar e aproximar-se de modo a ver de mais de perto a imagem. Estabeleceu contacto ocular com o adulto e recorreu ao jargão parecendo estar a comentar algo sobre o legume, todavia não foi compreendida por ele. Efetivamente, ele tentou percebê-la, explicando-lhe isso, procurou alguma fotografia que pudesse associar ao som ouvido.

Entretanto, encontrou a foto do nabo e mostrou-lha. A criança manteve continuamente o contacto visual, prestando muita atenção ao adulto enquanto ele apresentava-lhe o nabo, indicando

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

o nome escrito, associando-o à letra “n” e falando-lhe sobre outros aspetos do mesmo. Ela verbalizou “n” e repetiu “na sopa” após o adulto a ter mencionado. Olhando e apontando para a rama do nabo, partilhou com o adulto proferindo: “brócolos”, ele corrigiu-a mostrando-lhe outra vez a fotografia desse legume de maneira a diferenciá-lo do outro. Em resultado às notas dadas pelo adulto, a criança revelou ecolalia, verbalizando: “aqui brócolos”, “são verdes” e “são grandes”.

Em seguida, a criança retomou a atividade das letras. Então, o adulto dirigiu-se à prateleira recorrendo a outro jogo para proceder ao *joining*. Isto despertou a sua atenção, aproximando-se com uma linguagem ininteligível. Deste modo, o facilitador inquiriu-a sobre o que pretendia, e ela respondeu-lhe repetindo a palavra: “queres”, distanciando-se de imediato.

Com os cartões alusivos aos legumes, a criança começou a compor linhas no chão apresentando monólogos em jargão. Perante este comportamento, o facilitador imitou-a usando outros cartões, ao vê-lo ela sorriu e retirou-lhe um dos cartões. Ele elucidou-a identificando a alface e, após um período de latência, ela repetiu-o aquando o colocava em linha junto dos restantes.

O adulto ofereceu-lhe o cartão com a imagem de carne, ela mirou-o, mas não o aceitou. Depois levantou-se indo à mesa buscar outros que juntou aos que já tinha alinhado no chão. Ainda insatisfeita, esticou-se para alcançar as imagens do adulto, este ao verificá-lo ajudou-a dando-lhe a escolher. Ela agarrou numa delas e colocou-a segundo a ordem que seguia.

Como a criança havia dado sinal de abertura à interação, o adulto sugeriu-lhe uma brincadeira, que consistia em: com algumas fotografias de alimentos expostas na parede, a criança participar entrando na arca para alcançá-las sendo empurrada pelo adulto. Contudo, ao apresentá-lhe a arca, ela afastou-a empurrando-a, transmitindo assim não querer participar, retomando a atividade de isolamento.

Perante isto, o adulto retomou o *joining*. Durante este, a criança após alinhar o cartão com a imagem da banana olhou para o adulto e nomeou-a. Ele pediu-lhe que indicasse onde ela estava. Assim, a criança levantou-se olhou para os vários cartões e voltou a concentrar-se nos mesmos não lhe dando resposta.

O adulto tentou movimentar o que o S. estava a alinhar, de modo que ficasse no enquadramento da filmagem, mas ele reagiu com birra sacudindo os pés e gritando sons guturais.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Calmamente, o adulto declarou-lhe não estar a perceber o que ele pretendia transmitir, exemplificando como poderia fazê-lo. Então, a criança acalmou-se verbalizando: “não” e ele explicou-lhe a razão da sua ação.

Posteriormente continuou com a sua atividade, ao retirar novamente um cartão ao adulto, ela revelou jargão. Em resposta, ele comentou sobre a imagem da fruta que ela ainda manuseava adjetivando-a de saborosa, e ela repetiu-o. De seguida, parou o que estava a fazer e ficou a observar o adulto. Este, por sua vez, ofereceu-lhe um dos cartões alusivo ao ananás. Fingiu que retirava a casca e comia. Ao estender o braço em sua direção para oferecê-lo à criança, ela desviou o olhar. Então, o adulto explicou-lhe que tinha percebido que ela não o queria.

A criança voltou a aproximar-se dos cartões e com eles formou letras. Aquando terminava uma delas, verbalizou: “o “m”” por entre jargão. O adulto questionou-a se queria a letra “m” do jogo das letras, tentando moldar a sua resposta. Todavia, não respondeu, antes levantou-se e encostou-se à arca. Diante disto, o facilitador convidou-a a entrar na arca para juntos irem buscar a letra referida.

Assim, a criança foi buscar os cartões que formavam a letra “m” colocou-os dentro da arca, ao mesmo tempo que repetia o adulto dizendo: “vamos”, e entrou lá para dentro com a ajuda dele. Em seguida, ele pegou a arca descrevendo à criança o que iria fazer, dando início à sua ação motivadora: rodá-la pelo ar dentro da arca. Ela reagiu a isto com gargalhadas. Depois pousou-a em cima da mesa e facultou-lhe a letra: “m” do armário. Voltou a realizar a ação motivadora modelando a palavra: “roda” que visava solicitar à criança para verbalizar quando, após uma pausa na ação, quisesse que o adulto iniciasse novo ciclo. A criança ria-se à gargalhada demonstrando-se altamente motivada. Fez nova pausa exemplificando o comando que poderia usar para fazê-lo reiniciar outro ciclo de atividade, e ela concretizou-o. Igualmente divertiu-se dando gargalhadas.

Ao fazer nova pausa, o adulto encorajou-a a solicitar e ela fê-lo novamente acrescentando à sua verbalização: “roda Raquel”. Perante isso, o facilitador premiou-o com a ação motivadora, modificando-a um pouco com a contagem até três para lhe dar início. Entretanto, pelo meio das gargalhadas, ela verbalizou algo incompreensível. Não obstante, na sequência da brincadeira, foi entendido como sendo um pedido de uma letra, tendo o adulto reagido com rapidez, pousando-a na mesa e cedendo-lhe uma.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Nisto, deu-se de novo uma pausa, o adulto perguntou-lhe se queria continuar, a criança olhou-o e deu uma gargalhada. Daí ter-lhe solicitado que verbalizasse o comando e, ela fê-lo, “roda”. De modo que teve uma reação instantânea do adulto, dando-lhe a ação desejada.

Após o rodar, da diversão em conjunto e das gargalhadas, pausou-se outra vez. O facilitador perguntou-lhe se queria outra letra e a criança, estabelecendo contacto visual, apontou para a prateleira reproduzindo: “outra”. Ele de imediata retirou-a da caixa do jogo e gesticulando com a mesma junto aos seus olhos mostrou-lha. Assim, persistindo com o contacto ocular verbalizou: “o ‘i’” e, o adulto entregou-lha comemorando a sua comunicação.

Dentro da arca a criança começou a manipular as letras que tinha arrecadado e o adulto, ao seu nível, conversou com ela sobre isso. Ela olhou-o, sorriu e disse: “uma”. O adulto, ao perceber o que ela pretendia, moldou o seu pedido, daí ela ter solicitado: “roda”. Diante disto, o adulto reiniciou novo ciclo de atividade.

Ao parar, a criança disse: “queres..” e o adulto perguntou-lhe se pretendia mais uma letra. Ela não respondeu nada e nem olhou para ele. Então, para reverter a situação ele colocou o adereço: chapéu de pássaro, o que, efetivamente, resultou, pois atraiu a sua atenção. O adulto ao fazer-lhe cócegas na barriga com o bico, ela sorriu dizendo: “passarinho”. Depois, ele voltou a incitá-la a pedir para que rodasse e ela fê-lo, “roda”.

Mais uma vez demonstrou gostar muito desta atividade, rindo às gargalhadas. Ao colocá-la na mesa, espontaneamente ela expressou: “mais”. O adulto completou-lhe a frase dando-lhe outra letra, nesse instante ela olhou para ele, mas logo voltou a olhar para as letras que estavam juntamente com ela dentro da arca. Em seguida, emitiu: “piu piu”, mirando o facilitador e tocando no chapéu disse: “passarinho”. Focando-se nas letras, verbalizou naturalmente algo em jargão, o adulto com o gesto de colocar a mão no ouvido indicava-lhe que estava a escutá-lo. Assim voltou a comunicar verbalmente dizendo: “bicicleta”, reagindo a isto, ele mimou o andar de bicicleta.

Posteriormente, o facilitador explicou-lhe novamente que para rodar apenas tinha de pedir, e foi o que ela fez, dizendo: “roda Raquel”. Ele, deste modo, reiniciou a ação e ao parar, ela solicitou de novo “mais”. Ao ser-lhe solicitado que dissesse exatamente o que pretendia, esta verbalizou “cão ao mesmo tempo que formava com as letras o ditongo: “ão”. Ante isso, o adulto questionou-a se

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

seria a letra: “c” que ambicionava, cedendo-a verificou que ela, embora olhasse, não lhe tinha atribuído importância. Daí apresentar-lhe outra hipótese possível, o cartão com a fotografia do cão.

O adulto transmitiu-lhe que iria guardar o chapéu de passarinho, com algum tempo de latência ela verbalizou: “queres o passarinho”. Por isso, ele tirou-o do armário e descrevendo o que iria fazer, colocou-o na sua cabeça. A criança retirou-o e entregou-o ao adulto olhando-o aguardando que ele o pusesse. Depois verbalizou: “passarinho”.

Agarrando o pássaro pelo bico, a criança imitava: “piu piu” e orientou-o para a sua barriga para que lhe fizesse cócegas. O adulto parou com a brincadeira e ele repetiu a mesma ação verbalizando: “passarinho”. Ele agradeceu-lhe festejando pelo seu olhar.

De repente, a criança livremente disse: “mais um, dois, três” e o adulto estimulou-o a dizer: “roda” e ele fê-lo, com o seu tempo de latência. A criança, mais uma vez, demonstrou-se agradada com a brincadeira.

Pousada na mesa, a criança pediu: “queres o quadrado”. Enquanto o adulto tentava encontrar um quadrado na prateleira, ela continuava a verbalizar: “o quadrado”, repetindo-o algumas vezes. Ele ofereceu-lhe um jogo com peças de empilhar, com cubos, paralelepípedos quadrangulares e etc., que foi o que encontrou que mais se assemelhava à figura geométrica pedida. Assim, deu-lhe o cubo identificando-o verbalmente e ela repetiu-o. Depois olhou para dentro da caixa do jogo e verbalizou “retângulo” e por fim “triângulo”.

Após brincar um pouco com estas figuras, pediu ao adulto: “vamos? Um, dois, três” e, este por sua vez solicitou-lhe que dissesse: “roda” e ela disse-o. E assim, o adulto o rodou, por várias vezes para um lado e para o outro finalizando a sua ação com a habitual pausa em cima da mesa. Logo que sentiu “aterrar”, a criança pediu-lhe: “mais”. O facilitador questionou-a se queria mais letras e ela o repetiu, “mais letras”. Com os 3 E’s o adulto facultou-lhe outra letra e com o intuito de atrair o seu contacto ocular colocou-a no seu olho o que surtiu o efeito desejado, pois a criança estabeleceu contacto ocular e verbalizou: “o”, aceitando a letra cedida por ele.

Depois olhou para os jogos, o adulto cantarolando descrevia que poderia ajudar. Neste sentido, começou a tocar na caixa dos diferentes jogos inquirindo a criança na tentativa de descobrir

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

qual era o que ela desejava. Os que ela não queria respondia: “não”. Não obstante, livremente disse: “queres os animais”.

Imediatamente, o adulto presenteou-a com o jogo. E, mesmo dentro da arca, começou, em conjunto com o adulto, a construir os puzzles. Após alguns minutos, demonstrou ao se levantar que queria sair de dentro da arca. Deste modo, o facilitador auxiliou-a colocando-a no chão.

Neste local, a criança já não quis continuar o jogo dos animais, preferindo alinhar as letras que tinha conseguido na atividade da arca. Aí começou uma atividade de exclusão, dando sinal vermelho às tentativas de interação do adulto. Em consequência, o facilitador iniciou o *joining* usando uns cartões com imagens para o efeito.

Passados alguns minutos, a criança olhou para o que o adulto fazia, ele estava a colocar uma imagem de uma bota no chão e identificou-a nomeando-a. Por sua vez, a criança apontou para ela e disse: “sapatos”, retornando às suas letras. Naturalmente verbalizou algo que parecia “menino”, em resposta o adulto mostrou-lhe que tinha apenas uma imagem de uma menina, descrevendo-a.

Desviou novamente o olhar para o jogo das letras e retornou a estabelecer contacto ocular com o adulto, partilhando algo que repetiu duas vezes por achar que não estava a se fazer perceber. Não obstante, ao adulto pareceu-lhe que ela estava a verbalizar: “back in town”. Daí associou o som “b” com a imagem e palavra barco, a qual foi repetida por ela. O adulto verbalizou-o “carregando” na entoação do “r”, pois a criança ao articular omitiu essa letra, solicitando-lhe indiretamente que o imitasse. Ela o reproduziu, contudo, voltando a omitir a mesma letra. Ainda acrescentou, “super baco”. Perante isto, ele começou a conversar sobre este meio de transporte, exagerando nos gestos de modo que captou a sua atenção.

Após o adulto abordar o mar, a criança centrada nas letras apresentou jargão, vocalizando de forma perceptível: “o mar” e “navegar”. Dando sequência à conversa, ele fez referência ao Jake o pirata e aos marinheiros que também navegavam de barco, tendo conseguido que a criança lhe desse, mais uma vez, atenção por alguns segundos.

Retornando às letras, a criança mencionou: “o gato”, e o adulto procurou uma imagem desse animal nos cartões que estava a alinhar, ela olhou-o fugazmente verbalizando: “mia o gato”. Enquanto o facilitador ia até à prateleira buscar a fotografia do gato, a criança espontaneamente

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

disse: “sete”. Ao voltar com a imagem ela olhou-a, mas não demonstrou interesse. Ele ainda sugeriu que poderiam juntar a este os gatinhos do puzzle, porém demonstrou não o querer afastando-se girando sobre si próprio.

Por conseguinte, o adulto guardou o jogo dos puzzles dos animais e a criança aproximou-se novamente revelando jargão. Durante esse monólogo, repetiu: “mia o gato”. O adulto mostrou-lhe a história do Pinóquio que também tinha um gato na sua ilustração, no entanto não lhe deu atenção. Ao vê-lo a guardá-la na prateleira, levantou-se apontou para lá e pediu: “queres o “m””.

Moldando o pedido, o adulto cantarolou-o enquanto que a criança ora olhava para ele, à espera que lhe facultasse a letra, ora desvia para as letras alinhadas no chão. Incessantemente, o adulto procurava-a na caixa respetiva, como estava a demorar a criança resolveu aproximar-se puxando-a para também a procurar e verbalizou: “o “d””. Ao encontrar a letra pretendida, ele nomeou-a e ela imitou-o, depois afastou-se dirigindo-se para o espaço onde dispunha as restantes.

Em seguida, pediu outra letra: “queres o “i””, o adulto indiretamente tentou corrigi-la, no entanto ela apenas disse: “o “i”” e, ele concedeu-a. Após pô-la junto das demais, aproximou-se dos cartões que o adulto havia usado para “juntar-se” formando a letra “m”. Então, ele foi buscar essa letra à prateleira, descrevendo-lhe os acontecimentos. Ela manteve-se atenta persistindo com o olhar. Recebendo o “m”, a criança colocou-o alinhado em ordem com as outras letras.

Ela descalçou a sua sapatilha sem querer e começou a tentar calçá-la sozinha. No entanto, não estava a conseguir, olhou para o adulto através do espelho, sorriu-lhe e virou-se para ele esticando a perna na sua direção recorrendo ao jargão. Ele fez-se de desentendido, a criança então voltou a tentar calçar-se, concomitantemente questionou-se se precisava de ajuda ao que respondeu: “ajuda”. Deste modo, o adulto prontamente o auxiliou a calçar-se.

Depois a criança, retornou a isolar-se com o jogo das letras e o adulto a proceder ao *joining*. Todavia, não foi por muito tempo, pois a criança partilhou com ele a palavra que estava a formar: “Tiago”. E porque ela olhou para as letras que ele estava a organizar, o adulto ofereceu-lhas.

A criança as aceitou e retornou a se compenetrar na atividade. Verbalizou novamente o nome do colega, tendo o adulto referido que lhe faltavam letras para escrevê-lo. Seguidamente leu outra palavra já formada, a qual a criança reproduziu verbalmente: “cisco”. Continuando a tentar escrever

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

o nome do seu par, a criança apertando um “c” criou um “g”, diante disto o adulto facultou-lhe a letra: “t”, ficando assim terminado.

E assim, chegou ao fim de mais uma intervenção. Ao alertar o S. que chegara ao momento de arrumar ele reagiu com choro dizendo: “não queres” após o adulto encorajá-lo a falar calmamente.

De modo a animá-lo, o adulto convidou-o a arrumar utilizando a arca, então a criança entrou para esta e disse: “queres roda” e o adulto a rodou provocando-lhe muitas gargalhadas.

No momento do almoço, a criança aplicou a palavra “saborosa” em contexto adequado referindo-se à fruta que comia.

04-05-2016

A criança, no *playroom*, foi até perto do armário e depois voltou a correr para o adulto dizendo: “o Rei Leão”. Este respondeu-lhe imitando o rugir desse animal dramatizando-o com movimentos grandes, o que cativou o olhar da criança fazendo-a sorrir.

A criança alegre e vocalizando alguns sons guturais (“aaaaa”) começou a correr em redor da sala, enquanto aguardava o Rei Leão que o adulto procurava na prateleira. Ele, sem mais demoras, deu-lhe a caixa dos animais, ao vê-los disse: “o tigre”. Depois ela olhou-os e repetindo as vocalizações (“aaaaaaa”), apontou para o armário e afastou-se.

O adulto mostrou-lhe o leão e ela estabeleceu contacto ocular. Ele fez-lhe uma brincadeira com este, mas ela ao ver a arca esqueceu-se completamente dele, abriu-a, mas logo a fechou. O adulto também espreitou para lá para dentro verificando que estava vazia, tendo a criança referido: “tá vazio!”.

A criança retirou o chapéu do pássaro da prateleira e entregou-o ao adulto, olhando para ele. Depois afastou-se, estabelecendo contacto ocular vocalizou um som: “éóó” e disse por fim, “é o passarinho” e colocou as mãos na sua cabeça, demonstrando-lhe desta forma o que deveria fazer. E, o adulto fê-lo descrevendo-o.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Continuando em interação, a criança dirigiu-se a ele, agarrou no bico, e emitiu: “piu piu” orientando-o para a sua barriga. O que foi entendido como uma solicitação de cócegas. Persistindo com o contacto ocular e com o toque físico, a criança mantinha-se à sua frente enquanto o adulto cantava a canção: “passarinhos a bailar”.

Depois afastou-se e agarrando num arco que estava na mesa nomeou-o, “o arco”. Colocou-se dentro dele tentando rodá-lo sobre si próprio. O adulto fez o mesmo com outro arco, ao vê-lo através do espelho a criança virou-se para ele sorrindo e aproximou-se. Mantendo o contacto visual o adulto apanhou-a com o seu arco e ao deixá-la sair, ela distanciou-se um pouco. O adulto fê-lo rodar no chão, o que cativou, de novo, o seu olhar. A criança tentou imitá-lo, mas sem êxito.

Em seguida, ela foi até o outro lado da sala, apontou e olhou para a prateleira, gritando sons indecifráveis (“aiáiaiaia”), terminando com as palavras: “o Rei Leão”. Assim, o adulto numa enciclopédia de animais procurou-o para mostrar-lhe, explicando-lhe em voz baixa. A criança, mostrando-se insatisfeita, apontou para a prateleira dizendo: “quer, quer”.

Posteriormente, pegou na arca e colocou-a em cima da mesa para a qual subiu. O adulto olhou para ela inquirindo-a se precisava de ajuda, replicando: “ah! Quer roda, queres a roda”, o adulto repetiu-o corrigindo a conjugação do verbo, e a criança disse: “roda”. Ele festejou o esforço feito para comunicar pela criança e ofereceu-lhe a ação com os 3Es.

Logo que o adulto fez uma pausa na ação, a criança disse: “queres as letras”. Ao modelar o pedido, ela pediu outra coisa, “o gato”. Daí ele ter-lhe dado o cartão do gato, imitando-o em movimentos exagerados. Ela o recebeu, olhando-o e identificando-o verbalmente: “o gato”, “gato”. O facilitador sugeriu-lhe que o colocasse dentro da arca, mas emitindo um som ela demonstrou não o querer (“nan”).

Perante isto, o adulto explicou-lhe que lhe traria letras, satisfazendo-lhe o seu primeiro pedido. Mostrando-lhe a letra “n”, questionou-a se poderia ser essa, obtendo a resposta: “queres o “a””. Ele tentou moldá-la iniciando a frase para que ela a terminasse, assim verbalizou: “quero...” e ela a completou: “o “a””. Assim, facultou-lhe essa letra com a maior brevidade possível.

Ela começou a brincar com elas dentro da arca e após alguns segundos disse de forma livre: “o rato”. O adulto preparava-se para trazer-lhe em cartão, mas ela levantou-se na arca para olhar

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

para ele, fazendo um novo pedido: “queres o “a””. Ele incitou-a a corrigir-se, todavia ela repetia várias vezes (três): “queres o “a””. Então, ele explicou-lhe que lhe concederia outro “a”. Mantendo o contacto ocular, a criança aceitou a letras que o adulto lhe trazia.

O adulto sentou-se a seu lado em cima da mesa e a criança partilhou consigo, “d” em inglês. Este traduziu-a e ela repetiu-o: “o “d””. Depois levantou-se, pedindo-lhe algo que ele percebeu: “queres pegar, queres pegar?” e este pensou que deveria querer que a retirasse de lá, por isso fê-lo.

No chão, começou a dispor as letras à sua vontade, o adulto utilizou o chapéu para tentar interagir com ela, dando-lhe uma letra com o bico. A criança aceitou-a emitindo: “piu piu”. Construindo palavras, o adulto leu-lhe: “brinda” e ela reproduziu-a por várias vezes (três). De repente, ela disse: “passarinho” e o adulto iniciou a música alusiva a este, oferecendo-lhe a posteriori também um chapéu de pássaro. Ele agarrou-o identificando-o oralmente e observou-o segundo diferentes ângulos, todavia não quis mantê-lo.

Esponaneamente a criança disse: “o dinossauro” e repetiu-o, reagindo a isso o facilitador foi à prateleira buscar a enciclopédia dos animais. Ela ainda acrescentou: “T-Rex”. Em seguida, ele mostrou-lhe no livro esses animais, mas ela não demonstrou grande interesse, por isso ia guardá-lo, aquando a criança verbalizou algo que foi compreendido da seguinte forma: “gosto do T-Rex”. Isso fez com que o adulto volvesse com o livro. Explicou-lhe que lhe facultaria as letras necessárias para escrever o nome do dinossauro que ela tinha falado. Mas ele não lhe deu importância.

A criança levantou-se, olhou para o adulto e para a prateleira, para a qual apontou dizendo: “queres o “o””. Assim, ele respondeu-lhe com alegria corrigindo-a de forma indireta. Para entregá-lhe, foi necessário aguardar um pouco, pois a criança não estava disponível para isso. Posteriormente recebeu-o e iniciou uma atividade de exclusão, daí o facilitador ter recorrido ao *joining*, visando estabelecer uma ponte entre o seu mundo e o convencional, convencendo-a a vir com ele interagir. Ela deu sinal verde ao olhar com interesse para o que ele fazia, então ele descreveu-o.

Esponaneamente disse: “Alice” e, o adulto apresentou-lhe a história referente a esta personagem. Declamou-lhe o abecedário da folha de rosto ao mostrá-lo, conseguindo a sua atenção até metade deste. Depois ela desviou o olhar, todavia o retornou mantendo-se atenta e disse: “o “i””.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Tomou a iniciativa de virar as folhas do livro, passou algumas para trás e voltou à página em que estavam. No entanto, desinteressou-se.

Realmente, só a cativava no momento as letras, exigindo ao adulto o regresso ao *joining*. Em monólogo, sem afastar o olhar das letras verbalizou: “quero o “o””, “au”, “au”. Demorou alguns minutos em exclusão até ao instante em que foi aproximando-se do adulto. Este tentou que ela brincasse/ jogasse consigo, mas ela apenas permitiu-lhe que estivesse ali a seu lado auxiliando-a quando ela considerasse necessário.

Consequentemente ao regresso da criança ao isolamento, o adulto reiniciou o “juntar-se”. Ela apenas chegou-se para perto dele visando retirar-lhe as peças de que dispunha. O adulto, perante isso, ofereceu-lhe outra peça e ela aceitou.

Tendo como objetivo a criança estabelecer contacto visual, o adulto colocou na cabeça uma travessa com antenas de joaninha. Concomitantemente a criança olhando para as letras verbalizou: “orange” e acrescentou de seguida olhando para o adulto: “cor de laranja”. Em resposta, o outro cedeu-lhe a imagem da fruta referida que estava entre fotos de outros alimentos, e ela reforçou: “uma laranja”. Ao ver os outros cartões de alimentos pediu: “maçã” e levantou-se saltitando. Ante isso, o adulto procurou a sua fotografia por entre os restantes cartões, e a criança aproximou-se dele para também a ver. Junto dele apontou para a imagem das alfaces e verbalizou: “brócolos”. Depois o adulto corrigiu-a indiretamente, estimulando-a a dizer: “alface” e ela fê-lo.

Passando os cartões dos alimentos, a criança agarrou a imagem do nabo dizendo: “pa sopa”, que fora o comentário realizado pelo adulto em relação a esse legume numa sessão anterior. Ao ver a imagem das cenouras nomeou-as e quando ele lhe mostrou os brócolos ela voltou a identificá-los.

Formou com as letras a palavra: “nabo”, e o adulto fez referência a isso. De repente ela olhou-o e pediu-lhe: “queres o “i””, levantando-se. Ainda acrescentou, mantendo o contacto ocular, apontando: “verde”. O facilitador de forma rápida foi procurá-lo na caixa das letras para conceder-lha. E, assim aconteceu.

De novo, a criança envolveu-se completamente no seu jogo revelando jargão (“oórri”). Olhou para o adulto e repetiu algo duas vezes, e somente à segunda ele percebeu: “sou Bad Pitt” e em seguida disse: “pizza”. Vocalizou também, após alguns segundos: “cu cu cu”, o adulto referiu,

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

mostrando-lhe a galinha, que essa era a voz dela. A criança emitiu: “córocóco”, “galinha”, “a galinha”. Virando-se para o espelho, ela continuou a verbalizar o nome do animal exagerando na expressão facial e na entoação (repetiu três vezes: “a galinha”), através deste estabeleceu contacto ocular com o adulto, voltando-se de frente para ele.

De novo, olhou para o espelho e através deste, disse ao adulto: “é da Alice” com o “a” na mão. Assim, ele trouxe-lhe o livro para que o voltassem a explorar juntos. Ao ler-lhe o título ele o repetiu: “”A” de Alice”. Manteve o contacto visual durante as três primeiras páginas, desviando a sua atenção, depois, para as letras. Com algum tempo de latência revelou ecolalia de: “eh eh eh acobacias”, “eh eh eh de laranjas”. Continuando ainda acrescentou: “que lindo que sol” e ao ver o paraquedas do burro identificou-o como sendo um “balão”.

Na mesa, realizando outro jogo com cubos para formar palavras, verbalizou ao ver uma imagem de uma bota, “super-cola de sapatos”. A criança explorava o jogo de forma livre. Quando ela lhe mostrou uma pequena abertura para si, o adulto explicou-lhe as regras do jogo. No entanto, ela continuou a explorá-lo à sua vontade.

Como estavam muitos jogos espalhados na mesa, o facilitador declarou à criança que iria arrumar alguns. Ao ouvir a palavra “arrumar” a criança entrou em stress começando a chorar dizendo que não o queria. Então o adulto, calmamente o fez ver que eram apenas os brinquedos com que já não estavam a jogar, o que levou algum tempo para que ela o percebesse. Contudo, acalmou-se depois de um abraço consentido. Voltando a realizar o jogo dos cubos. O adulto, por conseguinte, recorreu ao *joining*.

Olhou para o adulto, que estava a colocar em cima dos nomes das respetivas imagens dos cartões as letras correspondentes, e quis-nos para fazer igual com os cubos. Diante disto, o adulto ofereceu-lhe os cartões e a sua ajuda na construção das palavras. Pediu-lhe para participar no jogo, todavia não o autorizou inicialmente.

Depois olhou para a imagem de um rato e nomeou-o como: “coelho”, mas ao ser corrigida, ela repetiu-o corretamente. Nesse momento, possibilitou a participação do adulto no jogo, tendo cada um a oportunidade, na sua vez, de colocar um dos cubos sobre as letras que constituía o nome

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

de objetos, animais, etc. O adulto dava-lhe a escolher o cartão que preferia indicando-lhe os nomes das imagens como hipóteses. A primeira escolha foi o “urso”, o qual nomeou.

Não obstante, no momento de colocar os cubos com as letras nos cartões, a criança não permitiu que o adulto as colocasse, querendo fazê-lo sozinha. Ao concluí-lo disse: “o urso”. Com insistência, no cartão seguinte, ela já lhe possibilitou participar.

Em conjunto, continuaram a realizar o jogo, contudo a criança nada verbalizava nem olhava para ele. Apenas permitia a sua presença e participação a colocar os cubos. Passado algum tempo, ela partilhou verbalmente a letra “r” com o adulto. Depois, ela retornou a explorar os cubos livremente e dispôs os cartões do jogo em forma de semicírculo à volta dos cubos com a ajuda dele. O adulto apontando nomeou cada imagem dos cartões.

Após alguns segundos, a criança olhou para o adulto apontou para a imagem e verbalizou: “mola”, identificando-a corretamente. Depois juntou os cartões e guardou-os dentro da caixa do jogo. Organizando as letras do cubo, tentou formar uma palavra, mas não conseguiu pois não haviam cubos suficientes. Então partilhou-a com o adulto dizendo-a: “economia” e repetindo-a.

Em seguida, arrumou os cubos e voltou a manusear as letras do outro jogo. Durante esta atividade, ela naturalmente proferiu: “as bananas”, daí o adulto ter-lhe oferecido uma banana. Ela aceitou-a sorrindo, no entanto, o adulto ao comer a sua, convidou-a também a comer, mas ela não quis demonstrando-o afastando a mão dele.

E, com a arrumação do material deu-se por terminada a sessão, “vamos guardar as letras” verbalizou ele.

09-05-2016

Logo que o S. entrou no quarto Son-Rise pediu: “queres escrever mãe” olhando para o adulto. Este respondeu de imediato à sua solicitação com muito entusiasmo escrevendo numa folha de papel a palavra verbalizada. Ao fazê-lo a criança ficou atenta e depois agarrou numa cor e realizou as suas garatujas com formas circulares e traços.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Depois, foi buscar uma folha ao armário que havia sido utilizada numa sessão anterior. Ao observar as palavras que lá estavam escritas apontou para elas e verbalizou-as: “Alice” e “Pinóquio”. O adulto ofereceu-se para escrevê-las novamente e, a criança mais uma vez demonstrou-se muito atenta. Quando ele terminou de escrever, ela olhou para ele e disse-lhe a palavra escrita (“Alice”). Ainda repetiu a ação, após retornar a olhar para a folha e indicar com o dedo o nome escrito partilhando com ele este seu interesse (“Alice”, “Al”).

Perante isto, o adulto trouxe-lhe da prateleira a história da Alice, falando-lhe que ela estava com o seu burro. O S. recorreu ao jargão, dizendo por fim: “escreve aqui burro”. Assim, ele escreveu também essa palavra na folha sob o olhar atento da criança.

Em seguida, ela começou a fazer traços em diferentes sentidos na folha. O adulto ajudou-a a fazer uma pega correta do lápis e ela permitiu-o. Ficou tão agradada com o seu traçado que se desinteressou da história, levantou-se, pois estava no chão, correu até ao outro lado da sala e regressou. O facilitador fez igual levando consigo, no regresso, uma folha de papel e uma cor para proceder ao *joining*.

Em atividade de exclusão, a criança disse algo em jargão e o adulto agiu de forma a mostrar-lhe que estava a escutá-la ativamente, percebendo: “cá escreveu”. Logo em seguida, ela levantou-se, olhou para ele, depois para a prateleira e apontou dizendo: “ahhh a história”. No momento, o adulto não a compreendeu, daí ter comentado que ela queria algo da prateleira, mas que ele não sabia o que era. Dado o comentário, muito depressa ela replicou-lhe: “é, é as letras”.

Comemorando com os 3Es, o adulto de imediato lhas facultou do armário, de modo a reforçar o ato de comunicar. A criança levou-as para a mesa e olhou para ele, que havia ficado para trás, dando-lhe sinal verde para interação. Portanto, ele foi ter à mesa com ela, colocando-se ao seu nível e de frente para ela.

Nisto, a criança tentou abrir a caixa, mas como não o conseguiu, olhou para o facilitador deu-lha e pediu: “abre”. Ele agradeceu-lhe por o ter solicitado e abriu-a de forma engraçada, o que lhe provocou um sorriso discreto. Seguidamente, a criança começou a retirar de lá de dentro as várias letras e o adulto também, fazendo referência à sua quantidade e questionando-a sobre as letras

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

que pretendia. Perante essa questão, ela respondeu: “quer o /j/”, associando verbalizou: “janela” e “o Jéssica”, aquando lhe mostrava as letras “c” e “a” por essa mesma ordem.

Assim sendo, o adulto começou a procurar por entre as diferentes letras as restantes necessárias para escrever o nome mencionado pela criança. Daí ele apresentar-lhe a letra “e”, mas a criança contestou pedindo: “o “i””. Isto porque, como já tinha as letras finais, juntou as outras segundo a organização do fim para o princípio.

Deste modo, após o adulto ter-lhe dado a letra “e”, ela tirou da caixa o “s” identificando-o oralmente (“o “s””). Sendo observado pela criança, ele deu-lhe o outro “s” e ela retirou-lhe da mão abruptamente o “e”. Depois, ele expôs que somente faltava o /j/ e ambos a procuravam, quando espontaneamente a criança fez a seguinte observação: “não tá!”.

O adulto continuou à procura, enquanto a criança parou ficando a olhar para ele. Ao encontrar um “s” maiúsculo, ele perguntou-lhe se ela queria substituir o minúsculo que possuía por esse e ela retorquiu que não, deixando-o à parte. Continuou a aguardar que o facilitador encontrasse a letra pretendida, repartindo a sua atenção pela busca do adulto e pelas letras que já havia organizado, ainda comentou: “quer” e, respondeu: “não” ao adulto ao lhe falar do Jake o pirata. Quando a encontrou, ele deu-lha e ela recebeu-a estabelecendo contacto ocular e apresentando um sorriso. Seguidamente, colocou-a na posição correta e verbalizou o nome criado: “Jéssica”, repetiu-o mais uma vez. O adulto mencionou que ela já o tinha escrito e ele revelou ecolalia (“já escreveste?”).

O facilitador questionou-a se iria construir outro nome, oferecendo-lhe uma letra que ela recusou, agarrando-a e colocando-a junto das restantes que não estava a usar. Não obstante, respondeu-lhe: “gato” tendo, a priori, formado com as letras a palavra: “cat”. Continuou com a brincadeira colocando o “o” e a modelar o “c” para a letra “g”; dizendo: “ahhh! o gato”, “mia o gato”. O adulto trouxe-lhe da prateleira o cartão com a foto do gato e dramatizou-o. Ela manteve o contacto visual durante essa encenação e fez-lhe uma questão recorrendo ao jargão, tendo apenas verbalizado: “pequeno-almoço?” de forma compreensível.

Diante disso, o adulto referiu que o gato comia peixe ao pequeno-almoço, e, por entre o jargão, foi perceptível a criança ter identificado a letra que manuseava: “m” e verbalizado a palavra:

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

“peixe”. Por conseguinte, o facilitador foi ao armário buscar a imagem desse animal. Ela observou-o um pouco e depois voltou para a sua atividade das letras.

No entanto, ao ser-lhe apresentado o peixe, de forma divertida, a criança olhou de novo, embora com olhar desviante. Pegou no cartão, retornou a oferecer ao adulto e verbalizou, olhando para as letras que manipulava, “o pequeno-almoço”. Então, ele questionou-a se queria tomá-lo e ela respondeu-lhe: “quero”, “é bom”, todavia sem estabelecer contacto visual. O adulto salientou que estava ali para escutá-la e ela disse: “o “u”” ao mesmo tempo que o manipulava.

Posteriormente a criança voltou a apontar e a identificar o nome que tinha formado com as letras, “Jéssi, Jéssica”. O adulto dando continuidade à sua partilha, comentou a situação. Em seguida, ela disse: “sete” e, ele desenhou-o numa folha. Ao observá-lo, ela ainda acrescentou: “oito” e, como não podia deixar de ser, ele escreveu-o.

Depois ela retomou a brincadeira com as letras, mas não chegou a isolar-se. Visto que olhou para o adulto e pediu-lhe: “o “u”, o “l””, ele concedeu-lhe essas letras. Não obstante, a criança logo entrou em exclusão. E, por conseguinte, o facilitador recorreu ao *joining*.

Após alguns minutos em isolamento, a criança começou a mirar com interesse para o que o facilitador fazia, por isso este deu início a uma interação. Mostrou-lhe o que havia escrito com as letras e ela sorriu. Todavia, não persistiu na interação regressando ao alinhamento das letras. O facilitador ainda tentou dar continuidade, solicitando-lhe permissão para ajudá-lo no que fazia, contudo ela não deu, dizendo: “não queres”, “não queres”.

Por conseguinte, o adulto retornou ao *joining*, respeitando a sua decisão. A fim de que a criança estabelecesse contacto ocular, ele colocou uns óculos grandes, com lentes azuis e aros com brilhantes. Esta estratégia resultou, ela olhou para ele dando-lhe um sorriso. Então, ele começou a conversar sobre o que ela estava a fazer e, por sua vez, ela respondeu-lhe em jargão, compreendendo-se “x” (em inglês) e logo depois acrescentou: “a” de “abeia” (abelha). Como o adulto não tinha conseguido decifrar a última palavra dita pela criança na altura, pediu-lhe que repetisse, contudo ela não o fez dando seguimento ao ordenamento das letras.

Em seguida, agarrou em algumas das peças e foi para o chão juntá-las. O adulto fez o mesmo posicionando-se em sua frente, ao seu nível (*joining*). A criança começou a utilizar as letras dele,

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

então ele juntou-se descrevendo o que ela fazia. Ao observá-la, apercebeu-se do seu objetivo na tarefa, verbalizou que ajudaria a alcançá-lo indo buscar algumas letras minúsculas da caixa que estava em cima da mesa. Ela olhou-o recorrendo à ecolalia: “minúsculas”. E, permitiu que o facilitador participasse na sua atividade, passando-lhe letras.

Mais tarde, após a criança e o adulto brincarem de atirar as letras ao ar, ela recomeçou a se isolar, e ele, conseqüentemente, a iniciar o *joining*. Passado alguns minutos, a criança aproximou-se fisicamente do adulto. Como ele tinha ido buscar letras à caixa, questionou-a se pretendia alguma que ele pudesse ceder-lhe. Ela ao olhar para o que ele fazia verbalizou o nome que ele tinha formado com as letras, “oito”. No entanto, voltou a dar-lhe sinal vermelho, apesar das suas várias tentativas.

Entretanto, a criança mostrou-lhe um pouco de abertura ao olhá-lo verbalizando: “o”, que era a letra que o adulto lhe estava a oferecer. Visto que ela estava a tentar formar o nome: “Daniel”, ele facultou-lhe a letra “d” maiúscula, e ela aceitou-a dizendo: “Daniel”. Por isso, ele agradeceu-lhe e mostrou-lhe uma história em que deu esse nome à personagem principal.

A criança ficou atenta à história que o adulto estava a contar, o qual questionou: “quem está atrás da janela?” e respondeu à questão. Ao virar de página, vendo a ilustração de uma cama, ela perguntou: “Oh! Quem está na tua cama?”. Quando comentou que o crocodilo estava a mostrar as cuecas, ela apresentou ecolalia, “era as cuecas”. Contudo, a criança não persistiu até ao fim da história, novamente foi brincar com as letras.

Desta vez, a criança levou as letras para cima da bola de pilates e lá ordenou-as em linha. Ela olhou fugazmente para o adulto que fazia o mesmo na outra bola de pilates. Daí ele questionar-lhe se precisava de ajuda para segurar a bola enquanto ela colocava as letras. Ela nada respondeu, todavia ele aproximou-se e ela aceitou o seu auxílio.

Depois ele começou a elevar a bola com as letras, fazendo o movimento e o som do saltitar. A criança reagiu deitando-se em cima da mesma esperando que o facilitador continuasse a sua ação. Ele fê-la, e ela sorriu, porém quando o adulto fez uma pausa, a criança não quis permanecer na atividade.

O adulto após tentar continuar em interação com a criança infrutiferamente, recorreu ao *joining*. Aquando expunha as letras, a bola de pilates abanava para um lado e para outro, e a criança

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

verbalizou: “eu vou...ali” e, em seguida, “espera”. Assim, o facilitador, mais uma vez, prontificou-se a auxiliá-la perguntando-lhe se queria que segurasse a bola e ela respondeu: “segura”. Por isso, ele fê-lo e na tentativa de perdurar a interação comentava a tarefa passando-lhe mais letras, participando assim na sua atividade. No entanto, ela não o aceitou por muito tempo, preferindo permanecer em tarefa sozinha. Consequentemente, o adulto retomou o *joining*.

Mais tarde, saindo do isolamento, a criança lançou um olhar fugidio ao que o adulto fazia. Indo ao seu encontro retirou-lhe uma das letras que continha, por isso ele disponibilizou-lhe outras, inquirindo-a sobre qual precisava. Ela, após algum tempo de latência, respondeu: “é o “b”” e ele, logo, o facultou. Contudo, reiniciou a atividade de exclusão ordenando as letras de modo a formar palavras. Ela escreveu o seguinte: “Todos cantam”.

Quando o adulto a alertou que estava a chegar ao fim da sessão, que iriam arrumar a sala, a criança disse em tom de lamentação: “queres ir pa a escola”, “queres sair”. Reforçando que queria permanecer no *playroom*, verbalizou: “não quer”. Porém, começou de imediato a guardar o jogo.

Como ainda faltavam alguns minutos para o término da sessão, o adulto dirigiu a sua atenção para a arca referindo que não tinham brincado com essa nesse dia, daí convidou-a a fazê-lo. Ela colocou os óculos e a coroa das saudações dentro da arca, proferindo espontaneamente: “queres roda”. Moldada pelo facilitador, verbalizou: “quero roda”. O facilitador ofereceu-lhe essa ação e depois “aterrou” na mesa.

Na pausa do jogo, o adulto colocou a coroa na cabeça e sugeriu-lhe um desafio, visando o uso da palavra: “adeus”, todavia ela retirou-lhe a coroa verbalizando: “não”. Depois, ele tentou modelar outra palavra, “roda”, e ela estabeleceu contacto ocular sorrindo. Mas disse: “uma voltinha”, em vez da palavra incitada. Mesmo assim, houve razão para comemoração e para obtenção de uma resposta rápida por parte do adulto, pois a criança usou a linguagem verbal para interagir com ele. Ainda houve tempo para uma nova paragem na atividade, na qual o adulto questionou-a se queria dar mais uma voltinha com o Pluto, que haviam apanhado da parede, e ela replicou: “mais uma roda”. Diante disso, o facilitador voltou à sua ação e rodou a criança na arca.

Parando outra vez, ele explicou à criança que iria guardar o Pluto no armário, mas ela repostou: “não”, “não queres”, “não quero” de modo que ele não o fez. Ela ainda acrescentou:

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

“roda”. Imediatamente teve a resposta desejada por parte do adulto, logo após festejar de forma exagerada. E assim deu-se por encerrada a sessão.

10-05-2016

Tal como em outras sessões, a criança logo que chegou ao quarto son-rise aproximou-se da prateleira. Olhou para esta e em seguida para o adulto, apontou para o que pretendia e pediu: “as letras”. Ele apresentou-lhe, nesta sessão, outro jogo de letras (um puzzle) e ela aceitou-o de forma positiva, ou seja, expressando um sorriso e emitindo um som “aah”.

Assim sendo, levou-as para a mesa revelando jargão e depois cantarolando: “são outras letras”. O adulto acompanhou-a e exemplificou como construir os diferentes puzzles (correspondência entre a peça da letra e a peça com uma imagem iniciada pela respetiva letra). Mas ela não quis que ele os fizesse, pois preferia ficar com as peças das letras apenas com vista a alinhá-las, assim verbalizou: “não”.

Em seguida, o adulto mostrou-lhe as várias imagens das peças do jogo, embora ela não lhe desse muita atenção. Não obstante, ao exhibir a zebra a criança produziu jargão por entre o qual o facilitador decifrou: “é o passeio da zebra”. Perante isto, ele encenou estar a passear neste animal descrevendo-o, enquanto ela mencionava: “a zebra”, “zebra”. Em sua frente e ao seu nível, pegou na peça da zebra e brincou, fingindo que esta carregava o relógio, o que atraiu o olhar desviante da criança por breves instantes.

Depois começou a passar-lhe as peças com letras, e ela aceitou olhando para ele. Ao pousar a letra “b” referiu estabelecendo contacto ocular, “ochechas” (bochechas) e repetiu-o de forma clara (bochechas), no entanto, na altura o adulto não o compreendeu. Aquando ordenava a letra “c”, ela disse: “o cão”, e assim o adulto ofereceu-lhe um fantoche de cão para o qual ela olhou fugazmente.

De repente, concentrou-se apenas na organização das peças do jogo (referentes às letras), isolando-se. Diante disso, o adulto recorreu à coroa das saudações com o intuito de cativar o seu contacto visual e ao *joining*.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Passado alguns minutos, a criança olhou para o adulto e mencionou algo que ele não compreendeu, seguidamente agarrou numa peça com imagem e exclamou: “ah! Uma estrela”. Ele em resposta mencionou que tinha o sol e ela recorreu novamente ao jargão concluindo com a frase: “ah! Também o sol”. A posteriori, girou sobre si mesma e aproximou-se do adulto interrogando: “oh! O chapéu? O chapéu?”.

Perante esta questão o adulto apresentou-lhe um chapéu de pássaro e ela estabelecendo contacto ocular referiu: “passarinho”, “o passarinho”; logo de seguida exibiu o chapéu de pássaro e ela apontou dizendo: “oh! piu piu”, mantendo o contacto visual.

Como a criança demonstrou-se disponível para interação, o adulto introduziu uma atividade com o objetivo de trabalhar o “olá” e o “adeus”. Explicando-lhe que o pássaro havia trazido duas folhas de papel, uma delas com a palavra: “olá” escrita e o nome de alguns personagens Disney, e na outra a palavra: “adeus” e o nome de outros personagens.

Logo que o facilitador expôs uma das folhas na parede, a criança apontou e identificou nomeando: “é a casa do Mickey mouse” e ao colocar a outra também apontou e indicou verbalmente: “a Minnie”. Com entusiasmo o adulto comemorou o uso da linguagem verbal pela criança e encorajou-a a dizer “adeus” à Minnie, mas não o fez. Então ele mencionou que iria procurá-la na prateleira, e a criança revelou em jargão o que parecia ser a ecolalia do que ele tinha dito (“ah! Onde estás Minnie?”). E assim reproduziu: “ a Minnie”.

Enquanto o adulto colocava no local correspondente esta personagem, ela dizia frases indecifráveis, embora uma fosse quase perceptível, a saber: “a Minnie...” e, a última palavra foi percebida, após várias repetições da criança na tentativa de fazer-se compreender, como “a Minnie cozia”, “a Minnie cozia”. Depois a criança apontando para o Mickey verbalizou o seu nome (“ei! O Mickey”).

O adulto, desta vez, apresentou-lhe o cartão deste personagem colocando-o na arca e rodou-o. A brincadeira não a agradou, pois a criança afastou-se e retomou a atividade de exclusão alinhando as peças do puzzle com letras dizendo: “essa letra”. Por conseguinte, ele procedeu ao *joining*.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Entretanto, ela juntou algumas letras do nome “Alice”, para as quais apontou, partilhando-o oralmente e através do contacto ocular com o adulto. Ante tal situação, ele ajudou-a a concluir a palavra, apesar dela não a ter aceite logo. Não obstante, tolerou que ele a finalizasse, pedindo-lhe “quer o “a”” e depois repetiu o nome: “Alice”.

Após este momento, o adulto exemplificou-lhe novamente como fazer o puzzle, mas a criança não quis fazê-lo preferindo ficar apenas pelo alinhamento das peças com letras. Então, ele retomou o *joining*.

Mais tarde, a criança, manuseando a peça com um pato, verbalizou: “o pato”, e o adulto imitou a sua voz (grasnar). Com uma entoação diferente ainda o cumprimentou dizendo “olá”. Ela repetiu: “o pato” e encaixou-o na peça que tinha a letra “p”. Depois agarrou a peça com um queijo e olhando para o adulto disse-lhe: “o queijo”. Reagindo à partilha, o adulto mencionou, com movimentos exagerados, que gostava de comer queijo, o que cativou o seu contacto visual. Dirigindo a imagem à criança, ele questionou-a: “vamos comê-lo?”, e ela revelou ecolalia agarrando-a e pousando-a na mesa.

O adulto pegou na peça mostrando-lhe onde a poderia encaixar, todavia ela não quis, afastando-a de imediato. Ele também lhe apresentou outras imagens, no entanto a criança já estava de novo focada na organização das peças com letras. Deste modo, o adulto respeitando-a seguiu para o *joining*.

Após a criança remover uma das peças com letras que o adulto organizava recorrendo ao “juntar-se”, ele apercebeu-se que estas lhe interessavam, por isso começou a ceder-lhe todas as que continham letras. Ela demonstrou-se satisfeita com isso aceitando-as e tolerando a sua ajuda. Como a criança já tinha ordenado todas as peças com letras, o adulto começou a passar-lhe peças com imagens e daí cantou uma canção alusiva ao barco mimando-a. Ao fazer o gesto do barco, com o qual se aproximava da criança, esta sorriu demonstrando agrado na aproximação.

Perante isto, o adulto cantou-lhe outra canção mimada sobre os dedos da mão, que culminava com cócegas. Quando ele acabou de cantá-la a criança disse: “um” (início da canção) olhando-o à espere que recomeçasse. E ele assim o fez. Ao gesticular mostrando a mão acenando, a criança

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

colocou a sua sobre a do adulto seguindo o movimento. Depois a criança encaminhou-se para a mesa, onde foi buscar as peças do jogo visando levá-las para o chão. O adulto fez igual a ela.

Mais tarde, a criança olhou para o adulto e ao manusear a letra “m” referiu: “mãe”, ele descrevendo o que fazia escreveu-o na folha de papel que estava disposta na parede em sua frente. Ela persistiu com o contacto visual. Diante disto, o adulto introduziu a história: “”A” de Alice” fazendo alusão à mãe da personagem.

O S., ao ver a história, logo proferiu: “a Alice” e, o adulto gesticulando com muita expressividade iniciou o conto. Ao referir que a personagem iria dormir, a criança despediu-se dela, mas apenas oralmente: “adeus” repetindo-o. O adulto realçando o uso desta expressão, colocou-a (a palavra escrita) na sua coroa virada para ela e solicitou-lhe que voltasse a se despedir. Ela disse: “Adeus Alice! Até à próxima”.

Posto isto, o adulto concretizou a despedida guardando a história na prateleira. Em seguida, salientou a expressão usada fazendo referência à folha correspondente às expressões de cumprimento que estava patente na parede, dizendo adeus à Minnie e arrumando-a no armário.

Em seguida, o adulto expôs na folha as imagens relativas aos nomes presentes, inclusive a Minnie, tendo em vista iniciar uma atividade em que a criança aplicasse as expressões: “adeus” e “olá”. Ao observar as personagens, ela identificou verbalmente em primeiro lugar o Pluto. Assim, o adulto tentou oferecer-lhe a ação motivadora, rodá-la na arca, para que depois fossem buscar as personagens a quem diriam “adeus” e colocariam no armário. No entanto, a criança preferiu fazer a correspondência entre a palavra escrita e a imagem.

Deste modo, persistindo com o contacto visual pediu: “quero a Margarida”, “Margarida”. Perante isto, o adulto abandonou a sua ideia de atividade, respondendo à sua solicitação. Porém, a criança retomou a sua ação anterior, ordenando em linha as peças do jogo das letras. Por conseguinte, o adulto também retornou ao *joining*.

Passado algum tempo, a criança aproximou-se um pouco do adulto e olhando para as peças proferiu: “a Matilde”. Ele, tentando alargar a interação, descreveu que ela estava a mostrar-lhe o que estava a “escrever” com as peças das letras, e ela replicou: “Matilde”. Como faltava-lhe uma

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

letra para o concluir, o adulto ajudou-a a encontrá-la. Ela recebeu-a do adulto, no entanto, verbalizou: “não queres” pois não aceitou que ele a colocasse no nome que estava a tentar formar.

Ante esta situação, o adulto explicou-lhe que aquela letra era necessária para a formação do nome referido, contudo ela repetiu o “não” e não permitiu que fosse colocada a letra em questão, insistindo com um “não”, “não queres”. Como não poderia deixar de ser, o adulto respeitou a sua decisão.

Posteriormente, a criança reiniciou o alinhamento das peças, e enquanto ela não estava em exclusão o adulto tentou participar no seu jogo oferecendo-lhe peças; embora tenha rejeitado algumas dizendo “não”, por fim começou a aceitar e até estabeleceu contacto ocular em alguns momentos. Aquando o facilitador passou-lhe as peças com imagem identificou-as.

Depois, a criança voltou a compenetrar-se na sua atividade e o adulto valeu-se do *joining*. Passado alguns minutos, ela interessou-se por aquilo que ele estava a fazer e referiu: “lin helinpopero” ao mesmo tempo que alcançava uma das peças que ele havia alinhado. O adulto demonstrou-lhe que estava a escutá-la ativamente através de gestos que o indicavam de forma exagerada. Assim, a criança repetiu o que tinha dito, e ele tentou decifrá-lo, colocando várias hipóteses. Ao dizer: “helicóptero”, ela o reproduziu: “esse”, “mocoptero”, parecendo estar a confirmar.

Seguiram em interação, a criança revelando jargão e o adulto passando-lhe as peças. Mesmo sem perceber o que a criança dizia, ele dava-lhe resposta como se estivessem a conversar. Daí falou-lhe do espaço de programação infantil televisivo que ela gosta de assistir. Quando o adulto mencionou o seu nome, ela de imediato estabeleceu contacto ocular. Com o intuito de prolongar a conversação, ele questionou-a se gostava de o ver, ela respondeu: “não queres”, “não queres”. Então, ele foi mais específico e fez alusão ao Chaplin, ela apresentou jargão gesticulando com uma expressão facial de agrado, entendendo apenas: “na tv”.

O adulto cantarolou o nome do personagem e conjuntamente se abanaram de frente um para o outro. Depois a criança aproximou-se dele, olhando para as peças que estavam perto de si e revelando jargão. Olhando-o, a criança apontou em frente e disse-lhe: “o rato”. E, ele em resposta

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

perguntou-lhe se este seria dos desenhos animados e ela replicou que não, virando a cara. Acrescentou algo em jargão finalizando-o com: “o cão”.

Assim sendo, o adulto facultou-lhe o cartão com a fotografia do cão, e ela, mantendo o contacto visual, repetiu-o várias vezes cantarolando, “o cão, cão, cão...”. Ele emitiu o som da voz do cão, e ela imitou-o, “au au”. O facilitador ainda lhe falou das suas características enquanto ela mirava a foto com muita atenção dizendo: “é o cão”, “é fofinho” apresentou algumas palavras intangíveis continuando a interação.

Ao perder o interesse pelo cão, o adulto referiu-se novamente ao rato. De modo que foi buscar à prateleira a imagem referente ao animal, e por entre o jargão falou: “o rato”. O adulto fazendo alusão a outro dos seus interesses - o Chaplin - efetuou os seus movimentos como se de uma dança se tratasse, deste modo atraiu o seu contacto visual tendo verbalizado: “Chaplin”. Nesse momento a criança aproximou-se dele, procurando de entre os vários cartões o do rato.

Aquando passava os cartões a criança apresentou ecolalia de algumas palavras, tais como: “porco”, “T-Rex” e “verde”, pois o adulto a cada imagem identificava-a e falava sobre ela (“Ah! O T-Rex”, “é verde”). Ao ver outra imagem, a criança verbalizou: “ah!”, e o adulto questionou-a: “O que é isso?”. Ela continuou com a sua exclamação até ele identificar a imagem, revelando logo a seguir ecolalia, “ah! O tomate”.

Depois perante a imagem respetiva disse: “ah! O balão”. O adulto começou a cantar a canção: “O balão do João”, mas a criança não o quis verbalizando de imediato: “não quer aqui, não quer aqui”. Assim sendo, ele passou-lhe outra imagem, e ela a nomeou: “bola”. Olhando para um novo cartão disse: “o pin quer pato” revelando de seguida algum jargão. Também identificou outras imagens, dizendo: “Oh! Uma casa”, “uau é fixe a casa”, “Oh! A baleia”, “baleia”, “é grande!”, “Ah! O macaco”, “o macaco”, “ah! A tartaruga”, “bonita”, “oh! O Pinóquio”, “oh! O leão”, “O leão”, “é um animal”, “Ah! O vião” (avião) e apresentando jargão. Quando não conseguiu identificar a imagem questionou: “quê este?”, “o que é isto?” (no caso da imagem do dedo, no da luva e da pedra foi somente a segunda questão) e ela o repetiu (“o dedo”, “é uma luva”, “uma peredra”, “uma grande pedra”). Inclusive quando verbalizou: “o dedo” mostrou-o em si próprio. Aquando a criança viu a imagem de um bebé com o seu biberão questionou: “e o que é isto?” e logo respondeu a si própria dizendo: “é para beber...o leite”. Após mais jargão verbalizou: “deixa ver”, “é o bebé”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Com a imagem do livro na mão, a criança disse: “oh! O livro”, “Oh! O livro”, o adulto fez referência às histórias e ela acrescentou: “as histórias meninos, histórias”. Daí comentou que a Ilda contava na sala e ela proferiu: “a educadora Ilda”. Ao ver a imagem do ovo, comentou: “Ahh! O ovo”, “comer o ovo”, “é da galinha”. Diante da imagem de uma janela, ela referiu: “Oh! Uma casa”, e ao ser retificado pelo adulto ela corrigiu-se dizendo: “Ah! A janela”, “da casa”.

Depois olhando para a imagem de um carro disse: “Oh! O carro”, o adulto imitou o seu som “vrumm” e a criança apresentou ecolalia (“vrumm”) e naturalmente interrogou: “sabias?” após revelar jargão. Mirando o cartão de uma boneca questionou: “o que é este?”, o adulto retribuiu-lhe a questão e ela respondeu: “o boneco”, tendo sido discretamente corrigida por ele, reproduzindo corretamente: “uma boneca”.

Perante uma imagem de um cacho de uva, ela perguntou: “este?”, “que é este?” e acrescentou: “é roxo”, “purple”. O adulto respondeu-lhe: “são uvas”, e ela repetiu-o. Ao ver o cartão com umas botas, ela disse: “ohoh! Sapatos”, depois o adulto comentou que eram umas botas. Ela apresentou jargão, terminando por dizer: “as botas”.

O adulto fez uma pausa na sua ação, tentando modelar o pedido: “dá”. Mas ela não o verbalizou, no entanto com jargão e gestos demonstrou querer outro cartão, e ele o cedeu. Ela ao vê-lo disse: “oh! Uma cadeia” (cadeira), embora a imagem fosse de uma mesa. De forma indireta, ele retificou-a, comentando que lhe parecia ser uma mesa e ela revelou ecolalia (“uma mesa”, “acho”, “é uma mesa”).

Observando outro cartão, ela verbalizou: “boboleta”, e o facilitador reforçou-o através de uma canção alusiva. Olhando para as restantes imagens que ele tinha na mão, a criança vocalizava: “oh! oh!” e concomitantemente agarrou noutra que não identificou. De forma, bem explícita olhou para o adulto e inquiriu-o: “O que é isto?”. Ele deu-lhe resposta, e ela repetiu-o: “uma bolota”.

Em seguida, o adulto ofereceu-lhe a imagem do coelho a saltitar, e ela reconheceu-o. Por entre um discurso indecifrável foi perceptível a ele a frase: “o coelho”, “oh meu querido coelho”. Depois o cartão tinha um dado, e a criança novamente questionou o que era (“O que é isto?”). Ele lhe respondeu e ela o repetiu: “um dado”, acrescentando de seguida: “um quadrado”, então o adulto corrigiu-a solicitando que olhasse para a sua boca; ela fê-lo proferindo: “o dado”. Perante a imagem

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

de um barco na água, ela perguntou: “É! O que tá dentro da água?”. Reagindo a isso, ele falou-lhe sobre o barco, e ela verbalizou: “o barco”.

Houve mais uma imagem que a criança não estava a conseguir identificar, por isso fez a mesma questão ao adulto (“o que é isto?”) que lhe respondeu que era um pudim. Ela em ecolalia transmitiu: “é pudim” e ainda “delicioso”. Em seguida, nomeou a imagem do rato e da girafa. A primeira foi após revelar algum jargão que mencionou: “Oh! Quem é?”, “o rato” e a segunda, logo que a viu mencionou: “Oh! girafa”.

Detendo todos os cartões de imagens, o S. revelou jargão, tendo sido compreendido apenas por entre essa linguagem: “e agora...”. Ele começou a colocá-los no chão e olhando para o primeiro cartão questionou e respondeu: “que é isto? É a girafa”; no segundo fez a mesma pergunta e respondeu: “o rato”; no terceiro de novo a pergunta e replicou: “yammy delicioso”, o adulto nomeou-o e ele reproduziu-o: “o pudim”; depois colocou outra vez a referida questão e respondeu: “é água”, e o adulto aludiu: “o barco”, fazendo com que ele verbalizasse: “um barco”; continuou a fazer o mesmo com a imagem do dado (“o que é isto? O dado?”), e como o adulto falou sobre as pintinhas deste iniciou a sua contagem, o S. reiniciou sozinho contando do um até o dez corretamente, ainda fez a observação: “é do dado”; depois disse: “o coelho” e tendo o facilitador mencionado que ele comia cenouras, a criança reproduziu: “come as cenouras”.

Neste jogo, o adulto passava à criança as peças, e ela alinhava-as no chão ao mesmo tempo que questionava e respondia o que cada imagem representava. Neste sentido, a criança continuou com a mesma ação verbalizando após à questão: “que é este? É coelho!”; “O que é este? É a pota” (porta), ao ser corrigida verbalizou: “bater à porta”; “que é este? É o tomate”, “vermelho o tomate”, “comer pa salada”; “Que é este? Borboleta”, “borboleta”; “Que é isto? Pedra”.

Aquando falou da borboleta, o facilitador cantou-lhe uma canção alusiva e a criança estabeleceu o contacto visual mantendo-o quase até ao fim da mesma.

Posteriormente organizou de outra forma os cartões e apresentou jargão durante todo o processo. Discursava como se estivesse a comentar sobre as diferentes imagens, percebendo-se apenas algumas palavras, tais como: “o que é este?”; “esta é tomate”, “que é da água”, “esta é

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

pequena”, “não queres”, “não”, “enfim”, “a moda dos sapatos, das sapatilhas”, “aqui esta”, “este” e “ao pé da girafa”.

O adulto estabeleceu contacto físico tocando-lhe no ombro e quando ela o olhou explicou-lhe que se ela falasse mais devagar que ele a conseguiria entender, não obstante estaria ali para ouvi-la.

Chegando ao fim da intervenção, o adulto alertou-a e ela como normalmente não queria acabar, verbalizando: “não”, contudo ajudou-o a arrumar. Depois repetiu o “não” e disse: “não quer os parabéns”, por isso ele lhe explicou que a festa de aniversário tinha sido no dia anterior e que naquele dia já não haveria outra. Ainda verbalizou: “ajuda” enquanto arrumavam e ao ver o jogo das letras no armário apontou comentando: “maiúsculas”. E assim deu-se por concluída mais uma sessão.

11-05-2016

Junto à prateleira dos jogos no *playroom*, a criança olhou para o adulto e apontou para os jogos fazendo um pedido: “olha ali! Quero a alface”. Por isso, o facilitador com entusiasmo cedeu-lhe a caixa da comida.

Os dois ao mesmo nível, criança e adulto, começaram a procurar a alface na caixa, mas primeiro, ela encontrou uma fotografia de cenouras, nomeou-as (“cenouras”) e levou-as para a mesa, concomitantemente, o adulto falava sobre estas. Depois pegou na imagem seguinte e também se dirigiu para a mesa, dizendo: “uma maçã, uma, uma laranja”. O adulto corrigiu-a, pois não estava a conseguir identificar corretamente a foto em questão, assim ela nomeou-a acertadamente: “o tomate”.

Ela voltou a aproximar-se do adulto, olhando para as imagens que este passava, na incessante procura da alface e vocalizou: “ah ah!” aquando agarrou numa foto de peras. Continuou ao seu lado, mantendo-se atento aos cartões de imagens de entre os quais escolheu o da melancia. O adulto identificou-a oralmente, mencionando que era uma fruta deliciosa e a criança vocalizou: “yammy yammy yammy” e colocou o cartão no chão.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Entretanto, o facilitador encontrou a fotografia da alface e ofereceu-a à criança, porém já não lhe interessava, daí que a colocou à parte. Encaminhou-se para junto do armário e com muita excitação revelou jargão apontando para a prateleira. O adulto chegou-se a ela, tentando percebê-la, contudo a sua linguagem era incompreensível. Ele explicou-lhe que gostaria de ajudá-la, mas que não estava a entendê-la. Assim ela falou novamente e, dessa vez, já mais perceptível: “olha.. [palavras ilegíveis] ...o Rei Leão” e apontava para os brinquedos da prateleira, ainda acrescentou: “Ah!”.

Perante isto, o adulto foi buscar ao armário outra caixa de cartões e ao abri-la, junto da criança, ela retirou um. Mirando-o questionou: “o que é isto?” e logo respondeu: “o dedo”, pousou-o na mesa, ora olhando para este ora para o adulto que buscava o Rei Leão. De maneira que regressou para perto do facilitador para receber o que pretendia, verbalizando: “o leão”, “juba”. Seguidamente levou-o para a mesa onde colocou-o junto dos outros.

Visto que a criança já tinha o que desejava, o adulto ia guardar os restantes cartões na prateleira, mas ela foi ter com ele e agarrou em mais alguns levando-os para a mesa. Aí começou a distribuí-los de modo a formar letras isolando-se, e, por conseguinte, o adulto iniciou o *joining*.

Passado alguns minutos, espontaneamente a criança verbalizou: “a Patrulha Pata” e olhou para o facilitador. Ele comentou o que ela tinha dito e de imediato ofereceu-lhe o puzzle deste desenho animado. Ao vê-lo, a criança repetiu várias vezes (cinco vezes) o seu nome, até que o adulto fez alusão a uma das personagens e ela também o reproduziu (quatro vezes): “Marshall”. Depois ele começou a montá-lo em conjunto com a criança. Ela identificou erroneamente um dos cães como: “é o Chase”, por isso o adulto mostrou-lhe a sua respetiva imagem. Ainda comentou sobre o menino da série identificando-o, e ela repetiu-o: “o Ryder, a perna do Ryder”, depois disse: “o cão” e o adulto apresentou-lhe um fantoche de um cão.

A seguir, a criança desinteressou-se regressando à atividade anterior e de modo a impedi-la de entrar em exclusão, o adulto apresentou-lhe o fantoche do “Zuma”. O que não resultou por muito tempo, porque ela olhou para ele reproduziu o seu nome (“o Zuma”) e retornou ao jogo com os cartões.

Após algum tempo em isolamento e o adulto tentando o *joining*, a criança emitiu uma palavra indecifrável, todavia logo voltou à sua atividade. Mais tarde, ela apontou olhando para o que tinha

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

formado com os cartões, olhou para ele e disse: “baleia” repetindo-o mais do que uma vez (três vezes). Ele respondeu-lhe e ela repostou: “uma baleia”.

Depois foi em frente ao armário apontar para a prateleira para pedir-lhe: “é as letras”, estabelecendo contacto visual com o adulto. Quando o adulto lhe mostrou a caixa, ela referiu: “essas letras”. Em seguida, manifestou jargão e deu a volta à sala, regressando para junto do adulto para receber o que tinha solicitado. Assim, sentou-se no chão e despejou da caixa todas as peças do jogo.

A criança começou a organizar as peças com letras em linha, e o adulto ajudou-a passando-lhas enquanto esta permitiu. Porque a certa altura ela deixou de aceitá-las, indo ela própria buscá-las junto das restantes. Deste modo, ele recorreu ao *joining*.

De repente, a criança, que estava com o nariz sujo de ranho, olhou para o adulto e aproximou-se dizendo: “deixa eu limpar, deixa eu limpar”. Em seguida, baixou-se junto a ele e começou a participar no que ele fazia. Então, em par alinharam as letras com as imagens respetivas; indo buscá-las ao grande grupo das peças. Ao retirar uma peça com a letra “z”, ela identificou-a oralmente, e enquanto o adulto procurava a imagem que lhe correspondia, ela referiu naturalmente: “a Beatriz”.

Na verdade, ela pretendia escrever esse nome com as letras, por isso o adulto auxiliou-a com a procura das necessárias. Contudo, ela não aceitou completamente a sua ajuda. O que se pôde comprovar quando o adulto tentou corrigi-la no que concerne à ordem que ela estava a dar às letras, através dos repetidos “nãos” (duas vezes). Não obstante, enquanto construía ela verbalizou: “b”.

Ao concluir o nome, o adulto agradeceu-lhe por o permitir participar e questionou-a se queria continuar construindo o nome de outros colegas. Ela manuseando as letras deu-lhe uma resposta negativa, depois parou olhando para as personagens Disney que estavam na parede e olhou-o fugidamente.

Perante isto, o adulto convidou-a a participar num jogo e explicou-o, no entanto, ela não demonstrou interesse, retornando à sua atividade. Manteve-se sozinha nesta por alguns minutos, posteriormente aproximou-se dele e demonstrou-se interessada pela organização que ele tinha dado às suas peças. Ele começou a criar uma história com base nelas, e ela repetiu: “pato”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Realçando este animal, o adulto cantou uma canção alusiva e a criança imitou o seu grasnar, “qua”. Visando alargar a interação, ele recorreu a um fantoche de pato para continuar a canção, o qual cativou o contacto visual da criança emitindo: “pato”. Ela inclusive agarrou-o, tendo o facilitador lhe perguntado se o queria experimentar. Mas, ela nada respondeu, demonstrando-se incomodado com algo e transmitiu de novo: “quero limpar”. O adulto ao verificar que ela estava a referir-se ao nariz, ajudou-o a assoar-se.

Posteriormente, voltou ao jogo de exclusão e o adulto ao *joining* com o adereço - chapéu de pássaro, visando com este atrair o interesse da criança e consequentemente o seu contacto ocular. Após um certo tempo, ela olhou para ele, sorriu e disse: “o passarinho”. Depois aproximou-se e manifestando jargão agarrou o passarinho, enquanto que o adulto reagiu fazendo-lhe cócegas na barriga com o seu bico. A criança permaneceu com o contacto visual, então o outro encenou o pássaro a voar e disse-lhe que o levaria com ele, pegando-o ao colo.

Assim, ele deu voltas à sala fingindo que estava voando com a criança ao colo, e ela sorria demonstrando-se satisfeita com a brincadeira. Depois sentou-se na bola de pilates e começou a saltar com ela ao colo, e ela ria-se à gargalhada. Ao vê-la tão motivada fez uma pausa para que esta pedisse-lhe que voasse de novo, mas esta não disse nada apenas fazia um movimento indicador da sua vontade de continuar com a ação.

Depois ela desceu do colo e sentada no chão pediu: “roda”. Colocou todas as peças do jogo das letras na arca com a ajuda do adulto, e entrou por fim lá para dentro. Ele questionou-a se estava pronta, e a criança respondeu: “roda”. Ao rodá-la ela riu-se à gargalhada. Em seguida, ele pousou-a em cima da mesa, e o S. agarrou nos cartões que lá estavam e colocou-os também na arca.

Nesse momento, o adulto tentou modelar o verbo “dar”, mas a criança preferiu estender o braço de modo a indicar o que pretendia. Por isso, ele fingiu não estar a perceber o que ela comunicava e apontando para os cartões perguntou qual deles é que ela desejava. Ela respondeu: “dacolá” e que “não” três vezes e depois proferiu: “quer o dinossauro”. Voltou a pedir apontando e tentando levar a mão do adulto ao que queria. Todavia, quando o adulto questionou-a dando-lhe duas hipóteses de resposta, ela verbalizou: “o Pinóquio”, e ele facultou-lho. Ela ainda pediu outro cartão verbalizando: “dá” o que foi festejado por ele.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Em seguida, sentou-se na arca pronta para viajar e disse: “roda”, e ele a rodou com os 3Es. Parou novamente e, sob o olhar atento da criança, mudou de adereço, colocando a coroa do “olá/adeus”. Depois cumprimentou as personagens que estavam expostas nos lugares respetivos ao “olá” e ao “adeus”, e foi buscar o Pato Donald ao armário para que ela o pusesse no local adequado após ao voo. Explicou-lhe que quando desejasse só precisava de dizer: “roda”.

Contudo, ela ficou por alguns segundos a observar a imagem do personagem e quis outro jogo que avistou na prateleira, o jogo das vogais. Assim saiu da arca e foi para o chão com este. Somente lhe interessava as vogais deste jogo, as restantes peças, ela deixava à parte e ele usou-as quando recorreu ao *joining*.

Finalmente ela abriu um pequeno espaço de interação ao estabelecer contacto visual. Daí o adulto ter aproveitado para convidá-la a participar no seu jogo. Seguidamente cantou-lhe uma canção sobre as vogais, inicialmente ela aceitou que ele cantasse, mas mais para o fim da canção mostrou-se intolerante (“não, não, não”).

Depois a criança afastou-se dele dirigindo-se para junto do armário. Primeiro, olhou e apontou para as folhas que estavam na parede expostas com os personagens da Disney e em segundo para a prateleira. O adulto fez-se notar, referindo que estava ali para o que ela precisasse e assim ela verbalizou: “o Donald”, estabelecendo contacto ocular. Ele dando-lhe resposta rápida começou a procurá-lo na prateleira e ela acompanho-o com o olhar.

Ao encontrá-lo, o adulto entregou-lho e ela voltou para o chão para perto das vogais com que brincava anteriormente. Afinal ela não queria este personagem, apenas pretendia usar o bostick que este tinha para afixar as vogais na parede. Ele ao verificá-lo auxiliou-a a fazê-lo. Quando o adulto o chamou a atenção por causa da pouca quantidade de bostick que estava a colocar em algumas peças, ela estabeleceu contacto ocular e verbalizou: “não”.

Quando estava a afixar as peças na parede, o adulto rogou-se para ajudar o S., mas ele não permitiu compenetrando-se no que fazia e verbalizando: “não”. Por isso o adulto reiniciou o *joining*.

De repente a criança perguntou: “o “o””, movimentando-se como se estivesse a procurá-lo. Aquando o adulto respondeu-lhe, ela olhou para ele, e ao perceber que afinal o que ela pretendia era bostick para colocá-lo na parede (porque tinha-o na mão), provocou-a a pedi-lo e ela fê-lo: “quero

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

bostick”. Então, ele cedeu-lhe o que ela o solicitara e ajudou-a a fixar as peças. Em seguida, ela virou-se para a prateleira e pediu algo que o adulto não percebeu. Por isso ela repetiu-o até ele compreender que ela estava a dizer: “a Alice”.

Aquando buscava a história, o adulto mostrou-lhe outra, questionando-a se queria conhecê-la, porém a criança respondeu negativamente (“não”). De forma que ele lhe facultou o livro pedido.

Ao abrir o livro, ela começou a vocalizar: “a a a a”. Seguidamente, o facilitador iniciou a leitura e ela acompanhou-a com contacto visual, e por vezes fisicamente virando a página. Assim, o adulto ao passá-la, dava-lhe um espaço de tempo para que observasse a ilustração e se quisesse fazer algum comentário antes de ele prosseguir com a leitura. Ela ao ver o burro num paraquedas disse: “tchau burro”.

Depois passou algumas folhas de uma vez revelando jargão. Perante isto, o adulto tentou moldar algumas palavras, obtendo a repetição de: “máquina fotográfica”. Voltou a virar as folhas uma a uma e, a cada uma que passava a criança exclamava: “oh!...” e continuava com jargão, sendo perceptível a palavra: “Ah! A Alice vai à festa” perante a ilustração de pessoas com instrumentos musicais. Mais à frente, também conseguiu-se perceber: “burro”; “a língua de fora”, “a foto”; “...as cores pode ser...”, “tiraram uma foto”, “quer ver a Alice”, “já está”. Ela manteve o contacto visual do princípio ao fim da exploração da história apresentando jargão como se contasse a história.

Diante deste interesse, o adulto questionou-a se queria ver a história: “d” de Daniel”, embora nada respondesse ela persistiu com o contacto visual. Por isso, ele apresentou-lhe o livro e ao mostrar-lhe a sua capa a criança disse: “olha!”, “tem um nome?”. Continuando a sua exploração, a cada página que ela virava exclamava novamente: “Oh!” e em seguida manifestava uma linguagem idiossincrática como se estivesse a contar a história (“mais uma”, “o pai e a mãe”). Não obstante, algumas (poucas) das palavras proferidas foram perceptíveis, tais como: “Daniel”; “dinossauro”; “voou”, “Deco” e “domedário”; “dálmata”; “mãe” e “abecedário”. Conseguiu nesta história o mesmo feito que na anterior, permanecer atento durante a exploração de toda a história. No final, quis voltar novamente à capa do livro e exclamou: “oh! O Daniel”; “Oh! Acabou o Daniel.”

Depois deitou o livro no chão e apontou para os outros que estavam na prateleira recorrendo ao jargão. O adulto tentou descobrir qual deles ela desejava, apresentando-lhe o do crocodilo Sr.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Croc. Ela aceitou e juntamente com a leitura do adulto ela explorou-o de acordo com as indicações do mesmo, puxando pelas setas que davam movimento à personagem. Todavia não subsistiu por muito tempo, indo até junto das letras que expusera na parede, onde ainda revelou ecolalia do que o adulto estava a contar na história, “estás pronto senhor?”.

Chegando ao fim da sessão, o adulto informou à criança dizendo: “S. temos de arrumar. Tá bem?” e ela replicou: “Tá bem!” e começou a fazê-lo. E assim terminou mais uma sessão.

13-05-2016

Como já vem sendo hábito, o S. chegou à sala e dirigiu-se de imediato para a frente do armário, apontou para lá, olhou para o adulto e sorriu. Em seguida afastou-se, indo até ao outro lado da sala. O facilitador interpelou-o acerca do que ansiava, especificando se seria as bolas de sabão, e a criança lançou-lhe um olhar desviante. Demonstrando-se desinteressada, verbalizou: “Margarida” olhando para a folha que estava fixa na parede onde estava escrito esse nome.

Perante isto, o adulto foi ao armário buscar a imagem dessa personagem, mas antes chamou-lhe a atenção para o que estava escrito no cimo da folha, o “olá”. Colocou a coroa do cumprimento e valorou celebrando o facto de ela estar a olhar para ele. Por fim, apresentou-lhe a personagem solicitada e convidou-a a colocá-la no lugar correspondente, e ela mais uma vez reproduziu: “A Margarida”. Depois também disse: “O Donald”, e ele retorquiu que posteriormente o concederia.

Pegou-a ao colo e imitando o galope foi até à parede onde estava a folha com o intuito de pôr a imagem no seu respetivo lugar. Lá estimulou-a a dizer “olá” à Margarida, porém ela apenas verbalizou o seu nome (“a Margarida”). Seguidamente, ela apontou para a prateleira e pediu: “o Donald”, por isso ele facultou-o.

O facilitador repetiu a mesma ação que tinha realizado com a Margarida, e a criança riu-se, concluindo com a colocação do personagem na folha de papel no local correspondente. Mais uma vez, ele encorajou-a a cumprimentá-lo. Desta vez, ela verbalizou-o: “olá”, revelando de seguida algum jargão. Ainda no colo, ela solicitou: “o Mickey” apontando para o seu nome escrito também na folha.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Como a criança demonstrou-se motivada na atividade, o adulto decidiu desafiá-la solicitando-lhe que verbalizasse: “olá” ao Mickey. No entanto, ela insistiu em repetir, por duas vezes, o nome do personagem ao invés de cumprimentá-lo. Aquando observou que ela estava prestes a desistir da atividade interativa, ele pegou-a ao colo repetindo a ação e moldando o cumprimento. E ela colocou-o no respetivo local dizendo: “o Mickey”.

Posteriormente, o adulto apontando para cada uma das imagens individualmente inquiriu-a sobre como se chamava cada personagem, e ela respondeu corretamente dizendo: “Mickey”, “o Donald” e “a Margarida”. Persistindo na interação, o adulto explorou o que estava exposto, ou seja, as duas folhas categorizadas pela saudação inicial (olá) e pela saudação de despedida (adeus), nas quais estavam dispostas as diferentes personagens da Disney.

Perdurando a atividade, o trabalho a desenvolver desta vez seria em relação à despedida, por isso a ação consistiria em dizer “adeus” a cada personagem individualmente e levá-la a “galope” para o outro lado da sala onde também seria afixada na parede. Deste modo, a primeira personagem a ser transportada foi o Pluto, e a criança proferiu o seu nome (“Pluto”). O adulto ofereceu-lhe esta ação sem nada pedir em troca, contudo encorajou-a a despedir-se fazendo-o servindo de modelo.

No outro lado da sala, o adulto incitou a criança a colocar a imagem na parede, mas ela verbalizou: “não”, de modo que a levou a diferentes espaços da sala para que lhe indicasse onde queria afixá-la. O local escolhido foi junto à Margarida, isto é, na folha referente ao “olá”. Ao afixá-lo mencionou: “o Pluto”.

O adulto, voltou a oferecer-lhe a mesma ação, mas agora com outra personagem, tendo ela verbalizado: “a Minnie”. Ele continuou a fomentar o uso da palavra “adeus” para se despedir, todavia ela não a aplicou. Escolheu o mesmo lugar que escolheu para o Pluto e colocou-a mesmo abaixo dele. Depois, aquando “galopava” ao colo do facilitador, ela pediu: “o Pateta”.

Mais uma vez, o adulto tentou modelar a palavra “adeus” com a ação motivadora, porém a criança não a produziu, apenas dizia: “O Pateta, o Pateta”. Veio a afixar a imagem por baixo das restantes.

Posteriormente, o adulto colocou a no chão e ela olhou-o apontando para a prateleira verbalizando uma frase que ele não ouviu no momento, que era: “é bola”. Ele explicou-lhe que não

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

tinha compreendido, pedindo-lhe que repetisse dizendo: “quero...” e ela concluiu a frase repostando: “o abecedário” persistindo com o contacto visual. Por isso, ele concedeu-lhe o que ela ambicionava com rapidez, demonstrando-lhe a eficácia da linguagem oral.

Abanando a caixa de forma divertida apresentou-a. Ela, antes de a receber, girou sobre si própria enunciando o início do abecedário incorretamente: “abcdi”, e ele continuou a enuncia-lo retificando-o até ceder-lhe a caixa. Ela agarrou-a e levou-a para a mesa.

À mesa, disse algo com jargão e depois: “ah! As letras”. Ao ser interpelada pelo adulto sobre o que queria, ela respondeu de imediato: “o abecedário”, pois este ainda estava fechado dentro da caixa e ela precisava de ajuda para abri-la. Com o intuito de fazê-la pedir verbalmente o que efetivamente pretendia, o adulto fingiu não estar a percebê-la. Contudo, após dar-lhe algum tempo para que tentasse comunicar a sua necessidade, incitou-a a solicitar: “abre”. Porém, ela não o fez, cantarolando o abecedário de novo de forma incorreta: “abcdi”, logo depois reforçou: “queres o abecedário”, e ele outra vez tentou modelar. Ela ainda acrescentou: “queres”, “o Daniel”.

Diante disto, o adulto facultou-lhe a história: “”D” de Daniel”, mostrando-lhe o abecedário presente na contracapa. Em seguida, iniciou a leitura da mesma, pois a criança mostrou-se interessada perseverando o contacto visual estabelecido. Enquanto o facilitador fez uma pausa na leitura, a criança apontou para a palavra escrita “Daniel” e verbalizou-a. Ao virar a folha, ela apontou também para a personagem na ilustração e emitiu: “Oh! O Daniel”.

O adulto seguia com a leitura, quando ela agarrou na caixa das letras e disse: “queres”. Então, ele questionou-a acerca do que desejava e ela repostou: “o abecedário”. Novamente encorajou-a a dizer: “abre”, todavia ela rejeitou fazê-lo dizendo: “não”. Abanando a caixa, derramou algumas letras para cima da mesa, ela contente manifestou jargão. Começou a organizá-las à sua maneira, persistindo com a linguagem impercetível de entre a qual conseguiu-se perceber: “estrelas do dinossauro”.

Deste modo, o adulto ofereceu-se para continuar com a leitura da história. E assim o fez, embora por pouco tempo, porque logo a criança desinteressou-se voltando para o seu jogo. Ante a sua atitude, ele perguntou-lhe se podia guardar o livro “”D” de Daniel” e ela apenas repetiu o nome:

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

“O Daniel”. Daí o facilitador ter avançado com o conto da história e, ela ao observar a ilustração referiu: “Oh oh! O cão”.

Tal como normalmente, ele, aplicando os 3Es visando o crescente interesse da criança por socializar consigo, cantou-lhe uma canção relacionada com os dinossauros. No entanto, ela desviou o olhar para as letras. Dada a sua atitude, o adulto questionou-a novamente se deveria guardar a história, e ela, mais uma vez, repostou: “Daniel”.

Posto isto, o adulto voltou a abrir o livro na página que havia suspenso a leitura, e ela verbalizou: “o cão”; bem como apresentou ecolalia de algumas palavras proferidas pelo facilitador aquando comentava a imagem (“Oh! Os dedos.”, “Os dentes”). Ela fê-lo sem olhar para o adulto, por isso ele colocou uns óculos de sol vistosos para reverter a situação, atraindo o seu contacto visual desta maneira. O facilitador sugeriu-lhe que os experimentasse, mas ela respondeu-lhe: “não é preciso, não é preciso.”. Não mantendo o contacto visual por muito tempo.

A criança parecia preferir brincar com as letras do que explorar a história, revelando-se compenetrada na sua tarefa e manifestando jargão. De modo que ele pô-la, a história, de parte. De repente, ela olhou para o facilitador e exclamou: “É o Daniel”, este explicou-lhe porque havia assumido aquele comportamento ao mesmo tempo que alcançava o livro para voltar à história.

Esponaneamente, ela disse: “oh! queres os dentes” com olhar atento na mesma. Ao virar da página, o adulto vocalizou um som que transmitia a ideia de delicioso e ela, persistindo com o contacto visual, de imediato referiu: “ah! Um bolo”. Então ele perguntou-lhe onde estava o bolo e, porque ela respondeu-lhe em jargão, ele deu-lhe a resposta que esperava. Em seguida, recorreu à ecolalia: “os golfinhos”.

Após ele os representar exageradamente, ela questionou olhando para a ilustração: “onde está a boca?”, e ele mostrou-lhe apontando na imagem. Ela ainda replicou “tá bem” por duas vezes. O adulto continuou a fazer a descrição das ilustrações, enquanto a criança ora lhes dava atenção ora dava às letras.

Perante isto, ele pôs o livro de parte, todavia ela, muito depressa, agarrou-o dizendo: “o Daniel”. Apontou para o título do mesmo e reproduziu: “ “D” Daniel”. Depois abriu-o e começou a contá-lo dizendo: “olha!” continuando com jargão. Durante a manifestação deste tipo de linguagem

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

houve algumas palavras e frases que foram claras para o adulto, a saber: “olha o Daniel”, “abecedário”, “dinossauro” e “Daniel cima do dinossauro”.

Posteriormente, a criança arrumou a história e retomou a sua atividade com as letras. Ele aproveitou para prolongar a interação, enquanto ela ainda não estava em exclusão e assim sugeriu que em conjunto escrevessem o nome do personagem. Ela aceitou recebendo do adulto algumas das letras necessárias a esse fim, ao mesmo tempo que ele proferia o nome delas. Com a palavra concluída, a criança disse: “Daniel”, e o facilitador agradeceu-lhe por ter permitido a sua participação na tarefa. O adulto acrescentou a letra “o” e ela prontamente disse: “o Daniel”.

Em seguida, a criança foi mexer num caixote de lixo (restos de materiais usados na sala) e disse: “olha!”. Quando o adulto reagiu, olhando para ela e para o que estava a fazer, ela verbalizou de modo a partilhar o que tinha encontrado, “Gustavo” (molde em papel autocolante desse nome). Ele ajudou-a a colocá-lo na mesa e logo surgiu com outro, dizendo: “o Daniel”. Depois exclamou: “oh! Leonor”. Ao mesmo tempo que o facilitador ajeitava esses moldes dos nomes dos colegas na mesa, ela aparecia com um outro, “oh! Magarida”. Quando o colocava verbalizava o nome silabicamente (“Mar-ga-ri-da”).

Como o adulto estava a segurar em alguns desses moldes, a criança ao finalizar de compor o da Margarida, pediu-lhe: “Gustavo”, e ele facultou-o, seguidamente solicitou: “Leonor” e ainda o “Daniel”. Por fim, retornou ao caixote, observando: “oh! a Beatriz” e, para além deste, retirou outro sobre o qual nada pronunciou. Por isso, ele sugeriu-lhe que o colocasse na mesa, como os restantes, com o intuito de a poder auxiliar a identificar de que nome se tratava. Deste modo, ao dar-lhe como pista a sua letra inicial, a criança logo descobriu o nome, “Íris”. Ainda apresentou outros dois moldes, “o Jéssica” e “o Tiago” disse ela. O adulto tentava corrigi-la indiretamente, mas nem sempre ela o repetia.

Aquando o adulto comentou sobre os diferentes nomes, a criança apresentou ecolalia: “os amigos”. Ainda acrescentou à lista, o nome: “Francisco” e referiu de novo “Tiago” bem como “Jéssica”, aquando manuseava o molde de “Guilherme” ela referiu-se a esta última. Daí o adulto a ter retificado, verbalizando o nome correto. Ela repetiu os dois nomes apontando adequadamente para os moldes. Ao manusear o modelo do nome “Íris”, ela o verbalizou.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Por fim, ela apontou para cada um dos modelos e identificou-os verbalmente (“Margarida”, “Gustavo”, “a Leonor”, “o Daniel”, “oh! A Beatriz”, “Ah! Íris”). Seguidamente começou a escrever o nome: “Daniel” com as letras do jogo, e o adulto, a posteriori, sugeriu que escrevesse o seu próprio nome com a sua ajuda. E, assim o fez verbalizando: “escreve”; o adulto procurava a letra necessária no conjunto de letras, identificando-as e ela repetia-o (“um “t””, “t”). Concluído o seu nome, o adulto nomeou-o e ela repetiu-o.

Mais tarde, isolou-se no chão organizando letras e o outro realizou o *joining*. Voltou à mesa, e apontando para os nomes lá expostos verbalizou primeiro uma palavra fora de contexto: “uva”, depois “a Beatriz”, “Daniel” (o adulto mostrou-lhe a história e ele olhou fugazmente), “Leonor”, “o Gustavo” e “Margarida”.

Perante isto, o adulto colocou o a coroa do “olá/adeus” e começou a dançar transmitindo que iria cumprimentar e enunciou o nome dos amigos que estavam fixos na mesa. Tendo em atenção o grande interesse da criança pelas letras, ele escreveu “olá”, o que a atraiu fazendo com que se aproximasse e sentasse-se no seu colo ajudando-a a montá-lo.

Colocando as letras conjuntamente, ele mencionou a letra maiúscula, tendo ela reproduzido: ““a” maiúsculo”. Assim, o facilitador explicou-lhe o porquê de usar essa letra, e brincando cumprimentou as letras. Após usar o: “olá”, ela repetiu-o.

Em seguida, o facilitador comentou que parecia um “u” o que ela estava a manusear e ela disse-o várias vezes, “o “u””. Ainda referiu: ““u” “a””, “uá uá”, apontando para as letras e ela revelou ecolalia. Ao dizê-lo mais rápido, comentou parecer o som de um macaco e ela o reproduziu, “o macaco”. Ainda acrescentou que ele gostava de banana e ela verbalizou também esse nome (“banana”). Aquando ele realçou que é um fruto delicioso, a criança apontou e perguntou: “queres a banana?”.

Manuseando as letras, no colo do adulto, a criança revelou jargão: “azulele azulera”. Assim, o adulto comentou que a letra era azul, fazendo a associação daquele som incompreensível a uma palavra perceptível; ela mais uma vez apresentou ecolalia (“azul”). Daí ele cantar a canção das cores, a qual a criança tolerou.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Depois ela verbalizou “z” em inglês, então o adulto disse-lhe em português fazendo referência à zebra. E assim, ela emitiu: “uma zebra, uma zebra”. Tentando estabelecer uma conversação, o adulto continuou a falar acerca desse tema, todavia ela respondeu-lhe em jargão, com algumas palavras/frases em ecolalia (“parecia, parecia um cavalo”, “riscas”; “branco”; “animal pijama”). Por fim, começou a cantarolar: “a zebra, a zebra zebra, a zebra”.

Espontaneamente, verbalizou de novo: “olá aqui” e voltou a cantarolar a mesma cantilena da zebra (“a zebra, a zebra zebra, a zebra”). O adulto incitou a articulação correta da palavra, e ela repetiu, todavia de forma menos correta. Em seguida, verbalizou: “banana”, por isso ele foi buscar ao armário o cartão dessa fruta.

Enquanto ele o procurava, o S. brincava com as letras. Quando lho apresentou, a criança olhou, porém, afastou-o retornando à sua atividade inicial. Tentando que perdurasse em interação, o adulto procurou a imagem do macaco que tinha referido para lhe facultar, e ela olhou-o fugazmente. Ao mostrar-lhe a imagem da zebra, ela nomeou-a (“a zebra”).

Por fim, ajudou-a a organizar as letras em linha, chegando deste modo ao término de mais um dia de sessão.

16-05-2016

A primeira coisa que o S. fez ao chegar à sala foi deslocar-se em direção à prateleira. Lá apontou para os jogos e disse: “olha! As letras”, o adulto repostou algo, e a criança acrescentou: “o “a””. Por isso, ele concedeu-lhe o que ela solicitou imediatamente.

Foram ambos se sentar no chão para iniciar o jogo. O adulto começou por mostrar-lhe algumas peças ao mesmo tempo que lhe falava sobre elas. Ao oferecer-lhe uma das peças com imagens, a criança disse: “não” e manuseando a peça correspondente à letra “i” indicou: “o “i””.

Deste modo, o adulto percebeu que ela desejava apenas as peças com letras, por isso transmitiu-lhe que somente as passaria. E assim foi! A criança aceitou, mas escolhia as que pretendia, pois, normalmente, organizava as letras de maneira a formar um nome. Aceitou o “u”, verbalizando: “o “u”” após o adulto referi-lo.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

De repente, a criança levantou-se do chão e caminhando para a frente do armário apontou para lá dizendo: “Francisca”, “a Francisca”. O facilitador acompanhou-a apresentando-lhe um crocodilo fantoche o qual batizou com esse nome. Aquando o viu de perto, ela demonstrando-se satisfeita através da sua expressão facial risonha, tocou-lhe explorando-o e referiu: “crocodilo, o crocodilo”.

Não obstante, logo voltou a dirigir o seu olhar para a prateleira emitindo: “não queres, não queres” e insistiu com a sua solicitação anterior quando o outro o questionou sobre o que queria (“a Francisca”). Daí que o adulto tenha guardado o fantoche e lhe apresentado um livro com várias crianças, referindo que havia uma Francisca entre elas.

Muito atenta, a criança mantinha-se a olhar para a história e a escutar o adulto que contava a história baseando-se nas imagens da mesma. Quando havia alguma parte que não lhe interessava, ela própria virava as folhas avançando. Mirando uma ilustração de uma televisão, ela apontou e nomeou-a: “ah! Uma televisão”. Ela permaneceu por mais alguns minutos nesta interação, todavia regressou ao jogo das letras.

Chamando a atenção do adulto, ela verbalizou: “oh! olha!”, por isso ele aproximou-se dela, e ela partilhou: “olha” mostrando-lhe a letra “j”. Nesta sequência, ele referiu o nome da letra e associou-a à palavra javali, tendo a criança reproduzido: “javali”. Depois cantou uma canção sobre este animal, e ela repetiu o nome ao mesmo tempo que encaixava a peça a outra com a letra correspondente.

Em seguida, o adulto passou-lhe outra peça com imagem, e a criança identificou-a verbalmente: “o sol, o sol, o sol” e também a encaixou. Atraindo-a para que olhasse para outra peça, ele recorreu de novo à música, a criança pegou-a mostrou-lha dizendo: “olha” e repetiu o que ele repostou, “é o tambor”. Após montar o puzzle do tambor, ambos fingiram estar a tocar este instrumento batendo com as mãos no chão e vocalizando o seu som, “Pum Pum Pum”. Falando sobre o mesmo, a criança revelou ecolalia do adulto (“ /t/ de tambor”).

Dando continuidade à interação, o facilitador animadamente apresentou-lhe a imagem da mala falando-lhe sobre esta, e a criança disse: “é uma mala”. O adulto acrescentou que era uma mala de viagem, tendo ela revelado ecolalia: “de viaem”. Perante a incorreta articulação da palavra, ele

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

corrigiu-a e ela reproduziu-a novamente de forma correta: “viagem”. Continuando com a temática, a criança novamente recorreu à ecolalia na frase seguinte: “de mala” aquando montava as peças e, ainda acrescentou: “o “m”” e “mala”.

O adulto ao passar-lhe a peça com o iglô nomeou-a e ela repetiu-o (“o iglô”). Ele ia dar-lhe outra, mas ela não a aceitou (“não”). Não obstante, ela partilhou com ele a que escolhera, olhando-o e exclamando: “olha o...”. Em resposta, ele nomeou a imagem que ela lhe mostrava, e ela repetiu-o: “xilofone”. Seguidamente agarrou numa peça e levantou-se identificando-a: “o “e””. Voltou-se a sentar junto ao adulto que referiu ter encontrado a letra “x” de xilofone, e ela reproduziu, de novo, o nome do instrumento musical.

De entre as várias imagens do jogo, ela escolheu uma com a lua verbalizando-a, “a lua”. O facilitador falou-lhe dela, tendo obtido resposta em jargão. Em simultâneo procurava o “l” e ao descrever-lhe o que fazia, a criança recorreu à ecolalia, “um “l””, e também verbalizou a cor da lua “amarela”.

Ao longo deste jogo a criança estava com o olhar muito centrado nas peças, porém quando o adulto representava alguma situação, fazendo movimentos mais exagerados, conseguia cativar o seu contacto ocular.

Posteriormente, a criança interessou-se pelo cartaz exposto na parede referente ao “olá”, onde estavam presentes as diferentes personagens Disney. Portanto o adulto colocou a coroa “olá/adeus” e cativou o seu contacto ocular. Mostrou-lhe na coroa as letras que compunham a saudação “olá” e cumprimentou-o. Seguidamente, começou a cumprimentar as personagens incitando-a também a fazê-lo, no entanto ela só verbalizou: “o Pateta” e retornou aos puzzles.

Com a imagem de um queijo na mão, ela disse: “ah! Um queijo” mostrando-a ao adulto. Por sua vez, ele comentou que era um alimento saborosa e cedeu-lhe a peça que se ajustava a esta, com a letra relativa. Depois agarrou noutra peça, encostou-se ao facilitador e apresentou-lha referindo: “olha!”. Diante da sua atitude, ele agradeceu-a com os 3Es e em seguida comentou acerca da imagem, nomeando-a. Ela reproduziu: “a nuvem”, “nuvens”.

Mal montou o puzzle da nuvem quis fazer outro, então alcançou a peça de uma árvore e mencionou: “ah! Uma árvore”. O adulto falou-lhe sobre a mesma e ela replicou algo que foi

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

compreendido como: “quero fazer” ao mesmo tempo que tentava encaixar a parte do jogo concernente à letra. O facilitador ajudou-a a alcançar a peça adequada, porque ela estava a colocar a incorreta.

Continuando com o jogo, ela pegou em outra peça e proferiu: “oh! O ursinho”. O facilitador ao descrevê-lo fez referência ao abraço, tendo concretizado esta ideia abraçando a criança, e ela permitiu-o. Não obstante, logo voltou a ajustar as peças da imagem à da letra, e de novo reiniciou a ação.

Desta vez ergueu a peça e deu uma risada. O adulto ao olhar para a imagem nomeou-a, e ela o repetiu: “bota”, “um sapato” avançando com jargão. Após encaixá-la na peça adequada, buscou outra imagem e olhando para o adulto questionou: “oh! O que é que é este?”. Ele reatribuiu-lhe a questão, e ela repostou-lhe com jargão, persistindo com o contacto ocular. Depois ele mencionou que o animal presente na imagem estava no gelo, tendo ela apresentado ecolalia: “no gelo”. Seguindo com o jargão gesticulava dirigindo-se para as várias imagens como se estivesse a dizer algo sobre elas, por entre o qual percebeu-se que havia repetido “no gelo”.

Passando para outra imagem perguntou algo que foi compreendido pelo adulto, apesar de a criança não ter usado palavras muito claras, como: “o que tem o relógio?”. Ele respondeu-lhe que tinha números, mostrando-lhe o seu. Ante isto, a criança olhou-o e revelou jargão, desviando o seu olhar para as restantes peças, sobressaindo apenas: “relógio” e “assim é o puzzle”. Ela estava à procura da peça que encaixava na que tinha, ao encontrá-la ajustou-a no seu devido lugar, enquanto o adulto comentava-o. A criança mais uma vez começou com uma linguagem impercetível terminando com: “preciso do “r” de relógio. Tá bem?”.

Pegou de novo na imagem do iglô e disse para o adulto: “olha, do iglô falta tudo” continuando a frase com uma linguagem indecifrável. Ele observando a imagem indicou-lhe o que era, e ela o reproduziu: “um iglô”. Tendo em conta a imagem, ele perguntou-lhe se pretendia a peça “i” ao que respondeu negativamente, por isso ele explicou-lhe que não a passaria e mencionou onde a deixaria. Ela revelou ecolalia: “então fica aqui” e acrescentou livremente “depois colocar aqui”.

Mostrando ao adulto a imagem de um golfinho, a criança por entre o jargão identificou-a erroneamente; “a baleia”. Assim, ele corrigiu-a e ela repetiu-o: “uma golfinho”. Ainda, ao tentar

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

retificá-la quanto à concordância do determinante relativamente ao nome, ela apontou para a peça verbalizando: “a baleia” tendo insistido com isso, mesmo após o facilitador informá-la que era um golfinho. Ela somente referiu-se a esta imagem como golfinho depois de ele o ter representado, dramatizando os seus mergulhos, aquando encaixava a letra correspondente.

Transmitindo algo em jargão, a criança mostrou-lhe outra vez a imagem do iglô que ainda faltava completar com a letra correspondente (“é com este”). Por isso, o adulto indicou-lhe a letra, e ela encaixou-a. Falando-lhe deste a criança repetiu: “é frio” por entre jargão.

Empunhando nova imagem proferiu: “olha este [palavras inatingíveis ao adulto] da mesma estrela”. O adulto comentou-o e concedeu-lhe a letra complementar, todavia ela não a aceitou. Por isso, ofereceu-lhe outra peça de forma divertida, a qual ela nomeou: “uma zebra”.

Em seguida, ela levantou-se e exclamou: “olha!” ao mesmo tempo que retirava as personagens da Disney da parede repondo-as noutra posição. Deste modo, o adulto foi ao seu encontro descrevendo o que ela fazia. E ela disse: “oh! O Mickey”, mas estava a segurar no Pluto, tendo o adulto a corrigido. Depois, a criança colocou-os em linha e ele ajudou-a identificando cada personagem. Quando o adulto parou, ela questionou: “Oh! Que é que é este?”. Aquando recolocava o Pateta, após cair ao chão, verbalizou o seu nome: “é um Pateta”. O adulto comentou a situação e ela retorquiu: “caiu lá”. Voltou a cair e ela mencionou: “Oh! olha, caiu po chão” e continuou com jargão.

A criança estava com alguma dificuldade em afixar o Pateta à parede e demonstrou-o vocalizando alguns sons de desagrado (“quer, não! Aaahh”). Perante isso o adulto ajudou-a, depois pegou-a ao colo e juntos saltaram na bola de pilates. Ela olhou para o espelho sorrindo e emitiu sons de satisfação (“ieeé”).

Em seguida desceu do colo e voltou para perto das personagens. Apontou para as restantes personagens que não conseguia alcançar e pediu ao adulto: “aquele”. Por sua vez, ele questionou-a sobre qual a que desejava e ela replicou: “ele”, ainda sem compreendê-la, o facilitador apresentou-lhe as diferentes respostas possíveis. Todavia, ela em vez de responder-lhe “trepou-o” na tentativa de sozinha ser capaz de alcançá-las, não tendo sucesso.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

O adulto continuou a encorajá-la a pedir até que ela apontando para os cartões expostos disse: “quer a Margarida”, “a casa do Mickey mouse”, “Pateta, Pateta” e assim, ele concedeu-lhe o primeiro pedido. Ela recebeu-a e colocou-a ao lado das restantes, persistindo por alguns minutos na sua reorganização. O adulto, a seu lado, incitava-a a cumprimentá-las.

Naturalmente, ela apontou para o cartaz onde estavam algumas imagens que não conseguia atingir e disse: “queres...”, todavia não completou a frase voltando às personagens que alcançava.

Com o frasco das bolas de sabão na mão, o facilitador sugeriu soprar para as personagens e convidou a criança a fazê-lo, porém ela não o quis verbalizando (“não, não”). Olhando para ele, ela solicitou-lhe agarrando-a pela mão: “sopra, sopra!”. Ele fê-lo e a criança apanhava-as, a primeira bola de sabão bateu-lhe no olho e ela reclamou: “ai no olho”.

Posteriormente, olhando para o adulto disse-lhe: “olha! Olha! Queres afastar?” puxando a sua própria bata num movimento como se pedisse para a despir. Com esta compreensão da situação, o adulto questionou-a diretamente se era isso que ela pretendia, obtendo como resposta: “queres tirar”. Perante isto, ajudou-a a despi-la. No entanto, não ficou satisfeita e quis tirar também a camisola. O adulto perguntou-lhe se queria isso e ela respondeu-lhe: “quer”, porém o outro explicou-lhe que não era possível pois tinha apenas aquela camisola. Posto isto, ela retorquiu: “quer, quer tirar”. O adulto fez-lhe mais algumas perguntas sobre essa situação ao que ela respondeu que: “não, não”

Em seguida, retornou às bolas de sabão agarrou na varinha e levou-a até bem perto da boca do adulto para que este voltasse a fazê-las e ele o concretizou. Ensinou-lhe também como fazê-las e sugeriu-lhe que experimentasse. Assim ela tentou, mas não conseguiu. A posteriori, disse-lhe: “olha”, e ele voltou a soprar para ela apanhar.

Novamente, a criança quis tentar fazer bolinhas de sabão e, ainda, com a varinha na mão colocou-a junto à boca do adulto para que ele as fizesse. Então ele as soprou modelando a palavra “sopra”, mas ela apenas as apanhava.

Virou-se para a prateleira e fez novo pedido, “as letras”. Perante tal pedido o adulto guardou o frasco das bolinhas de sabão e facultou-lhe a caixa das letras, enquanto ela repetia “quero as letras”. Ao recebê-la verbalizou: “o abecedário” demonstrando através do seu sorriso satisfação.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Dirigiu-se para a mesa, colocou-se junto ao adulto e apresentando jargão deu-lhe a caixa. Também lhe disse: “queres” e, ele fingindo desentendido encorajava-o a verbalizar a sua verdadeira necessidade. Ainda tentou modelar o pedido: “abre”, apresentando-lhe antes várias hipóteses de resposta como o abanar a caixa, porém ela voltava a verbalizar: “queres”, “não”, “não quer abanar”; até que ela o concretizou: “abre”. Diante disso, ele fez uma grande comemoração reagindo rapidamente em resposta.

Com a caixa aberta, a criança começou de imediato a formar palavras. E em alguns minutos entrava em isolamento. Por isso, o facilitador iniciou o *joining*.

Passado alguns minutos, ele perguntou por uma determinada letra, ela deu-lha dizendo: “toma”. Depois, o adulto transmitiu-lhe que iria escrever: “Chaplin” e ela muito depressa refilou: “não”, “queres não”. Então ele não o fez, mas para atrair o seu contacto ocular pintou o bigode da personagem em si obtendo o efeito desejado. Isto é, a criança estabeleceu contacto visual, rindo-se com a sua maquilhagem. Daí o adulto ter introduzido mais um adereço, a cartola do Chaplin.

Contudo, este último adereço já não teve grande sucesso, tendo o S. voltado a isolar-se dizendo: “não”, e conseqüentemente o adulto retomou o *joining* mantendo a cartola. De vez em quando, a criança lançava um olhar fugidio ao adulto. Durante um desses olhares, ele tentou cativá-la com bolas de sabão, todavia não resultou. Por isso, decidiu guardá-las, bem como à cartola, voltando a fazer o mesmo que ela fazia.

Após algum tempo, ela olhou com atenção para verificar o que o adulto estava a fazer. Ele descreveu-lho depois questionou-a se tinha a letra “l” que ele precisava, e a criança cedeu-lha. Em seguida, ela aproximou-se dele e apontando para as letras que ele havia juntado dizendo: “Matilde”. Perante isso, o adulto referiu que ainda faltavam letras para o concluir e interpelou-a se estaria disponível para o ajudar nessa tarefa. Após perguntar-lhe quais as letras que faltavam para isso, ela respondeu-lhe: “o “d”” e “o “e””. E juntos finalizaram-na tendo a criança verbalizado: “Matilde”.

Posteriormente, ela voltou para o local onde estava anteriormente e o adulto antes que ela voltasse à atividade de exclusão, disse-lhe que iria formar outra palavra e convidou-a a participar. No entanto, ela já se havia “desligado”, por isso o adulto recorreu ao *joining*, continuando a formar palavras.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Ao observar que a criança havia lançado um olhar fugaz, ele questionou-a se tinha a letra: “n”, ela logo veio ao seu lado, olhou para o que ele estava a escrever e disse: “Oh! Francisco”, ecoando: “Francisco, Francisco”. Ao ser convidada a construir esse nome em conjunto com o outro, respondeu de imediato: “não” e voltou para o seu espaço, mas sempre com um olhar atento sob o que ele fazia.

Aquando colocou o “n”, ele verbalizou: “Fran...” e ela logo de seguida: “cis..”, então questionou-a também sobre qual seria a letra que ali deveria colocar, e ela respondeu: “c”. Depois de a posicionar corretamente, procurou o “i” verbalizando-o e a criança repetiu-o. Livrementemente disse: “j” em inglês, e o adulto referiu-lhe que em português nomeamo-lo de “j”.

Ela começou a empurrar a mesa e o facilitador perguntou-lhe o que estava a fazer e se poderia auxiliá-la, e ela respondeu: “Francisco”. Tinha encontrado num caixote os moldes, usados na última sessão, com os nomes dos colegas de sala e estava a colocá-los no chão necessitando de mais espaço, por isso estava a afastar a mesa. Deste modo, ele aproximou-se dela e ajudou-a a fazê-lo.

Depois ao ir até ao outro lado da mesa apanhar as cadeiras que haviam tombado para o chão, a criança sentou-se a terminar o nome que o adulto tinha iniciado. Assim, este último também a acompanhou e leu-lhe o que estava escrito, tendo ela repetido: “Francis”. Ele procurava as letras para lhe ceder, e ela verbalizou: “o “c”” quando ele lhe mostrou essa letra. Seguidamente, ela disse: “c”, e ele entregou-lha. Ela encontrou o “o”, posicionou-o corretamente concluindo a palavra e, aplaudiu verbalizando “Francisco”, tal como o adulto, que comemorava por estarem a interagir, explicando-lho.

O adulto inquiriu-a se iriam escrever outro nome, e ela logo repostou: “Ema”. Assim ele começou a passar-lhe as letras necessárias para tal, enquanto ela entoava “sobi, sobi”. Ao terminarem, ela olhou-o verbalizando: “a Ema”.

Depois o adulto mostrou-lhe os moldes usados na sessão anterior sugerindo formarem com as letras um desses nomes. A criança repetiu um dos nomes, pegando no molde correto, “Jéssica”. Daí o facilitador começou a passar-lhe as letras precisas para formar o mesmo verbalizando-as e ela repetiu: “/j/” e “o “e””. Ele questionou-a sobre qual seria depois dessa letra e ela respondeu: “o “s”” e logo repetiu o que ele disse a seguir, “outro “s””. Seguidamente disse: “o “i”” e recorrendo à

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

ecolalia: “c” repetindo-o enquanto o procuravam e quando o encontrou. Por fim, ela repetiu o adulto que exclamou: “o “a”!”. Ao estar terminado, celebrou o facto de terem-no construído em conjunto e ela “leu-o”: “Jéssica”.

Posteriormente, ele cedeu-lhe outro molde e ela verbalizou identificando-o: “o Francisco” o qual colocou de parte. Ajustando as letras comentou: “oh! Se pô-lo aqui”.

Estava chegando ao fim da sessão e o adulto alertou-a que teriam de arrumar. Ela mencionou algo em jargão ao mesmo tempo que começava a arrumar, sendo compreensível: “sim arrumar, hora de arrumar”. Estando tudo arrumado, o adulto solicitou-lhe que vestisse a bata e ela reclamou: “não, não quer”, “Raquel, não”, “não”.

Terminou assim mais uma sessão.

17-05-2016

Colocando-se de frente para a prateleira, a criança disse: “queres o “a””, sendo corrigida discretamente. De seguida, sentou-se numa das bolas de pilates e, sorrindo, olhou para o cartaz que continha o nome escrito “Minnie”, apontou e verbalizou-o.

Aproveitando este seu interesse, o adulto partilhou com ela que numa das paredes de um dos lados da sala estava a imagem da Minnie e dos seus amigos, as personagens Disney, e na do outro lado estava um cartaz com os seus nomes, que tinha como propósito fazer um jogo. A criança repetiu olhando para o nome escrito, “Minnie”. O adulto ainda explicou-lhe exemplificando como seria o jogo. Assim disse “olá” a um dos personagens que foi escolhido pela criança, “o Pluto”, o qual nomeou duas vezes (“Pluto”), retirou-o da parede e aos saltinhos levou-o para o cartaz do outro lado e depois despediu-se dizendo “adeus”. Ao longo do percurso, a criança acompanhou-o imitando o ladrar do cão: “au au” e disse: “O Pluto, o Pluto”.

Depois o adulto voltou ao outro lado da sala oferecendo à criança uma ação motivadora: transportá-la ao colo aos saltinhos, e ela riu-se com isso. Chegados ao destino, ele questionou-a sobre quem levariam para o outro lado e ela respondeu: “a Margarida”. O adulto incentivou-a a cumprimentá-la com um “olá”, todavia ela apenas repetia “Margarida”. Não obstante, ofereceu-lhe

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

novamente a ação motivadora e ao chegar ao outro lado, onde deveria afixá-la, ela fê-lo reproduzindo várias vezes (3 vezes): “a Margarida”.

Desse lado, o adulto incitou-a a dizer “adeus” à personagem, mas ela estava mais preocupada em ajustá-la. Daí ela tê-la retirado da parede, pedindo para que a colocasse no chão (“esse chão”) para regular o bostick. Ao fazê-lo concentrada dizia: “este”, nomeando-o em ecolalia: “é o bostick”, “sim, é o bostick”. Em seguida, o adulto perguntou-lhe se queria que a pegasse ao colo. Ela olhou para ele com ar de aprovação, e ele iniciou a contagem para fazê-lo, “1..”, tendo sido complementado pela criança que verbalizou: “...2, 3”. Ele reforçou-o através de um elogio.

O adulto sugeriu-lhe que colocasse a imagem em questão junto da Margarida, e ela referiu: “a Mangueida e o Pluto”. Ao afixá-la, o adulto deu-lhe a expressão específica que pretendia que esta aprendesse no âmbito desta brincadeira, que consistia no despedir-se utilizando a palavra “adeus”. O facilitador ao modelar o despedir-se dizendo: “adeus Margarida...”, ela disse “adeus ao Pluto” e ainda começou a imitar o ladrar do cão: “au au au”.

Posteriormente questionou: “o tigue, o tigue?” (tigre), o que fez com que o adulto agisse rapidamente reforçando os benefícios de comunicar oralmente, cedendo-lhe assim a caixa dos animais selvagens que o continha. A criança abriu a caixa comentando: “Oh! Os animais. O tigue.”, pousou na mesa o cenário da selva e em cima deste dispôs os vários animais em fila revelando jargão. Mesmo sem compreender o que ela dizia, o adulto respondia tentando manter uma conversa acerca dos animais que manuseava. Durante a mesma ela dizia: “a chita”, “o tigue”, “rinocente”.

Ela, manipulando os animais e sem estabelecer contacto visual, dirigiu-se oralmente ao adulto dizendo: “olha!” em seguida apresentou jargão e finalizou o discurso sendo perceptível: “a árvore”. Colocou-a juntamente com o rinoceronte, que nomeou como já referido acima, na “selva”. Depois foi buscar à caixa outro animal, continuando com o jargão, ao longo do qual o facilitador apenas percebeu: “um”. Ela trouxe o hipopótamo para o cenário e verbalizou: “rei leão”, por conseguinte ele retificou-o indiretamente. Assim ela repetiu-o: “hipopótamo”.

Em seguida, a criança deu uma volta à sala vocalizando sons guturais (eheheh), e o adulto fez o mesmo que ela. Livremente, ela verbalizou: “o Pluto”, e ele apontou indicando oralmente onde este animal estava. Também referiu: “hipopótamo”, tendo o adulto, desta vez, falado-lhe sobre o

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

mesmo exagerando na entoação e nos movimentos de modo a cativar o seu contacto visual. No entanto, não surtiu efeito, e a criança falava com uma linguagem impercetível. Por sua vez, o adulto escutava-a com atenção tentando decifrar o que ela transmitia e associava o som das palavras incompreendidas proferidas a outras conhecidas. Deste modo fez corresponder à palavra “chica” a “chita” em que estava a manusear. A criança acrescentou: “Não queres chita?”.

O adulto apresentou-lhe o Rei Leão que ela havia mencionado anteriormente e ela estabeleceu contacto ocular. Pousou-o junto aos outros animais dizendo: “rei leão” por entre algumas palavras indecifráveis. Ele também lhe cedeu o filhote nomeando-o e ela reproduziu-o pegando no mesmo: “o filhote também, vamos!”.

Espontaneamente de forma não muito clara, mas compreensível ao adulto, a criança disse: “vamos pô a avore”. Perante isso, ele perguntou-lhe onde a queria colocar, e ela olhou-o em silêncio. Seguidamente voltou a olhar para a árvore e nomeou-a, continuando o seu discurso em jargão, iniciando-o de modo percetível: “olha!” e terminando-o de maneira igual: “a avore”.

Persistindo nas tentativas de encaixar a ramagem no tronco, a criança prosseguiu apresentando jargão. Todavia sempre que iniciava o seu discurso proferia a palavra “olha”, e por vezes apresentava ecolalia do adulto, tal como: “raminhos”, “a avore segua de pé”, “a avore é assim”, “até parece.”. Isto deu-se durante o período em que o adulto explicava à criança como funcionava a árvore em questão. Contudo, ela verbalizava que “não” persistindo com as tentativas de encaixe, igualmente dizia: “olha, olha, olha!”, “Oh! O que queres os raminhos”, “aguenta de pé”, “a avore é assim”.

Diante disto, o adulto tentou cativar a sua atenção para os outros animais deturpando a sua voz, e a criança recorreu à ecolalia: “fecha a boca” por entre frases inatingíveis. Parecia estar a brincar ao faz-de-conta, criando uma história com eles. Durante o seu discurso, havia algumas palavras soltas que ele compreendia, tais como: “passear”. Então repostando-as, envolveu-se na brincadeira falando-lhe da água, e ela repetiu: “rio água”.

A criança com jargão parecia estar a dar sequência à conversa introduzida pelo adulto, embora fosse incompreendida por ele. Repetiu a questão relacionada com a árvore e ele deu-lhe

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

resposta. Continuando sem estabelecer contacto ocular, ela exclamou: “olha, amigos!” persistindo com a mesma linguagem impercetível.

O adulto, com voz calma e baixa, explicou à criança que se ela falasse mais devagar conseguiu-la-ia perceber, porque daquela forma era difícil. Ela reagiu olhando-o e falando inicialmente mais baixo e devagar, mas logo voltou ao mesmo, proferindo algo como: “... o hipopótamo” (a parte do princípio não foi entendida).

Seguindo na sua brincadeira simbólica, a criança permanecia com jargão, embora de vez em quando usasse palavras compreensíveis e ecolalia imediata. Assim, aquando manipulava os animais, espontaneamente disse para o adulto, “olha!”, e ele ao comentar a brincadeira a criança revelou ecolalia (“com o outro”).

Posteriormente, o adulto entrou na sua brincadeira e tentou estabelecer um diálogo com ela. Mas as suas respostas eram numa linguagem impercetível, com a exceção de algumas palavras e frases, como por exemplo: “tigue” (tigre), “e não gostas de cubos”. Esta última frase surgiu de forma natural em resposta à girafa, que era manuseada pelo adulto que a representava, aquando pediu ao tigre (criança) para que a deixasse comer as folhas da árvore porque tinha fome. A palavra “cubo” não foi clara deixando o adulto em dúvida se ela estaria a pronunciar cubo ou couve, acabando por entender couve pela insistência da criança em repeti-la (“e não gostas, e não gostas de couves, não gostas de couves”).

Persistindo no faz-de-conta, a criança continuou a apresentar jargão, e o adulto a esforçar-se para modelar a sua linguagem dando-lhe o exemplo. Com a continuidade do pedido do adulto para comer, ela respondeu-lhe: “tu não queres! Tem couves para almoçar”. Durante o jogo, ela respondeu ao adulto com linguagem pouco clara, exceto algumas palavras (“sim”); com jargão; e, por vezes, repetindo-o: “meu filhote” e “esperem po mim” (esperem por mim), “esperem!”. Após o adulto fingir com a girafa que estava a comer, a criança fez um comentário indecifrável, tendo por fim o imitado colocando a girafa junto à árvore e vocalizando: “mnham mnham mnham”.

A criança colocou os animais em fila, e o adulto com o rinoceronte na mão nomeou-o, tendo ela apresentado ecolalia. Depois, ele mencionou que este animal também gostaria de ir com os

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

restantes, e ela espontaneamente indagou: “achas?”, “achas?” repetindo-o até obter resposta. A seguir, disse: “O rinoceronte.”, “ah! Vamos começa a come” e “vamos come o come”.

Descobrimo um caixote debaixo da mesa com moldes dos nomes dos colegas, o S. começou a retirá-los de lá de dentro, um a um, e identificou-os oralmente. Quando retirou o primeiro molde disse: “olha! João”. O adulto comentou ser o nome de um amigo, e ele repetiu-o: “o amigo João” ao mesmo tempo que o afixava no caixote repetia: “João, João”; “O amigo João, o João!”. Revelando ecolalia tardia, ainda manipulando o mesmo molde verbalizou: “João! É mesmo isso”. Também ecoou o adulto dizendo: “se calha é melho” (se calhar é melhor) e “aqui na mesa é melhor”.

De repente, a criança referiu: “burro”, e o adulto, tal como habitualmente, apresentou-lhe algo que concretizasse visualmente o significado da palavra usada por ela. Nesta situação específica, ele exibiu um burro em peluche. Apesar do entusiasmo com que este surgiu, ela olhou-o fugazmente dirigindo a sua atenção para o molde, nomeando-o.

Posteriormente, agarrou no burro e mostrando-o ao adulto exclamou: “olha, olha! O burro” e atirou-o para o chão. Em seguida, pegou no cartão com a imagem da vaca e dirigiu-se para junto do armário, olhou para o adulto e disse: “olha, olha!”. Este, por sua vez, mostrou-lhe uma vaca de peluche, e ela nomeou-o: “a vaca”.

Estavam junto à arca das surpresas e ao abri-la sem querer, a criança avistou uma cartola e logo associou ao Chaplin dizendo com satisfação: “o Chaplin”. Por isso, o adulto colocou-a com o intuito de cativar o seu contacto visual e prolongar a interação. Ao notar que a arca também continha o lápis com que, em atividades anteriores, haviam pintado o bigode, ela verbalizou: “queres que esqueva...Chaplin”. O facilitador interrogou-a se queria que lhe desenhasse o bigode, mas ela repostou negativamente orientando as mãos do outro para o seu próprio rosto, proferindo: “és o Chaplin”, sorrindo. Perante isto, ele pintou-se, e a criança persistiu com o contacto ocular sorrindo-lhe.

Mais tarde, a criança deitou-se de barriga sobre a bola de pilates, e o adulto juntou-se baloiçando-a para a frente e para trás. Com ela motivada, modelou a palavra: “mais” para quando, após a pausa, quisesse que ele voltasse a oferecer-lhe a ação motivadora. Antes de lhe solicitar a verbalização desta palavra em troca da ação, concedeu-lha gratuitamente de modo a torná-la

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

altamente motivada. O adulto questionou-a se pretendia mais a atividade e ela repostou: “uma castanha”, o que pareceu ao adulto fora de contexto. Ao balançar-se levava o cartão da vaca na mão, ao cair-lhe ao chão verbalizou: “vaca”.

Concomitantemente, a criança deixava-se baloiçar, estabelecia contacto ocular por momentos e soltava algumas gargalhadas. Daí o adulto pausar a sua ação, com o propósito dela pedir: “mais”. Com efeito, foi isso que aconteceu, ela olhou para ele e disse: “oh! mais...” com palavras incompreensíveis à mistura.

Ainda na bola de pilates, a criança olhou para o adulto através do espelho e com uma linguagem pouco clara referiu-se ao seu cabelo (“cabelo”) e depois a algo sobre o almoço (“almoçar”), tendo sido perceptível ao adulto apenas essas duas palavras. Ele comentou o que ela dizia e fez referência ao bigode do Chaplin, e ela apresentou ecolalia (“é o bigode do Chaplin”, “é o bigode, é o bigode do Chaplin!).

A criança estabeleceu contacto ocular e observou o bigode que o adulto tinha. Verbalizando: “o bigode do Chaplin”, ela retirou-lhe a cartola e colocou-a em si próprio dizendo: “O chapéu do Chaplin!”. Diante disto, ele perguntou-lhe se também queria que lhe pintasse um bigode, respondendo-lhe de forma não-verbal, a criança agarrou-lhe a mão e levou-a ao seu rosto para que o fizesse.

Concluída a maquiagem, o adulto convidou-a a se ver ao espelho. Ao fazê-lo verbalizou (duas vezes): “Chaplin”. Depois o adulto dançou e cantarolou algo inventado relativo ao personagem e a criança repetiu-o dizendo: “chapéu cabecha Chaplin” (cabeça). Em seguida, buscou o lápis de maquiagem e compôs o seu bigode e vendo-se ao espelho exclamava: “oh! Já está!”, repetindo: “Chaplin”.

O adulto aproveitou toda a envolvimento da criança nesta interação e acrescentou algo novo, as bolas de sabão. Logo ao ver o frasco delas, ela disse: “bolas”, e o adulto completou “bolas de sabão” o que ela reproduziu. Assim, ele soprou algumas bolas, e ela apanhou-as.

Posteriormente, ela afastou-se demonstrando não estar mais interessada nessa atividade, por isso o adulto ofereceu-lhe outras, tais como: passear na arca, jogar com uma bola, todavia para

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

nenhuma conseguiu a sua aderência. Mas ela apenas verbalizava: “o Chaplin”, “o Chaplin” e olhava-se ao espelho.

Entretanto, ela própria tomou a iniciativa de pedir o que desejava. Assim, dirigiu-se até junto do armário, apontou para a prateleira e verbalizou: “queres...”, seguidamente olhou para o adulto e com palavras difíceis de perceber disse algo se referindo, por fim ao Chaplin.

Após isto, ela voltou a repetir: “queres”, e o adulto interpelou-a sobre o que queria. Ela replicou-lhe: “a mãe” e acrescentou apontando para os materiais da prateleira: “queres esqueve”. Daí que ele tenha reagido com rapidez, concedendo-lhe as cores e uma folha para esse propósito. Ela continuava a pedir: “queres esqueve, queres esqueve”.

Estavam os dois, lado a lado no chão, aquando a criança pediu: “o Chaplin” ao adulto, após este interpelá-la acerca do que deveria escrever. O seu entusiasmo era tanto que ela respondeu logo à solicitação do facilitador dizendo: “esqueve, Raquel” com risadas. E ele fê-lo.

Mais uma vez, ela queria que ele escrevesse o mesmo, por isso o adulto voltou a incitá-la a pedi-lo, todavia a criança apenas verbalizava: “Chaplin, o Chaplin”; chegando mesmo a apontar para o seu bigode a fim de reforçar o que dizia. Perante isto, o adulto acabou por concretizar o seu desejo, e ela pediu em seguida: “o café”. Depois de concluída a palavra, a criança sorriu, repetiu-a oralmente e solicitou: “o leão”.

O adulto continuou em pausa encorajando-a a pedir, mas a criança não o fazia apenas verbalizava o nome do animal (“leão”). Assim, o adulto começou a escrever uma letra de cada vez, fazendo paragem após e, em simultâneo, utilizando várias entoações modelava a palavra pretendida. Ainda a questionou se desejava que escrevesse mais alguma palavra e ela respondeu: “rei leão”.

Em seguida, com muita atenção a criança observou a folha com a escrita. Olhando para as palavras presentes apontou para uma delas e identificou-a adequadamente. Agarrou nas cores e dando-as ao adulto proferiu: “o Chaplin”, “queres ve o Chaplin”. Ele convidou-a a escrever em conjunto, e ela aceitou deixando-o segurar na sua mão e dando risadinhas de entusiasmo.

Entregando-lhe outro marcador, a criança olhou para o adulto e disse-lhe: “olha! O Zig Zag”. De novo, ele incitou o uso da palavra “escreve”, mas ela apenas respondeu-lhe: “Zig zag” dando-

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

lhe uma cor para escrever. Ao questioná-la se ela queria que a usasse, retorquiu: “sim”. O facilitador insistiu para que pedisse que escrevesse, mas ela negou-se dizendo: “não”, “hoje não é o Zig Zag”, acrescentou algo que ele não compreendeu e “tá na hora, não!”. Seguindo-se com uma birrinha verbalizando: “olha, faz!” que logo cessou após o adulto explicar-lhe, de forma paciente e calma, que não percebia o que ela queria transmitir com aquele comportamento. Também pediu que escrevesse: “o cão”, sem aplicar a palavra “escreve”. Embora continuasse a encorajá-la para tal, ela somente disse: “queres o cão”, “o cão”, “um cão, um cão”. Ante isso, ele escreveu-o para que não desistisse da interação. Para além dessas palavras, solicitou uma que o adulto não conseguiu decifrar sucedida da palavra: “Sam”, a qual ela própria reproduziu graficamente.

Passado algum tempo, olhou para o adulto e disse-lhe: “ah! Alice” e começou a escrever letras na folha apresentando jargão. De modo que, o adulto sugeriu ajudá-la escrevendo o nome que ela havia mencionado. E assim foi, isto é, ele escreveu o nome, e ao mesmo tempo ela reproduzia-o de forma silabada (“A-LI-CE”).

Pegando na mão do facilitador e levando-a à folha, a criança disse: “A Alice, a Alice”, “o burro”. Ele ainda estava a escrevê-lo, quando a criança fez nova solicitação: “o Daniel”. Fez novamente uma birrinha, protestando a modelação da palavra: “escreve”. Todavia autorregulou-se rapidamente com a explicação do adulto e referiu: “escreve”, “olha o Daniel”.

Ele ainda o interpelou se queria que escrevesse mais alguma coisa, e ela olhou para ele dizendo: “a Francisca”. Tendo terminado a escrita desta palavra, ela sugeriu logo outra: “Francisco”. Após alguma insistência da parte do adulto, a criança disse: “esqueve”, mas antes ainda referiu: “assim não”. Por isso, ele comemorou com os 3 Es e de imediato concretizou o seu pedido.

Depois ela verbalizou: “olha! João”, “escreve João”, e ele escreveu igualmente esse nome, bem como “Leonor” que disse de seguida. Encorajando-a no pedido, o adulto brincou com ela fazendo-lhe cócegas e entoando de várias formas a palavra em questão. Mas ela continuava a negar-se a verbalizá-la, dizendo o nome da colega silabicamente (“Li-li-onor, lili li-onor”).

Posteriormente, ela sentada no colo do adulto, no chão, verbalizou: “passarinho, o passarinho”, e o adulto colocou o chapéu relativo a este animal. Assim, ela deitou-se em decúbito dorsal olhando para ele e puxou o bico do pássaro indicando-lhe que queria cócegas. Verbalizou:

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

“Olha, olha o passarinho”. Prosseguindo em interação, ele falou-lhe do pássaro referindo o seu nome, e a criança repetiu-o dizendo: “corvo” bem como repetiu a palavra: “bico”, por entre o jargão revelado.

Espontaneamente, ela proferiu: “encontros na Madeira” (encontros na Madeira), visando com que o adulto o registasse. Repetiu de forma mais clara para que fosse compreendida: “Madeira, Madeira”, o adulto ao verbalizar o que havia percebido a criança também o fez com uma linguagem oral clara: “encontros na Madeira”.

A posteriori, olhou para ele e verbalizou: “passarinho”, de modo que ele começou a cantar e a dançar a canção: “passarinhos a bailar”. Ela deu uma volta sobre si própria e aproximou-se do adulto colocando a sua mão na cabeça dele como se o quisesse orientar para a folha. Depois, ela sentou-se no chão, e foi a vez de ele aproximar-se ao seu nível.

Nesse momento, ela agarrou na sua cabeça (no chapéu de passarinho) e reproduziu o piar (“piu, piu”) do passarinho, ele reagiu fazendo-lhe cócegas. Seguidamente, ela estabeleceu contacto ocular, disse-lhe: “passarinho” e deu-lhe um beijo. Voltou a repeti-lo enquanto o adulto o descrevia, orientando-o para fazer-lhe cócegas.

Após esta brincadeira, retirou-lhe o chapéu e colocou em si próprio, indo ao espelho ver-se verbalizando: “o passarinho” (por três vezes). O adulto pôs outro chapéu também de pássaro, e ela veio ao seu encontro vê-lo de mais perto e disse: “piu, piu, piu”, “passarinho”. Deixou-o cair para o chão quando se fixou na folha de papel, sentando-se ao colo do facilitador e dizendo: “passarinho” ao mesmo tempo que apontava com o marcador.

Como a criança não tinha especificado o que pretendia, o adulto desenhou um pássaro, e ela manteve-se atenta reproduzindo o seu piar ao terminá-lo. No seu colo, continuaram com brincadeiras físicas.

Depois ela levantou-se e foi buscar um arco dizendo-lhe: “olha! Um arco”. Ela jogou-o para o chão e apanhou-o. Ela revelou ecolalia (“posso”), aquando o adulto demonstrava-lhe uma brincadeira que poderiam realizar juntos com aquele objeto. No entanto, ela não gostou verbalizando: “não” e daí o adulto ter cancelado.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Ela apontou para a prateleira e pediu olhando para o adulto, “o “a””. De modo que o adulto foi logo procurá-lo na caixa do seu jogo. Entretanto, a criança cantava uma canção que ele não conseguiu reconhecer. Ao entregar-lhe a letra, ela mencionou: “Alice”. Então, ele mostrou-lhe a história: ““A” de Alice”, e ela sorriu. Visto que queria introduzir outro livro, ele, a partir do primeiro, fez referência motivando-a para o segundo. Ela revelou ecolalia, no entanto não pronunciou corretamente a palavra dizendo: “gagatinha”.

Explorando a história, o adulto voltou a mencionar a lagartinha, e a criança reproduziu-o melhorando um pouco a articulação dizendo: “lagatinha”. Depois virou a página e fez alusão ao céu e ao sol utilizando uma linguagem pouco compreensível, também disse: “olha” perdurando com o jargão referindo a lua (“olha! O sol...o céu”, “Olha! É a lua...”).

O adulto tentou ler-lhe a história, mas ela não quis, preferiu ser ela própria a contar a história apresentando jargão. Assim o adulto respeitou-a, fazendo apenas alguns comentários. Durante o conto, ele conseguiu compreender algumas palavras/ frases, a saber: “a lagatinha” e “olha”. Não obstante, a criança não permaneceu a ouvi-la até ao fim.

Dirigiu-se novamente ao armário e apontou para a prateleira verbalizando: “queres, queres...”. O adulto pediu-lhe que dissesse o que pretendia para que ele a pudesse ajudar. Por isso, ela proferiu: “o “a”” e “o “v””, tendo sido ambas as letras lhes facultadas.

Ao verificar o livro em cima da mesa, a criança fez referência a ele (“a lagatinha, a lagatinha”), tendo o adulto comentado. A posteriori, ela disse algo que foi compreendido da seguinte forma: “a segui tu levas a lagatinha”.

Como o adulto estava a demorar na procura de uma das letras solicitadas, a criança foi ajudá-lo. Ele perguntou-lhe se precisava de mais alguma, e ela replicou: “o “i”” e levou-as para o chão. Olhando as letras referiu: “estas (palavras pouco claras) lagatinha”.

Ante isso, ele concedeu-lhe de novo a história: “A lagartinha comilona”. Consoante o adulto ia virando as páginas, ela ia comentando: “olha! chegou ca lua”, “Olha a lagatinha”, “co sol”, “olha...(linguagem impercetível)”, “1,2,3,4,5 a maçã”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Depois desistiu da história, voltando às letras. Mas antes apontou para a prateleira verbalizando: “queres”, e ele fazendo-se desentendido nomeou os diferentes objetos que lá estavam até ela verbalizar “são as letas” (letras). Assim o adulto as facultou. Manuseando-as, após o adulto oferecer-lhe a sua ajuda, ela disse: “esta só qué a lagatinha”. Ele explicou-lhe que ulteriormente veriam melhor a história.

Deste modo, ela absorveu-se no jogo, não permitindo o adulto participar, por isso ele recorreu ao *joining*.

Passados alguns minutos, a criança interessou-se pelo que o facilitador fazia, tendo este explicado o que era. Entretanto, ela fez uma observação que o adulto, embora tentasse, não conseguiu compreender, apesar do esforço que ela fez nesse sentido.

Então associou à palavra outra que acabava com o mesmo som: “exploração”, e ela repetiu-a. O adulto dizia que ela ia ver o tigre e o leão, e ela retribuía verbalizando: “exploração do tigre” e “exploração do leão”.

Nesta sessão, o adulto alertou-o que estava na hora do almoço, e ela repostou: “vamo arruma”. Assim se acabou mais uma sessão.

18-05-2016

No *playroom*, o S. logo que chegou começou a apontar e a verbalizar: “Minnie, Minnie” olhando para o adulto. Depois olhou para a prateleira, apontou e pediu: “os animais”. Com animação, o facilitador concedeu-os, e ela os recebeu com uma expressão facial de satisfação.

A criança levou-os para a mesa, e lá a primeira coisa que fez foi tirar da caixa a árvore e a girafa e fazer de conta que esta estava a comer as suas folhas vocalizando: “nham nham”. O adulto descreveu a sua ação, e ela respondeu-lhe em jargão finalizando exprimindo: “a sério, a sério”.

Prosseguindo com a sua brincadeira, ela revelou o mesmo tipo de linguagem, fazendo alusão ao Chaplin (“o Chaplin”) durante o seu discurso. Daí o adulto lhe ter disponibilizado o lápis de maquiagem, o qual ela usou de imediato para pintar um bigode, como o do personagem, no

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

facilitador. Estabeleceu contacto ocular enquanto o fazia, e ele sugeriu-lhe que também o fizesse em si próprio ou então que lho permitisse pintá-lo.

A criança caminhou para próximo do espelho, e o adulto acompanhou-a. Ela olhou para ele dando-lhe o lápis, por isso pintou-a com ambos virados para o espelho, através do qual trocaram olhares sorridentes.

Em seguida, o adulto interpelou-a acerca do que lhes faltava para parecerem-se ainda mais com o Chaplin, dando-lhe uma pista apontando para a cabeça. Mas ela apenas respondeu recorrendo a ecolalia (“Chapéu do Chaplin”). Assim foi buscá-lo, junto com adulto, à arca e pô-lo na cabeça, dirigindo-se ao espelho para se mirar. Por intermédio deste objeto, o adulto apresentou-lhe um dado relativo a várias atividades realizadas pelo personagem, tais como: dançar, dormir, jogar à bola, etc.

Cativada, virou-se de frente para o adulto estabelecendo contacto visual. Deste modo, o adulto principiou a exploração das suas faces. No entanto, somente observaram duas, porque a criança desviou o olhar iniciando outra atividade. O adulto solicitou-lhe que retornasse à ação, todavia ao constatar que não lhe tinha despertado interesse desistiu.

Depois, o adulto aproximou-se dela, que estava na mesa com jargão, propondo-lhe dispor o cenário da selva para que pudesse brincar com os animais sobre este. Ela olhou-o e nada disse, mas apresentava um ar de aprovação. Assim sendo, ele pousou-o. Mas ela não lhe deu importância, continuando a manusear os animais. Então ele falou-lhe da girafa, e ela olhou-o fugazmente retornando ao que fazia compenetrando-se como se fosse entrar em exclusão.

Diante disto, o adulto preparava-se para aplicar o *joining*, quando de repente ela olhou para ele e disse-lhe: “o Chaplin”. Dirigiu-se para a frente da prateleira e olhando para lá mencionou: “queres o “c””, apontou para esta e acrescentou: “o Chaplin”. Por isso, o adulto procurou-o na caixa das letras, descrevendo-lhe o que fazia. No decurso da procura, a criança deu uma volta à sala, regressando ao ponto de partida junto ao adulto onde ansiava que lhe fosse concedida a letra pedida. Esticando os braços, de novo solicitava: “queres, queres”.

Permanecendo encostada ao facilitador, a criança observava a letra obtida, e nesse ínterim ele tentava descobrir o que mais ela queria pedir, modelando “quero...” dando-lhe espaço para responder. Seguidamente afastou-se e moldando a letra “c” para um “g” partilhou-o verbalizando:

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

“g” em inglês. Após o adulto traduzi-lo para português, ela repetiu-o dizendo: “/g/” e acrescentou “/g/ /g/ Santiago” revelando uma entoação mais forte na última sílaba.

Sentou-se junto ao adulto e olhando para a letra “c”, que tinha nas mãos, disse: “Chaplin”, encostando a sua cabeça à dele mostrando-lhe a letra, ora esticada ora comprimida. Depois levantou-se distanciando-se cantarolando: “é é é”, pois havia transformado o “c”, desta vez em “e”. O adulto acompanhou-a referindo que era a letra com que se iniciava a palavra “égua”, e ela aludiu a palavra “Daniel”. Ele confirmou que esse nome também continha essa letra.

Do “e” passou para o “o”, e ela vocalizou: “o o o o”. Perante isso, o adulto concedeu-lhe a letra: “o”, e logo a criança pediu: “queres o “i””. O adulto tentou modelar o verbo, conjugando-o na primeira pessoa do singular, mas ao dizer: “quero...”, a criança apenas completou a frase: “o “i””. E assim, concretizou o seu pedido.

Ela aceitou-o e verbalizou: “queres o “e”” e seguidamente disse: “não”. Novamente apontou para a prateleira com vocalizações que transmitiam irritação. No entanto, o adulto reagindo calmamente fez-se de desentendido e explicou-lhe que queria ajudá-lo, todavia não o conseguia perceber através daquele comportamento. E encorajou-o a utilizar a linguagem verbal.

Efetivamente ele verbalizou: “quero as letas”. Comemorando com os 3Es, o adulto facultou-as de imediato. Ela logo que as recebeu abriu a caixa e despejou-as no chão.

O adulto interpelou-a se necessitava de ajuda e ela verbalizou: “queres o “h”” repetindo-o, mas ele percebeu “queres o “ga”. Ao reproduzi-lo para a criança, ela disse: “não”, como ele ainda não tinha conseguido compreender, apresentou-lhe as letras que havia percebido, o “a” explicando-lhe que o jogo não continha a letra “g”. A criança, com chorinho de frustração por não ser compreendida, afastou com o braço a letra que ele ofereceu-lhe dizendo: “não queres”. Mais uma vez com voz calma, o adulto fê-la ver que esse comportamento não era adequado e que dessa forma não a conseguiria entender.

No entanto o adulto não desistiu e de modo a descobrir qual era a letra que a criança ambicionava, decidiu mostrar-lhe uma de cada vez questionando-a sobre isso. Por sua vez, a criança respondia-lhe negativamente quando a apresentada não era a pretendida. Passado poucos minutos, ela pediu: “o “z””, sem olhar para o facilitador. Então, ele auxiliou-a procurando essa letra junto das

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

restantes, ao mesmo tempo que ela envolvida sua atividade verbalizava: “a Zebra”. Ao receber o “Z” do adulto, ela estabeleceu contacto ocular. Ele, sem perder tempo, apresentou-lhe a imagem de uma “zebra”, porém ela não demonstrou interesse, mantendo-se focada na sua tarefa anterior. Por conseguinte, o adulto começou o *joining*.

Igual a ela, o adulto construía palavras com as diferentes letras. Assim, ele escreveu “Chaplin” atraindo a atenção da criança sobre si, de tal forma que ela se aproximou dele verbalizando-o. Depois o adulto representou-o com a cartola e exibiu de novo o dado do personagem, para o qual a criança lançou um olhar desviante de desinteresse. Mais uma vez, o adulto procedeu ao “juntar-se”, porque a criança já estava em atividade de exclusão.

Contudo, de vez em quando a criança dirigia o seu olhar para o que ele estava a construir. Tendo em conta a sua curiosidade, transmitiu-lhe o que tinha escrito, o que fez com que ela olhasse ainda com mais atenção e reproduzisse: “kid” sorrindo. Ao falar-lhe sobre isso, o adulto fez referência ao espaço infantil Zig Zag, e ela repetiu-o. Concentrou-se de novo na sua ação verbalizando: “o “i””, mas o adulto não o percebeu no momento, e ela não voltou a repeti-lo.

Mais tarde, olhou para o facilitador e partilhou o que ele havia escrito na mesa sorrindo: “Chaplin”. O S. persistiu, algum tempo, com o contacto visual transmitindo satisfação através da sua expressão facial, daí o adulto ter-lhe oferecido a cartola que usava. Porém ele não a aceitou, voltando a focar-se nas letras. Contudo, tentando que não voltasse a “desligar-se”, ele ainda lhe falou um pouco sobre essa personagem, a criança sorriu e sem estabelecer contacto ocular verbalizou: “o Chaplin”.

Depois, de uns segundos em isolamento, olhou fugazmente para o facilitador e cantarolou: “Chaplin, Chaplin, Chaplin”. Perante este interesse repentino, o adulto questionou-a se queria formar com as letras esse nome e ajudou-a a fazê-lo. Assim, ela verbalizou as letras consoante o adulto ia-lhas passando, “c”, “h”, “a”, “p”, “l”, “i”, “o “n””. Aquando o adulto falava sobre ele (Chaplin), ela disse algo que foi entendido como: “destido o café”. Deu sequência à conversa com um discurso pouco perceptível, ao qual o adulto deu resposta, todavia sem a perceber.

Ao ouvir uma criança, fora do contexto do *playroom*, a chamar: “Ilda”, ela o repetiu. Ante isto, o adulto questionou-a se ela estava a ouvi-la a falar, e ela respondeu: “a Raquel”. Em seguida,

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

sugeriu que juntos escrevessem o primeiro nome que ela havia referido, e assim o fizeram. Todavia, logo o abandonou, formando novamente a palavra “Chaplin” soletrando-a conforme a formava. Nomeou-o aquando completo.

O adulto aproveitou esta sua motivação/interesse no Chaplin para a partir desta trabalhar os verbos relacionando-os com ações, daí ter começado a correr referindo que a personagem em questão também o fazia. A criança olhou para ele e logo de seguida buscou na arca o dado alusivo. Aquando observava as diferentes imagens, a criança encostou-se ao facilitador.

Assim, este último passou a representá-las convidando a criança a acompanhá-lo e ela sorria. Perguntou-lhe o que havia mais por explorar nas faces do dado e ela repostou: “o Chaplin”, então ele acrescentou que estava a dormir, a correr, etc., ao mesmo tempo que ela mirava as imagens. Posteriormente pousou-o no chão, deixando-o de parte e regressou à organização das letras.

Posto isto, o adulto começou a fazer o mesmo que ela e mantiveram-se assim por alguns minutos. Ao ouvi-la a cantarolar, ele iniciou uma canção que sabia ser do seu agrado, mas ela verbalizou: “não queres”. Ele questionou-a se não queria mesmo que ele a cantasse fazendo-a recordar qual era a canção. E ela começou a contar cantarolando, tal como se inicia a canção, continuando conjuntamente com o adulto.

Como estavam a abordar os números, ele com dois “os” construiu o número oito atraindo a sua atenção. Ela aproximou-se para agarrar esse número e solicitou: “queres que esqueva o oito”. O adulto logo levantou-se para dar-lhe resposta, e ela disse: “bigode”. Deste modo, o adulto facultou-lhe o lápis de maquiagem, e ela retocou o seu bigode verbalizando: “o Chaplin”, repetindo-o ainda disse: “o bigode”.

Em seguida, a criança agarrou na girafa e na árvore e iniciou uma brincadeira no chão. O adulto fazendo o mesmo, utilizou outros animais. Ao vê-lo com outros animais aproximou-se dele, mas não o fez com o propósito de interagir, fê-lo somente para alcançar os animais para a sua atividade. Por conseguinte, ele recorreu a outros animais para proceder ao *joining*.

Entretanto, a criança abandonou os animais e voltou a manipular as letras verbalizando, sem estabelecer contacto ocular com o adulto, “eeeeeee”. Por isso, ele, seguindo o seu exemplo, manteve-se em *joining*. Não obstante, ao aperceber-se que ela construía: “casa Madeira”, o

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

facilitador propôs-se a ajudá-la. Assim, questionou-a sobre as letras de que ela precisava e ela respondeu-lhe: “o “s””, daí que lha cedeu. Fez-lhe uma nova pergunta, se precisava do “a” e ela repetiu-o (“o “a””), de forma que lha facultou igualmente.

Concluindo as palavras que estavam a formar, ele tentou colocar uma letra para completar “Madeira”, todavia ela rejeitou, apesar das suas explicações. No que diz respeito à palavra “casa”, ele mostrou-lhe uma imagem para concretizar o seu significado, porém ela somente dirigiu-lhe um olhar desviante regressando à atividade de isolamento.

Em consequência, o facilitador voltou ao *joining*, atirando, tal como ela, as letras pelo ar. Ao vê-lo a fazê-lo interessou-se estabelecendo contacto ocular. Porém chegava ao fim da sessão e tiveram de arrumar.

24-05-2016

No quarto do Son- Rise Program®, a criança olhando para a prateleira dos jogos e materiais pediu: “queres Popota”. Como na sala não tinha essa boneca, o adulto concedeu-lhe o hipopótamo por ser o mesmo animal, explicando-o.

No entanto, ela não se demonstrou satisfeita, continuando a apontar para a prateleira verbalizou: “tu queres..”, olhou para o adulto para certificar-se de que estava a escutá-la, acrescentando: “queres que escreva Popota” (queres que escreva Popota). Perante o seu pedido, o adulto reagiu com rapidez descrevendo o que fazia, levando uma folha para a mesa, bem como um marcador para escrever.

A criança feliz dava a volta à sala e regressava ao ponto de partida, estabelecendo contacto visual, apontando para a prateleira e verbalizando: “a Popota”. Em seguida, acompanhou o adulto até à mesa, onde este escreveu na folha o solicitado por ela. Ao mesmo tempo, ela ria-se com entusiasmo e repetia o nome desejado. Depois, subiu a mesa e agarrou no marcador verbalizando: “Jessi”. Escreveu as letras do nome da colega pela ordem correta, todavia dispôs-las no espaço da folha incorretamente. Concomitantemente verbalizava: “Je-ssi, Je-ssi”.

O adulto agradeceu-lhe esta sua partilha e perguntou-lhe se queria que ele escrevesse esse nome, e ela replicou: “queres Jéssica”. Ele ainda tentou modelar o pedido aquando escrevia-o.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Depois explicou-lhe que as letras do nome teriam de ser escritas no papel sempre segundo uma determinada ordem.

De repente, a criança disse: “João”, e o adulto começou a escrevê-lo. Ela, pegando no marcador e concluindo o nome que ele tinha iniciado, verbalizou: “o João”. Comemorando, o facilitador agradeceu-lhe a partilha.

Após isto, ela verbalizou: “Chaplin” e começou a escrever as letras deste nome. O adulto colocou o chapéu da personagem visando provocar o contacto visual, e assim foi, a criança olhou-o repetindo o nome do personagem. Aquando sugeriu-lhe que experimentasse a cartola, ela referiu: “o Chaplin”.

Como a criança não aderiu ao adereço, o facilitador guardou-o no armário, facultando-lhe desta vez o dado das ações do personagem. Ela estabeleceu contacto visual, e ele mostrou-lhe as várias imagens do Chaplin em ação. Primeiro mostrou-lho a dormir e dramatizou-o, em segundo a dançar, e a criança observando-o usou jargão compreendendo-se apenas “dança”, de modo que ele dançou divertidamente. Depois, o adulto lançou o dado e saiu para cima a face em que o Chaplin estava a jogar à bola com um amigo, por isso ele foi buscar uma bola convidando a criança a jogar com ele.

No entanto ela não aderiu, voltando à atividade que estava a realizar anteriormente, a escrita, verbalizando “o “u””. O adulto ainda a incitou para que jogassem à bola, mas ela demonstrou-se em exclusão. De modo que ele recorreu ao *joining* até que ela verbalizou espontaneamente: “a Popota”.

Então ele agradeceu pela partilha, e ela logo pediu: “continente”, por isso ele escreveu-o na folha. Aquando escrevia, tentava modelar a palavra “escreve”, mas a criança não a verbalizou referindo-se antes ao “Chaplin, o Chaplin”, porque o adulto estava a escrever junto à mesma. Mais uma vez comemorou o facto de a criança partilhar com ele a sua observação. Depois apresentou jargão finalizando com o pedido em tom de questão “queres Popata?”.

Após o adulto terminar de escrever a palavra “continente”, a criança insistiu dizendo: “Popota”, “a Popota”. Fingindo-se confuso e que não compreendia se ela desejava que ele desenhasse ou escrevesse encorajou-a a dizê-lo. Contudo, ela não o fez, referindo-se de novo ao que já estava escrito na folha e apontando para o que proferia utilizou uma entoação como se estivesse

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

a fazer uma leitura silabada (“con-ti-nen-te”). Em seguida, a criança tornou a pedir: “Popota”, e o adulto a questioná-la sobre o que pretendia. Como ela não deu nenhuma indicação, ele começou a desenhá-la.

Vindo a fazer alusão novamente ao Chaplin (“o Chaplin”), o adulto perguntou à criança se pretendia que ele o escrevesse. Ela respondeu: “Cha...” como se estivesse a ditar-lhe o que deveria escrever, e ele assim o fez com a criança a acompanhá-lo: “Cha-plin”.

O adulto tentou novamente introduzir a atividade do dado do Chaplin, representando uma das ações lá presentes. Seguidamente, ele perguntou-lhe qual das outras ações afiguradas no dado ela queria que ele reproduzisse, e ela respondeu-lhe: “quere sentare” (queres sentar). Daí ele se ter sentado a seu lado.

Logo de seguida, a criança com o dado na mão foi incentivada a explorar as restantes ações, tendo o adulto concretizado a dança. A posteriori, ela pareceu estar à procura de algo, por isso o adulto foi em seu auxílio, e ela repostou: “mei” repetindo-o. Ele, de forma a dar àquele som um significado, associou-o à palavra “meia”.

Naturalmente verbalizou: “gato da cartola”, por conseguinte o facilitador colocou a cartola, e a criança, mantendo contacto visual, logo exclamou ao vê-la, “Chaplin”. Ele com um marcador na mão, comemorava a interação, com os braços em extensão na vertical, aquando ela esticando-se na direção do marcador disse: “queres esqueve Chaplin”. Deste modo, ele facultou-lho, e ela destapando-o verbalizou: “segua” (segura) entregando-lho de novo.

Perante isso, o facilitador escreveu o nome do personagem na folha, enquanto a criança repetia-o por várias vezes: “Chaplin”. Retornaram a explorar o dado, tendo a criança referido: “amigos do Chaplin” e o adulto mostrou-os no mesmo. Ulteriormente, observando a imagem em que o personagem estava a jogar à bola com um dos seus amigos, ela proferiu: “a bola”. Por isso, o adulto buscou-a outra vez para que também jogassem, todavia não quis participar regressando à atividade de escrita.

Livremente verbalizou: “Madeira”, e ele questionou-a se queria que o escrevesse. Ela dirigiu-se em frente ao armário e apontando para a prateleira com os materiais, reproduziu: “ queres esqueva Madeira”. Diante disso, ele perguntou-lhe o que precisava, e dado que ela lhe replicou: “é

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

o azul”, ele retirou o marcador dessa mesma cor da prateleira para escrever o que lhe tinha sido pedido. Por esse motivo, a criança demonstrou-se contente sorrindo e acompanhou o adulto até à folha que se encontrava na mesa. Aí agarrou no marcador que estava na mão do outro evidenciando que queria ser ela a escrever, de forma que ele lho concedeu.

Em seguida, correu até perto da prateleira, verbalizou: “o verde” olhando para o facilitador e voltou. Por sua vez, este inquiriu-o sobre o que se referia e como não obteve resposta, ofereceu-lhe o frasco verde das bolas de sabão. Ela estabeleceu contacto ocular e disse: “bolas de sabão”, desviando logo a sua atenção para as folhas em que escrevia.

Mesmo assim, o adulto soprou bolas de sabão e ela mencionou: “hummmm gostas bolas de sabão”, todavia sem estabelecer contacto visual. Como ela continuou absorvida na tarefa que realizava o facilitador parou com a sua ação.

Ao voltar à mesa com um marcador para iniciar o *joining*, a criança foi até junto dele, retirando-lho e olhando-o verbalizou: “olha é o “baixi”” não sendo decifrável a última palavra que ela disse. Não obstante, cedeu-lhe de imediato o marcador e acompanhou-a aquando realizava as suas tentativas de escrita.

Posteriormente o adulto ia iniciar o *joining*, porque a criança nada respondeu às várias solicitações que colocou. No entanto, ao se afastar para junto da outra folha a criança reaproximou-se, de forma que o adulto a convidou a desenhar e a escrever em conjunto.

Depois caminhou para junto do armário e apontando para lá pediu: “quero o preto”. Como não tinha essa cor o adulto sugeriu-lhe outras em alternativa, ela rejeitou algumas até que aceitou o castanho e regressou para a atividade.

O adulto, junto a ela, propôs-lhe que o desenhasse na folha, porém ao invés disso escreveu as letras de seu nome e repetiu a palavra: “folha”. Aquando escrevia a letra “g” entoou: “/g”.

Como a criança entrou em atividade de exclusão, o adulto procedeu ao *joining* até que ela, apontando para o que estava escrito na folha, transmitiu: “outa vez”. De modo a atrair o seu contacto ocular, o adulto colocou o chapéu de pássaro, atingindo o propósito. Assim, festejou-o elogiando o seu olhar e seus olhos.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Ela olhando-o de novo, disse: “o passarinho”, então o adulto perguntou-lhe se o passarinho poderia fazer algo por ela. No entanto, nada lhe respondeu, mudando de folha. Por seu lado, ele iniciou a escrita do nome “Ema” verbalizando-o, e ela repetiu-o (“Ema”) regressando de seguida à sua atividade anterior. Para além deste, também escreveu abecedário ganhando um olhar fugaz da criança, e por isso apresentou-lhe um livro sobre este.

Ela estabeleceu contacto visual revelando-se atenta no que concerne ao livro. O adulto leu-lhe o título do mesmo e abriu-o mencionando as estrelas que enchem a contracapa, e ela revelou em ecolalia: “estela” (estrela). Ainda acrescentou: “o abecedário” movimentando-se de forma a virar a folha da história. Depois vocalizou em jargão e continuou a passar as páginas rapidamente.

Por um instante afastou-se da história, mas logo retornou estabelecendo contacto visual aquando o facilitador a lia. Outra vez, tornou a escrever vocalizando: “o “/g/” desviando o olhar para a folha. Visando que ela não entrasse em exclusão, ele indicou-lhe na história onde estava essa letra, lendo-lhe o que lhe correspondia, e ela ouviu atentamente.

Em seguida, voltou a escrever outra letra, e o adulto a perguntar-lhe qual era. Mas ela olhou-o sorrindo e não lhe respondeu. Concluída a letra, ele identificou-a e leu-lhe da história o verso que a referia, atraindo o seu contacto visual. Ela repetiu o nome de que falava o livro no correspondente à letra em questão: “Susana, Susana”.

O adulto, ao verificar que a criança estava compenetrada na sua atividade, abandonou a leitura. Durante a mesma, a criança cantarolou uma canção que não foi perceptível a ele.

Depois apontou para a prateleira e disse: “queres o continente” e retornou para junto da mesa. O adulto acompanhou-a e escreveu-o na folha, para a qual ela olhou com muito tento.

Aproveitando que a criança olhava para os cartazes “olá/adeus”, o adulto intentou introduzir esse jogo com ela. Para isso colocou a coroa com essas saudações. Ela tentou agarrá-la e depois subiu para o seu colo verbalizando: “a Minnie”. Logo o adulto levantou-se com ela ao colo e aproximou-se da personagem aos saltinhos, moldando o cumprimento “olá Minnie”.

Estando perto da arca, a criança verbalizou: “roda” e o facilitador de imediato colocou-a dentro da mesma oferecendo-lhe a ação solicitada. Mas antes disso ela ainda acrescentou: “roda o

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

baloioço”. Ao fazer a pausa na ação encorajou-a a dizer “olá” à Minnie, todavia disse: “queres a Minnie”. Então ele incitou-o, mais uma vez, a cumprimentá-la, porém ela verbalizou: “o continente” e acrescentou: “quero as letras”.

O adulto questionou-lhe se não queria ir buscar primeiro a Minnie e ela acedeu verbalizando, várias vezes, “a Minnie”. Daí terem-na retirado do cartaz do “olá” e colocado no outro do “adeus”, rodando-a entre as duas ações. Em seguida pediu: “o Mickey”, e ele incitou-o a cumprimentá-lo tal como à Minnie. No entanto, apenas verbalizou: “Mickey” e “Mickey Mouse”. O adulto continuou a tentar modelar a expressão ao mesmo tempo que lhe concedia a imagem do personagem, embora sem efeito.

Posteriormente, perguntou-lhe se iria colocá-la junto à Minnie, e ela revelou ecolalia “vás cola na Minnie” e acrescentou: “olha (palavras impercetíveis) é o Mickey” e jargão finalizando com a frase “isto é o Mickey”. Seguidamente afixaram-no no local, tendo a criança referido: “Minnie” e após o adulto se despedir, “Mickey”.

Ao pausar novamente a ação, a criança quis sair da arca. No chão, aproximou-se das bolas de pilates observando a marca delas. Então o adulto sentou-se em cima de uma delas e começou a saltar. Convidou-a para se sentar no seu colo para que juntos saltassem, ela aderiu ao convite. Deste modo, ele introduziu a ação motivadora (saltar com ela no colo vocalizando: “poing poing poing”), ela ria-se às gargalhadas juntamente com o adulto.

Assim, ele fez uma pausa na ação e voltou a conceder-lha sem nada lhe solicitar em troca. Aquando parou de novo, a criança entoou: “poing poing poing”, e ele moldou a palavra: “salta” ao mesmo tempo que lhe oferecia outra vez a ação. Mais uma pausa chegou, e dado que a criança estava altamente motivada o adulto solicitou-lhe diretamente que dissesse: “salta”, e ela inicialmente negou-se, mas logo repetiu: “salta, salta”. E rapidamente ele ofereceu-lhe a ação. O ciclo de atividade repetiu-se até à criança decidir parar.

Mais tarde, ela pediu: “queres o “a”” e o adulto ofereceu-lho. Enquanto o procurava na caixa das letras, ela cantarolava algo em jargão dando uma volta à sala. Ele perguntou-lhe se ela queria mais alguma e ela respondeu: “o “d””, questionou-lhe ainda se queria as letras, mas ela outra vez repostou: “o “d””. Então foi isso que ele fez, ofereceu-lhe essa letra. Depois pediu: “o “i””, e olhando

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

para o adulto que o procurava disse: “o pato, o pato” ao ver a sua imagem, acrescentou: “queres o “m””.

Aproximou-se do adulto e agarrou na caixa, a qual concedeu-lhe. Observando-a apontou para a imagem do javali e nomeou-a (“o javali”), o adulto falou-lhe desse animal e facultou-lhe a peça com a sua imagem. Quando referiu a sua parecença ao porco, ela apresentou ecolalia (“porco”).

Sentado junto dela inquiriu-a se queria mais alguma coisa, e ela replicou: “Ali”. Ele associou-o à palavra “Alice”, concedeu-lhe a história alusiva saltando na bola de pilates, emitindo o som: “poing poing poing” o qual ela reproduziu. Perante este, verbalizou: “o do Daniel”, e o adulto verbalizou que iria buscá-lo à prateleira. Mas antes ofereceu-lhe outro alusivo ao pai. Ela prestou-lhe atenção enquanto o adulto lhe lia.

Passado algum tempo desistiu de seguir a história e verbalizou afastando o olhar do livro: “gagadinha”. Como o adulto não a compreendia, a criança continuou a dizê-lo repetindo-o até fazer-se compreender persistindo com contacto ocular (“lagatinha”). Dirigiu-se ao armário, com contacto físico indicou-lhe que a acompanhasse e disse lentamente o que queria. Então ele percebeu que se tratava da história da “Lagartinha comilona”. Assim cedeu-lha rapidamente valorando o esforço que a criança tinha feito para comunicá-lo oralmente ao adulto. Ela ainda verbalizou: “quês que diga lagatinha”.

O adulto convidou-a a repetir devagar a palavra lagartinha, mas ela olhando para a história que ele tinha na mão fez a observação: “o pai”. Assim, o adulto apresentou-lhe a história lendo-lhe o título, e ela reproduziu-o com dificuldade na articulação. Ele sugeriu-lhe que repetisse a palavra lagartinha, moldando-a cantarolando “lalalala”, e ela reproduziu-a corretamente: “lagartinha”.

Abrindo a história, a criança disse: “olha..” e contou-a utilizando jargão, sendo claras algumas das palavras por entre tal linguagem, tais como: “lagatinha”, “a lua”, “o ovo”, “1, 2, 3,4,5,6,7” (aquando a imagem das frutas que a lagarta havia comido), “olha”, “neste lado”, “1, 2, 3,4,5,6,7, 9, 10” (ao aparecer mais comida), “lagatinha pa baixo”, “olha (jargão) boboleta”. O adulto ao comentar a imagem do casulo, ela apresentou ecolalia (“casulo”). Chegando ao fim, a criança disse: “vitória vitória...” e o adulto completou a frase dizendo: “acabou-se a história”, e ela repetiu-o retificando-o: “vitória vitória, acabou-se a nossa história!”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Posteriormente voltou a explorá-la. Verbalizou: “esquilona” (comilona) ao ver a capa e ao passar para a contracapa disse: “olha esti bolas” continuando com o jargão. “Isto é o céu” disse ela ao observar o sol, e em seguida “abistei a lua” observando a página seguinte. Persistindo com o conto em jargão, revelou as seguintes palavras e frases de forma clara: “olha 1,2,3,4,5,6,7”, “aqui”, “os moangos”, “olha”, “a lagatinha”, “vestido da lagatinha”, “vestido de borboleta” (ecolalia), em simultâneo o adulto ia tecendo alguns comentários sobre a história. Concluindo-a voltou a dizer: “vitória vitória, acabou-se a nossa história!”.

Colocando a história no chão voltou a vê-la acompanhando-a com jargão, e o adulto continuava a apoiá-la chamando-lhe atenção para alguns pormenores. Verbalizou outras palavras como: “gelado” e “chupa chupa”. Depois colocou o livro em cima da mesa, olhou para as letras da marca da bola de pilates, e o adulto guardou a história porque pensava que já não lhe interessava. Ao vê-lo a fazê-lo, a criança pediu-a novamente, e ele sugeriu-lhe outra; a qual ela aceitou e explorou-a muito rapidamente. Repetiu o seu título: “Palavras” e depois nomeou as imagens presentes: “sapatos”, “moango”, “flor”, “carro”.

Em seguida, afastou-se da história e voltou para junto das bolas de pilates, e o adulto leu-lhe as letras que tanto mirava. Retornou a sentar-se em cima da mesa e a explorar a história, chamando a atenção do outro dizendo: “olha!” e continuando com jargão. O facilitador mostrou-lhe estar a escutá-la com muita atenção. Ao concluir esta história também verbalizou: “vitória vitória, acabou-se a nossa história!”.

O adulto perguntou-lhe sobre o que era a história, e ela recorreu à ecolalia (“sobe quê?) depois ele deu-lhe a resposta, e novamente ela em ecolalia, “sobe a bola”. A posteriori, apanhou do chão o cartão da Minnie e questionou naturalmente: “o que é isto?” e deu também a resposta: “a Minnie”. “vamos coloca” disse ela por entre o jargão e apontando para o Mickey continuou e disse “... Mickey”, e o adulto concedeu-o. Ela afixou-os na história. Mais uma vez o adulto tentou modelar a palavra “olá”, todavia sem sucesso.

Finalizando a sessão o adulto convidou-a a arrumar e ela aderiu revelando uma linguagem indecifrável.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

30-05-2016

Ao entrar no quarto Son-Rise, o S. deu uma volta à sala e junto à prateleira dos materiais/jogos verbalizou: “Chaplin”, apontando para lá. Por isso, o adulto comemorou e com entusiasmo concedeu-lhe o dado relativo ao personagem. Com ele na mão, a criança começou a mirar as suas diferentes faces e olhando para o adulto partilhou a ação que o personagem fazia.

Consoante a ação que a criança verbalizava, o adulto representava-a e convidava-a a imitá-lo. E assim foi, ela disse: “corrê” e ambos correram pela sala; parou e referiu: “domi”, o adulto o representou ressonando, e em seguida ela também se deitou no chão fingindo dormir; o adulto questionou-a acerca do que mais o Chaplin fazia, e ela respondeu: “sentá”, então sentou-se no chão com ela a seu colo. Na imagem relativa a esta ação, estava junto à personagem uma outra feminina, a qual a criança identificou como “mãe”. Depois, o facilitador mostrou-lhe outras ações, tais como o dançar e saltar, mas a criança já não o acompanhou na atuação, embora persistisse com o contacto visual.

Posteriormente a criança voltou a verbalizar as ações que mais lhe interessaram, que foram: “correr”, “dormir” e “sentar-se”, e fez tal como o facilitador. Até no dormir representou o rressonar: “rrrzzzz...rrzzzz”.

Passado alguns minutos nesta brincadeira, a criança olhou novamente para a prateleira e para o adulto solicitando: “quero os númeos” (quero os números). Daí ele os ter facultado com toda a rapidez e entusiasmo. Assim que os recebeu, ela dirigiu-se para a mesa verbalizando: “números”.

Nesta, sentou-se na cadeira olhou para o adulto e indicou-lhe o número que estava a pousar: “número um”. O adulto questionou-lhe se precisava de ajuda, e ela apontando para o número um, que estava dentro do saco dos números, dizia: “uma...é uma”. Então ele explicou-lhe que aquele chamava-se número “um” e demonstrou-lhe que usávamos “uma” quando nos referíamos a algo de género feminino, tal como: “uma bola” (mostrou-lhe a bola de pilates).

A criança retirando do saco o número quatro mencionou: “olha, número quatro”, de modo que o adulto começou a cantarolar uma canção sobre os números referindo-se a este. Seguidamente, ele apontou para os números que ela tinha alinhado por ordem crescente na mesa e identificou o

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

primeiro, tendo a criança recomeçado a contagem: “um, dois, três”. O facilitador festejou a sua comunicação, logo descreveu-o e deu-lhe o número solicitado anteriormente.

Depois a criança apontou para o saco dos números, que estavam mais perto do adulto do que dela, e proferiu: “e o cinco”. Então, ele facultou-lho. Não obstante, ele, fazendo referência aos números apenas até ao quatro, tentou introduzir uma nova atividade. Contudo, ao verificar a sua falta de interesse no momento, adiou-a.

Após o facilitador agradecer-lhe por ter-lhe dirigido o pedido, ela repetiu a ação pedindo outra letra, “é o seis”. Com o intuito de reforçar esse comportamento, ofereceu-lhe de imediato o pretendido. Seguidamente, ele começou a cantar a canção: “1,2,3,4,5 dedos na mão”, todavia ela gesticulou ao mesmo tempo que verbalizou: “não queres”, por isso o adulto parou.

Apontando para o número, ela disse: “olha o sete, olha o sete”. Assim, o adulto retirou-o do saco com animação provocando o contacto ocular e entregou-lho. Ainda lhe perguntou qual era o que pretendia de seguida, obtendo a resposta: “é o dois”. Dando sequência à interação, indicou-lhe o número oito, e ela reproduziu: “oito” e perante a referência ao número seguinte, ela verbalizou: “é o nove”. Ao longo deste jogo, com o intuito de modelar o verbo “dar”, o facilitador a cada número que concedia à criança aplicava-o no que dizia.

Mais uma vez, o adulto principiou a canção: “1,2,3,4,5 dedos na mão”, mas a criança não a tolerou reproduzindo de novo: “não queres”. De tal modo que ele cessou, respeitando a sua vontade num estilo responsivo.

A criança verbalizou algo que o adulto não compreendeu e logo de seguida alcançou o número quatro que alinhou com os restantes números, nomeando-o: “quatro”. Apresentando jargão, ela concluiu dizendo: “é do seis”, e após a interpelação do facilitador ela respondeu: “olha é o...olha é o... três”.

Ele voltou a perguntar-lhe acerca de qual o número que queria, e ela replicou: “quero...”, tendo ele indagado se seria o “cinco”, ao que ela repostou: “não queres”. Retornou a interpelada sobre o “zero”, e ela respondeu: “o dez”. Quando ele lhe cedeu o “zero” identificou-o, e ela primeiro repetiu dizendo: “zero”, mas logo de seguida voltou a identificá-lo como “dez”. Ante isso, ele

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

explicou-lhe demonstrando como era o número “dez”, e ela apresentou birra. Falando-lhe calmamente da situação, ela rapidamente autorregulou-se deixando-o acabar a sua exemplificação.

Posteriormente o adulto introduziu a atividade que já tinha tentado anteriormente, lengalenga “1,2,3,4 a galinha e o pato”, apresentando as fotografias dos respetivos animais. Ela logo identificou verbalizando: “galinha”, no entanto, o pato ela nomeou de cão, porém ao ser retificada discretamente pelo adulto, ela repetiu várias vezes: “o pato”.

Com efeito, o adulto descreveu-lhe que iria declamar uma lengalenga. E assim o fez com recurso a imagens e aos números. Inicialmente, o S. estava atento, aquando o facilitador fez a contagem até quatro apontando para os números. Mantendo-se fixo nestes, não lhe deu atenção quando referiu os dois animais, contudo ao fazer surgir de surpresa as restantes imagens concernentes à lengalenga (capoeira, cozinheira e sapato) de dentro da arca, o adulto conseguiu cativar novamente o seu contacto visual. Quem finalizou a lengalenga foi a criança, pois ele deixou a última palavra por dizer e mostrou-lhe a imagem correspondente para que esta a concluísse nomeando-a.

À medida que o adulto passava as imagens, a criança colocava-as alinhadas na mesa. Terminada a declamação da lengalenga, ele preparava-se para repeti-la aquando a criança negou-se vocalizando-o através de sons de desagrado, pedindo antes que lhe passasse a arca visando verificar se continha mais imagens (“ah! Aquele” disse para o adulto apontando para a arca). Ao verificar que não tinha mais nada lá dentro ficou satisfeita.

Então de forma divertida, o adulto iniciou outra vez a lengalenga apoiando-se nos diferentes materiais. Aquando ele mencionou a capoeira, a criança olhando para a imagem e para a palavra escrita verbalizou: “capoeira” e no fim igualmente proferiu: “sapato”.

Espontaneamente, ela disse: “a galinha o pato” e ao pegar na imagem da cozinheira, o adulto identificou-a verbalmente. Em seguida, voltou a declamar a lengalenga representando-a, porém, a criança parecia estar a perder o interesse, focando-se nos números. No entanto, ela voltou a finalizá-la revelando ainda algum interesse. Por isso, o adulto iniciou a sua exploração baseando-se nos recursos materiais, mas ela apenas retornou a proferir: “capoeira” e negou-se a continuá-la.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Posteriormente pediu: “Raquel o queres” esticando os braços para os números, o adulto disponibilizou-lhe o saco, e ela retirou o sinal de multiplicação. Depois o adulto fez-lhe uma questão e apercebeu-se que ela estava no estado de isolamento, por isso aplicou o *joining*.

No entanto, logo a criança partilhou com ele a contagem dos números: “um, dois, três, quatro e cinco”, ele agradeceu-lhe por isso. Ela voltou a contar, porém adicionou os restantes números até ao “dez”, permitindo que o adulto colocasse o “um” de modo a ficar correto o número “dez” (“um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez” disse ela).

Por seu lado, o facilitador iniciou uma canção, e ela naturalmente como que a cantarolar contou os números até “seis” em inglês (“one, two, three, four, five, six”). Ante isto, o adulto traduziu uma parte da canção para essa mesma língua o que atraiu o seu contacto visual. Após isso, ela retornou a contar em português, apontando para os números, em português.

O adulto cantou-lhe a canção por duas vezes ao verificar que ela o permitia, culminando-a com cócegas, o que revelou ter gostado através das suas gargalhadas. Aquando fez pausa da ação, ela não solicitou que continuasse por isso o adulto deu fim à atividade.

Mais tarde, o adulto reiniciou a lengalenga solicitando a participação da criança para que a completasse de acordo com as imagens que disponibilizava. Ela aderiu verbalizando: “é o pato”; ainda tentou dizer “capoeira” da seguinte forma: “cáoo”, todavia com ajuda pronunciou: “capoeia”; aquando o adulto mencionava a cozinheira solicitando-lhe que a nomeasse, ela olhou e apontou para os sapatos indicando-os oralmente; e por fim, identificou os números até quatro consoante ele ia-lhos mostrando.

Depois, ela regressou aos números que tinha alinhado, pegando-os e recolocando-os na mesa um a um, tal como o adulto havia feito, a partir do “cinco” e identificando-os. Na sucessão desta ação, o facilitador mais uma vez pegou nos números e nas imagens e com a participação da criança declamou a lengalenga. Ela verbalizou desta vez: “um, dois, três, quatro”, “é o pato”, “capoeia” (disse-o baixinho, pois imitou o adulto quando a ajudou), “a cozinheira” (ficou a observar a imagem por alguns segundos), “com o sapato”.

Dado o interesse pela lengalenga, o adulto continuou a explorá-la. Questionou-a: “a cozinheira foi atrás da...?” e com base nas imagens ela respondeu: “do pato” e em seguida, disse:

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

“galinha”; ainda a interpelou de onde tinham fugido os animais, e com recurso às fotos ela disse: “copoeira”, sendo corrigida pelo adulto verbalizou-o corretamente; concluindo citou: “sapato”. Por fim, apontando para a foto da cozinheira e olhando para o adulto disse-lhe: “a cozinheira” e acrescentou: “capoeira”.

Perante isto, ainda repetiram juntos mais uma vez a lengalenga, mas sem recorrer às imagens e a criança conseguiu completar quase todas as lacunas corretamente. Ao longo desta declamação, ela própria colocava os cartões com as imagens alusivas, tendo seguido com o dedo as diferentes palavras, ao mesmo tempo que as proferia. No caso da palavra “capoeira”, dado que ela não estava a recordar como verbalizá-la pediu ajuda ao adulto através do olhar, e este deu-lha.

Em seguida, a criança disse para o adulto, estabelecendo contacto ocular, “queres esqueve capoeira”. O adulto de imediato foi até à prateleira moldando silabicamente a palavra “capoeira”. O S. já se encontrava lá, apontando para ela verbalizando: “quero que esquevi capoeira”. Aquando lhe entregou a folha brincando divertidamente, a criança sorriu muito satisfeita levando-a para o chão. Olhando para o adulto esperou que este trouxesse-lhe um marcador e estendeu-lhe o braço demonstrando desejar que fosse ele a escrever. Assim o fez, verbalizando a palavra silabicamente desta vez.

A posteriori, apontando para o que tinha escrito e compartilhando-o estabelecendo contacto ocular com o adulto, disse: “capoeia”, “sapato”, “cozinheia”. Nas várias “palavras” apresentadas como escritas, a criança escreveu realmente muitas das letras que compunham, mas não na sua totalidade formando efetivamente as palavras desejadas. Aquando ela se referiu ao sapato, o adulto apresentou-lhe a imagem do mesmo, e ela pediu-lhe: “esqueve sapato”. Ao fazê-lo verbalizava a palavra de forma silabada.

Em seguida, ela tentou escrever dizendo-o como que dividindo por sílabas: “co de ro-sa”, daí o adulto concretizar a verbalização concedendo-lhe o marcador dessa cor. Ela olhando para o adulto mostrou-lhe a cor com que escrevia dizendo: “a laanja” e escreveu-o. Depois o adulto propôs-se a escrever “cor-de-rosa”, e ela identificou-o verbalmente. Por sua vez transmitiu ao adulto o que iria fazer, dizendo: “pintá”, o adulto modelou-o e a criança corrigiu-se: “pintar”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

De novo partilhou com o adulto o que havia escrito, “co de laanja”, “co de rosa”. Escrevendo “lion” verbalizou: “leão”, por isso o adulto escreveu-o em português explicando-lhe que ela o tinha escrito em inglês. Em seguida, ofereceu-lhe o leão, o seu filhote, os restantes animais e a sua selva, mas a criança não demonstrou interesse, vindo o adulto a guardá-los posteriormente. Não obstante, repetiu o adulto quando verbalizou: “o filhote” e “o leão”. De repente, a criança começou a escrever na porta então o adulto calmamente indicou-lhe que era na folha que se escrevia, e ela repetiu-o: “na folha”.

O adulto introduzindo na atividade um objeto diferente, mas que se poderia associar à cor do marcador dela, cativou-a tendo ela o identificado: “balão”. Daí ele o ter enchido, tendo a criança permanecido com o contacto visual, dizendo: “é o balão”. Após estar cheio, a criança sorriu e brincou com o adulto atirando-o um para o outro. O adulto ainda cantou a canção: “o balão do João” adaptando-a com o nome da criança.

Atirando o balão para o adulto, a criança proferiu: “boa! O balão”. Estiveram alguns minutos neste jogo, até que a criança agarrou a imagem do pato, nomeando-a: “o pato” e deu-a ao adulto. Este utilizou-a como uma raquete dizendo à criança que aquele animal também iria jogar com o balão. Em seguida, ela agarrou a imagem da galinha e identificou-a: “galinha”. Desistiu então do jogo do balão e olhando para a prateleira pediu “a lagatinha”.

O adulto logo concedeu-lhe o livro ambicionado, apresentando-o a saltitar na bola de pilates. No entanto, não foi possível explorá-lo, pois a sessão havia chegado ao fim.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Anexo VI – Declaração de consentimento informado

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Designação do Estudo:

“ Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação: “ Estudo de caso””

Eu, abaixo-assinado Adriana Maria Santos Silva Correia, responsável pelo participante no projeto Santiago Silva Correia

-----, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da sua participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que será incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objectivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a sua participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registos em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: 13 / janeiro / 2016

Assinatura do Responsável pelo participante no projecto: Adriana Correia

O Investigador responsável:

Nome: Dorinda Raquel Teixeira Alves

Assinatura: Dorinda Raquel Teixeira Alves

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Anexo VII - Pedido de autorização ao estabelecimento de educação para realização do estudo de caso



Raquel Alves <dorindalves@gmail.com>

Pedido de autorização para realização de estudo de caso

3 mensagens

Raquel Alves <dorindalves@gmail.com>
Para: infantário.scmm@netmadeira.com

21 de janeiro de 2016 08:25

Exma. Sra. Diretora Maria De Fátima Tremura

Eu, Dorinda Raquel Teixeira Alves, Educadora de Infância, a frequentar o Mestrado em Ciências da Educação: Educação Especial - Área De Especialização Domínio Intervenção Precoce na Infância da Universidade Fernando Pessoa, venho por este meio, solicitar a V. Exa. a autorização para realizar um estudo de caso, no ano letivo 2015/ 2016, na escola em que V. Exa. é Diretora, no âmbito da minha dissertação de mestrado intitulada “ Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”. Pretendo implementar um programa aplicando o modelo referido, com um aluno a frequentar a Educação Pré-Escolar. Este estudo tem como principal objectivo compreender se o modelo Son-Rise contribui para a melhoria da aquisição da linguagem/ comunicação.


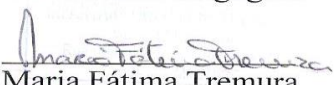


Garanto, ainda, a confidencialidade da escola, dos docentes envolvidos e do aluno participante neste estudo.

Na expectativa de uma resposta favorável, subscrevo-me com os melhores cumprimentos,

Dorinda Alves

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Anexo VIII – Consentimento à realização do estudo de caso por parte do estabelecimento de
educação


<p>Exma. Sra. Educadora Dorinda Raquel Teixeira Alves</p>
<p>Exma. Sra.</p> <p>De acordo com a exposição apresentada por V. Ex^a, cumpre-nos informar que o seu pedido foi deferido.</p>
<p>Machico, 29 de Janeiro de 2016</p>
<p>A Diretora Pedagógica</p> <p> Maria Fátima Tremura</p>
<p>VEM PARTILHAR DA NOSSA ALEGRIA</p> 
<p> INFANTÁRIO RAINHA SANTA ISABEL – UNIPESSOAL, LDA. Rua do Desembarcadouro nº 50 9200-077 MACHICO ☎ 291969185 -FAX 291969144 infantario.scmm@netmadeira.com CONTRIBUINTE Nº 511.229.518</p>

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

**Anexo IX – Pedido de autorização e consentimento para a utilização das Tabelas dos Estágios do
SRP**

21/01/2016

Gmail - Pedido de autorização para utilização do instrumento de recolha de dados: “Tabela dos Estágios do SRP”



Raquel Alves <dorindalves@gmail.com>

**Pedido de autorização para utilização do instrumento de recolha de dados:
“Tabela dos Estágios do SRP”**

2 mensagens

Raquel Alves <dorindalves@gmail.com>
Para: Zé Carlos SRP <jccmota@gmail.com>

17 de janeiro de 2016 18:45

Exmo. Mestre José Carlos Costa Mota

Eu, Dorinda Raquel Teixeira Alves, Educadora de Infância, a frequentar o Mestrado em Ciências da Educação: Educação Especial - Área De Especialização Domínio Intervenção Precoce na Infância da Universidade Fernando Pessoa, venho por este meio solicitar a V. Exa. autorização para utilizar o instrumento de recolha de dados, mais precisamente a “Tabela dos Estágios do SRP”, adaptado do original com a devida autorização dos autores, para a minha dissertação de mestrado intitulada “ Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”.

Agradeço desde já a sua atenção e disponibilidade,

Dorinda Alves

Zé Carlos Mota <jccmota@gmail.com>
Para: Raquel Alves <dorindalves@gmail.com>

20 de janeiro de 2016 18:30

Venho por este meio informar a Mestranda Dorinda Alves que não me oponho à utilização das tabelas, autorizando que as mesmas sejam utilizadas para os fins a que se propuseram.

Mestre José Carlos Mota
[Texto das mensagens anteriores oculto]

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Anexo X - Recommended Toys by Child’s Age, Language Level and Interactive Attention Span /

Brinquedos recomendados

Recommended Toys by Child’s Age, Language Level and Interactive Attention Span

Child’s Characteristics	Freshman Kit	Sophomore Kit	Junior Kit	Senior Kit
Age:	2 years – 8 years	2 years – 8 years	8 years +	14 years +
Language Level:	Up to 50 words	3 word sentences	Up to 150 words	Conversational
Attention Span:	10 sec – 10 min	10 min or more	10 sec – 10 min	10 min or more
Recommended Toy				
Disguise Kit	✓	✓		
Face Paint	✓	✓	✓	✓
Multi-Horned Hat	✓	✓		
Wizard Hat	✓	✓		
Black Cape	✓	✓	✓	✓
Fireman Suit	✓	✓		
Harmonica	✓	✓	✓	
Bucket Drum	✓	✓	✓	✓
Drum Sticks	✓	✓	✓	✓
Rhythm Kit			✓	
30-inch Exercise Ball	✓	✓	✓	✓
Three Ball Set	✓	✓	✓	✓
Bowling Game	✓	✓	✓	
Rip-Tag			✓	✓
Luna Sticks				✓
Bubbles	✓	✓		
Chew Toys	✓			
Brick Blocks	✓	✓		
Phone-A-Friend	✓	✓	✓	
Jumbo Letters / Numbers	✓	✓	✓	
Toy School Bus	✓	✓		
Big Mouth Puppets	✓	✓	✓	✓
Finger Puppets	✓	✓	✓	
Bendo People		✓	✓	
Tea Set		✓		
Zoom Box Cars		✓		
Hands and Feet				✓
Microphones		✓		✓
Pretend Money				✓
Blank Books				✓
ABC Toss n’ Play		✓		
Arthur’s Tell-a-Story		✓		
Fun Thinkers		✓		
Feel and Find			✓	
Flash Cards		✓	✓	
Poetry Pals	✓			
Bessie in the Barnyard	✓		✓	
Up & Down Puzzle	✓			
Kids on Stage		✓		
Together Game			✓	
Twister			✓	
Move Cube				✓
Don’t Make Me Laugh				✓
Life Stories				✓
The Whole Brain Game				✓
The Ungame				✓

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Anexo XI - Interesses iniciais da criança

- Jake e os Piratas da Terra do Nunca

-Puzzle

-Livros de histórias

- Números e Letras

- Mickey

- Molas da roupa

-Utensílios de cozinha

-Cremes (texturas)

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Anexo XII – Base de Referência

BASE DE REFERÊNCIA	
CONTACTO VISUAL E COMUNICAÇÃO NÃO – VERBAL	
Consegue	Tem dificuldade
<p>Quando olha fugazmente para o adulto, apresenta breves episódios de expressão facial</p> <p>Move o adulto com contacto físico para alcançar o que quer</p> <p>Aponta e verbaliza o nome de alguns objetos de seu interesse, mas, muitas vezes, não demonstra intencionalidade de compartilhar</p> <p>Em alguns momentos, imita gestos quando de seu interesse</p> <p>Por vezes, ri sem razão aparente</p> <p>Aceita o contacto físico (nem sempre)</p>	<p>Em estabelecer contacto ocular, quando o faz é fugazmente</p> <p>Olhar para o outro para iniciar uma interação</p> <p>Olhar para o outro para manter uma interação</p> <p>Tem pouca intenção comunicativa, não respondendo, muitas vezes, ao nome quando os outros o solicitam</p> <p>Em executar gestos simples quando solicitado</p> <p>Em usar o gesto na saudação e na despedida</p>
COMUNICAÇÃO VERBAL	
Consegue	Tem dificuldade
<p>Repete/reproduz o que o outro diz (ecolália)</p> <p>Apresenta jargão</p>	<p>Em dar resposta quando interpelado</p> <p>Em fazer questões</p> <p>Em partilhar desejos e interesses</p>

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

<p>Verbaliza em média 7 a 10 palavras com significado de forma isolada</p> <p>Perante uma situação/estímulo novo, entra em grande stress reagindo com birra, choro e verbaliza “não queres”</p>	<p>Em utilizar frases espontaneamente de forma adequada ao contexto</p> <p>Em descrever imagens</p> <p>Em relatar de forma simples acontecimentos</p> <p>Em recontar histórias simples</p> <p>Em iniciar uma conversa</p> <p>Em aplicar a oralidade em contexto adequado</p> <p>Em pedir verbalizando o que quer</p>
<p align="center">PERÍODO DE ATENÇÃO COMPARTILHADA/ INTERACTIVA</p>	
<p>Consegue</p>	<p>Tem dificuldade</p>
<p>Aceita que se estabeleça contacto físico (mais facilidade com os adultos do que com os pares)</p> <p>Permite que os pares lhe deem a mão em situação de “comboio”</p> <p>Raras vezes, olha por segundos para o adulto mostrando e nomeando objetos de seu interesse, mas se o adulto tenta continuar a interação ele desiste</p>	<p>Em partilhar interesses com os seus pares</p> <p>Em tomar iniciativa para interagir com os seus pares</p> <p>Aceitar quando os pares tomam iniciativa de interagir com ele</p> <p>Em ter interesse no outro</p> <p>Seguir uma instrução</p> <p>Em permitir que lhe dirija numa atividade</p>
<p align="center">FLEXIBILIDADE</p>	
<p>Consegue</p>	<p>Tem dificuldade</p>

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Permite a presença do adulto perto dele	Em lidar com mudanças de rotina. Em aceitar pessoas estranhas. Em tolerar espaços novos.
---	--

Anexo XIII – Grelha de registo de observações naturalistas

Grelha de registo de observações naturalistas				
Observador: Dorinda Raquel Alves			Ano letivo: 2015/ 2016	
Observado: Santiago Silva Correia			Data de nascimento: 03-11-2012	
Data	Local	Atividade	Descrição	Inferências
06-01-2016	Sala	O cantar dos Reis	Após o lanche, ao chegar à sala ao ver os colegas com coroas, ficou ansioso, recusando-se a entrar na sala. Gritava: “não”, fazendo birra, agitado esperneava e bracejava, mas nunca olhou para o adulto que o tentava acalmar. A criança puxou-o pelo braço no sentido contrário ao da sala, indicando querer permanecer fora da sala. Aos poucos o adulto foi tentando que esta se aproximasse do resto do grupo; seguindo pequenas etapas, conseguiu que ela desse a mão a um colega para saírem em “comboio” para a	<ul style="list-style-type: none"> - Tem pouca flexibilidade às alterações de rotina - Diz “não” fazendo birra e esperneando quando não quer algo que é novo para ele - Usa o gesto para comunicar ao adulto o que deseja - Não estabelece contato visual para pedir as suas necessidades - Não estabelece contacto ocular para iniciar interação

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

	Junta de Freguesia		<p>visita e por fim a criança permitiu que lhe colocassem a coroa para o cantar dos reis.</p> <p>Ao chegar ao local onde iriam cantar, o S. fez novamente uma birra, todavia progressivamente foi aceitando e autorregulando-se. Ao mudar de espaço, neste caso de sala, voltou a assumir o mesmo comportamento tapando os olhos revelando ansiedade perante o desconhecido.</p>	<p>- Tem dificuldade na transição de espaços e em lidar com o desconhecido</p>
13-01-2016	Refeitório	Lanche	<p>O S. estava no refeitório a lanchar quando apontou para uma imagem do Mickey que tinha na sua bata e olhou para o adulto, em seguida voltou a olhar para a imagem parecendo que queria partilhá-la com o outro. Por fim verbalizou: “Mickey”. O adulto tentou manter a interação, mas ele logo voltou-se para a mesa, deixou escapar um sorriso fugaz muito envergonhado e continuou a comer a sua fruta, deixando, como na maioria das vezes, a casca para o fim.</p>	<p>- Breve momento de interação partilhada</p> <p>- Apresentou uma breve expressão facial, mas sem olhar para a pessoa que lhe falava</p> <p>- Sensibilidade às diferentes texturas</p> <p>- Verbaliza a palavra “Mickey” de forma perceptível</p> <p>- Utiliza palavras isoladas</p> <p>- Não demonstra interesse nos pares</p>

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

	<p>Espaço exterior coberto</p> <p>Na sala</p>	<p>Recreio</p> <p>No momento das atividades livres</p>	<p>No recreio, começou a correr à volta do escorrega. Quando parou, um colega aproximou-se dando-lhe a mão convidando-o a brincar, mas este como estava fixo a tirar peles da mão, soltou logo a sua mão e vocalizou sons de desagrado (“annan”) o que fez com que a outra criança se afastasse. Assim, continuou por algum tempo parado nessa mesma atividade sozinho, sem se importar com o que se passava à sua volta.</p> <p>Na mesa dos jogos, o S. realizava um puzzle dos números, concentrado no que fazia cada vez que encaixava uma peça vocalizava: “oh”. Este estava junto aos seus pares, no entanto, estava em atividade de exclusão, não dando atenção a nada que acontecesse à sua volta. Houve uma criança que chorou fazendo uma birra, mas o S. não “retirou os olhos” do que estava a fazer para ver o que se passava.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Prefere brincar sozinho - Demonstra comportamentos repetitivos - Emite sons
--	---	--	---	---

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

18-01-2016	Sala	Acolhimento	<p>O S. chegou à sala, a mãe disse-lhe para dar um beijo aos adultos da sala e ele foi ter com cada um, permitiu o contacto físico amistoso, no entanto não estabeleceu contacto visual com nenhum. Chegou junto do primeiro adulto e encostou-se, depois esse orientou-o para o seguinte e assim sucessivamente. Depois ficou parado à espera que um dos adultos lhe desse a mão e o encaminhasse para alguma atividade na sala. Foi encaminhado para a mesa para um jogo de encaixe, aquando brincava revelou jargão (“massumasa manann”, “samo samo sumamo”). Manteve-se na atividade até o adulto chamá-lo para formar o comboio. O adulto ainda tentou interagir, mas este não deu sinais de quere-lo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Não cumprimenta os adultos da sala de forma espontânea - Não tem autonomia para escolher o que fazer - É muito sensível aos estímulos visuais - Gosta de estar a fazer jogos sozinho - Não demonstra interesse nos outros nem em interagir - Permite o contacto físico, porém não interage com o outro - Mesmo que o adulto solicite, não estabelece contato visual normalmente
	Refeitório	Lanche	<p>Sentados à mesa, um dos adultos da sala questionou o S. se queria maçã, enquanto ele brincava com as mãos. Ao não lhe responder, insistiu e pediu-lhe que olhasse para si, ele continuou na sua atividade. Só olhou para o</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Tolera o contacto físico do outro

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

	Na sala	No momento das atividades livres	<p>prato para tirar uma maçã quando viu que já o tinha próximo de si. Ao pegar no pedaço da maçã começou a brincar com ela na mesa balançando-a por algum tempo. Quando alguém lhe pegou na mão levando-a à boca e verbalizando que era para comer, ele afastou a boca. Depois, acabou por comê-la sozinho. Mas como não estava a comer casca, o adulto moldou o seu movimento da mão, fisicamente, para comê-la juntamente com o resto da fruta.</p> <p>Ao chegar à sala, as crianças foram distribuídas pelos vários cantinhos. Como o S. gosta muito dos jogos de mesa, foi orientado para lá. Neste espaço, escolheu novamente o mesmo jogo, um puzzle de números. Ao realizá-lo revelava satisfação sorrindo e emitindo o som: “uééé uéuéé”. Pegava em duas peças afastava-se da mesa vocalizava e tentava encaixá-las, voltando</p>	
--	---------	----------------------------------	---	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

			à mesa e pousando-as, continuando esta sequência até concluir cada puzzle.	
20-01-2016	Sala	Acolhimento	Os seus colegas estavam no chão a brincar com carros, o S. foi ao encontro deles, mas ficou de pé a olhar para os brinquedos que eles tinham na mão. Manteve-se algum tempo não tendo iniciativa para interagir. Depois deles saírem desta área, o S. sentou-se e começou a observar os carrinhos de várias perspetivas antes de alinhá-los. Entretanto, foram chegando outras colegas ao espaço que tentaram interagir com ele, chamando-o para mostrar-lhe os brinquedos, insistindo na interação. Como resposta, o S. emitiu sons guturais: “aaaa aaa”, que aumentava de volume consoante era pressionado, mantendo-se em exclusão. Dada a sua reação, as colegas desistiram da interação dirigindo-se para outras áreas.	<ul style="list-style-type: none"> - Não toma iniciativa para interagir com os seus pares -Não olha para o outro quando estão a falar com ele - Não responde quando interpelado - Apresenta jargão - Curto período de atenção compartilhada - Olha fugazmente para o outro - Identifica e nomeia um jogo - Aponta para algo que seja de seu interesse - Não estabelece contacto visual - Brinca isoladamente
	Refeitório	Lanche	Em seguida, foram para o lanche.	

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

	<p>Casa-de-banho</p> <p>Espaço exterior coberto</p>	<p>Higiene</p> <p>Recreio</p>	<p>Estava sentado à mesa e não pediu a fruta, esperou que alguém lhe desse. Entretanto, estava a olhar para as suas mãos apresentando jargão (“nan samedo ei zaum”. O adulto da sala perguntou-lhe se ele queria fruta, aproximando-lhe o prato, ele não olhou para o adulto somente esticou o braço e tirou a fruta.</p> <p>No momento da higiene pessoal, o S. foi lavar as mãos orientado por um adulto. Após abrir a torneira, colocou as mãos por baixo da água e olhava para esta a cair. Ao ser chamado a atenção pelo adulto para lavá-las, continuou o que estava a fazer concentrado e sorrindo emitiu: “aah aa”. Mantendo-se nesta atividade de exclusão, ainda verbalizou: “mão”, sem desviar o olhar do que estava a fazer.</p> <p>No recreio, a criança corria sem parar ao redor do espaço, dando várias voltas seguidas. Apenas evitava as zonas onde houvesse muito</p>	<p>- Faz alinhamentos com os brinquedos</p> <p>- Desvia-se de obstáculos</p>
--	---	-------------------------------	--	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

	Na sala	Atividade orientada	<p>aglomerado de crianças. Um dos seus pares, tentou acompanhá-lo nestas correrias, mas ele desviou-se isolando-se sem nunca estabelecer contacto ocular com ela. Também se observou a criança a contornar os obstáculos.</p> <p>Na sala, o grupo estava sentado no tapete a aguardar a distribuição pelas tarefas/ atividades. Inicialmente, o S. estava de joelhos no chão de costas para o adulto, então este foi até junto dele e orientou-o para que ficasse sentado de frente. Atraído pelos marcadores que estavam em cima da mesa, levantou-se e dirigiu-se para lá. Começou a retirá-los do suporte, até que uma colega foi buscá-lo pela mão para que regressasse ao tapete. Primeiro resistiu, comenetrado nos marcadores sem estabelecer contacto ocular (nem por um segundo) com o par, por fim deixou-se levar. Junto ao tapete permaneceu de pé, mas com o olhar fixo nos marcadores e cores de pau, até que regressou à</p>	
--	---------	---------------------	---	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

			<p>mesa. Nesta, já estavam algumas crianças a colorir a imagem de um palhaço com a orientação de um adulto. O S. retirou do suporte duas cores de pau e agarrou numa folha, que estava sendo dada pelo adulto a outra criança, sentou-se na cadeira, começando a desenhar. A pega dos lápis é feita com quatro dedos e com o punho elevado, a sua garatuja é controlada e com significado, ao desenhar disse: “letas”, foi entendido como “letras”.</p> <p>Depois desta atividade, foi-lhe oferecido uns cartões com imagens de animais. O S. alinhou-os na horizontal várias vezes. Na primeira vez, fê-lo com a figura virada para cima, e ao colocar a peça com um peixe identificou-o dizendo: “pessinho”, ao por a ovelha e a vaca o adulto nomeou-as e ele reproduziu em ecolalia: “elha” e “vaca”, também identificou a imagem do porco e da galinha, verbalizando: “poco” e “galina”. Noutra das vezes, alinhou os cartões</p>	
--	--	--	--	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

			com as imagens para baixo e cada vez que colocava uma parecia contar uma história em jargão incompreensível ao adulto, “a psissicomi ssi”.	
--	--	--	--	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

Anexo XIV - Tabela de registo da comunicação/linguagem

COMUNICAÇÃO VERBAL			
<u>Antes da aplicação do programa baseado no modelo SRP</u>			
Sons	Palavras parcialmente claras e compreensivas	Palavras geralmente claras e compreensivas	Frases
“annan”, massumasa manann”, “samo samo sumamo”, “aaaa aaa”, “nan samedo ei zaum”, “Oh”, “uééé uéué”, “aah aa”, “a	“Pessinho”(peixinho), “elha” (ovelha), “poco” (porco), “galina” (galinha), “letas” (letras),	“não”, “Mickey”, “vaca”, “mão”	“não quees”

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

	psissicomi ssi”,			
<u>Ao longo da aplicação do programa baseado no modelo SRP</u>				
	Sons	Palavras parcialmente claras e compreensivas	Palavras geralmente claras e compreensivas	Frases
Mês				
Fevereiro	“annan”, “ên”, “ên”, “Nham”, “cá cá lá cá cá”, “samo samo sumamo”, “pa po pa”, “son momon”, “son momon”, “aminham”, “Dake”, “o	“poreco”(porco), “galina” (galinha), “terês” (três), “passaino” (passarinho), “passainho”, “vaina” (galinha), “vaina, vaina, vaina”, “galina”, “outo”, polhco” (porco), “poco” (porco), “passainho”, “poco” (porco), “eszpera...é o Didi Pooh”,	“animais”, “cão”, “gato”, “vaca”, “não”, “animais, animais”, “os cães”, “vaca”, “dá”, “xis”, “vê”, “não”, “animais”, “bolota”, “bolota”, “bolota”, “coelho”, “miau miau”, “caracacá”, “galo”, “osso”, “caracacá”, “caracacá”, “não”, “não”, “cão”, “cão”, “dá, dá, dá”, “pinto”, “piu piu”, “é é”, “gato”, “au au au au”, “cão”, “vaca”, “muuu”, “galinha”, “pinto”, “pinto”, “ron ron ron”, “ovelha”, “gato”, “miau”,	“não quees”, “não quees”, “não quees”, “é o gato”, “o au au, o au au”, “o cão”, “é os animais”, “o cão”, “o passainho”, “obigado gato”, “o cão”, “a vaca que ri”, “a vaca que ri”, “quees a vaina”(galinha), “a vaca que ri”, “a vaca que ri”, “a vaca que ri”, “a vaca que ri”, “a galinha”, “quees o polcolho”(queres o porco), “quees o cão”, “o cão”, “o cão”, “queres cão au au”, “a ser...só dei quatro”, “a ser...só dei quatro”, “o amigo peice”, “só dei quatro”, “isso uma amizade”, “isso uma amizade”, “no meio dos amigos”, “amigo peice”, “vaca ri”, “não queres”, “os números”, “o que tu queres?”, “ali mai todas”, “ali o Tiní”, “ali é o Timmy”, “é o /é/”, “o Mickey Mouse”, “o Mickey Mouse, Mickey

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

<p>soliedo... o soliedo”, “zuli zuli zuliedo”, “sous buelos”, “quiques”, “han han han”, “tuariuari”, “book pint”, “zupeus”, “han han han”, “dubado”, “a mama a mama”, “é amissinho”, “amistinho oussi”, “ênnn”, “o dido”,</p>	<p>“Alfin sequilos” (Alvin e os esquilos)</p>	<p>“peixe”, “quees”, “miau”, “gato”, “quere”, “pega”, “one”, “two”, “queres”, “Mickey”, “Mickey Mouse”, “quatero”, “essa”, “dá”, “Raquel”, “pega”, “cão”, “vaca”, “três”, “números”, “um”, “dois”, “três”, “quatro”, “cinco”, “a, e, i”, “não”, “pinto”, “números”, “números”, “números”, “um”, “dois”, três”, “quatro”, “cinco”, “Timmy”, “Timmy”, “Timmy”, “Timmy”, “avião”, “elefante”, “quatro” “queres”, “quero”, “não”, “não”, “não”, “não”, “letras”, “todas”, “Ruca”, “não”, “Ruca”, “max mato”, “max mato”, “max mato”, “dois”, “quatro”, “cinco”, “max mat”, “max mat”, “bola”, “bola, bola”, “outra”, “Pluto”, “Donald”, “letras”, “números”,</p>	<p>Mouse”, “a casa do Mickey Mouse”, “Sou eu”, “Ruca, sou eu”, “gostas do Ruca”, “o elefante o /e/”, “o elefante o /e/ /e/ /e/”, “o Ruca”, “o elefante”, “/a/ de avião”, “não quere”, “não quere”, “os patos”, “o pato”, “dois patos”, “a bola”, “é bola”, “a bola”, “o /a/”, “os animais”, “ovelhita mee”, “o coelho”, “dá salto”, “não quero”, “o piata do nunca”, “a vaca que ri”, “a vaca que ri”, “a vaca que ri”, “a vaca”, “Izzy, os piatas do nunca”, “os piatas do nunca”, “é o Gancho”, “e Jake e Jake”, “eu...impossible”, “amigo peço” (amigo preço), “a ser”, “um click”, “o /l/”, “não quero”, “ursinho coração”, “ursinho coração”, “a casa do Mickey mouse”, “é o /i/”, “o /q/”, “o /a/”, “O Rei Zuliano”, “os cães”, “os cães”, “o Rubble”, “o que está a aparecer?”, “o que está para aparecer?”, “é o Rocky”, “é o Chase”, “o .. o élefanti”, “I say hey”, “I say hey”, “I say /é/”, “o /é/”, “não é esse...”, “a casa do Mickey mouse”, “não quer”, “não quer”, “Rocky e Skye”, “cinco letas”, “é..é os animusics”, “é os animusics”, “é os animusics”, “o émezinho”, “queres alguma”, “o z”, “o pirata da Terra do Nunca”, “o oceano”, “não, não queres”, “Jake o pirata da Terra do Nunca”, “Terra do Nunca”, “O Winnie The Pooh”,</p>
---	---	--	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

			<p>“não”, “não”, “é”, “não”, “Mickey”, “não”, “ovelha”, “coelho”, “não”, “não”, “vamos”, “queres!”, “letras”, /z/, /e/, /m/, /w/, /j/, “Mickey, Mickey Mouse”, “Jake”, “m”, “Zuliano”, “Rei Zuliano”, “Zuliano”, “Rei Zuliano”, “Rei Zuliano”, “Rei Zuliano”, “Mickey, Mickey Mouse”, “m”, “assim”, /R/, /é/, /i/, /z/, “muuu”, “rei”, “s”, “eu”, /l/, /u/, “OLX, OLX”, “OLX, OLXX”, “OLX”, “OLX”, “OLX”, “não”, “não”, “sim”, “OLX”, “OLX”, “assim”, “amigo”, “esse”, “não”, “/é/”, “/que/”, “não”, “não”, “não”, “não”, “ursinho”, “pluto”, “escrever”, “escrever”, “vamos!”, “queres”, “quer”, “ti”, “/i/”, “/i/”, “não”, “rei Zuliano”, “rei Zuliano”, “rei Zuliano”, “/a/”, “letras”, “/x/”,</p>	<p>“queres os animais”, “queres o /a/, queres o /a/”, “é o /a/, é o /a/”, “Olá Skye!”, “é o Marchal”, “o Chase”, “o /ó/”, “queres o /ó/”, “não é”, “é o /p/”, “a patrulha pata queres”, “a Skye”, “patrulha pata, eu quero, eu quero”, “não queres”, “a resposta”, “a resposta”, “os animais”, “não quero pato, não quero pato”, “uma sapo”, “um sapo!”</p>
--	--	--	---	---

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

			<p>“OLX”, “Patrulha Pata”, “au au au”, “patrulha pata”, “Skye”, “Skye”, “Rubble”, “patrulha pata”, “Marchal”, “Rubble”, “Chase”, “Zuma”, “patrulha pata”, “Rocky”, “patulha pata”, “éne”, “éme”, “patulha pata”, “éne”, “pê”, “música”, “FOX”, “Alex”, “Mickey”, “ Mickey Mickey”, “Rubble”, “Mickey”, “éme”, “Mickey”, “zigzag”, “zigzag”, “Mickey”, “Zigzag”, “/ó/”, “óooo”, “não”, “não”, “não”, “assim”, “é”, “não”, “queres”, “não”, “/djêi/”, “Jake”, “não”, “não”, “pirata”, “pirata”, “pirata”, “oceano”, “Jake”, “Jake”, “/n/”, “Jake”, “barco”, “não”, “bê”, “não”, “não”, “não”, “guarda”, “quere, quere”, “patrulha pata”, “não”, “cócegas”, “cócegas”,</p>
--	--	--	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

			<p>“cócegas”, “sapatos”, “ajuda”, “gato”, “gato”, “patrulha pata”, “não”, “patrulha pata”, “patrulha pata”, “Skye”, “Zuma”, “Marchal”, “Rubble”, “Chase”, “patrulha pata”, “Rocky”, “Skye, Skye”, “Zuma”, “falta”, “au au”, “patrulha pata”, “olá”, “Rocky”, “Skye”, “lindo, lindo, lindo”, “Marchal”, “dá”, “chapéu”, “Zuma”, “letras”, “Patrulha Pata”, “Patrulha Pata”, “Patrulha Pata”, “letras”, “patrulha pata”, “Chase”, “Rubble”, “pluf”, “pássaros”, “não”, “os animais”, “/a/”, “/q/”, “zizag”, “Jake”, “pato”, “dá-me”, “Patrulha Pata”, “Skye”, “au au au”, “Skye”, “Skye”, “Skye”, “Chase”, “/a/”, “ajuda”.</p>	
--	--	--	---	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

<p>Março</p>	<p>“aaaa”, “lido ido indo”, “ri azedo”, “hmmm”, “(…) ati dia”, “ohhh”, “aliásidez”, “deisse”, “apiceque o que o que eh eh i”, “ali dali tset zelet”, “da da dadadada”, “split”, “auééé auéué”, “ineh ineh, ineh ineh..”, “didididi”, “qlendo”,</p>	<p>“passarino” (passarinho), “galina” (galinha), “peissino” (peixinho), “doisse, tês, quato”, “bolina” (bolinha), “bolina”, “coupo” (corpo), “volda”,</p>	<p>“vamos”, “/a”, “cão”, “lua”, “desapareceu”, “cheia”, “/q”, “letras”, “Ruca”, “Toy”, “TVI”, “Renato”, “Patrulha Pata”, “Skye”, “Rubble”, “Zuma”, “Rocky”, “Chase”, “não”, “maçã”, “maçã”, “não”, “quero”, “verde”, “não”, “bolinha”, “zumzumZum”, “azul”, “triângulo”, “azul”, “estrela”, “não”, “queres”, “círculo”, “amarelo”, “preto”, “estrela”, “amarelo”, “cinzenta”, “grey”, “cor de laranja”, “verde”, “queres”, “queres”, “queres”, “/s/”, “/é/”, “/ó/”, “/r/”, “não”, “vamos?”, “cores”, “estrela”, “continua”, “círculo”, “continua”, “triângulo”, “quadrado”, continua”, “/a/”, “Rubble”, “Skye”, “Nancy”, “queres”, “burro”, “queres”, “quere”, “patrulha pata”, “morango”,</p>	<p>“não queres”, “o /a/”, “a quinta”, “não queres”, “o /a/”, “piratas terra do nunca”, “a terra do nunca”, “a guardar”, “o /m/”, “queres o /a/, queres o /a/”, “a abelha Maia”, “não quer, não quer”, “a abelha Maia”, “não quer, não quero”, “não quero”, “o azul”, “o quadrado”, “o círculo”, “uma estrela”, “um quadrado”, “uma estrela”, “amarelo estrela”, “o círculo”, “para cima”, “um círculo”, “uma laranja”, “uma laranja”, “para cima”, “o /a/”, “caixa letras”, “caixa letras”, “para cima”, “para baixo”, “quere o /a/”, “onde tá Rubble?”, “A Paw”, “o burro”, “quere o /à/”, “pêra...patrulha pata”, “patrulha pata, patrulha pata”, “são couves”, “o que queres”, “o peixinho”, “peixe vermelho”, “não, não, não”, “a mãe e o pai”, “arruma, arruma”, “quere descansa”, “os animais”, “quero os animais”, “os animais”, “vamos guardar”, “é a vaca”, “o /à/”, “a vaca”, “o hipopótamo”, “não não, quere o /á/”, “quere...patrulha pata”, “ehh! O Chase!”, “O Chase”, “/à/ piqueno”, “o /à/”, “não quere”, “queres... o que queres”, “queres o /à/”, “não, não quer”, “queres um tiângulo”, “uma estela”, “não quer”, “o círculo”, “o /á/”, “não é”, “um triângulo...um círculo”, “um círculo”, “uma estrela”, “um</p>
--------------	--	---	--	---

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

<p>“uuuumumm”, “tigitigtig”, “mememe memem”,</p>		<p>“brócolos”, “árvores”, “Rocky”, “quere”, “quere”, “quere”, “quere”, “quere”, “letras”, “letras”, “peixinho”, “peixe”, “peixinho”, “peixinho”, “cheguei”, “vamos”, “espera”, “quere”, “vamos”, “pega”, “Skye”, “Rubble”, “muuu”, “queres”, “queres”, “não, não”, “Chase”, “olá”, “Chase” “queres”, “dali”, “Nancy”, “Nancy”, “Nancy”, “Nancy” “Nancy”, “Nancy”, “queres”, “queres”, “quere”, “queres”, “não”, “queres”, “queres”, “queres”, “quero”, “não”, “pêeeeeeeeeee”, “êêê”, “éme”, “queres”, “continua”, “pequeno”, “não”, “quere”, “caixa”, “/é/”, “Rubble”, “Ruca”, “muda”, “Ruca”, “quere”, “quere”, “queres”, “queres”, “queres”, “passainho”, “/pê/ /pê/</p>	<p>triângulo”, “um coração”, “um quadrado”, “queres o /á/”, “assim, assim...Skye”, “Take is...take is”, “um coração”, “bola, bola, booolá...”, “passainho a comer”, “a comer”, “os pássaros”, os passainhos”, “o passainho”, “é é”, “os passainhos”, “os pássaros”, “um passainho”, “queres o /á/”, “oh passainhos, passinhos”, “os passainhos”, “a Patrulha Pata”, “a Patrulha Pata”, “o Rocky”, “é o Zuma... Zuma”, “o /á/”, “o Chase”, “o Chase”, “o /á/”, “queres o /i/”, “é o /i/”, “é da televisão”, “di o que queres”, “o que é que tu queres”, “vai chega lá dento...vestido...”, “...sou eu!”, “Ah! Os passarinhos!”, “estão a comer”, “batem asas”, “é do Ruca”, “a mãe e o pai”, “Alice, Alice, Alice...oh é!!”, “a mãe e o pai”, “o pai”, “a mãe e o pai”, “queres à bola, queres às escondidas, é um amigo...a minha vida”, “não quero”, “não, não, cala”, “casa do Mickey Mouse”, “não quer”, “não quer”, “não quero”, “não queres”, “não quero”, “o meu pai”, “o meu pai”, “o meu pai”, “o meu pai”, “é o meu pai”, “quere o /á/”, “um gato catola”, “um gato catola”, “diz ahmmm...o /é/”, “o /é/”, “o passarinho a comer”, “três passarinhos”, “olha os passarinhos...”, “o passarinho...”, “o avião”, “Ruca,</p>
--	--	--	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

			<p>/pê/”, “Skye”, “queres”, “queres”, “não”, “queres”, “Patrulha Pata”, “au au au”, “au au au”, “/de/, /de/”, “queres”, “letras”, “letras”, “escrever”, “Ruca”, “passainhos”, “sementes”, “Ruca”, “três”, “passarinho”, “miau”, “pai”, “Patrulh Pata”, “Max”, “onde”, “queres”, “queres”, “números”, “qua, qua”, “sim”, “vamos”, “letras”, “elefante”, “patrulha pata”, “Rubble”, “TVI”, “bola”, “bola”, “/d/”, “/m/”, “não”, “show”, “fama show”, “show”, “fama”, “girafa!”, “girafa”, “tigre”, “tigre”, “tigre”, “bolinha”, “miau”, “bola”, “desenha”, “igual”, “azul!”, “girafa”, “quere”, “Ruca”, “passarinha”, “quere”, “Ruca”, “macaco”, “quere”, “manta”, “não”, “círculo”, “não”, “pera”, “letras”,</p>	<p>Ruca...”, “Ruca, Ruca, sou o Ruca! Hahaha, sou eu!”, “o meu pai”, “quer as letras”, “uma girafa”, “that o way”, “deste o /ó/”, “outros ni”, “não quere”, “o casaco”, “os esquilos”, “não quere”, “os esquilos”, “Zica, o super-herói”, “Zica, o super-herói”, “a patrulha pata”, “não quere”, “dia do crocodilo”, “/ó/, o meu pai”, “a mãe”, “a mãe e o pai”, “é o meu pai”, “olha uma estrela”, “quere uma estrela”, “queres o /a/”, “o /a/”, “não queres”, “o quê que tu queres?”, “obrigada Chase”, “o quê que tu queres”, “um passarinho”, “piratas terra do nunca”, “Portugal em festa”, “a minha Madeira”, “quero galinha”, “quero pato”, “quero cão”, “quero peixe”, “quero porco”, “quero pinto”, “quero miau”, “quero gato”, “quero coelho”, “o pão”, “um pouco”, “para comer”, “outro prato”, “é o nariz”, “nham! Saboroso!”, “O Ruca”, “É o Ruca! Os passarinhos! Piu piu piu”, “O Ruca”, “a comer o passarinho”, “dois, três...”, “o passarinho”, “um passarinho...outro passarinho”, “quatro passarinhos”, “jay toy, jay jay...”, “quere as letras”, o Ruca”, “quere um”, “o Alvin e os esquilos”, “o /i/ o Alvin e os esquilos”, “o Pinóquio”, “são muitos”, “o meu pai”, “é o pai”, “o pai”, “o meu pai”, “o meu</p>
--	--	--	---	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

			<p>“Mickey”, “o /a/”, “Pluto”, “Vamos?”, “/a/”, “/m/”, “queres”, “vamos”, “patrulha pata”, “Chase”, “não”, “queres”, “queres”, “não”, “letras”, “letras”, “cidade”, “não”, “/i/”, “vaca”, “Y”, “/i/”, “cidade”, “show”, “Portugal”, “não”, “Mogli”, “não”, “pizza”, “casinha”, “quere”, “vrummm”, “passarinhos”, “passarinho”, “piu piu piu”, “passarinho”, “piu piu piu”, “queres?”, “um”, “Pinóquio”, “pai”, “Marchal”, “Rider”, “au au au au au”, “Rubble, Rubble”, “Marchal, Marchal”, “Zuma”, “Tiger”, “Tiger”, “Grrr”, “riscas”, “Rubble”, “verde”, “Peter”, “minúsculas”, “não”, “não”, “show”, “fama”, “não”, “acabou”, “estas”, “tapa”.</p> <p>pai”, “o teu pai”, “está, está feliz!”, “é meu amigo”, “é para o pai, é o pai”, “é meu amigo”, “o meu pai”, “é o dia do pai”, “dia do pai”, “este é o pai”, “é teu pai”, “a Patrulha Pata”, “a Patrulha Pata”, “é o Rider”, “é a Patrulha Pata, Patrulha Pata”, “É a Patrulha Pata”, “olha!...é a <i>Skye</i>”, “é a Patrulha Pata”, “<i>Rider</i>, olha o <i>Rider</i>”, “o tigre”, “ahhh! O tigre”, “a Patrulha e os seus heróis”, “o <i>Marchal</i>, o <i>Marchal</i>, <i>Marchal</i>, o <i>Marchal</i>”, “é um cão”, “as letras”, “é verde”, “eu não quere, eu não quere”, “eu não quere...eu não quere”, “eu não quero”,</p>
--	--	--	---

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

<p>Abril</p>	<p>“Máma”, “ââ”, “ohhh!”, “Ohhh”, “iã”, “dai dai dai”, “san”, “lola”, “tim tlim tim tlim”.</p>	<p>“reógio” (relógio), “guanapo” (guardanapo), “Paiainho”, “Paiatinha”, “plastitchina”(plasticina); “plastitchina”, “plastitchina”, “leopado” (leopardo), “laranjeia” (laranjeira), “aventua” (aventura), “dinheiro” (dinheiro), “quadado” (quadrado), “coação” (coração),</p>	<p>“Raquel”, “maçã”, “queres”, “triângulo”, “domingos”, “legos”, “sporting”, “tic tac”, “tic tac, tic tac...”, “nove”, “patrulha pata”, “au au”, “au au”, “Noddy”, “não”, , “piu piu”, “escreve”, “Danny”, “Danny”, “cores”, “S.”, “Chase”, “au au”, “au au”, “queres...”, “queres...”, “não, não”, “i”, “y”, “queres...”, “queres...”, “não”, “piu piu”, “piu piu”, “passarino”, “piu piu”, “piu piu”, “piu piu, piu”, “patrulha pata”, “Ryder”, “pequena”, “pequena”, : “Mickey”, “peixe”, “peixe”, “Lucas”, “queres...queres”, “passarinho, passarinho”, “não”, “não”, “não”, “não”, “outra”, “dá”, “cair”, “super-herói”, “super-herói”, “queres”, “outra”, “super-herói”, “super-herói”, “não”, “super-herói”,</p>	<p>“vê melhor”, “vamos fazer um triângulo”, “o que tu queres?”, “o que tu queres?”, “queres que tu passes letras”, “é “um””, “o quê que tu queres?”, “os piratas da terra do nunca”, “ “M” e “A” “MA” Max”; “É Max”, “não quer, não quer”, “Patrulha Pata! A Patrulha Pata!”, “onde está?”, “Alvin não quer”, “obrigada Lolly”(canção), “É borboleta”; “não quer”, “não quer”, “não queres”, “vai buscar”, “queres o “N”, queres “N””, “o S.”, “o S.”, “o Danny”, “O S. gosta”, “Danny, o Danny”, “Danny, Danny, o Danny”, “para Danny”, “para o Danny”, “é o Danny”, “Danny, é o Danny”, “ooooo Danny”, “o S.”, “beber água”, “bolas de sabão”, “os coelhinhos”, “os coelhinhos, os coelhinhos...”, “as letras”, “no Jake”, “o Jake”, “o pirata”, “a espada”, “do Jake”; “A Patrulha Pata, a Patrulha Pata, a Patrulha Pata...”, “é um cão”, “é um cão”, “são os...são os... são os números”, “o dois”, “número dois”, “quer o “a””, “o “a””, “dá letra”, “caiu ao chão”, “queres o “e””, “queres o “n””, “queres o “n””, “não quer”, “posso dar”, “o passarino”, “quer o e”, “o passarinho, o passarinho...”, “o “d””, “a patrulha pata, a patrulha pata”, “o peixe”; “o peiiiiixe”, “és o peixe”, “peixe a nadar, o peixe”; “no Lucas”,</p>
--------------	--	--	---	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

			<p>“foge”, “Henrique”, “dá”, “socorro, socorro”, “nariz”; “Margarida”, “não”, “Jéssica”, “Dany”, “Tiago”, “pega”, “não”, “não”, “bolas de sabão”, “mais”, “Leonor”, “Leonor”, super-herói”, “Pluto”, “Margarida”, “Mickey”, “Minnie”, “Pateta”, “Pateta”, “patetices”, “Pateta”, “passarinhos”, “ai, ai, ai”, “avó”, “Ruca”, “passarinhos”, “Ruca”, “Margarida”, “miau, miau”, “gato”, “gato” “Mickey mouse”, “pato”, “cavalo”, “zebra”, “aventura”, “não”, “mais”, “mais”, “não”, “não”, “dá”, “Jake”, “casa de banho”, “queres”, “Mãe”, “T-Rex”, “três”, “não”, “não”, “não”, “não”, “escreve”, “não”, “não”, “burro”, “Alice”, “laranjas”, “laranja”, “árvore”, “arbustos”, “Alice”, “foto”, “sapo”, aventura”, “vou guardar”, “é a casa de banho”, “não queres”, “não quero”, “os números”, “o “a””, “para guardar”, “já acabou”, “quero as cores”, “é assustador”, “os números”, “queres o dois”, “quero o dois”, “queres o três”, “eu quero o três”, “o três”, “queres o quatro”, “quero o quatro”, “quero mais”, “está a dormir”, “tchau burro”, “o cão”, “o burro”, “está a comer laranjas”, “pai da Alice”, “o céu”, “o sol”, “o burro está a comer a laranja”, “burro, laranjas”, “é o burro passear com laranja”, “é a árvore”, “é a árvore”, “é do rato é duma história”, “era uma vez...”, “a história do sapo”, “o sapo”, “um cão”, “quem será?”, “o Marshall”, “um cão”, “o Marshall”, “não parece ser aí”, “não parece ser aí”, “tantas bolinhas”, “mais bolinhas”, “não queres”, “o cão”, “o Jake”, “ora bem...”, “és um mainheiro” (marinheiro), “olá és o Pluto”, “a mãe”, “és um mainheiro”, “o gato miau”, “é o gato”, “queres brincar com nas cores?”, “que pode fazer?”, “é Marshall”, “dia do pai”, “é uma estrela”, “é mãe”, “é boneco de neve”, “é a super pista”, “queres o “um””, “queres o “um””, “queres o /é/”, “quero o /é/”, “quero o /é/”, “queres o /s/”, “queres o /n/”, “quero o /n/”, “mia o gato”, “o gato”, “o cão”,</p>
--	--	--	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

			<p>“sapo”, “guardanapo”, “olá”, “queres o /f/”, “quero o /f/”, “queres o /i/”, “queres o João”, “sapo..”, “sapo”, “qua qua”, “pato”, “quero o João”, “queres as etas”, “o ‘j’”(verbalizou a letra em inglês), “o jota”, “queres o Marshall”, “o Marshall”, “outros cães!”, “o cão”, “o Chase”, “não quero”, “não quer”, “sou mainheiro” (marinheiro), “és mainheiro”, “não queres”, “o Zuma”, “a Alice”, “o burro!”, “uma laranja”, “tá a comer laranja”, “queres o /a/”, “quero o /a/”, “o círculo”, “não queres”, “da Alice”, “o que é?”, “é o burro”, “dia da mãe”, “está bem”; “o /é/”, “não quero”, “os arcos”, “o gato”, “o ‘r’”, “mia o gato”, “foi à feia” (feira), “queres o ‘o’”, “queres o ‘m’”, “não queres”, “o ‘i’”, “o ‘b’”, “a baleia”, “quero ‘i’”, “de elefante”, “queres o ‘u’”, “ficou pó”, “ficou pó”, “queres o sete”, “foi quatro”, “é azul”, “queres o ‘b’”, “‘b’ de burro”, “o burro a comer laranja”, “não queres”, “queres o ‘s’”, “é lavar os dentes”, “é lavar os dentes”, “queres o ‘i’”, “queres o ‘u’”, “é o maiúsculo”, “é o maiúsculo”, “é o maiúsculo”, “é o maiúsculo”, “é minúsculo”, “os minúsculos”, “todos juntos”, “é um coração”; “eu quero o coração”, “não queres”, “vá arruma as maiúsculas”, “queres o quatro”.</p> <p>“black”, “Chase”, “Rocky”, “Marshall”, “dá”, “Marshall”, “escreve”, “mãe”, “escreve”, “não”, “quadrado”, “círculo”, “não”, “Rocky”, “Zuma”, “Skye”, “dá”, “arrumar”, “almoçar”, “sete”, “cócegas”, “dá”, “dá”, “dá”, “Jake”, “chapéu”, “espada”, “bolinhas de sabão”, “bolinhas”, “bolinhas”, “apanha”, “braço”, Rocky”, “au au”, “espada”, “espada”, “Rocky, Rocky”, “encaixou”, “espada”, “pau pau pau”, “Pluto”, “gato”, “miau”, “roxo”, “bebé”, “pés”, “sapatos”, “Marshall”, “triangle”, “super pista”, “mãe”, “mãe”, “mais”, “boneco de neve”, “boneco de neve”, “corre”, “super pista”, “super pista”, “/l/”,</p>
--	--	--	---

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

			<p>“/o/”, “super pista, super pista”, “super pista”, “João”, “gato”, “miau miau”, “cão”, “cão...”, “cão”, “rato”, “pega”, “não”, “/f/”, “João”, “João”, “não”, “Patrulha Pata”, “/i/”, “Margarida”, “Matilde”, “Gustavo”, “Maria”, “Íris”, “maçã”, “bolacha”, “tchau”, “abraço”, “Marshall”, “au au”, “Patrulha Pata”, “Chase”, “Skye”, “Ryder”, “Marshall”, “Marshall”, “Marshall”, “Marshall”, “Rubble”, “Zuma”, “juntos”, “outra”, “leão”, “tartaruga”, “Marshall”, ”burro”, “zebra”, “cavalo”, “cavalo”, “cavalo”, “cavalo”, “zebra”, “dá”, “Pinóquio, “porco”, “ovos”, “passarinho”, “vai vai vai”, “ajuda”, “piu piu”, “Alice”, “Alice”, “apecedário” (abecedário), “abecedário”, “Alice”, “foto”,</p>	
--	--	--	---	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

			<p>“árvore”, “abustos” (arbustos), “Alice”, “Alice”, “Alice”, “Alice”, “bolas de sabão”, “piu piu”, “zebra”, “zebra”, “nuvem”, “ajuda”, “pato”, “ajudaste?”, “avião”, “experimenta”, “estrela”, “foca”, “foca”, “foca”, “/s/”, “golfinho”, “super queijo”, “super queijo”, “ajuda”, “arcos”, “pequeno-almoço”, “r”, “Pinóquio”, “rato”, “gato”, “queres...”, “queres...”, “Pinóquio”, “baleia”, “baleia”, “baleia”, “baleia”, “golfinho”, “golfinho”, “elefante”, “Pinóquio”, “blue”, “azul”, “verde”, “quatro”, “quero”, “Alice”, “burro”, “não”, “s”, “maiúsculo”, “minúsculo”, “isso, isso”, “maiúsculo”, “minúsculo”, “Pinóquio”, “Pumba”; “não”, “cinco”, “a”, “e”, “i”, “o”, “u”.</p>	
--	--	--	--	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

<p>Maio</p>	<p>“an an na”, “eni”, “apipa”, “oh”, “aaaa”, “éóó”, “aiáiaiaia”, “nan”, “oórri”, “aah”, “azulele azulela”, “ieeé”, “sobi, sobi”, “eheheheh” “mei”</p>	<p>“ochechas” (bochechas), “lin helinpopero” (helicóptero), “baco” (barco), “baco”, “super baco”, “mocopectero” (helicóptero), “rinocente”, “segua” (segura), “estela” (estrela), “esquilona” (comilona), “cápoa” (capoeira),</p>	<p>“dá”, “Francisco”, “abraço”, “vamos”, “miau”, “x” (em inglês), “pois”, “black”, “black”, “preto”, “preto”, “x” (em inglês), “não”, “não”, “não”, “não”, “não”, “não”, “queres”, “aqui”, “passarinho”, “piu piu piu”, “piu, piu, piu”, “passarinho”, “zebra”, “zebra”, “queres”, “letras”, “João”, “cão”, “cão”, “não”, “maiúsculas”, “minúsculas”, “minúscula”, “Alice”, “Alice, Alice, Alice”, “mãe”, “Margarida”, “animais”, “passarinhos”, “pintainho”, “j” (em inglês), “Rei Leão”, “j” (em inglês), “Alice”, “Alice”, ...vez”, “aranhas”, “gostei”, “cavalo”, “Mínimos”, “brócolos”, “cebola”, “maça”, “pera”, “banana”, “brócolos”, “pera”, “minúsculo, minúsculo”,</p>	<p>“queres o “o””, “o gato miau”, “queres o casaco”, “o casaco”, “o casaco”, “o “x””, “tá bem”, “quero o bebé”, “...tem uns olhos”, “...o livro”, “Al Alice”, “o burro”, “o burrinho”, “não queres”, “não queres”, “ahhhh... é isso quero...”, “é queres”, “quero a “ma””, “o “n””, “quero o “n””, “onde está?”, “o “x”” (em inglês), “onde está?”, “imó de zebra”, “é a zebra!”, “ligue já”, “uma estrela”, “tchau burro!”, “ “l” lice lice lice”, “a história”, “já está”, “o Panda vai à escola com os amigos”, “o cão”, “o pato”, “Jake o pirata”, “Jake o pirata”, “olá!”, “...fazes por aqui?”, “o mainheiro”, “a Alice”, “a Alice”, “ “é da história, é da história da Alice”, “a Alice”, “a Alice”, “os olhos”, “um avião”, “os Mínimos”, “estão aqui”, “aaaahhhhhh o “s”!””, “é o Pinóquio”, “o “n””, “o “n””, “o “n””, “na sopa”, “aqui brócolos”, “são verdes”, “são grandes”, “o “m””, “roda Raquel”, “o “i””, “roda Raquel”, “queres o passarinho”, “mais um, dois, três”, “queres o quadrado”, “o quadrado”, “vamos? Um, dois, três”, “mais letras”, “queres os animais”, “back in town”, “back in town”, “o mar”, “o gato”, “mia o gato”, “mia o gato”, “queres o “m”, “o “d””, “o “d””, “queres o “i””, “o “i””, “não queres”, “queres roda”, “o Rei</p>
-------------	---	---	--	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

			<p>“Rei Leão”, “leão”, “Rei Leão”, Rei Leão”, “Pinóquio”, “dançar”, “Pinóquio”, “brócolos”, “n”, “brócolos”, “queres”, “alface”, “banana”, “não”, “saborosa”, “vamos”, “roda”, “outra”, “uma”, “roda”, “queres...”, “passarinho”, “roda”, “mais”, “piu piu”, “passarinho”, “bicicleta”, “mais”, “cão”, “passarinho”, “piu piu”, “passarinho”, “roda”, “cubo”, “retângulo”, “triângulo”, “roda”, “mais”, “o”, “não”, “sapatos”, “menino”, “navegar”, “sete”, “ajuda”, “Tiago”, “Tiago”, “cisco”, “saborosa”, “piu piu”, “quer, quer”, “roda”, “gato”, “d” (em inglês) “piu piu”, “brinda”, “brinda”, “brinda”, “passarinho”, “passarinho”, “T-Rex”, “Alice”, “au”, “au”, “orange”, Leão”, “o tigre”, “tá vazio!”, “é o passarinho”, “o arco”, “o Rei Leão”, “ah! Quer roda, queres a roda”, “queres as letras”, “o gato”, “o gato”, “queres o “a””, “o “a””, “o rato”, “queres o “a””, “queres o “a””, “queres o “a””, “queres o “a””, “o “d””, “queres pegar, queres pegar?”, “o dinossauro”, “o dinossauro”, “gosto do T-Rex”, “queres o “o””, “quero o “o””, “o “i””, “uma laranja”, “pa sopa”, “queres o “i””, “sou Bad Pitt” (Brad Pitt), “a galinha”, “a galinha”, “a galinha”, “é da Alice”, “A” de Alice”, “eh eh eh acrobacias (acrobacias)”, “eh eh eh de laranjas”, “que lindo que sol”, “super-cola de sapatos”, “o urso”, “as bananas”, “vamos guardar as letras”, “queres escrever mãe”, “escreve aqui burro”, “cá escreveu”, “ahhh a história”; “é é as letras”, “quer o /j/”, “o Jéssica”, “o “i””, “o “s””, “não tá!”, “já escreveste?”, “ahhh! O gato”, “mia o gato”, “o pequeno-almoço”, “é bom”, “o “u””, “o “u, o “l””, “não queres”, “não queres”, “a” de “abeia”” (abelha), “Oh! Quem está na tua cama?”, “era as cuecas”, “eu vou...ali”, “é o “b””, “queres ir pa a escola”, “queres sair”, “não quer”, “queres roda”, “quero roda”, “uma voltinha”, “mais uma roda”, “não queres”, “não quero”, “as letras”, “é o passeio da</p>
--	--	--	---

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

			<p>“cor de laranja”, “maçã”, “brócolos”, “alface”, “cenouras”, “brócolos”, “verde”, “pizza”, “cu cu cu”, “córococó”, “galinha”, “balão”, “não”, “coelho”, “rato”, “urso”, “r”, “mola”, “economia”, “economia”, “Alice”, “Pinóquio”, “Alice”, “Alice”, “Al” “abre”, “janela”, “não”, “quer”, “não”, “Jéssica”, “gato”, “pequeno-almoço”, “quero”, “m”, “peixe”, “Jéssi, Jéssica”, “sete”, “oito”, “x” (em inglês), “minúsculas”, “oito”, “o”, “Daniel”, “espera”, “segura”, “não”, “não”, “roda”, “não”, “zebra”, “bochechas”, “passarinho”, “Alice”, “Alice”, “um”, “mãe”, “adeus”, “Pluto”, “Margarida”, “Matilde”, “Matilde”, “não”, “não”, “esse”, “não”, “au au”, “Chaplin”, “porco”, “T-Rex”, zebra”, “a zebra”, “o cão”, “ah! Uma estrela”, “ah! Também o sol”, “oh! O chapéu? O chapéu?”, “o passarinho”, “oh! Piu piu”, “é a casa do Mickey mouse”, “a Minnie”, “ah! Onde estás Minnie?”, “a Minnie”, “a Minnie”, “a Minnie cozia”, “a Minnie cozia”, “ei! O Mickey”, “essa letra”, “quer o “a””, “o pato”, “o pato”, “o queijo”, “vamos comê-lo?”, “a Alice”, “Adeus Alice! Até à próxima”, “quero a Margarida”, “a Matilde”, “não queres”, “não queres”, “não queres”, “não queres”, “na tv”, “o rato”, “o cão”, “o cão, cão, cão...”, “é o cão”, “é fofinho”, “o rato”, “Ah! O T-Rex”, “é verde”, “ah! O tomate”, “ah! O balão”, “não quer aqui, não quer aqui”, “o pin quer pato”, “Oh! Uma casa”, “Uau! É fixe a casa”, “Oh! A baleia”, “é grande!”, “Ah! O macaco”, “o macaco”, “ah! A tartaruga”, “oh! O Pinóquio”, “oh! O leão”, “O leão”, “é um animal”, “Ah! O vião” (avião), “quê este?”, “o que é isto?”, “o dedo”, “o que é isto?”, “é uma luva”, “o que é isto?”, “uma peredra”, “uma grande pedra” “e o que é isto?”, “é para beber...o leite”, “deixa ver”, “é o bebé”, “oh! O livro”, “Oh! O livro”, “as histórias meninos, histórias”, “a educadora Ilda”, “Ahh! O ovo”, “comer o ovo”, “é da galinha”, “o que é isto?”,</p>
--	--	--	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

			<p>“verde”, “bola”, “baleia”, “bonita”, “vrumm”, “sabias?”, “este?”, “purple”, “acho”, “boboleta”, “oh! oh!”, “delicioso”, “borboleta”, “não”, “enfim”, “este”, “não”, “não”, “ajuda”, “maiúsculas”, “cenouras”, “ah ah!”, “yammy yammy yammy”, “Ah!”, “juba”, “Marshall”, “Marshall”, “Marshall”, “baleia”, “baleia”, “baleia”, “z”, “não”, “não”, “b”, “não”, “pato”, “qua”, “pato”, “roda”, “roda”, “dacolá”, “não”, “não”, “não”, “dá”, “roda”, “não, não, não”, “não”, “não”, “não”, “a a a a”, “máquina fotográfica”, “oh!...”, “burro”, “olha!”, “Daniel”; “dinossauro”, “voou”, “Deco”, “domedário”, “dálmata”, “mãe”, “abecedário”, “Margarida”, “olá”, “Mickey”, “Oh! Uma casa”, “Ah! A janela”, “da casa”, “Oh! O carro”, “o que é este?”, “o boneco”, “uma boneca”, “que é este?”, “é roxo”, “são uvas”, “ohoh! Sapatos”, “as botas”, “oh! Uma cadeia” (cadeira), “uma mesa”, “é uma mesa”, “O que é isto?”, “uma bolota”, “o coelho”, “oh meu querido coelho”, “O que é isto?”, “um dado”, “um quadrado”, “o dado”, “É! O que tá dentro da água?”, “o barco”, “o que é isto?”, “é pudim”, “Oh! Quem é?”, “o rato”, “Oh! girafa”, “e agora...”, “que é isto? É a girafa”, “que é isto? o rato”, “que é isto? yammy delicioso”, “o pudim”, “o que é isto? É água”, “um barco”, “o que é isto? O dado?”, “um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez”, “é do dado”, “o coelho”, “come as cenouras”, “que é este? É coelho!”, “O que é este? É a pota” (porta), “bater à porta”, “que é este? é o tomate”, “vermelho o tomate”, “comer pa salada”, “Que é este? Borboleta”, “Que é isto? Pedra”, “o que é este?”; “esta é tomate”, “que é da água”, “esta é pequena”, “não queres”, “a moda dos sapatos, das sapatilhas”, “aqui esta”, “ao pé da girafa”, “não quer os parabéns”, “olha ali! Quero a alface”, “uma maçã, uma, uma laranja”, “o tomate”, “olha [palavras ilegíveis] o Rei Leão”,</p>
--	--	--	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

			<p>“não, não”, “olha”, “queres”, “não”, “toma”, “não”, “não”, “Matilde”, “Matilde”, “Francisco, Francisco”, “não”, “cis...”, “c”, “i”, “j” (em inglês), “Francisco”, “Francis”, “c”, “Francisco”, “Ema”, “Jéssica”, “/j/”, “c”, “c”, “Jéssica”, “não”, “Minnie”, “Minnie”, “Pluto”, “Pluto”, “au au”, “Margarida”, “Margarida”, “este”, “selva”, “um”, “Rei Leão”, “hipopótamo”, “hipopótamo”, “chita”, “chita”, “Rei Leão”, “ávore”, “olha”, “raminhos”, “não”, “passear”, “olha”, “tigue”, “couve”, “couve”, “sim”, “esperem!”, “rinoceronte”, “achas?”, “Achas?”, “João, João”, “burro”, “vaca”, “cabelo”, “almoçar”, “Chaplin”, “Chaplin”, “Chaplin”, “bolas”, “bolas de sabão”, “queres...”</p>	<p>a boca?”, “tá bem”, “o Daniel”, “”d” Daniel”, “olha o Daniel”, “Daniel cima do dinossauro”, “o Daniel”, “o Daniel”, “oh! Magarida”, “oh! Leonor”, “oh! a Beatriz”, “o Jéssica”, “o Tiago”, “os amigos”, “a Leonor”, “o Daniel”, “oh! A Beatriz”, “Ah! Íris”, “um “t””, “a Beatriz”, “o Gustavo”, “ “a” maiúsculo”, “o “u””, ““u” “a””, “uá uá”, “o macaco”, “queres a banana?”, “uma zebra, uma zebra”, “parecia, parecia um cavalo”, “animal pijama”, “a zebra a zebra zebra a zebra”, “olá aqui”, “a zebra a zebra zebra a zebra”, “a zebra”, “olha! As letras”, “o “a””, “o “i””, “o “u””, “a Francisca”, “crocodilo, o crocodilo”, “não queres, não queres”, “a Francisca”, “ah! Uma televisão”, “oh! olha!”, “o sol, o sol, o sol”, “é o tambor”, “ /t/ de tambor”, “é uma mala”, “de viaem” (viagem), “de mala”, “o “m””, “o iglô”, “olha o...”, “o “e””, “a lua”, “um “l””, “o Pateta”, “ah! Um queijo”, “a nuvem”, “ah! Uma árvore”, “quero fazer”, “oh! O ursinho”, “um sapato”, “oh! O que é que é este?”, “no gelo”, “no gelo”, “o que tem o relógio?”, “assim é o puzzle”, “preciso do “r” de relógio. Tá bem?”, “olha do iglô falta tudo”, “um iglô”, “então fica aqui”, “depois colocar aqui”, “a baleia”, “uma golfinho”,</p>
--	--	--	--	---

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

			<p>“queres”, “leão”, “rei leão”, “rei leão”, “Zig zag”, “sim”, “não”, “Sam”, “A-LI-CE”, “escreve”, “Francisco”, “esqueve”, “João”, “Leonor”, “corvo”, “bico”, “Madeira, Madeira”, “passarinho”, “piu, piu”, “passarinho”, “piu, piu, piu”, “passarinho”, “posso”, “Alice”, “não”, “gagatinha”, “lagatinha”, “queres”, “Minnie, Minnie”, “nham nham”, “g” (em inglês), “/g/”, “Chaplin”, “é, é, é”, “Daniel”, “o o o o o”, “não”, “não”, “Chaplin”, “Kid”, “Zig Zag”, “Chaplin”, “Chaplin, Chaplin, Chaplin”, “c”, “h”, “a”, “p”, “l”, “i”, “Ilda”, “Chaplin”, “bigode”, “eeeeeeee”, “Popota”, “Jessi”, “Je-ssi, Je-ssi”, “João”, “Chaplin”, “Chaplin”, “dança”, “continente”, “a baleia”, “um golfinho”, “é com este”, “é frio”, “olha este [palavras inatingíveis ao adulto] da mesma estrela”, “uma zebra”, “olha!”, “oh! O Mickey”, “Oh! Que é que é este?”, “é um Pateta”, “caiu lá”, “Oh! olha, caiu po chão”, “quer, não! Aaahhh”, “quer a Margarida”, “a casa do Mickey mouse”, “Pateta, Pateta”, “ai no olho”, “olha! Olha! Queres afastar?”, “queres tirar”, “quer, quer tirar”, “as letras”, “quero as letras”, “o abecedário”, “não quer abanar”, “queres não”, “o “d””, “o “e””, “Oh! Francisco”, “o “c””, “a Ema”, “o “e””, “o “s””, “outro “s””, “o “i””, “o “a”!”, “o Francisco”, “oh! Se pô-lo aqui”, “sim arrumar, hora de arrumar”, “não, não quer”, “Raquel, não”, “O Pluto, o Pluto”, “a Margarida”, “a Margarida”, “a Margarida”, “esse chão”, “é o bostick”, “sim, é o bostick”, “...dois, três”, “a Mangeida e o Pluto”, “adeus ao Pluto”, “o tigue, o tigue?” (tigre), “Oh! Os animais. O tigue.”, “a chita”, “o tigue”, “a árvore”, “o Pluto”, “Não queres chita?”, “o filhote também vamos”, “vamos pô a avore”, “a árvore”, “a árvore segua de pé”, “a árvore é assim”, “até parece”, “olha, olha, olha”, “Oh! O que queres os raminhos”, “aguenta de pé”, “a árvore é assim”, “fecha a boca”, “rio água”, “olha,</p>
--	--	--	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

			<p>“Popota”, “con-ti-nen-te”, “Popota”, “Cha...”, “Cha-plin”, “Chaplin”, “Chaplin”, “Chaplin”, “Chaplin”, “Madeira”, “folha”, “/g/”, “Ema”, “Susana, Susana”, “roda”, “Mickey”, “Minnie”, “Mickey”, “porco”, “Ali”, “Alice”, “gagadinha”, “lagatinha”, “lagartinha”, “olha..”, “lagatinha”, “olha”, “casulo”, “gelado”, “chupa chupa”, “Palavras”, “sapatos”, “moango”, “flor”, “carro”, “aqui”, “olha”, “olha!”, “... Mickey”, “Chaplin”, “corrê”, “domi”, “sentá”, “mãe”, “corrê”, “domi”, “sentá”, “rrrzzzz...rrzzzz”, “números”, “oito”, “quatro”, “quero...”, “zero”, “dez”, “galinha”, “cão”, “sapato”, “capoeia”, “sapato”, “capoeia”, “sapato”, “capoeia”, “um”, “dois”, “três”, “quatro”, “cinco”, “seis”,</p> <p>amigos!”, “...o hipopótamo”, “com o outro”, “e não gostas de couve”, “e não gostas, e não gostas de couves, não gostas de couves”, “meu filhote”, “esperem po mim” (esperem por mim), “tu não queres! Tem couves para almoçar”, “mnham mnham mnham”, “O rinoceronte.”, “ah! Vamos começa a come”, “vamos come o come”, “olha! João”, “o amigo João”, “João! É mesmo isso”, “se calha é melho” (se calhar é melhor), “aqui na mesa é melhor”, “O amigo João, o João!”, “olha, olha”, “olha, olha! O burro”, “a vaca”, “o Chaplin”, “queres que esqueva...Chaplin”, “és o Chaplin”, “uma castanha”, “oh! mais...”, “é o bigode do Chaplin”, “é o bigode! É o bigode do Chaplin”, “O chapéu do Chaplin!”, “chapéu cabecha Chaplin” (cabeça), “oh! Já está!”, “o Chaplin”, “o Chaplin”, “o Chaplin”, “a mãe”, “queres esqueve”, “queres esqueve, queres esqueve”, “o Chaplin”, “esqueve, Raquel”, “Chaplin, o Chaplin”, “o café”, “o café”, “o leão”, “O Chaplin”, “queres ve o Chaplin”, “olha! O Zig Zag”, “hoje nã sé o Zig Zag”, “tá na hora, nã!”, “olha, faz!”, “o cão”, “queres o cão”, “o cão”, “ah! Alice”, “um cão, um cão”, “A Alice, a Alice”, “o burro”, “o Daniel”, “olha o</p>
--	--	--	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

		<p>“sete”, “oito”, “nove”, “dez”, “galinha”, “copoeira”, “sapato”, “capoeira”, “capoeira”, “sapato”, “capoeia”, “sapato”, “cozinheia”, “sa-pa-to”, “pintá”, “pintar”, “leão”, “balão”, “galinha”,</p>	<p>Daniel”, “a Francisca”, “assim não”, “olha! João”, “escreve João”, “Li-li-onor, lili li-onor”, “passarinho, o passarinho”, “olha, olha o passarinho”, “encontros na Madeira” (encontros na Madeira), “encontros na Madeira”, “o passarinho”, “o passarinho”, “o passarinho”, “olha! Um arco”, “o “a””, “olha! O sol...o céu”, “Olha! É a lua...”, “a lagatinha”, “queres, queres..”, “o “a”” e “o “v””, “a lagatinha, a lagatinha”, “a segui tu levas a lagatinha”, “o “i””, “estas (palavras pouco claras) lagatinha”, “olha! chegou ca lua”, “Olha a lagatinha”, “co sol”, “olha...(linguagem impercetível)”, “1,2,3,4,5 a maçã”, “são as letas”, “esta só qué a lagatinha”, “exploração do tigue”, “exploração do leão”, “vamo arruma”, “quero as letas”, “queres o “h””, “não queres”, “Os animais”, “a sério, a sério”, “o Chaplin”, “Chapéu do Chaplin”, “o Chaplin”, “queres o “c””, “o Chaplin”, “queres, queres”, “/g/ /g/ Santiago”, “queres o “i””, “o “i””, “queres o “e””, “o “z””, “a Zeba”, “o Chaplin”, “o “n””, : “destido o café”, “a Raquel”, “o Chaplin”, “não queres”, “queres que esqueva o oito”, “o Chaplin”, “o bigode”, “o “s””, “o “a””, “queres Popota”, “tu queres..”, “queres que esqueva Popota”, “a Popota”, “queres</p>
--	--	--	---

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

			<p>Jéssica”, “o João”, “o Chaplin”, “o “u””, “a Popota”, “Chaplin, o Chaplin”, “queres Popata?, “a Popota”, “o Chaplin”, “quere sentare” (queres sentar), “gato da cartola”, “queres esqueve Chaplin”, “amigos do Chaplin”, “a bola”, “queres esqueva Madeira”, “é o azul”, “o verde”, “bolas de sabão”, “hummmm gostas bolas de sabão”, “olha é o “baixi””, “quero o preto”, “outra vez”, “o passarinho”, “o abecedário”, “o “/g””, “queres o continente”, “a Minnie”, “roda o baloiço”, “queres a Minnie”, “o continente”, “quero as letras”, “a Minnie”, “o Mickey”, “Mickey Mouse”, “vás cola na Minnie”, “olha (palavras impercetíveis) é o Mickey”, “isto é o Mickey”, “poing poing poing”, “salta, salta”, “queres o “a””, “o “d””, “o “d””, “o “i””, “o pato, o pato”, “queres o “m””, “o javali”, “poing poing poing”, “o do Daniel”, “quês que diga lagatinha”, “o pai”, “a lua”, “o ovo”, “1, 2, 3,4,5,6,7” (aquando a imagem das frutas que a lagarta havia comido), “neste lado”, “1, 2, 3,4,5,6,7, 9, 10” (ao aparecer mais comida), “lagatinha pa baixo”, “olha (jargão) boboleta”, “vitória vitória...”, “vitória vitória, acabou-se a nossa história!”, “olha esti bolas”, “Isto é o céu”, “abistei a lua”,</p>
--	--	--	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

				<p>“olha 1,2,3,4,5,6,7”, “os moangos”, “a lagatinha”, “vestido da lagatinha”, “vestido de borboleta”, “vitória vitória, acabou-se a nossa história!”, “vitória vitória, acabou-se a nossa história!”, “sobe quê?, “sobe a bola”, “o que é isto?”, “a Minnie”, “vamos coloca”, “quero os númeos”, “número um”, “uma...é uma”, “olha, número quatro”, um, dois, tês”, “e o cinco”, “é o seis”, “não queres”, “olha o sete, olha o sete”, “é o dois”, “é o nove”, “não queres”, “é do seis”, “olha é o...olha é o... tês”, “não queres”, “o dez”, “o pato”, “o pato”, “ah! Aquele”, “a galinha o pato”, “Raquel o queres”, “um, dois, tês, quato e cinco”, “um, dois, tês, quato, cinco, seis, sete, oito, nove, dez”, “one, two, three, four, five, six”, “um, dois, tês, quato, cinco, seis”, “é o pato”, “um, dois, tês, quato”, “é o pato”, “a cozinheira”, “com o sapato”, “do pato”, “a cozinheira”, “queres esqueve capoeira”, “quero que esquevi capoeira”, “esqueve sapato”, “co de ro-sa”, “a laanja”, “co de laanja”, “co de rosa”, “o filhote”, “o leão”, “na folha”, “é o balão”, “boa! O balão”, “o pato”, “a lagatinha”,</p>
--	--	--	--	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL

Antes da aplicação do programa baseado no modelo SRP

Gestos protodeclarativos

Gestos protoimperativos

Foram observados apenas uma vez durante o período de observação naturalista. A saber: uma vez apontou para a imagem do Mickey na sua bata e olhou para o adulto, voltando a olhar para a imagem revelando querer partilhar.

Foram observados mais vezes do que os gestos protodeclarativos. A saber: duas vezes no refeitório, uma vez apontou para a fruta para que lhe dessem, ao ver que não conseguia fez uma birra; na outra vez, levou a mão do adulto na direção da fruta; e noutra situação fez birra e puxou o adulto pela mão para o comunicar que não queria entrar na sala.

Ao longo da aplicação do programa baseado no modelo SRP

Mês

Gestos protodeclarativos

Gestos protoimperativos

Fevereiro

- Olhou para o adulto, depois para a prateleira apontando, voltou a olhar para ele partilhando com o adulto o seu interesse.

- A criança aproximou-se do adulto e levou-o pela mão até à porta mostrando-lhe que desejava sair.

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

<ul style="list-style-type: none"> - Ela estabeleceu contacto visual, revelou jargão e dirigiu-se para junto do armário, apontando para a prateleira do material. - A criança levantou-se com um “A” e um “W” na mão, olhou para o adulto e, como este não estava a olhar, colocou-se de forma a mostrar-lhe o que trazia. - A criança manteve a atenção partilhada, intercalando o olhar para o adulto, para o peluche e para o seu nome formado no chão. - Ao concluir a palavra que construía com as letras de EVA, olhou para o adulto para partilhá-lo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apontou para uma caixa com objetos relacionados com o pirata Jake (um dos seus interesses) para pedi-lha. - O S. apontou para uma caixa de jogos de animais (sem olhar para o adulto) a pedi-lha emitindo sons. - A criança esticava o braço na direção do adulto para que lhe desse as peças. - O S. começou a chorar, puxando o adulto facilitador pela mão na direção do <i>playroom</i>. - Insistiu em puxar o adulto na mesma direção. - O adulto apresentou à criança um determinado jogo e ela reagiu gesticulando transmitindo desagrado, depois dirigiu-se ao armário para onde apontou, o que foi entendido como um pedido para que o guardasse. - O adulto rogou-se para ajudar o S., mas ele, sem olhá-lo, levantou o braço indicando que não queria. - O S. apressou-se para chegar junto do facilitador, deu-lhe a mão e levou-o ao <i>playroom</i>. - Apontou para a prateleira dos jogos pedindo através deste gesto e de sons o que pretendia.
--	---

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

		<ul style="list-style-type: none">- Afastando as mãos do adulto demonstrou não querer os cartões que este lhe oferecia.- A criança subiu para o colo do adulto tentando “trepá-lo” para chegar à prateleira, ao que desejava.- Ela tentou “trepá-lo” de novo para alcançar a prateleira.- No colo, ao estar ao nível da prateleira encontrou um quadro de encaixe de vogais e através de movimentos com o seu corpo manifestou que queria ser colocado no chão suportando o jogo.- A criança “trepava” o adulto na tentativa de alcançar o que desejava.- Tentou “tregar” ao adulto para chegar ao jogo, novamente.- Na ocasião em que o adulto colocou no rosto a máscara do Jake, o S. virou-se para outro lado e com o braço em extensão na sua direção abanou a mão num movimento de negação.- Durante a refeição, o S. colocou a mão do adulto em cima da sua para que o ajudasse a levar a comida à boca.- No momento do sono, aquando o adulto se despedia da criança, ela já deitada na cama, colocou a sua mão na
--	--	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

		<p>cabeça dele fazendo o movimento para deitá-la ao seu lado.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Deu a mão ao facilitador e puxou-o na direção do <i>playroom</i>. - O facilitador colocou-se junto da criança conversando através do peluche do Mickey, mas ela com a mão afastou-o de si. - O S. de modo a pedir que o ajudasse a calçar os sapatos, agarrou na mão do adulto e colocou-a sobre o sapato que estava a tentar calçar. - Tentou fazer-se compreender através de sons (“o dido queres”) e apontando. - Ela começou a tentar “trepá-lo” para alcançar o armário.
Março	<ul style="list-style-type: none"> - O S. olhou para o livro, olhou para o adulto e voltou a olhar para o livro sorrindo. - A criança olhou para o adulto e depois para o livro: “A quinta” partilhando este seu interesse. 	<ul style="list-style-type: none"> - O adulto ao entregar uma letra do jogo ao S., ele demonstrou desagrado e esticou o braço a indicar que ainda não lhe tinha dado o que ambicionava.

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

<ul style="list-style-type: none"> - Na hora do almoço, a criança olhou para o adulto, depois para o segundo prato apontou partilhando-o com o adulto. - Ao mostrar-lhe a caixa das imagens de frutas, ela olhou-o e partilhou: “hmmm”. - Começou a alinhar as letras de outra forma, levantava-se olhava para elas depois para o adulto e voltava a ordená-las, partilhando o interesse. - A criança afastou a bola de pilates da frente do armário dos jogos e olhou para o adulto. Depois reproduziu o som da vaca: “muuu” alertando o outro através do olhar a respeito do objeto que queria partilhar (atenção compartilhada). - A criança estava a construir com os marcadores palavras no chão, levantou-se e olhou para o adulto à espera de uma reação. - Ele olhou para o adulto sorrindo, partilhando que estava a gostar de estar na bola de pilates. - Subiu ao colo do adulto e agarrou-lhe no nariz, sorrindo com contacto ocular como que a chamá-lo a atenção para ele. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quando o adulto se despediu ao seu nível, a criança olhou-o nos olhos agarrando-lhe na cara revelando que não queria que ele fosse embora. - Esticou o braço na direção do prato que continha o que queria em resposta ao adulto. - Caminhou de novo para o armário e, em frente ao mesmo, emitiu jargão apontando para os jogos que pretendia. - Emitindo alguns sons (“aaaa”) apontava para os jogos em jeito de pedido; - O S. apontou para a estrela que o adulto estava a desenhar para que continuasse, pois havia pausado. - Aproximaram-se do papel, a criança destapou a cor, olhou para o adulto e esticou o braço num gesto como se quisesse que a ajudasse na execução da tarefa. - O adulto perguntou-lhe se queria pintar, a criança reagiu, agarrando na mão do adulto, direcionando-o para a imagem a colorir, o que foi entendido como uma resposta negativa.
---	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

		<ul style="list-style-type: none"> - Quando pedia para continuar, antes de o verbalizar levava a mão do adulto ao papel. - Ela foi até junto dele, agarrou-o pelos ombros tentando levantá-lo para aceder ao seu pedido. - O S. pegando-o pela mão comunicou-lhe para se levantar. - Com os braços em extensão sugeria que o pegasse ao colo. - O facilitador ao parar a sua ação, a criança pegou na sua mão para que continuasse a desenhar. - Ele voltou a oferecer-lhe a mesma história, mas ela gesticulou em jeito de protesto. - Esticou os braços para ele visando o colo. - Olhou para a prateleira que continha os jogos, esticando o braço e apresentou jargão. - Olhava para o adulto, esticava o braço na direção dos jogos fixando o olhar neles.
Abril	- Olhou para o adulto e voltou a olhar para as letras, partilhando a sua atenção neste seu interesse.	- A criança quis que o adulto ficasse junto dela, mostrando-lhe isso com o olhar e gesto.

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

<ul style="list-style-type: none"> - O S. levantou-se e apontou para as letras, mas nada verbalizou, regressando às letras que estavam no chão. - O S. virou-se para a parede e esticou o braço, apontando para as letras. - A criança ora olhava para a parede ora para o adulto, até que se encostou nele. - Regressando para junto do adulto após dar uma volta à sala, apontou para a prateleira apresentando jargão como que a partilhar o seu interesse nesta. - A criança olhou para a parede com as peças do puzzle espalhadas e depois para o adulto como que a partilhar com ele que elas estavam ali. - A criança olhou e apontou para o jogo, partilhando o seu interesse. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pegou novamente na mão do adulto e levou-a ao papel; - Empurrava o adulto pelo ombro para se sentar. - Com os braços estendidos na direção da parede onde estavam expostas as peças olhava para o adulto comunicando com este gesto que as pretendia alcançar. - Somente apontava para a prateleira como que a pedir algo dali. - A criança ao ver que não conseguia alcançar as peças expostas na parede, empurrou o adulto, que estava a levantar-se, nessa direção. - O adulto perguntou-lhe onde estava o animal que havia pedido, e a criança levou-o fisicamente para o local, apontando para o elefante. - Estendendo o braço na direção do adulto, deu-lhe a mão e orientou-o para o que queria. - Pegou na mão do adulto orientando-a para o que ambicionava (que acabasse de escrever a palavra: pai). - Apontou para o armário em silêncio e olhou para o adulto, com a intenção deste alcançar o que desejava.
--	--

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

		<ul style="list-style-type: none"> - Foi até junto da prateleira para onde apontava com o braço estendido a pedir o que queria com esse gesto. - Apontou para a prateleira demonstrando que pretendia algo de lá. - Agarrou na mão do adulto, levando-a até à folha para que continuasse a escrever. - Mais tarde, a criança encaminhou-se ao armário, olhou para o adulto e estendeu o braço, apontando para a prateleira.
Maio	<ul style="list-style-type: none"> - A criança afastou-se dele dirigindo-se para junto do armário. Primeiro, olhou e apontou para as folhas que estavam na parede expostas com os personagens da Disney e em segundo para a prateleira. - O S. chegou à sala e dirigiu-se de imediato para a frente do armário, apontou para lá, olhou para o adulto e sorriu. 	<ul style="list-style-type: none"> - A criança emitiu um som gutural e apontou para a prateleira. Continuou a apontar, mas desta vez em silêncio. - Apontou para a letra que pretendia, emitindo um som gutural. - O adulto ao apresentar-lhe a arca, ela afastou-a empurrando-a, transmitindo assim não querer participar. - A criança retirou o chapéu de pássaro e entregou-o ao adulto olhando-o aguardando que ele o pusesse. - Agarrando o pássaro pelo bico (chapéu), a criança orientou o adulto até à sua barriga para que lhe fizesse cócegas.

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

		<ul style="list-style-type: none">- Depois ela olhou para os animais e repetindo as vocalizações (“aaaaaaa”), apontou para o armário e afastou-se.- O adulto convidou-a a comer uma banana, mas ela não quis demonstrando-o afastando sua mão.- A criança não disse nada, apenas fazia um movimento indicador da sua vontade de continuar com a ação (voar).- Voltou a pedir apontando e tentando levar a mão do adulto ao que queria.- Com a varinha na mão colocou-a junto à boca do adulto para que ele fizesse bolas de sabão.- A criança agarrou a mão do facilitador e levou-a ao seu rosto para que o maquiasse.- Apontou para a prateleira com vocalizações que transmitiam irritação porque queria que o adulto lhe desse as letras.- Olhando para o adulto esperou que este trouxesse-lhe um marcador e estendeu-lhe o braço demonstrando desejar que fosse ele a escrever.
--	--	--

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Anexo XV – Estratégias/ Atividades

Estratégias/ Atividades (alguns exemplos)

- As máscaras surpresa: Quando a criança apresentar um sinal verde o adulto corre atrás da criança de forma divertida e faz-lhe cócegas, se ela demonstrar que está a gostar vamos aumentar o nível de motivação. Apresentamos-lhe a caixa e tiramos um adereço de lá de dentro, os primeiros deverão ser relacionados com o Jake por ser um dos seus interesses, e depois voltamos a oferecer-lhe a ação até à criança estar altamente motivada, vamos voltando a realizar novo ciclo de brincadeira com novo adereço. Quando a criança der sinal de que está no ponto pretendido desafiamos a criança a olhar para nós através da máscara do Jake e a verbalizar: “disfarçar” para que nós continuemos a brincadeira. Se esta voltar a um “ismo”, abandonamos a atividade e juntamo-nos a ela começando tudo de novo.

- Uma viagem no barco do Jake: O adulto expõe na parede, fora do alcance da criança, as várias personagens do desenho animado: “Jake e os Piratas da Terra do Nunca” e uma caixa no chão que representará o barco. Quando a criança der sinal verde, demonstrando estar pronta para interagir, o adulto, de forma entusiasta, convida-a a viajar no barco do Jake (caixa). Se aceitar, empurramo-la às voltas na sala e verbalizamos ao iniciar “puxa”. Para aumentar a dinâmica da atividade, podemos variar a velocidade, cantar a canção do desenho animado ou, simplesmente, de forma divertida fazer comentários sobre a brincadeira. Depois, introduzimos a atividade de forma cíclica, fazemos uma pausa, criamos suspense sobre o que vamos fazer e damos seguimento à atividade verbalizando a palavra “puxa”. Ao vermos que a criança está altamente motivada, fazemos nova pausa e questionamos se ela quer continuar, se der sinal positivo solicitamos à criança que seja ela a dar o comando para começar, verbalizando “puxa”. Aumentando a complexidade da atividade, pudemos também, questionar à criança qual das personagens expostas deseja que viaje consigo. Primeiro, verbalizamos o nome delas apontando para a imagem e a seguir, pedimos que faça o mesmo em relação à sua escolhida. Ao fazê-lo comemoramos e damos-lhe a imagem para que cole no barco levando-a na viagem.

- Passeando com o Mickey: Colocamos o Mickey numa manta e dizemos à criança que é o carro do Mickey e que está a convidá-lo para passear. Explicamos à criança o que vai acontecer: que iremos

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

passar por todo o quarto visitando os amigos do Mickey. Em diferentes espaços da sala, colamos imagens dos amigos do personagem e em cada um teremos uma atração/ atividade diferente. Junto ao Pluto fazemos cócegas, junto à Minnie damos beijinhos e junto ao Pateta damos saltinhos. A primeira vez, fazemos as atividades com o boneco, depois se a criança se demonstrar motivada e permitir, fazemos nela. Ao estar altamente motivada, fazemos a pausa na atividade e incitamos a que verbalize a palavra “passar”, depois também pediremos que verbalize o nome da personagem que quer visitar.

- Quando a criança levar pela mão o facilitador para que lhe dê o que pretende, o adulto far-se-á de desentendido, dando-lhe outras coisas e verbalizando o seu nome até, por fim, dar-lhe o que ela queria. Nesse momento, o adulto explica à criança se tivesse verbalizado o nome do objeto, e verbaliza-o apontando para a boca para lhe demonstrar como fazer, que teria o compreendido e, por conseguinte, ela o teria mais rapidamente. Depois, incentiva a verbalizar o nome do objeto. Celebrando as tentativas e o sucesso da verbalização.

- Criando uma história: Confeccionamos um livro personalizado e deixamos espaços em branco na história para que possamos encaixar cartões para completar a história. Construímos 4 cartões diferentes como opção para cada espaço em branco da história. Os cartões referiam-se às personagens da história que foram escolhidas de acordo com os interesses da criança, ao local onde se passava, a transportes, animais e frutas, etc.

Ao contar a história à criança, apenas mostramos os cartões referentes a cada página, os restantes mantemos guardados. A primeira vez, exemplificamos, escolhemos o cartão e colocamos no respetivo espaço. Contamos a história utilizando os Es (Energia, Emoção e Entusiasmo) defendidos pelo SRP. A cada espaço vazio mostramos os respetivos cartões e incentivamos a criança, se motivada, a ajudar a escolher um cartão, nomeando a imagem, e a encaixá-lo na história.

- Cantar e contar lengalengas mostrando imagens e incentivando-o a participar.

- O dado em movimento: Ao verificar-se que o aluno nos deu abertura para interação, mostrar-lhe que temos uma surpresa dentro de uma caixa. Tirar de lá um dado constituído por seis faces com imagens que correspondem a diferentes ações (uma delas será correr à volta na sala, uma vez que representa uma das atividades repetitivas da criança). Depois, demonstrar-lhe que quando atiramos

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

ao chão o dado, fazemos o que está representado na face que fica voltada para cima. Esta representação deve ser muito dinâmica e divertida de forma a cativar a criança. Primeiro fazemos a atividade sem solicitarmos-lhe nada em troca, apenas fazendo com que ela se interesse por nós e pela brincadeira. Ao vermos que está altamente motivada fazemos uma pausa na atividade e solicitamos que a criança peça para continuarmos verbalizando “lança”, esperamos uns segundos se ela não o fizer. Continuamos, mesmo assim a atividade de forma mais entusiasta e verbalizando “lança” com diferentes entoações. Voltamos a fazer pausa e repetimos o procedimento, se a criança participar celebramos, caso contrário desistimos da atividade e tentamos juntar-nos a ela noutra que lhe interesse.

Se ela responder positivamente, participando, pode-se juntar algumas variações à atividade, como por exemplo encorajando-a a atirar o dado, a verbalizar e a realizar connosco a ação.

- Juntar-se à criança para dar início à interação (*joining*);

- Respeitar os sinais que a criança dá; se for sinal vermelho (“ismos” – está assumindo comportamentos de exclusão/isolamento ou comportamentos repetitivos) o facilitador não a trava, pelo contrário, junta-se à criança (fazendo exatamente o que ela faz a seu lado, mas a uma certa distância para que a criança não se sinta invadida) de forma a compreender as possíveis razões dela adotar tais comportamentos e quais as necessidades sensoriais que ela procura satisfazer, as suas preferenciais sensoriais. Concomitantemente, ao apreciar verdadeiramente o fazer a mesma atividade que ela está a mostrar-lhe que a respeita e que a aceita tal como ela é. Isto faz com que ela se sinta confortável com a presença do facilitador, sem pressão e que possa vir a interessar-se por ele, dando-lhe abertura a possíveis interações. Deste modo, quando a criança der sinal verde (olhar, toque, gesto, verbalização que demonstra interesse no outro) ao facilitador para interagir, este poderá oferecer-lhe atividades ricas nos estímulos sensoriais que a criança procurava com os “ismos”, mas em atividades mais intensas e divertidas. Transformando assim, atividades de exclusão em atividades interativas.

Quando a criança dá sinal verde, o facilitador deve celebrar (3E’s) as iniciativas sociais da criança demonstrando o quanto aprecia que ela esteja interessada em si. Assim, está a reforçar um comportamento que quer que a criança repita e a fazer com que a interação seja algo divertido e

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

prazeroso. Depois deve dar-lhe uma ação em resposta ao sinal, no entanto estando atento se ela está interessada e se quer ou não essa atividade, assumindo um estilo responsivo.

- O adulto celebra sempre que a criança estabelece contacto visual.
- Atitude do adulto segue o estilo responsivo.
- Sempre que a criança diga uma palavra de forma espontânea o facilitador dará uma imagem ou o objeto alusivo à mesma; sendo um verbo fará a ação correspondente.
- Contar histórias e explorar as imagens.
- Baixar ao seu nível;
- Falar com calma e segurança de forma clara;
- Aos saltos com os amigos do Mickey – Em primeiro lugar, o adulto oferecerá à criança, quando der sinal que está disponível, uma ação divertida, ajudando-a a saltar o mais alto possível na bola suíça. Ao estar muito motivada, o adulto mostrar-lhe-á as imagens do Mickey e de seus amigos e dispô-las-á na parede, fora do alcance da criança. Ao coloca-las o facilitador verbalizará os seus nomes sem solicitar nada à criança. Depois convidará a criança para subir ao seu colo e verbalizará “pega” associando a palavra à ação, seguidamente dirigir-se-á a uma das imagens nomeando-a e trá-la-á para saltar consigo na bola. Aos saltinhos na bola o facilitador verbalizará o nome do personagem com diferentes entoações de forma lúdica. Volta novamente a fazer os mesmos procedimentos com outra personagem. Se a criança ainda demonstrar-se interessada, é o momento certo de desafiar-la, complexando a atividade. Assim sendo, o adulto solicita à criança que verbalize: “pega” para coloca-la ao colo e que verbalize o nome do personagem que quer levar consigo, respondendo à questão do adulto: “Quem vais levar contigo?”.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Anexo XVI – Currículo Social/ Metas

Metas para o mês de fevereiro

- Encorajar o S. a estabelecer contacto visual com o adulto mais vezes
- Estimular o S. a aplicar em contexto de comunicação adequado o vocabulário que possui
- Fomentar que peça verbalmente o que quer utilizando uma palavra
- Estimular o S. a associar verbos a ações
- Incentivar o S. a interagir com os outros

Metas para o mês de março

- Aumentar o número de vezes que interage com o adulto
- Prolongar o tempo de interação
- Pedir o que pretende verbalmente
- Partilhar com gestos protodeclarativos os seus interesses

Metas para o mês de abril

- Estimular o S. a aplicar cinco verbos diferentes a ações (dar, pegar, empurrar, correr, desenhar)
- Fomentar o S. para que se mantenha em interação por três minutos

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

- Incentivar a falar quando em interação lhe solicitem
- Incitar o S. a comunicar através de frases simples, com duas e/ou três palavras, para ter as suas necessidades/ interesses atendidos

Metas para o mês de maio

- Incentivar o S. a cumprimentar com um “olá” os adultos que lhe são familiares e colegas
- Encorajar o S. a bater palmas quando solicitado
- Fomentar que o S. utilize verbos nas frases de duas palavras
- Convidar o S. a falar quando solicitado

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”

Anexo XVII – Modelo de Desenvolvimento do *Son-Rise Program*®



Figura 1

Copyright © 2007 William Hogan, Bryn Kaufman Hogan e The Option Institute & Fellowship. Todos os direitos reservados.

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

Anexo XVIII – Escada de Comunicação” (Kaufman, 2016, p.108-109)

A ESCADA DE COMUNICAÇÃO

Os degraus da escada de comunicação são:

- 1º Degrau:* Começa a partir do choro, gritos, birra, empurrar, etc. para os sons parciais de palavras (por exemplo: «bo» para «bola»).
- 2º Degrau:* Começa com sons parciais de palavras para palavras isoladas.
- 3º Degrau:* A partir de palavras isoladas para frases de várias palavras.
- 4º Degrau:* A partir de uma frase de várias palavras para frases.
- 5º Degrau:* De frases para troca de conversas (chamamos a isso «ciclos de conversa». Um ciclo seria quando faz uma declaração ou uma pergunta e o seu filho responde, ou vice-versa.)
- 6º Degrau:* A partir de um ciclo só para vários ciclos de conversa.
- 7º Degrau:* A partir de múltiplos ciclos de conversa para conversas.

Anexo XIX – Tabelas dos Estágios do SRP preenchidas de fevereiro a maio

FEVEREIRO

Observação Estágio 1

		SELECIONAR COMO META	EM DESENVOLVIMENTO				ADQUIRIDA
CONTACTO VISUAL E COMUNICAÇÃO NÃO – VERBAL	Olha para os outros para iniciar/continuar uma interacção	x	x	x			
	Enquanto olha para a pessoa, apresenta breves episódios de expressão facial		x	x			
	Move os outros de forma física para conseguir o que ela quer						x

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

COMUNICAÇÃO VERBAL	Tem um vocabulário formado por sons semelhantes a palavras						x
	Tem um vocabulário de 5 palavras ou mais						x
	Tem um vocabulário de 6 a 50 palavras ou mais						x
	Utiliza substantivos e verbos ou mais para falar	x	x				
	As palavras utilizadas são parcialmente claras e compreensivas						x
	As palavras utilizadas são geralmente claras e compreensivas						x
	Fala sempre que outra pessoa a solicita para falar numa interacção		x				
	Comunica-se de forma verbal para ter as suas necessidades atendidas	x	x	x			
PERÍODO DE ATENÇÃO COMPARTILHADA/ INTERACTIVA	Período de atenção compartilhada durante 2 minutos ou mais	x	x				
	Frequência de interacções por hora: 3 vezes ou mais	x	x				
	Interage nas actividades físicas		x				

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

	Para adquirir qualquer habilidade na flexibilidade, a criança deve apresentar período de atenção compartilhada no estágio 1 ou mais.						
	Permite o auxílio do adulto dentro das actividades interactivas e repetitivas escolhidas por ela		x				
FLEXIBILIDADE	Permite facilmente a sua presença no espaço destinado ao programa						x
	Responde calmamente a ambientes que oferecem alto grau de suporte						x
PERSPECTIVAS PARA ENSINAR / MODELAR	A criança sente prazer quando está no espaço destinado ao programa e mostra interesse em prolongar as actividades						x

Data da Observação: 29-02-2016

MARÇO

modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

		Observação Estágio 1					SELECIONAR COMO META	EM DESENVOLVIMENTO				ADQUIRIDA
CONTACTO VISUAL E COMUNICAÇÃO NÃO – VERBAL	Olha para os outros para iniciar/continuar uma interacção											x
	Enquanto olha para a pessoa, apresenta breves episódios de expressão facial											x
	Move os outros de forma física para conseguir o que ela quer											x
COMUNICAÇÃO VERBAL	Tem um vocabulário formado por sons semelhantes a palavras											x
	Tem um vocabulário de 5 palavras ou mais											x
	Tem um vocabulário de 6 a 50 palavras ou mais											x
	Utiliza substantivos e verbos ou mais para falar	x	x	x								
	As palavras utilizadas são parcialmente claras e compreensivas											x
	As palavras utilizadas são geralmente claras e compreensivas											x

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

	Fala sempre que outra pessoa a solicita para falar numa interacção	x	x	x			
	Comunica-se de forma verbal para ter as suas necessidades atendidas	x	x	x	x		
PERÍODO DE ATENÇÃO COMPARTILHADA/ INTERACTIVA	Período de atenção compartilhada durante 2 minutos ou mais	x	x	x			
	Frequência de interacções por hora: 3 vezes ou mais		x	x			
	Interage nas actividades físicas		x	x			
FLEXIBILIDADE	Para adquirir qualquer habilidade na flexibilidade, a criança deve apresentar período de atenção compartilhada no estágio 1 ou mais.						
	Permite o auxílio do adulto dentro das actividades interactivas e repetitivas escolhidas por ela		x	x			
	Permite facilmente a sua presença no espaço destinado ao programa						x
	Responde calmamente a ambientes que oferecem alto grau de suporte						x
PERSPECTIVAS PARA ENSINAR / MODELAR	A criança sente prazer quando está no espaço destinado ao programa e mostra interesse em prolongar as actividades		x				x

Observação Estágio 2

		SELECIONAR COMO META	EM DESENVOLVIMENTO				ADQUIRIDA
CONTACTO VISUAL E COMUNICAÇÃO NÃO – VERBAL	Faz contacto visual para ter as suas necessidades atendidas						x
	Olha para os outros com interesse		x				
	Sorri ou dá gargalhadas durante uma interacção						x
	Faz gestos simples quando solicitada		x				
	Fala, usando frases simples de 2/3 palavras ou mais	x	x	x	x		
	As palavras utilizadas são geralmente claras e compreensivas		x	x	x		

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

COMUNICAÇÃO VERBAL	Utiliza substantivos, verbos, adjectivos, preposições ou mais		x	x	x		
	Tem conversas que consistem num ciclo ou mais		x	x	x		
	Comunica espontaneamente o que ela quer e o que não quer		x	x	x		
	Comunica-se verbalmente para iniciar/continuar uma interacção		x	x			
	Utiliza um tom “doce” quando indica o que quer e o que não quer		x				
	Utiliza cumprimentos		x				
PERÍODO DE ATENÇÃO COMPARTILHADA/ INTERACTIVA	Período de atenção compartilhada durante 4 minutos ou mais		x				
	Frequência de interacções por hora: 4 vezes ou mais		x	x	x		
	Interage com uma pessoa nas actividades simples que incluem objectos		x	x	x		
	Permite contacto físico e demonstração física do afecto		x	x			
	Pode manter contacto físico por mais de 30” ou mais		x	x			

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

	É fisicamente gentil para com os outros							x
FLEXIBILIDADE	Para adquirir qualquer habilidade na flexibilidade, a criança deve apresentar período de atenção compartilhada no estágio 2 ou mais.							
	Permite variações periféricas nas actividades interactivas rígidas/repetitivas escolhidas por ela		x					
	Participa fisicamente na interacção		x	x				
	Participa verbalmente na interacção		x	x				
	Lida fácil e calmamente com limites impostos dentro do ambiente escolar		x					
PERSPECTIVAS PARA ENSINAR / MODELAR	A criança sente prazer quando está no espaço destinado ao programa, mesmo quando não consegue o que quer		x					
	A criança diverte-se ao tentar várias vezes uma mesma actividade		x	x				

Data da Observação: 22-03-2016

ABRIL**modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”**

	Observação Estágio 1	SELECIONAR	EM DESENVOLVIMENTO				ADQUIRIDA
		COMO META					
CONTACTO VISUAL E COMUNICAÇÃO NÃO – VERBAL	Olha para os outros para iniciar/continuar uma interacção						x
	Enquanto olha para a pessoa, apresenta breves episódios de expressão facial						x
	Move os outros de forma física para conseguir o que ela quer						x
COMUNICAÇÃO VERBAL	Tem um vocabulário formado por sons semelhantes a palavras						x
	Tem um vocabulário de 5 palavras ou mais						x
	Tem um vocabulário de 6 a 50 palavras ou mais						x
	Utiliza substantivos e verbos ou mais para falar	x	x	x	x		
	As palavras utilizadas são parcialmente claras e compreensivas						x
	As palavras utilizadas são geralmente claras e compreensivas						x

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

	Fala sempre que outra pessoa a solicita para falar numa interacção	x	x	x	x		
	Comunica-se de forma verbal para ter as suas necessidades atendidas						x
PERÍODO DE ATENÇÃO COMPARTILHADA/ INTERACTIVA	Período de atenção compartilhada durante 2 minutos ou mais						x
	Frequência de interacções por hora: 3 vezes ou mais						x
	Interage nas actividades físicas						x
FLEXIBILIDADE	Para adquirir qualquer habilidade na flexibilidade, a criança deve apresentar período de atenção compartilhada no estágio 1 ou mais.						
	Permite o auxílio do adulto dentro das actividades interactivas e repetitivas escolhidas por ela						x
	Permite facilmente a sua presença no espaço destinado ao programa						x
	Responde calmamente a ambientes que oferecem alto grau de suporte						x
PERSPECTIVAS PARA ENSINAR / MODELAR	A criança sente prazer quando está no espaço destinado ao programa e mostra interesse em prolongar as actividades						x

Observação Estágio 2

		SELECIONAR COMO META	EM DESENVOLVIMENTO				ADQUIRIDA
CONTACTO VISUAL E COMUNICAÇÃO NÃO – VERBAL	Faz contacto visual para ter as suas necessidades atendidas						x
	Olha para os outros com interesse		x	x			
	Sorri ou dá gargalhadas durante uma interacção						x
	Faz gestos simples quando solicitada		x				
	Fala, usando frases simples de 2/3 palavras ou mais	x	x	x	x	x	
	As palavras utilizadas são geralmente claras e compreensivas		x	x	x	x	
	Utiliza substantivos, verbos, adjetivos, preposições ou mais		x	x	x	x	

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

COMUNICAÇÃO VERBAL	Tem conversas que consistem num ciclo ou mais		x	x	x	x	
	Comunica espontaneamente o que ela quer e o que não quer		x	x	x	x	
	Comunica-se verbalmente para iniciar/continuar uma interacção		x	x	x		
	Utiliza um tom “doce” quando indica o que quer e o que não quer		x				
	Utiliza cumprimentos		x	x			
PERÍODO DE ATENÇÃO COMPARTILHADA/ INTERACTIVA	Período de atenção compartilhada durante 4 minutos ou mais		x	x			
	Frequência de interacções por hora: 4 vezes ou mais		x	x	x	x	
	Interage com uma pessoa nas actividades simples que incluem objectos		x	x	x	x	x
	Permite contacto físico e demonstração física do afecto		x	x	x		
	Pode manter contacto físico por mais de 30” ou mais		x	x	x		
	É fisicamente gentil para com os outros						x

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

FLEXIBILIDADE	Para adquirir qualquer habilidade na flexibilidade, a criança deve apresentar período de atenção compartilhada no estágio 2 ou mais.					
	Permite variações periféricas nas actividades interactivas rígidas/repetitivas escolhidas por ela		x	x		
	Participa fisicamente na interacção		x	x	x	
	Participa verbalmente na interacção		x	x	x	
	Lida fácil e calmamente com limites impostos dentro do ambiente escolar		x	x		
PERSPECTIVAS PARA ENSINAR / MODELAR	A criança sente prazer quando está no espaço destinado ao programa, mesmo quando não consegue o que quer		x	x	x	
	A criança diverte-se ao tentar várias vezes uma mesma actividade		x	x	x	

Data da Observação: 29-04-2016

MAIO

modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

	Observação Estágio 1	SELECIONAR	EM DESENVOLVIMENTO				ADQUIRIDA
		COMO META					
CONTACTO VISUAL E COMUNICAÇÃO NÃO – VERBAL	Olha para os outros para iniciar/continuar uma interação						x
	Enquanto olha para a pessoa, apresenta breves episódios de expressão facial						x
	Movimenta os outros de forma física para conseguir o que ela quer						x
COMUNICAÇÃO VERBAL	Tem um vocabulário formado por sons semelhantes a palavras						x
	Tem um vocabulário de 5 palavras ou mais						x
	Tem um vocabulário de 6 a 50 palavras ou mais						x
	Utiliza substantivos e verbos ou mais para falar						x
	As palavras utilizadas são parcialmente claras e compreensivas						x
	As palavras utilizadas são geralmente claras e compreensivas						x

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

	Fala sempre que outra pessoa a solicita para falar numa interacção	x	x	x	x	x	
	Comunica-se de forma verbal para ter as suas necessidades atendidas						x
PERÍODO DE ATENÇÃO COMPARTILHADA/ INTERACTIVA	Período de atenção compartilhada durante 2 minutos ou mais						x
	Frequência de interacções por hora: 3 vezes ou mais						x
	Interage nas actividades físicas						x
FLEXIBILIDADE	Para adquirir qualquer habilidade na flexibilidade, a criança deve apresentar período de atenção compartilhada no estágio 1 ou mais.						
	Permite o auxílio do adulto dentro das actividades interactivas e repetitivas escolhidas por ela						x
	Permite facilmente a sua presença no espaço destinado ao programa						x
	Responde calmamente a ambientes que oferecem alto grau de suporte						x
PERSPECTIVAS PARA ENSINAR / MODELAR	A criança sente prazer quando está no espaço destinado ao programa e mostra interesse em prolongar as actividades						x

Observação Estágio 2

		SELECIONAR COMO META	EM DESENVOLVIMENTO				ADQUIRIDA
CONTACTO VISUAL E COMUNICAÇÃO NÃO – VERBAL	Faz contacto visual para ter as suas necessidades atendidas						x
	Olha para os outros com interesse	x	x	x	x		
	Sorri ou dá gargalhadas durante uma interacção						x
	Faz gestos simples quando solicitada	x	x	x			
	Fala, usando frases simples de 2/3 palavras ou mais						x
	As palavras utilizadas são geralmente claras e compreensivas						x
	Utiliza substantivos, verbos, adjetivos, preposições ou mais		x	x	x	x	

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

COMUNICAÇÃO VERBAL	Tem conversas que consistem num ciclo ou mais		x	x	x	x	
	Comunica espontaneamente o que ela quer e o que não quer						x
	Comunica-se verbalmente para iniciar/continuar uma interacção		x	x	x		
	Utiliza um tom “doce” quando indica o que quer e o que não quer		x	x	x		
	Utiliza cumprimentos		x	x	x		
PERÍODO DE ATENÇÃO COMPARTILHADA/ INTERACTIVA	Período de atenção compartilhada durante 4 minutos ou mais		x	x			
	Frequência de interacções por hora: 4 vezes ou mais						x
	Interage com uma pessoa nas actividades simples que incluem objectos						x
	Permite contacto físico e demonstração física do afecto						x
	Pode manter contacto físico por mais de 30” ou mais						x
É fisicamente gentil para com os outros							x

“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da linguagem /comunicação - Estudo de caso”

FLEXIBILIDADE	Para adquirir qualquer habilidade na flexibilidade, a criança deve apresentar período de atenção compartilhada no estágio 2 ou mais.						
	Permite variações periféricas nas actividades interactivas rígidas/repetitivas escolhidas por ela	x	x	x	x		
	Participa fisicamente na interacção						x
	Participa verbalmente na interacção		x	x	x	x	
	Lida fácil e calmamente com limites impostos dentro do ambiente escolar		x	x	x		
PERSPECTIVAS PARA ENSINAR / MODELAR	A criança sente prazer quando está no espaço destinado ao programa, mesmo quando não consegue o que quer						x
	A criança diverte-se ao tentar várias vezes uma mesma actividade						x

Data da Observação: 30-05-2016

**“Aplicação do modelo Son-Rise na Educação Pré-Escolar: Implementação de um programa na área da
linguagem /comunicação - Estudo de caso”**